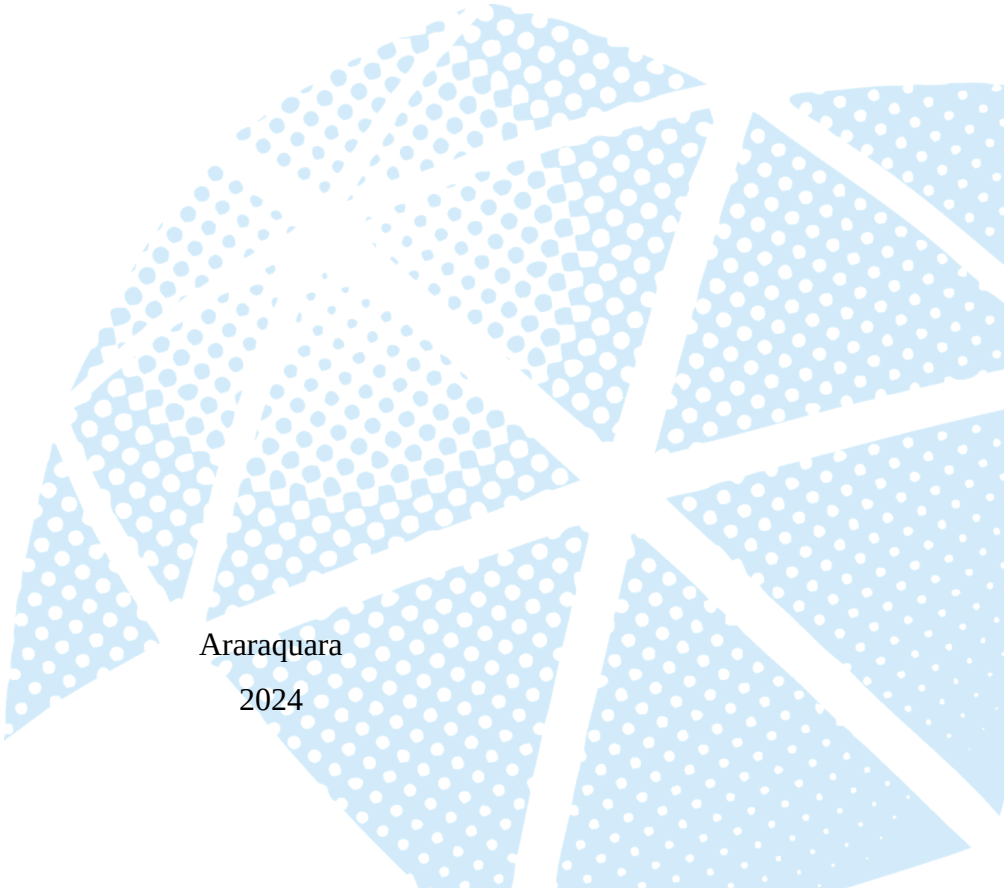


**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA – UNESP**  
**Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Araraquara**

**NATASHA RIBEIRO DE OLIVEIRA**

**ARTE, MÍDIA E POLÍTICA:**  
uma análise dialógica de “bolsominions” e “petralhas”

Araraquara  
2024



**NATASHA RIBEIRO DE OLIVEIRA**

**ARTE, MÍDIA E POLÍTICA:**

uma análise dialógica de “bolsominions” e “petralhas”

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP/FCL-Araraquara, para o Exame Geral de Defesa, como requisito para obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

**Área de Concentração:** Estrutura, organização e funcionamento textual e discursivo

**Orientadora:** Profa. Dra. Luciane de Paula

**Apoio:** CAPES Processo nº 8887.497624/2020-00

Araraquara

2024

O48a Oliveira, Natasha Ribeiro de  
Arte, mídia e política : uma análise dialógica de  
"bolsominions" e "petralhas" / Natasha Ribeiro de  
Oliveira. -- Araraquara, 2024  
314 p. : il., tabs.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista  
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara  
Orientadora: Luciane de Paula

1. Linguística. 2. Análise do discurso. 3. Mídia digital.  
I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da  
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras,  
Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

## **IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA**

Esta pesquisa possui potencial científico, social, educacional e cultural ao descrever, analisar e interpretar signos ideológicos utilizados em contexto de comunicação política nas redes sociais. Por meio dos procedimentos teórico-metodológicos utilizados, pode impactar os demais estudos na Linguística, em especial, os que se voltam à análise dialógica do discurso. Ainda, é possível que a pesquisa contribua para uma agenda educacional de letramento digital, a fim de que os sujeitos tenham acesso a uma educação inclusiva, de qualidade e equitativa (ODS 4), sendo capazes de pensar o mundo que os cerca de maneira crítica, por meio da linguagem, para uma sociedade plural.

## **POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH**

This research has scientific, social, educational and cultural potential when describing, analyzing and interpreting ideological signs used in the context of political communication on social networks. Through the theoretical-methodological procedures used, it can impact other studies in Linguistics, especially those focused on dialogic discourse analysis. Furthermore, it is possible that the research contributes to an educational agenda of digital literacy, so that subjects have access to an inclusive, quality and equitable education (SDG 4), being able to think about the world around them in a critical way, through language, for a plural society.



As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade das autoras e não necessariamente refletem a visão da CAPES.

**NATASHA RIBEIRO DE OLIVEIRA**

**ARTE, MÍDIA E POLÍTICA:**

uma análise dialógica de “bolsominions” e “petralhas”

Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da UNESP/FCL-Araraquara, para o Exame Geral de Defesa, como requisito para obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa.

**Área de Concentração:** Estrutura, organização e funcionamento textual e discursivo

**Data da defesa:** 24/06/2024

**Banca Examinadora:**

---

Profa. Dra. Luciane de Paula  
UNESP – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis

---

Profa. Dra. Maria da Glória Corrêa di Fanti  
PUC – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

---

Profa. Dra. Assunção Aparecida Laia Cristovão  
UNIFRAN – Universidade de Franca

---

Prof. Dr. José Cezinaldo Rocha Bessa  
UERN – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

---

Profa. Dra. Kelli Machado da Rosa  
FURG – Universidade Federal do Rio Grande

A meu avô, Aurélio (*in memoriam*), que amaria me ver “doutora”.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por emanar a luz que me guia e me protege.

À minha mãe, Keli, e ao meu pai, Ednilson, por tudo. Absolutamente tudo. Tudo mesmo.

À minha avó, Maria, por nunca me deixar faltar um bolinho de arroz ou um bolo de cenoura.

Ao Vinícius, pelo amor diário. E ao Chico Amaro, pelo mesmo motivo.

À Giovana, pela amizade mais verdadeira.

Ao Rick, por ser o irmão que eu pude escolher na sala do Ensino Fundamental.

À Luciane, minha “ori”, pela relação que construímos há dez anos.

Ao Grupo de Estudos Discursivos (GED), por sempre ter sido minha segunda família.

Às professoras e aos professores, pela minha formação acadêmica e pessoal.

Ao PPGLLP e a todos os funcionários da FCL/Araraquara.

À minha psicóloga, um anjo, por me ajudar a cuidar de emoções e sentimentos em um momento tão singular como a escrita de uma tese de doutoramento.

À CAPES, pelo financiamento. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

“Não existe a primeira nem a última palavra, e não há limites para o contexto dialógico (este se estende ao passado sem limites e ao futuro sem limites). [...] Não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação”

(Bakhtin, 2017 [1930-1940], p. 79).

## RESUMO

O estudo analisa, com base teórico-metodológica na filosofia da linguagem do Círculo Bakhtin, Medviédev, Volóchinov, os signos ideológicos “bolsominions” e “petralhas”, utilizados em páginas de cunho político da rede social Facebook, com articulação entre as esferas midiática e artística. O uso desses signos revela diferentes vozes sociais, compreendidas a partir do movimento dialético-dialógico, em um devir de sentidos que refletem e refratam os atos responsivos e responsáveis dos sujeitos. Desse modo, a análise proposta é uma forma de compreender o movimento de linguagem acerca de um embate de vozes: de um lado, sujeitos que criticam os “bolsominions” e suas atitudes, de outro, os que se afirmam como “bolsominions”, com os “petralhas”, ocorre o mesmo: há os que criticam e os que se afirmam como tal. Entender o *corpus* em sua relação com a arte e com a vida é uma forma de observar a ética e a estética bakhtiniana, a partir dos enunciados artísticos com os quais os signos ideológicos estabelecem relações dialógicas, como a franquia de filmes *Meu Malvado Favorito* (2010, 2013, 2015 e 2017), com os minions; e as histórias em quadrinhos *Os Metralhas* (1970-1980), com os irmãos Metralha. Há uma construção de sujeito, nos dois enunciados, pautada na alteridade, que, por sua vez, semiotizam sujeitos da vida por meio da/na linguagem. As esferas da arte, da mídia e da política se inter-relacionam e propiciam a criação e difusão desses signos ideológicos e de suas valorações constitutivas. “Bolsominions” e “petralhas” são vistos em interação *online*, como formas de ser, estar e se posicionar frente aos eventos históricos, e permitem compreender parte da política contemporânea brasileira em uma sociedade pautada na difusão da informação. Desse modo, os resultados mostram o diálogo constitutivo da multiacentuação de signos ideológicos em páginas de cunho político no Facebook, e comprovam nossa tese de que os *posts* funcionam não só para criticar e ofender, mas como fonte e meio de disseminação de informações.

**PALAVRAS-CHAVE:** Círculo Bakhtin Medviédev Volóchinov; diálogo; signo ideológico.

## ABSTRACT

The study analyzes, based on the Bakhtin, Medviédev, Volóchinov Circle's philosophy of language, the ideological signs “bolsominions” and “petralhas”, used in Facebook social network pages, in a political context, with articulation between the media and artistic spheres. The use of these signs reveals different social voices, perceived from the dialectical-dialogical movement, in a becoming of meanings that reflect and refract the subjects' axiological acts. Thus, the proposed analysis is a way to understand the movement of language about a clash of voices: on the one hand, subjects who criticize the "bolsominions" and their attitudes, on the other hand, those who claim to be "bolsominions" with the “petralhas”, the same happens: there are those who criticize and those who affirm themselves as such. Understanding the corpus in its relationship to art and life is a way of observing Bakhtin's ethics and aesthetics, based on the artistic statements with which ideological signs establish dialogical relationships, in this case, the film franchise *Despicable Me* (2010, 2013, 2015 and 2017), with the subjects minions, and the comic books *The Beagle Boys* (1970-1980), with the subjects Metralha brothers. There is a construction of subject, in both statements, based on otherness, which, in turn, semiotizes the subjects of life through/in language. The spheres of art, media and politics are interrelated and facilitate the creation and dissemination of these ideological signs and their constitutive values. “Bolsominions” and “petralhas” are seen in online interaction, as ways of being, being and positioning oneself in the face of historical events, and allow us to understand part of contemporary Brazilian politics in a society based on the dissemination of information. In this way, the results show the dialogue constitutive of the multi-accentuation of ideological signs on political pages on Facebook, and prove our thesis that posts function not only to criticize and offend, but as a source and means of disseminating information.

**KEYWORDS:** Bakhtin Medviédev Volóchinov Circle; dialogue; ideological sign.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                                 |     |
|---------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 1 - Grupo Globo.....                                                     | 39  |
| Figura 2 - Grupo Folha .....                                                    | 39  |
| Figura 3 - Filiações políticas de Bolsonaro.....                                | 47  |
| Figura 4 - Internautas e eleitores.....                                         | 52  |
| Figura 5 - Cores ideológicas .....                                              | 84  |
| Figura 6 - Vermelho e amarelo .....                                             | 85  |
| Figura 7 - Os diferentes níveis da arquitetura de informações do Facebook ..... | 91  |
| Figura 8 - Minions e mestres-vilões.....                                        | 110 |
| Figura 9 - Minions e Gru no laboratório .....                                   | 111 |
| Figura 10 - Início do laboratório-esconderijo de Gru .....                      | 112 |
| Figura 11 - Minions trabalhando.....                                            | 113 |
| Figura 12 - Liderança e superioridade de Gru .....                              | 115 |
| Figura 13 - Metralhas no cofre.....                                             | 118 |
| Figura 14 - Metralhas e Tio Patinhas .....                                      | 119 |
| Figura 15 - Aspecto familiar dos Metralhas.....                                 | 120 |
| Figura 16 - Grande Metralha.....                                                | 121 |
| Figura 17 - Titia e Vovô Metralha .....                                         | 121 |
| Figura 18 - Vovó Metralha .....                                                 | 122 |
| Figura 19 - Banquete da família Metralha .....                                  | 123 |
| Figura 20 - Valorações nas/das cores verde e amarela .....                      | 126 |
| Figura 21 - Valorações na/da cor vermelha .....                                 | 129 |
| Figura 22 - Blend lexical BOLSOMINION.....                                      | 130 |
| Figura 23 - Blend lexical PETRALHA.....                                         | 131 |
| Figura 24 - Constituição sígnica de petralha.....                               | 133 |
| Figura 25 - Constituição sígnica de bolsominion.....                            | 134 |
| Figura 26 - Petralhas em Brasília.....                                          | 135 |
| Figura 27 - Petralhas como a oposição .....                                     | 136 |
| Figura 28 - Temas para crítica aos petralhas.....                               | 138 |
| Figura 29 - Militonto petista .....                                             | 139 |
| Figura 30 - Zumbis-petralhas.....                                               | 141 |
| Figura 31 - Golpe vs impeachment.....                                           | 142 |
| Figura 32 - Crítica a Dilma .....                                               | 143 |
| Figura 33 - Demonização de Dilma .....                                          | 145 |
| Figura 34 - Oposição a Lula.....                                                | 147 |
| Figura 35 - Lula preso.....                                                     | 149 |



|                                                                               |     |
|-------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 36 - Metralha preso.....                                               | 151 |
| Figura 37 - Lula e Dilma.....                                                 | 152 |
| Figura 38 - Rosto verde e amarelo.....                                        | 154 |
| Figura 39 - Bandeira não-vermelha .....                                       | 156 |
| Figura 40 - Impeachment verde e amarelo.....                                  | 158 |
| Figura 41 - Convocação patriota.....                                          | 162 |
| Figura 42 - Sérgio Moro .....                                                 | 165 |
| Figura 43 - Temas para apoio aos petralhas.....                               | 168 |
| Figura 44 - Alerta de golpe .....                                             | 169 |
| Figura 45 - Garçom Moro.....                                                  | 172 |
| Figura 46 - Bonecos infláveis de Moro e Lula.....                             | 173 |
| Figura 47 - Força Tucana .....                                                | 174 |
| Figura 48 - Delações contra Aécio.....                                        | 176 |
| Figura 49 - Loser of the year.....                                            | 178 |
| Figura 50 - Veja original e Veja parodiada.....                               | 180 |
| Figura 51 - Oposição aos conglomerados midiáticos .....                       | 182 |
| Figura 52 - Moro é golpe .....                                                | 184 |
| Figura 53 - Bolsonaro 2018 sqn.....                                           | 186 |
| Figura 54 - Crítica aos bolsominions .....                                    | 187 |
| Figura 55 - Apoio dos bolsominions.....                                       | 189 |
| Figura 56 - Uso da mesma palavra.....                                         | 190 |
| Figura 57 - Temas para crítica aos bolsominions.....                          | 192 |
| Figura 58 - Representações de bolsominions.....                               | 193 |
| Figura 59 - Teclado bolsominion.....                                          | 196 |
| Figura 60 - Crítica a bolsominions.....                                       | 197 |
| Figura 61 - Argumentos dos bolsominions.....                                  | 198 |
| Figura 62 - Cálculo da família Bolsonaro.....                                 | 201 |
| Figura 63 - Irmãos Bolsonaro .....                                            | 203 |
| Figura 64 - Anúncio bolsonarista.....                                         | 206 |
| Figura 65 – Laranja-Queiroz.....                                              | 207 |
| Figura 66 - Laços de família .....                                            | 210 |
| Figura 67 - Laranja, verde e amarelo .....                                    | 212 |
| Figura 68 - Bandeira vermelha.....                                            | 214 |
| Figura 69 - Capa da edição de 10 de setembro da revista "The Economist" ..... | 216 |
| Figura 70 - Cachorro adestrado do Trump.....                                  | 218 |
| Figura 71 - Bolsonaro e Trump.....                                            | 219 |
| Figura 72 - Ameaça patriota .....                                             | 220 |

|                                                             |     |
|-------------------------------------------------------------|-----|
| Figura 73 - Expectativa e realidade.....                    | 222 |
| Figura 74 - Bolsonaro "cola" no debate .....                | 224 |
| Figura 75 - Bolsonaro foge de debate .....                  | 226 |
| Figura 76 - Impugnação .....                                | 228 |
| Figura 77 - Tabela de imposto de renda.....                 | 229 |
| Figura 78 - Menino Pinóquio divulga fake news .....         | 231 |
| Figura 79 - Anúncio de armas.....                           | 233 |
| Figura 80 - Violência .....                                 | 235 |
| Figura 81 - Movimento Ele Não .....                         | 236 |
| Figura 82 - Rosie e Mafalda.....                            | 238 |
| Figura 83 - Existência e resistência.....                   | 239 |
| Figura 84 - Negros contra Bolsonaro.....                    | 241 |
| Figura 85 - #EleNão no futebol.....                         | 242 |
| Figura 86 - Mourão favorável ao #ELENÃO .....               | 244 |
| Figura 87 - Temas para apoio dos bolsominions .....         | 246 |
| Figura 88 - Posts com a temática pátria .....               | 247 |
| Figura 89 - Slogan bolsonarista .....                       | 249 |
| Figura 90 - (Bolso)minions nordestinos.....                 | 251 |
| Figura 91 - Post patriota.....                              | 252 |
| Figura 92 - Posts com questionamentos.....                  | 253 |
| Figura 93 - Post com questionamento.....                    | 254 |
| Figura 94 - Características do apoio .....                  | 256 |
| Figura 95 - Bolsominions unidos por um Brasil melhor.....   | 258 |
| Figura 96 - Apoio como caixa 2.....                         | 261 |
| Figura 97 - Agente 47 .....                                 | 262 |
| Figura 98 - Apoio à posse de arma .....                     | 263 |
| Figura 99 - Mito.....                                       | 265 |
| Figura 100 - Elementos reacentuados .....                   | 266 |
| Figura 101 - Valores depreciativos .....                    | 267 |
| Figura 102 - Valores negativos e opressores .....           | 268 |
| Figura 103 - Verde apreciativo e vermelho depreciativo..... | 269 |
| Figura 104 - Vermelho, verde e amarelo .....                | 271 |
| Figura 105 - Defesa da família.....                         | 273 |
| Figura 106 - Sucessão de trono .....                        | 274 |
| Figura 107 - Infância, pátria e educação .....              | 275 |
| Figura 108 - Crítica à Folha de S.Paulo .....               | 280 |
| Figura 109 - Crítica à Rede Globo .....                     | 283 |

## **LISTA DE TABELAS**

|                                                                   |     |
|-------------------------------------------------------------------|-----|
| Tabela 1 - Páginas de Facebook com entrada "petralha" .....       | 93  |
| Tabela 2 - Páginas de Facebook com entrada "bolsominion" .....    | 96  |
| Tabela 3 - Resultado de posts nas páginas de "petralhas" .....    | 102 |
| Tabela 4 - Resultado de posts nas páginas de "bolsominions" ..... | 103 |

## **LISTA DE QUADROS**

|                                                                          |     |
|--------------------------------------------------------------------------|-----|
| Quadro 1 - Síntese do processo de impeachment de Dilma Rousseff.....     | 45  |
| Quadro 2 - Conteúdos temáticos recorrentes nas páginas de Facebook ..... | 104 |

## SUMÁRIO

|                                                                                           |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| 1. Desbloqueie seu aparelho: considerações iniciais.....                                  | 18  |
| 2. Abra o aplicativo: comportamentos e expressões <i>online</i> frente às eleições.....   | 28  |
| 2.1 Arte: a estética da vida social.....                                                  | 30  |
| 2.2 Mídia(s): uso dos meios de comunicação para fins políticos .....                      | 34  |
| 2.3 Política: o constante ódio ao PT e a ascensão da extrema direita.....                 | 40  |
| 2.3.1 O golpe de 2016 contra Dilma Rousseff .....                                         | 42  |
| 2.3.2 A eleição presidencial de Jair Bolsonaro em 2018 .....                              | 46  |
| 2.4. Arte, mídia e política: as teias que conectam o Facebook .....                       | 49  |
| 3. Atualize o <i>feed</i> : a filosofia da linguagem do Círculo na tela.....              | 58  |
| 3.1 Palavra: o fenômeno (signo) ideológico <i>par excellence</i> .....                    | 59  |
| 3.2 Sujeito: o eu-outro em inter-ação .....                                               | 62  |
| 3.3 Enunciado: o movimento dialético-dialógico constitutivo da linguagem.....             | 66  |
| 4. Faça um <i>post</i> : perspectivas metodológicas.....                                  | 73  |
| 4.1 A alteridade se dá pela (dialética e) dialogia nas Ciências Humanas.....              | 73  |
| 4.2 A verbivocovisualidade nos/dos signos ideológicos .....                               | 80  |
| 4.3 A etnografia digital: critérios metodológicos e seleção de <i>corpus</i> .....        | 88  |
| 5. Curta, comente e compartilhe: os signos ideológicos “bolsominions” e “petralhas” ..... | 108 |
| 5.1 Minions – os filmes da franquia <i>Meu Malvado Favorito</i> .....                     | 108 |
| 5.2 Irmãos Metralha – as HQs da Disney .....                                              | 117 |
| 5.3 Bolsominions e petralhas: transform-ação do signo ideológico .....                    | 123 |
| 5.4 <i>Posts</i> petralhas – a família Metralha na política brasileira.....               | 135 |
| 5.4.1 Página <i>Petralha NUNCA MAIS</i> .....                                             | 137 |
| 5.4.2 Página <i>Petralha Zuero</i> .....                                                  | 167 |
| 5.5 <i>Posts</i> bolsominions – o malvado favorito na política brasileira .....           | 187 |
| 5.5.1 Página <i>Bolsominions</i> (crítica a Bolsonaro) .....                              | 191 |
| 5.5.2 Página <i>Bolsominions</i> (apoio a Bolsonaro) .....                                | 245 |
| 5.6 Internautas e eleitores: bolsominions e petralhas .....                               | 286 |
| 7. Bloqueie seu aparelho: considerações finais .....                                      | 303 |
| Referências bibliográficas.....                                                           | 308 |

## 1. Desbloqueie seu aparelho: considerações iniciais

Motivadas pelo fenômeno “febre amarela ‘minions’”, tema da dissertação<sup>1</sup> de mestrado em Linguística e Língua Portuguesa de Natasha Ribeiro de Oliveira com orientação de Luciane de Paula, com apoio FAPESP e CAPES (Processo nº 2017/26629-3), damos continuidade aos questionamentos surgidos à época e não trabalhados em profundidade: a questão política, por acreditarmos que os enunciados materializam vozes, posicionamentos, crenças e valorações a partir de uma configuração cronotópica (Bakhtin, 2014).

Nosso ponto de partida são as descobertas feitas durante o mestrado, dentre elas, a do signo ideológico “bolsominions”, como parte do sucesso de consumo dos minions no Brasil, para, então, olharmos para essa constituição signica de maneira específica e aprofundada em uma relação de esferas – política, midiática e artística, sem perder de vista a própria vida e o solo social. Percebemos, então, que há um outro signo que semiotiza a mesma relação entre esferas: “petralhas”. Assim, acrescentamos a palavra como objeto de estudo a fim de analisar a questão política, introduzida no mestrado.

Os signos ideológicos (Volóchinov, 2017), em ato, são uma forma de compreensão do modo como os sujeitos se relacionam com o mundo, uma vez que são responsivos e responsáveis (Bakhtin, 2010) pelo que enunciam, seja de maneira *online* ou *offline*. A conexão à internet por meio de diferentes mídias digitais é uma forma de estar presente no mundo, com acesso às diferentes valorações que nele e por ele circulam. Esse cenário gerou um novo tipo de sujeito em rede, que se coloca em um contexto de interação *online* e constrói e ajuda na construção de visões acerca do que lê, ouve e experimenta, em uma constante ressignificação da realidade e das valorações presentes em um tempo e espaço específicos.

Por sua vez, tais valorações não circulam de maneira abstrata, isolada e sem relação com outras – ao contrário, funcionam de maneira interacional. A linguagem é posta em movimento a cada uso feito pelos sujeitos, que falam e se expressam não só vocalmente em interações cotidianas face a face, mas que falam com as teclas do celular e com áudios nos aplicativos de mensagens, que utilizam signos, tons, posturas, textos, memes, pinturas, corpos, vozes e almas nos intercâmbios sociais. Defendem e criticam, argumentam e contra-argumentam, riem, choram, militam, cancelam e são cancelados – tudo por meio da linguagem, tão cara à filosofia do Círculo Bakhtin, Medviédev, Volóchinov (Vauthier, 2010).

---

<sup>1</sup> Disponível no repositório institucional da UNESP: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/192052>. Acesso em: 4 ago. 2023.

Nossa principal ferramenta teórica e metodológica, a filosofia da linguagem do Círculo compreende que a linguagem não pode ser entendida sem um contexto social, histórico e cultural. É necessário estudar o mundo ao qual ela pertence como forma de compreender os sujeitos que a utilizam. No Brasil, os estudos do Círculo também são conhecidos como Análise Dialógica do Discurso (ADD), conforme cunhado por Brait (1998) ao refletir sobre a especificidade da perspectiva brasileira dos estudos bakhtinianos. Para Paula (2017), a filosofia da linguagem desses estudiosos credita à linguagem a potencialidade valorativa cognoscível tridimensional dos sujeitos, em ato (Bakhtin, 2010; Medviédev, 2012; Volóchinov, 2017)<sup>2</sup>.

Dado o acirramento político vivenciado em nosso país (típico em países com regime democrático), buscamos mostrar como o mesmo movimento de constituição sónica ocorrido com “bolsominions” ocorre também com “petralhas”. Por isso, escolhemos os dois neologismos para o desenvolvimento do estudo ao que tange à seleção, análise e interpretação, uma vez que vemos processos semelhantes de constituição em ambos. Nomear um sujeito ou um grupo é, além de uma estratégia de pertencimento, também a de não-pertencimento como contra-palavra, pois as filiações se excluem mutuamente ao escolher um signo como forma de crítica e outro de apoio.

Temos, de maneira velada, um discurso de intolerância que permeia tanto um signo quanto o outro, haja visto que, mesmo que após o xingamento venha a ofensa, e vice-versa, a questão central se volta ao ataque do posicionamento do outro. Diante desse cenário, partimos da ideia de que todo discurso, seja para criticar e ofender ou apoiar e defender, é um discurso bivocal permeado pela intolerância. “Bolsominions” e “petralhas”, cada qual a sua maneira, utilizam-se de recursos linguísticos na plurissignificação sónica, em movimento de ataque-e-contra-ataque constante.

Analizamos essas interações entre eleitorados e como esses signos ideológicos aparecem no virtual, com a contribuição que as redes sociais dão para o modo de se comunicar hoje, em ambiente *online*, de maneira síncrona e assíncrona. Mídias *online*, tão presentes em nossa sociedade contemporânea de nativos digitais configura o existir em outra dimensão: o virtual, que não compreendemos como par opositivo do real, mas como uma das formas possíveis da realidade (Lévy, 2000).

Por ser um meio fundamental de construção do conhecimento humano, a interação com o outro e com o mundo não é desordenada. Esse sujeito fala e se expressa por meio de

---

<sup>2</sup> Justificamos, com esses dados, a escolha por tratar os estudos do Círculo Bakhtin, Medviédev, Volóchinov, conforme Vauthier (2010), sem hierarquizar os membros, ainda que dados biográficos mostrem a proeminência dos estudos de Bakhtin pela sua longevidade. Ainda, utilizamos a “análise dialógica” como forma de marcar nossa leitura e compreensão dos estudos do Círculo, à brasileira.

enunciados organizados discursivamente em gêneros, haja visto que ele é a “[...] *real unidade da comunicação discursiva*” (Bakhtin, 2016, p. 28, grifo do autor), resultado de trocas sociais, culturais e históricas, de uma situação imediata ou de um contexto mais amplo. Justificamos, assim, a escolha de olhar para as questões da linguagem a partir de *posts* de Facebook (enunciados), *corpus*<sup>3</sup> de nosso estudo, em contexto político brasileiro que semiotizam valorações caras à vida em sociedade.

O Facebook é uma rede social que possibilita não só o encontro entre diferentes esferas (contempladas ao longo de nosso estudo), mas atua como um tipo de ponto de encontro/fronteira entre essas esferas, com comportamentos e atos de linguagem específicos (a unidade da comunicação, o enunciado, nesta rede, é o *post*). Há uma maior interação de vozes circulando nessa rede social (as páginas, os grupos etc), dada a rastreabilidade, diferente do que observamos em outras redes, como o Instagram, Twitter e WhatsApp.

As páginas do Facebook delimitadas para a seleção e a coleta do *corpus* utilizam os signos “bolsominions” e “petralhas” não só em seu título, mas também em seu conteúdo. Observamos que há temas tratados recorrentemente nessas páginas, e é sobre eles que nos debruçamos e tecemos nossas reflexões, interpretações e análises. Acreditamos que vivemos em uma sociedade infocratizada (Han, 2022), e podemos analisar o tipo de tratamento que a informação recebe (em especial, as de cunho político voltado a bolsominions e petralhas) na forma como os *posts* são elaborados e estruturados dentro da rede social.

Nosso objetivo é a análise desses signos ideológicos que, enquanto palavras da língua portuguesa utilizadas em redes sociais, ganham conotação valorativa a partir do uso feito por determinados sujeitos, como uma sintetização de suas interações refletidas e refratadas pelos momentos socio-históricos brasileiros. Usar signos para designar um grupo ou um sujeito, seja para defender ou para ofender, é uma prática social valorativa que reflete e refrata o que somos enquanto sociedade interativa.

Essa ideia de que o signo reflete e refrata a realidade está presente no fato de a sociedade ser composta por diferentes sujeitos que compartilham a língua(gem) – dialógica –, por ser utilizada em variadas situações. Decorre disso nosso objetivo de mostrar modos de ver e compreender o mundo que são diferentes e coexistem em embate (re)existente. “Bolsominions” e “petralhas” não se excluem, não se superam, não se findam, pois são constantemente lançados ao movimento da linguagem. Para Volóchinov (2017, p. 93), “o signo não é somente uma parte

---

<sup>3</sup> Na seção metodológica, detalhamos os critérios que nos levaram às páginas e às publicações que constituem nosso *corpus*. De antemão, foram utilizados os critérios temático, quantitativo e temporal para delimitação das páginas; já para os *posts*, delimitamos temas recorrentes em cada uma das páginas.



da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante”.

No contexto brasileiro de produção e difusão dos signos, “bolsominion” se popularizou, de maneira mais específica, nas eleições presidenciais de 2018, que culminou na vitória de Jair Bolsonaro. Para a formação do signo, além da representação semiótica com carga ideológica, o processo morfológico une o prefixo “bolso-”, a parte inicial do sobrenome do ex-presidente, Bolsonaro, e o sufixo “-minions”, o nome integral dos personagens dos filmes da franquia *Meu Malvado Favorito* (2010, 2013, 2015, 2017).

O signo é criado e utilizado como uma forma de crítica opositiva às ideias do candidato à presidência, na época, e que foram reacentuadas para uma forma de apoio e coro político desde aquele momento. Travou-se, portanto, um embate direto com o primeiro sentido, visto que ao reacentuar o signo, é um ato responsivo do sujeito que aparece, situando as relações dialógicas que os constituem em um contexto mais amplo.

Por sua vez, “petralha” é um lexema que surgiu nas redes sociais como alcunha aos apoiadores e às movimentações políticas do Partido dos Trabalhadores (doravante, PT), criado<sup>4</sup> e utilizado para criticar o apoio recebido pelo partido. A referência feita é aos irmãos Metralha, presentes no universo ficcional da Disney (desde 1951 até os dias atuais), ao trocar, na grafia e no som, o [m] pelo [p] e manter, foneticamente, a sonoridade próxima entre o original (Metralha) e a criação (“petralhas”), utilizado no golpe<sup>5</sup> de 2016 contra a presidente Dilma Rousseff.

Notamos que, embora tenha se tratado de um governo em um tempo-espaço específico, “petralhas” se refere ao partido político como um todo, abrangendo não só a figura de Dilma Rousseff na época, mas também de Luiz Inácio Lula da Silva e Fernando Haddad, diferente do que ocorre em “bolsominions”, ao referir-se especificamente a uma só figura política.

Compreender não só a criação, mas a difusão desses signos ideológicos é uma forma de entender as ideias que circula(va)m entre os sujeitos. Assim, uma análise que versa sobre as

---

<sup>4</sup> A criação da palavra é creditada a Reinaldo Azevedo, colunista da *Veja*. Ele afirma tê-la criado em 2001 para designar as práticas de petistas em Santo André, como é possível observar em uma de suas colunas virtuais: <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/15-anos-depois-de-criada-a-palavra-os-petralhas-estao-no-olho-da-rua/>. Acesso em: 09 set. 2019. Embora a criação tenha sido feita a anos atrás por um sujeito que se põe como autor-criador, buscamos analisar o uso do signo em *posts* de Facebook e não como o autor-criador o concebeu, mas como ele circulou e recebeu significações próprias.

<sup>5</sup> Enquanto cidadãs e pesquisadoras ativas no processo de leitura, coleta de dados e escrita, optamos por utilizar o lexema “golpe” toda vez que nos referirmos à destituição da presidente Dilma em 2016. Quando diferentes autores utilizarem o lexema *impeachment*, assim o manteremos, a fim de fidelizar também seu posicionamento. Contudo, não há, em termos práticos, distinção entre os lexemas, de modo que devem ser considerados correlatos ao longo deste estudo.

esferas da arte<sup>6</sup>, da mídia e da política é necessária para apreender as valorações, já que notamos haver uma relação com outros enunciados. A relação é sempre de sentido, por isso escolhemos a arte, a mídia e a política, em um movimento dialético-dialógico (Paula, L.; Figueiredo; Paula, S., 2011) que nos permite recuperar as ideias presentes nesses enunciados, por exemplo, ao analisar a constituição dos minions, presente na franquia de filmes *Meu Malvado Favorito*, e dos Metralhas, nas histórias em quadrinhos (doravante, HQs) *Os Metralhas*.

De antemão, observamos que as críticas a ambos os sujeitos são tecidas por meio de uma visão parcial, limitada, de que esses sujeitos que apoiam políticos apresentam diante dos fatos. A defesa de determinados valores e princípios são trazidos à tona para aproximar ou distanciar os grupos sociais que os utilizam. Vemos em “bolsominions” as valorações do conservadorismo, da pátria, do armamento e do preconceito.

Com “petralhas”, as valorações são sobre corrupção, roubo e indisciplina. Essas valorações em torno de cada signo funcionam como um ponto de contato com as animações e a política brasileira se olhamos historicamente para o que é consumido esteticamente e para o que surge a partir desse consumo – a reação política em forma de crítica e, posteriormente, de apoio.

A prática de identificação de grupos a partir de signos ideológicos não é atual, tampouco inovadora. Temos “coxinha e mortadela”<sup>7</sup> que, embora não sejam sinônimos de “bolsominions” e “petralhas”, outrora foram utilizados para designar grupos de direita e esquerda. Ainda que não sejam os primeiros lexemas a atuarem como signos ideológicos, eles são uma das formas recorrentes de estratégia política brasileira, em que a mistura de esferas gera um signo depreciativo e, portanto, relacionam-se, junto a outros signos e práticas, como estratégia política ofensiva.

Para tanto, a filosofia da linguagem do Círculo, a partir de categorias como diálogo, enunciado, signo ideológico, reflexo e refração, forças centrípetas e centrífugas, esfera, pequeno e grande tempo, cultura, sujeito e voz social nos auxiliam na compreensão da arte como semiose da vida – em especial, a política mediatizada. Esse tipo de análise dialógica é importante e destaca a relevância social do estudo ao mostrar que determinadas questões abordadas em

---

<sup>6</sup> Entendemos a arte como enunciado (objeto estético), não fazendo distinção entre o que é canônico ou massivo, por exemplo. A arte se refere, de maneira específica, ao acabamento estético e à forma e uso específicos da linguagem (verbal, vocal ou visual). Faraco (2011, p. 21) diz que Bakhtin “[...] torna o social, o histórico, o cultural, elementos imanentes do objeto estético”, sendo a partir dessa ideia que nos atemos, como objeto estético.

<sup>7</sup> “Coxinha”, inicialmente, era utilizado pejorativamente para se referir aos policiais militares (na cidade de São Paulo, eles consumiam o salgado em lanchonetes). Com o tempo, passou a ser utilizado também para sujeitos com valorações de direita. “Mortadela” era utilizado, inicialmente, pejorativamente, para se referir aos sujeitos que participavam de comícios e protestos, uma vez que serviam pão com mortadela para os presentes. Com o tempo, passou a ser utilizado também para sujeitos simpatizantes com as valorações da esquerda ou do PT.

enunciados estéticos são atos de sujeitos humanos refletidos e refratados como sujeitos de linguagem.

Observamos como os “bolsominions” e os “petralhas” são signos ideológicos que se popularizaram nas redes sociais por conta do caráter dinâmico que as relações adquirem em interações *online*. Ao estudar a cibercultura e a inteligência coletiva, Lévy (2000, p. 160-161)<sup>8</sup> diz que a *web* “[...] não está congelada no tempo. Ela incha, se move e se transforma permanentemente. [...] Suas inúmeras fontes, suas turbulências, sua irresistível ascensão oferecem uma surpreendente imagem da inundação de informação contemporânea”. A internet, as diferentes mídias digitais e as redes sociais atuam como impulsionadoras desse movimento, em constante modificação.

Nesse dilúvio informacional, “bolsominions” e “petralhas” são signos que se atualizam, se renovam e se modificam a depender de quem os utiliza, de maneira exponencial. O caráter inflado e viral das redes sociais pode ser visto, por exemplo, em outros enunciados estéticos, como os documentários *Privacidade hackeada* (2019), *O dilema das redes sociais* (2020) e *Extremistas.br* (2023), e no filme *Rede de ódio* (2020), ao abordarem, cada qual à sua maneira, o modo como os sujeitos se posicionam nos perfis em redes, ao compartilharem dados, nem sempre protegidos, e criarem campanhas políticas utilizando o sistema de ódio e de idolatria virtualmente.

Com base nesse elo discursivo-ideológico, pensamos em como os signos “bolsominions” e “petralhas”, inicialmente, surgiram com o caráter depreciativo para criticar e debochar de um grupo de oposição política (o ódio difundido nas redes). Contudo, pensando no signo e nas vozes que coexistem em um mesmo momento socio-histórico é que compreendemos que não há nada fixo: a crítica passou a ser valorada positivamente por aqueles que antes eram criticados, tornando-se, então, formas de identificação apropriadas pela possibilidade que o signo ideológico tem de ser multiacentuado (Volóchinov, 2017) em determinado espaço-tempo em que é utilizado: o das redes sociais na contemporaneidade.

Os enunciados, enquanto concretudes situacionais, históricas e sociais, materializam usos específicos da linguagem que, enquanto engendradora da arte, é o tipo de material com o qual trabalhamos para observar as questões tangentes à vida. O que assistimos em filmes e seriados, lemos em livros, interagimos em redes sociais, escutamos em canções são, cada qual com seu acabamento próprio, a semiose da vida. Por isso, para compreender a vida e as relações humanas, temos a própria construção feita nos objetos estéticos.

---

<sup>8</sup> Embora a obra de Lévy não seja atual e, portanto, possa ser considerada “desatualizada” para tratar de questões na internet, que muito se desenvolveram desde os seus escritos, não podemos ignorar suas contribuições para a área, por isso a escolha em utilizá-lo como fonte bibliográfica no estudo.

Como dito, os minions estão originalmente na franquia de filmes *Meu Malvado Favorito* (2010, 2013, 2015 e 2017), no qual há o personagem Gru, um vilão em ascensão que precisa da ajuda dos minions, trabalhadores explorados e fiéis, para se manter no topo da sociedade vilânica. Sem os minions, Gru não possui a mão de obra massiva (já que os minions são muitos, uma verdadeira “macha” amarela) capaz de transformá-lo no líder que ele quer ser. Por seguirem fielmente os pedidos e as ordens de Gru, muitas vezes os minions se sacrificam, trabalham além do expediente e não recebem crédito, remuneração ou agradecimento pelos serviços prestados. Resumidamente, esse é o cenário sobre o qual nos ancoramos para analisar a constituição sónica de “bolsominions”.

Quanto aos irmãos Metralha, personagens pertencentes ao universo de histórias em quadrinhos da Disney, em especial no gibi *Os Metralhas* (1970-1980), é possível observar a construção da relação entre o tio Patinhas e os irmãos Metralha. Constantemente atacado pelos irmãos, que tentam a todo custo roubar sua fortuna a pedido de outros vilões, o tio Patinhas estabelece uma imagem de “mocinho-herói” pela vilania que recobre as atitudes dos Metralha, bandidos e capangas dos vilões Pão-Duro MacMônei e Maga Patalójika. Eles agem de acordo com as ordens recebidas e, embora sejam atrapalhados e divertidos (como os minions), os irmãos Metralha são sagazes e trapaceiam constantemente para conseguir atingir seu objetivo: roubar a fortuna do tio Patinhas e receber parte dela como recompensa. Em resumo, esse cenário é o que consideramos para analisar a constituição sónica de “petralhas”.

Interessa-nos olhar, nos enunciados estéticos, a construção desses sujeitos (minions e Metralhas), pois são eles que engatam a relação com os perfis de eleitorados políticos e, de maneira ressignificada, integram outras esferas, como a de mídias digitais, misturando-se e se constituindo de maneira mútua, na mesma proporção em que constitui outras esferas, porque o movimento é dialógico, tal qual ocorre na vida.

Nesses enunciados (*posts*, filmes e histórias em quadrinhos), analisamos a linguagem verbivocovisual (Paula, 2017; Paula; Serni, 2017; Paula; Luciano, 2020a, 2020b, 2020c, 2020d, 2020e), visto que o trabalho integrado das dimensões sonora, visual e o(s) sentido(s) da(s) palavra(s), é pensado como dimensões de linguagem. O enunciado, dentro de um gênero discursivo, pode ou não materializar essas dimensões, mas acreditamos que elas existem, mesmo como potencialidade. Ele é considerado em sua potencialidade valorativa e requer a contemplação da linguagem ao que tange aos tópicos e conteúdos frasais (verbal), ritmo e entoação próprios da língua, trilha sonora e onomatopeias (vocal), movimentos de câmera, figurino, coloração das cenas (visual). Consideramos essa uma das formas possíveis para observar o sujeito, o tempo e o espaço enquanto construtores e construtos de sentidos no mundo.

O que está presente nos enunciados estéticos, em *Meu Malvado Favorito* e em *Os Metralhas*, aparece materializado em outros enunciados, como os *posts* de Facebook, aproveitando esse enunciado de origem ao que tange às suas dimensões de linguagem para construir novos sentidos. Essa ressignificação de enunciados estéticos em meios digitais é uma prática cada vez mais comum dada a participação ativa e responsável dos sujeitos no ciberespaço (Lévy, 2000).

Por ser histórico e situacional, cada enunciado manifesta a ideologia não só pela construção, como também pela sua circulação e recepção social, elementos igualmente previstos dentro do próprio enunciado. A estratégia política, feita via linguagem, é o que nos interessa observar como uma forma de ascensão e derrubada de governos no contexto político brasileiro, uma vez que os signos agem, nesse sentido, como armas políticas (a eleição de Bolsonaro, em 2018 e o golpe contra Dilma, em 2016).

Entender esse processo de linguagem é entender uma estratégia política que perpassa os signos, cada qual reforçando as valorações à sua maneira, de modo que o estudo se justifica pela sua contribuição aos estudos linguísticos no âmbito da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, explorando as relações entre os enunciados e suas esferas, ao abordar as relações entre a vida e a arte e colaborar para uma caracterização do funcionamento discursivo das valorações sociais acerca de processos estratégicos e políticos por meio da linguagem.

Acreditamos que o tema de pesquisa é relevante não só por contribuir com os estudos da área ao que tange à análise de enunciados contemporâneos, mas principalmente por se propor e se comprometer com uma educação de qualidade, independentemente do nível acadêmico, como consta nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Agenda 2030, especialmente no objetivo 4. Por estudar a língua(gem) humana em seus aspectos estruturais, sociais, históricos e psicológicos, a linguística, enquanto grande área, volta-se para a compreensão do mundo e dos processos comunicativos, tão caros às sociedades no geral.

Esse papel relevante na comunicação, compreensão e interação entre sujeitos de diferentes realidades sociais e culturais é essencial para a construção de um mundo plural. O ODS 4 da Agenda 2030 se relaciona com nosso estudo e com o mundo no qual vivemos, por por meio da constante exposição às informações que aparecem, dentre outras formas, em nossa política brasileira via linguagem. Acreditamos que ao mostrar como esses enunciados são construídos e elaborados ideologicamente, contribuímos para uma formação, enquanto sociedade, de sujeitos críticos com direito e acesso à educação de qualidade.

Nosso estudo analisa discursos e o confronto entre esses, outros e diferentes discursos, de modo que, coerentes com nossa proposta, chegamos às seguintes perguntas motivadoras

desta pesquisa: a) como ocorre a formação dos signos ideológicos “bolsominions” e “petralhas”?; e b) quais valorações os sujeitos defendem nos *posts* selecionados do Facebook?

Para tanto, dividimos o estudo a partir de diferentes objetivos, a fim de darmos conta das questões precedentes. O objetivo geral é: analisar a constituição dos signos ideológicos “bolsominions” e “petralhas” em páginas de cunho político no Facebook, como reflexo e refração do momento socio-histórico político brasileiro, por meio da construção de diferentes enunciados na relação entre as esferas artística, midiática e política por meio dos estudos do Círculo Bakhtin, Medviédev, Volóchinov. Para alcançarmos o objetivo geral, temos os seguintes objetivos específicos:

- i) analisar verbivocovisualmente os *posts* de Facebook quanto às esferas da arte, mídia e política, e situá-los a partir das relações dialógicas.
- ii) discorrer sobre a relação arte, mídia e vida pela perspectiva do Círculo.
- iii) compreender o contexto brasileiro que engloba os signos ideológicos “bolsominions” e “petralhas” como desdobramento da sociedade da informação.

Nossa tese é a de que os *posts* de bolsominions e petralhas funcionaram (e continuam a funcionar) não só como crítica por meio do riso ambivalente, manifestado como paródia e ironia, mas como autoidentificação e defesa, mas também como veículo de informação e de militância ao associar as esferas da arte, da mídia e da política sem perder o horizonte socioideológico da vida (de onde essas valorações nascem e para onde voltam, refletidas e refratadas). Com isso, buscamos mostrar os embates sociais com valorações distintas, que passam por diferentes níveis de gradações e de esferas, a cada ato de linguagem.

Desse modo, seu uso pode ser considerado uma arma política – além de uma estratégia, é uma ferramenta (simbólica) para criar ou derrubar ideias, ajudar ou atrapalhar grupos, a depender de quem, como e quando a utiliza. Por isso, é de suma importância conseguir depreender quais são as vozes sociais que compõem determinados discursos, pois conseguimos olhar aspectos da ordem do pequeno tempo que, somados, indicam o grande tempo que constitui a história política de nosso país. Justamente por não haver cristalização no pequeno tempo é que conseguimos observar novos e diferentes sentidos acerca das interações.

Por fim, acreditamos que esses signos ideológicos surgem em momentos de tensão/escândalo político, constantemente em diálogo com a esfera jornalístico-midiática, para criticar o que é noticiado, como uso negativo do signo e, por outro lado, para suavizar a própria tensão, ao mostrar o apoio por meio do uso apreciativo. Esse movimento é, portanto, dialético-dialógico, não se finda. Lança o enunciado para o movimento, está em constante renovação, em

embate com diferentes valorações, de modo que a linguagem, motor das relações, está e permanece viva, pois se nutre dessas interações interindividuais.

Para fins de organização do estudo, a seguinte divisão foi feita: na primeira seção, “Acesse o aplicativo: comportamentos e expressões *online* frente às eleições”, apresentamos uma revisão bibliográfica sobre os dois momentos políticos vivenciados e a relação com a ascensão do uso das redes sociais, ao pensarmos a mídia e a política em sua relação com a arte que reflete e refrata a vida.

Na segunda seção, “Atualize o *feed*: as categorias bakhtinianas na tela”, apresentamos a filosofia da linguagem do Círculo e, de maneira sistematizada, os pressupostos teórico-metodológicos a partir de algumas categorias constitutivas, como signo ideológico, diálogo e sujeito, em profundidade com as discussões de reflexo e refração, voz social, bivocalidade, enunciado e esfera.

Na terceira seção, “Faça um *post*: perspectivas metodológicas”, trazemos o método dialético-dialógico de análise da filosofia da linguagem do Círculo, aliado à etnografia digital, que nos serve de base para o desenvolvimento de um estudo em ambiente *online*, arena da tensão política brasileira. Ainda, trazemos a verbivocovisualidade como parte constitutiva de nosso método, a fim de mostrar como se dá o movimento entre os signos ideológicos bolsominions e petralhas sob o aspecto tridimensional da linguagem.

Por fim, na quarta seção, “Curta, comente e compartilhe: ‘bolsominions’ e ‘petralhas’ como expressões da política midiaticizada na vida” descrevemos, analisamos e interpretamos os *posts* coletados e selecionados nas páginas de Facebook à luz da filosofia da linguagem bakhtiniana, sobretudo, com o acréscimo de leituras e pensadores contemporâneos.

Olhamos esses *posts* a partir dos signos constituintes como um movimento de linguagem ligado às estratégias políticas e veiculadas em mídia digital, com diferentes finalidades: crítica, militância, condenação, apoio, coro, defesa ou fonte de informação. Os enunciados ilustram esse movimento dinâmico da linguagem.

## 2. Abra o aplicativo: comportamentos e expressões *online* frente às eleições

Os sujeitos movimentam a vida da linguagem, sem que, muitas vezes, consigam acompanhar sua constante transformação, dada a efemeridade das relações na própria troca linguística. Confrontados com mudanças exponenciais, provenientes das interações *online*, a comunicação se torna cada vez mais fluida e dá origem a diferentes novas formas de ser e estar na contemporaneidade. Essas formas de expressão podem ser vistas como uma resposta ao que é vivido por cada sujeito, seja ele compreendido em sua singularidade (sem nos esquecermos da alteridade) ou no interior de seu grupo social, do qual fazem parte outros sujeitos que, assim como ele, compartilham diferentes valorações sobre o mundo.

Quando pensamos em práticas de linguagem na internet, inevitavelmente, perpassamos os neologismos, os estrangeirismos, as abreviações, dentre variadas formas para nos fazermos ser compreendidos. Figurinhas, *emojis* e reações, hoje, integram nosso posicionamento frente à realidade. Áudios, *stories* e vídeos curtos (estilo TikTok) são tão importantes quanto um texto redigido obedecendo às normas da gramática. Fato é que há tipos específicos de comunicação *online*, e nosso trabalho se ocupa de uma delas, em uma mistura de esferas específica: alcunhas políticas em bolsominions e petralhas, signos ideológicos voltados para xingar, desqualificar e zombar do outro (mas também para apoiar, defender e proteger).

Com isso, algumas formas de expressão se consolidam de maneira mais efetiva do que outras por estarem presentes, de maneira maior ou menor, em nossas práticas sociais. Como já dito, tratar um grupo de oposição política por meio de alcunhas não é uma prática atual, mas é uma estratégia que, junto a outras, marcam campanhas eleitorais e mandatos governamentais. Contudo, nossa ênfase, dado o momento socio-histórico vivido, é o de olhar como dois signos ideológicos, “bolsominions” e “petralhas”, foram utilizados no Facebook.

Começamos por “bolsominions”, uma vez que na dissertação de mestrado (Oliveira, 2020) foi o primeiro contato que tivemos com esses *posts*, criados e amplamente difundidos no momento de campanha eleitoral do candidato à presidência, Jair Bolsonaro, em 2018. Seu uso revela, desde o momento inicial, um posicionamento de crítica e oposição aos sujeitos que o apoiam.

O efeito de sentido inicial do signo é, portanto, pejorativo, utilizado para criticar e ofender a partir de valorações que se relacionam à franquia de filmes *Meu Malvado Favorito* (a servidão cega, sem contestação nem reflexão crítica frente à realidade é a que mais nos chama a atenção, como veremos adiante). Entretanto, não nos esqueçamos do caráter vivo que acompanha o signo e o transforma ao longo do tempo, gerando novos sentidos com outra carga



valorativa, trazendo o aspecto positivo, de apoio e de identificação para o mesmo signo linguístico “bolsominions”, contudo, com o aspecto ideológico contrário, em embate direto, por usar a mesma construção linguística. O signo, independente do uso feito (seja de crítica opositiva, seja de apoio explícito) está presente em nossos dias e reflete uma movimentação política que leva em consideração três esferas: a da arte, a da mídia e a da política. E é justamente a relação entre essas três esferas que nos levou a pensar em um outro signo ideológico, como a contraparte do acirramento político brasileiro, que são os “petralhas”, pois também foi um signo bastante difundido em um momento importante da política brasileira, o golpe de 2016, contra a presidente Dilma Rousseff.

A origem de “petralhas” é anterior à movimentação nas redes sociais como temos com “bolsominions”, sendo creditada e reivindicada por Reinaldo Azevedo, o que não ocorre com o ouro signo, por exemplo. Contudo, limitamo-nos, agora, a pensá-lo em seu uso feito no Facebook, para manter os critérios metodológicos aplicados aos dois signos, uma vez que observamos a mesma prática discursiva – criticar ou apoiar a partir de uma alcunha. Buscamos analisar, então, os movimentos de linguagem presentes nesses dois signos ideológicos, entendidos não só como apoio ou oposição a um modo de política nas redes sociais, mas como um modo de ser e existir do sujeito.

Percorremos, em nosso estudo, uma linha temporal, por isso, embora a motivação tenha começado por “bolsominion”, iniciamos as discussões por “petralha” como uma forma de compreendermos o projeto político envolvido nesse signo, de derrubada da presidente Dilma Rousseff, democraticamente eleita em 2016, para a preparação do cargo presidencial para Jair Bolsonaro, nas eleições de 2018, um candidato cujas valorações se assemelham as dos sujeitos que difundiam publicações com esse sentido. Assim, chegamos ao signo “bolsominions”, como uma forma de concretização desse projeto político, que culminou, de fato, na eleição democrática de Jair Bolsonaro, em 2018.

Os dois momentos foram escolhidos pois representam, cada um à sua maneira, acontecimentos marcantes na política brasileira que, como veremos, repercutiram nos perfis de Facebook de muitos brasileiros, ao aparecerem nos *feeds*<sup>9</sup> (página inicial do Facebook instantaneamente atualizada de acordo com novas publicações) de cada sujeito que utiliza a rede social. Ou seja, a probabilidade de um sujeito ter se deparado com alguma das publicações

---

<sup>9</sup> O Google AdSense caracteriza o *feed* como “um fluxo de conteúdo que permite rolagem. O conteúdo é exibido em blocos de aparência semelhante que se repetem um após o outro”, sendo “o feed principal em uma página inicial (por exemplo: feed de notícias)”, o formato utilizado pelo Facebook e, portanto, sobre o qual tratamos aqui. Disponível em: <https://support.google.com/adsense/answer/9189559?hl=pt-BR>. Acesso em: 22 jul. 2021.

é alta, mesmo que não curta ou siga esse tipo de página e/ou conteúdo, mas indiretamente o consome, por meio de sua rede de amigos que compartilham e veiculam em seus perfis pessoais e páginas.

Nesse sentido, nosso intuito é mostrar como “bolsominion” é o *continuum* de um movimento vindo desde “petralha” e, mais ainda, anterior a ele, pois outros signos, como “coxinha” e “mortadela”, “reaça” e “esquerdopata” também fazem parte desses usos pejorativos e depreciativos para referência a grupos políticos, ainda que não se refiram aos mesmos grupos delimitados em nosso estudo. Buscamos recuperar, portanto, esses movimentos de linguagem que atuam como projetos políticos que auxiliam e influenciam na eleição e/ou derrubada de uma figura política.

No primeiro subtópico, apontamos aspectos gerais do que compreendemos como “arte” neste trabalho. No segundo e terceiro subtópicos, fazemos uma retomada histórica e tratamos da construção do ódio ao PT e do golpe de 2016, assim como da consolidação da extrema direita no governo do país, com a eleição de 2018. Os demais subtópicos se voltam à mídia, às redes sociais e ao Facebook, ao mostrarem, em uma espécie de afunilamento, como as expressões e reações políticas ganham cores e sabores nos sujeitos que postam, curtem e compartilham o mundo que está a sua volta.

## **2.1 Arte: a estética da vida social**

A arte é uma forma de semiotizar a vida, a vivência e a variedade de discursos de um grupo social. Entre o ético e o estético, há muito o que se dizer, de modo que este tem sido utilizado para semiotizar aquele, expressos como os valores e as ideologias de quem o produz. Há diversas formas de arte, como o teatro, a música, a pintura, a literatura e o cinema, que (re)produzem situações cotidianas, ordinárias e plurais, assim como ideologias e demais formas de percepção da realidade política.

É bem verdade que, aqui, não tratamos o conceito de “arte” quanto ao seu engajamento e abraçamento de causas sociais, políticas e econômicas, de caráter interventivo e participativo. Mas é bem verdade que a arte engajada, que reflete e refrata a realidade social do contexto sócio-histórico em que está inserida, aparece de maneira coadjuvante, sem ter o papel de protagonista, nas animações fílmicas e HQs que analisamos.

Voltar-nos-emos, contudo, à arte enquanto enunciado estético, que ganha sentido(s) outro(s) quando lançado à vida, por meio de diversas ressignificações, sejam elas previstas ou não por quem as produziu. É por meio dessa mesma perspectiva que vemos a possibilidade de

expandir a teoria do Círculo Bakhtin, Medviédev, Volóchinov para algumas esferas não previstas, como o entrelaçamento da arte, da mídia e da política.

Para tanto, pensamos em um objeto/enunciado estético/artístico como uma instância interrelacional, e não algo canonizado ou sacramentado: “[...] Bakhtin concentra sua reflexão no que ele chama de ‘objeto estético’. Há, em seus textos iniciais, uma recorrente distinção entre o artefato (a obra de arte em sua factualidade) e o objeto estético (as múltiplas redes de relações axiológico-culturais expressas na atividade estética)” (Faraco, 2011, p. 23)

Essa distinção nos é cara, uma vez que a arte, da qual falamos aqui, volta-se muito mais para um “conjunto de relações axiológicas” enquanto uma realidade relacional, do que para um artefato abstratamente concebido:

[...] É pela construção do objeto estético que, para Bakhtin, o social e o histórico se tornam elementos internos (e não externos) de qualquer obra de arte. Para se apreender as bases de toda essa conceituação, é importante reafirmar que, para Bakhtin, a grande força que move o universo das práticas culturais são precisamente as posições socioavaliativas postas numa dinâmica de múltiplas inter-relações responsivas. Em outras palavras, todo ato cultural se move numa atmosfera axiológica intensa de inter-determinações responsivas, isto é, em todo ato cultural assume-se uma posição valorativa frente a outras posições valorativas (Faraco, 2011, p. 23).

Inclusive, é por meio da arte (aqui, sem distinção do que é canônico e não-canônico) que, neste estudo, chegamos a questões mais gerais e abarcadoras de toda uma sociedade: em especial, a política nas mídias digitais *online*. Por isso, ao falarmos de arte, enunciado estético ou objeto artístico, estamos pensando em formas contemporâneas que essas múltiplas relações responsivas assumiram, sem a pretensão de esvaziar a discussão, mas tampouco sem a intenção de esmiuçá-la de acordo com escolas, movimentos e correntes teóricas ao longo dos séculos.

Os membros do Círculo compreendem a estética além da apreciação formal do belo ou do cânone. Estão muito mais voltados para o profundo imbricamento na vida social e na interação entre sujeitos, sendo no interior do dinamismo das relações que o diálogo entre arte e vida ganha contornos sólidos. O objeto artístico, dessa forma, não é tido como um domínio isolado ou abstrato, mas uma produção-produto que reflete e refrata a pluralidade das interações subjetivas, em maior ou menor escala.

Portanto, interessa-nos olhar para essa pluralidade que a própria teoria nos apresenta, dada a constituição dialógica desse pensamento. De maneira objetiva, Stam (1992) nos mostra que Bakhtin se preocupa com o interlocutor do texto, assim como é convicto de que em todo discurso existe um diálogo não só com discursos anteriores, mas com quem recebe esses discursos. Para o autor, tal preocupação se associa à teoria contemporânea da recepção de Jauss e Iser.

Assim, Bakhtin não compactua com modelos referenciais do discurso artístico, mas acredita que mais do que refletir uma situação pró-textual, o discurso é, por si mesmo, uma situação. É nesse sentido que Faraco afirma: “É fascinante, por exemplo, entre muitas outras coisas, o modo como Bakhtin torna o social, o histórico, o cultural, elementos imanentes do objeto estético” (2011, p. 21). De tal forma é que acreditamos que ao olhar um determinado enunciado estético, seja de qual caráter for, estamos olhando também para um fragmento da história de uma determinada cultura. Para Stam, “na arte, a vida social é expressa no interior de um material semiótico definido e na linguagem específica de um meio” (1992, p. 24).

O “dialogismo” bakhtiniano se refere no sentido mais amplo, às infinitas e abertas possibilidades geradas por todas as práticas discursivas da cultura, a matriz de expressões comunicativas que “alcançam” o texto não apenas através de citações reconhecíveis mas também através de um processo sutil de retransmissão textual. Qualquer texto que tenha “dormido com” outro texto, como disse um gracejador pós-moderno, também dormiu com todos os outros textos que o outro texto já dormiu. É essa “doença” textualmente transmitida que caracteriza o troca-troca que Derridá chamou de “disseminação”. O dialogismo, em seu sentido amplo, é central não apenas para o texto canônico da tradição literária e filosófica, mas também para os textos não-canônicos (Stam, 2006, p. 28).

Vemos, por meio do enunciado estético, como o discurso duplamente orientado da paródia representa um modo de “carnavalização” artística, da suspensão temporária da ordem vigente. E ainda que não seja capaz de eludir a tensão social nem o poder estabelecido, é por meio de uma carnavalização que se pode criticar e amplificar as vozes contrárias a uma ordem vigente. O estético tem sua raiz na história e na cultura, e é justamente daí que seus sentidos e valores advêm, absorvendo em si a história e a cultura, como aponta Faraco (2011).

Em um estudo que investiga as relações entre arte, indústria cultural e infância, Souza (2014) faz uma retomada de como a concepção moderna de arte data do Renascimento, como forma de se contrapor à mera reprodução técnica, tal qual a figuração tradicional da Idade Média. Distante dos desígnios de superioridade da arte, é na Idade Média que a noção de arte como mercadoria tem força, pois uma dada obra era constantemente (re)produzida e, assim, ao ser consumida por um determinado preço, passa a ser um artigo de no mercado. Ainda nesse sentido histórico, o autor afirma que

Graças às vanguardas, não só a elas, mas sobretudo ao aspecto cognitivo advindo do seu irrestrito questionamento sobre a arte, não podemos hoje decretar o que é arte e o que não é arte, o que a arte pode e o que ela não pode, o que a arte deve e o que ela não deve, não podemos estabelecer critérios a priori, nem sobre os seus aspectos formais e nem sobre os seus conteúdos, a fim de julgar, classificar, ordenar ou dar sentidos únicos as obras [...] (Souza, 2014, s/p).

Sendo assim, tal ideia de arte como social, produto e produção histórico e cultural, é que pensamos que não há como defini-la estritamente, de modo que lançamos e discutimos algumas visões que se assemelham à forma como o estudo foi conduzido. Só assim podemos exemplificar o que entendemos por “arte”, com a ajuda de tantos outros pensadores que também se propuseram a refletir sobre tal questão.

A arte com seus textos, imagens e sons se torna legível, consegue uma poderosa mobilização dos afetos e se afirma como instância de celebração de valores e reconhecimentos ideológicos, bem como articula a contestação desses mesmos valores. Por meio da experiência estética com a arte se conhecem os limites individuais e os limites da realidade, os limites do corpo e os limites do outro [...] (Souza, 2014, s/p)

Ao discutir sobre o ato artístico, Bakhtin (2014) diz que ele não vive nem se movimenta no vazio, mas atmosfera valorizante. Isso significa que não dá para pensarmos em algo neutro, desprovido de sentido, sem correlação com um horizonte ideológico. Se pensamos em uma obra de arte enquanto coisa, é possível, sim falar em uma delimitação de tempo e espaço. Já a obra, em si, “[...] é viva e significativa do ponto de vista cognitivo, social, político, econômico, religioso num mundo também vivo e significativo” Bakhtin, (2014, p. 30).

Por isso, não podemos dissociar o objeto estético de um mundo que o compreende e o categoriza, de modo que não lemos um livro, assistimos a filme nem ouvimos uma canção sem atribuir-lhes uma vida, um sentido que se correlacione com o evento único do existir.

Vemos, na franquia de filmes e nas HQs, a possibilidade de acessar esse mundo, e assim termos contato com o que é vivo e significativo. É assim que pensamos tanto nesses objetos estéticos como em enunciados que deles decorreram, ainda que não houvesse a intenção discursiva inicial, visto que um autor-criador, ao assinar sua obra, não possui mais controle sobre o que será feito a partir dali. É nesse sentido que entendemos “bolsominions” e “petralhas” como respostas a esses objetos:

Apropriando-se de um discurso existente e, ao mesmo tempo, introduzindo nesse discurso uma orientação oblíqua ou mesmo diametralmente oposta à do original, a paródia adapta-se particularmente bem às necessidades dos oprimidos e impotentes, precisamente porque *assume* a força do discurso dominante só para aplicar essa força, através de uma espécie de jiu-jitsu artístico, *contra* a dominação (Stam, 1992, p. 54).

Isso serve tanto para um grupo político quanto para o outro, uma vez que ambos se veem na posição de “oprimidos” diante do outro ao qual tentam combater. Os *posts* de teor ofensivo, crítico e risível, de ambos os lados, são vistos, como Stam (1992) fala, como uma resposta criativa a uma situação de marginalização dentro das estruturas sociais vigentes – seja no

governo de uma ou de outra liderança – assim como os filmes brasileiros parodiavam os filmes americanos em termos de produção, distribuição e exibição.

Tal façanha, por sua vez, se faz possível, uma vez que há um “jogo de deslocamentos” entre as línguas sociais, ou o que comumente chamamos de ressignificação de um signo (ideológico).

No ato artístico, agrega-se agora a heteroglossia ao senso do autor-criador de estar integralmente envolvido na geração ativa de um novo enunciado concreto. Ele deverá também se posicionar frente à heteroglossia. Ou seja, no ato artístico, passa a haver também um complexo jogo de deslocamentos envolvendo as línguas sociais (Bakhtin, 1981, p. 295) (Faraco, 2011, p. 23)

Ao propormos essa breve discussão sobre a arte enquanto enunciado estético no pensamento de Bakhtin e seus pares do Círculo, é por acreditarmos no modo como o diálogo aqui se apresenta e, assim, nos possibilita refletir sobre nossas próprias vivências: “[...] a contribuição mais importante de Bakhtin talvez seja de caráter político. A sua noção de heteroglossia, pressupondo uma cultura fundamentalmente não-unitária, na qual diferentes discursos existem em relações cambiantes e multivalentes de oposição [...]” (Stam, 1992, p. 101).

O caráter político está relacionado à heteroglossia, da qual fala Stam, como forma de observar a diversidade de discursos, perspectivas, opiniões, interesses e ideologias que coexistem no espaço público. Sendo assim, essa é a perspectiva adotada ao longo deste estudo quando nos referimos à arte, objeto estético ou objeto artístico, em especial ao que se refere às produções culturais utilizadas como base para constituição dos signos ideológicos: a franquia de filmes *Meu Malvado Favorito* e as HQs *Os irmãos Metralha*.

## 2.2 Mídia(s): uso dos meios de comunicação para fins políticos

Mídia é um termo amplo e pode ser entendido a partir de diferentes perspectivas. Por isso, discutimos, ainda que brevemente, o que entendemos pelo termo e qual(is) sentido(s) ele assume em nosso estudo. De maneira simplória, mídia se refere a um conjunto de meios de comunicação que têm como objetivo transmitir informações, ideias e entretenimento para um público amplo e diversificado.

Além de incluir uma variedade de veículos de comunicação, como jornais, revistas, rádio, televisão, cinema, internet e redes sociais, outra característica importante é seu papel desempenhado na sociedade, relacionado ao acesso às informações e às notícias locais,

regionais, nacionais e internacionais, assim como à cultura e ao entretenimento. Alguns aspectos da mídia tangem, sobretudo, à criação e à circulação de um espaço de debate e reflexão sobre questões sociais, políticas, econômicas e culturais, que contribuem para a formação de opiniões e ideias do público.

No entanto, a mídia também pode ser influenciada e influenciadora por e de interesses políticos, econômicos e ideológicos, e muitas vezes reflete uma visão de mundo específica, por vezes, simplista e binária, nem sempre representativa da diversidade e complexidade da sociedade. Por essa razão, falar de “mídia” é olhar para a questão de diversos ângulos, com as devidas críticas e debates constantes sobre sua objetividade, imparcialidade e responsabilidade social (e, aqui, não estamos nos restringindo somente à mídia televisiva ou impressa).

Fato é que a discussão de mídia não é simples e pode ganhar diversos contornos, a depender do encaminhamento e dos objetivos de um estudo. Neste, optamos por delimitar o aspecto midiático não a um só meio de comunicação, mas a uma forma de comunicação mediada. A pesquisadora Guazina (2007) traz um panorama sobre a relação entre mídia e política:

[...] é incontestável que estudar a relação entre a Comunicação e a Política hoje no Brasil é, em grande parte, estudar a mídia e suas influências, a comunicação mediatizada ou a cultura midiática, mesmo que nem todos os pesquisadores da área concordem. A onipresença da comunicação mediada ou comunicação mediatizada nas sociedades democráticas contemporâneas levou a inúmeras reformulações teóricas sobre como a mídia, e não mais a Comunicação - note-se - influencia a visão de mundo das pessoas, em especial, os processos políticos. O termo transcendeu seu significado de extensão de imprensa ou meios de comunicação e alterou o sentido que eles tiveram até então nas sociedades do século XIX e grande parte do século XX. Não são somente as mensagens que importam para os estudiosos, mas como a indústria da comunicação de massa se comporta em todas as esferas: economia, política, comportamento, etc (p. 7-8).

Vejamos que, embora não haja um consenso, o aspecto que nos chama a atenção acerca da discussão é como a mídia, hoje, pressupõe um aspecto tecnológico para a efetivação da comunicação. Ainda, destaca-se seu caráter multidisciplinar, que não se limita a uma ou outra área de estudo, mas se desdobra e se faz presente conforme fins específicos. Embora seja um lexema utilizado amplamente como senso comum, faz-se necessário considerá-lo como uma força atuante em nossa sociedade hiperconectada, dadas as características específicas de nosso estudo.

Falamos de mídia a fim de observarmos o papel desempenhado por ela em momentos específicos, auxiliando no agravamento de um quadro, na formação da opinião pública, na interferência de processos, dentre outras funções. Por exemplo, os grandes conglomerados de mídia desempenharam um papel significativo no processo de *impeachment* da presidente Dilma

Rousseff em 2016. Ao longo dos anos anteriores, a televisão e os jornais realizaram uma cobertura intensa e crítica ao governo da presidente, destacando escândalos de corrupção e a crise econômica que afetava o país.

A partir de 2015, essa mídia intensificou a cobertura sobre o suposto envolvimento de Dilma e do PT no esquema de corrupção da Petrobras, mais conhecido como Operação Lava Jato. As reportagens e as opiniões dos jornalistas influenciaram a opinião pública e ajudaram a criar um ambiente favorável para o processo e para a consolidação do golpe.

Além disso, a mídia também foi utilizada pelos políticos como uma ferramenta para pressionar a saída de Dilma da presidência. Por meio de entrevistas, pronunciamentos e programas de televisão, a oposição encontrou espaço para opinar e acusar a presidente e o governo petista, por extensão. Todo o processo do golpe, o pré e o pós, foi marcado por uma intensa interação entre a mídia e a política, cada um com seu interesse específico, mas ambos se beneficiando mutuamente.

Dessa forma, notamos como a mídia desempenhou um papel importante na construção de uma narrativa crítica ao governo e na formação de uma opinião pública favorável ao golpe, contribuindo para a pressão política que culminou na saída da presidente. Os grandes conglomerados de mídia, como a Rede Globo, a Folha de S. Paulo e o Grupo Abril, deram grande cobertura ao processo, apoiando abertamente o golpe contra a presidente. A influência se deu por meio de jornais televisivos e impressos, redes sociais, programas de rádio, dentre outras formas de comunicação, que, juntos, construíram uma narrativa que associava a presidente Dilma ao fracasso econômico do país, à corrupção e às irregularidades fiscais.

Contudo, essa era uma leitura do processo todo que, ao mesmo tempo em que enfatizava os aspectos negativos (e coerentes, dentro da narrativa criada), ignorava as críticas ao processo e as evidências de que era um golpe politicamente motivado. Ainda, esses conglomerados de mídia desempenharam papel ativo na construção de um clima polarizado e binário de hostilidade na sociedade brasileira. A instituição de um golpe ocorreu pela divulgação simplista do processo político, caracterizando tanto o governo quanto seus apoiadores como bandidos que defendem o roubo social do país.

De igual modo, se observamos o processo de eleição de Jair Bolsonaro, podemos ver como a mídia, em seus diferentes formatos, desempenhou um papel de influência significativa, ainda que não tenha sido o único (visto que outros elementos, como o contexto político, social e econômico do país impactaram substancialmente o resultado das eleições). Na mídia,



Bolsonaro ganhou destaque como um *outsider/anti-establishment*<sup>10</sup>, e atraiu a atenção do público gerando discussões e debates sobre seus posicionamentos e suas declarações polêmicas.

Contudo, consideramos que foi nas redes sociais que o candidato mais se destacou, visto que ele e sua equipe utilizaram intensivamente o Facebook e o Twitter, além do WhatsApp, que se tornou uma fonte de comunicação direta com e entre os eleitores. De certa forma, esse uso das redes sociais foi um contorno, feito por Bolsonaro, às mídias tradicionais, que frequentemente eram atacadas e confrontadas, ainda que outras o tenham apoiado abertamente. Além da imagem de uma mídia tendenciosa, esses conflitos ajudaram a consolidar sua imagem como um desafiador das instituições tradicionais. Para seus apoiadores, sua franqueza era elogiosa e corajosa, para a oposição, suas declarações eram controversas.

Outro papel que a mídia teve na eleição presidencial foi o de ser constantemente ameaçada. Ricardo Balthazar, na notícia “Ataques de Bolsonaro à imprensa chegaram a dez por semana no fim da campanha”<sup>11</sup>, relata que dos 129 casos de ataques, 45 ocorreram em outubro de 2018, por meio das redes sociais, dos pronunciamentos e das entrevistas de Bolsonaro. Dentre outras ações que demonstram a relação do candidato e posterior presidente com a mídia, destacam-se também os veículos de comunicação barrados em suas coletivas de imprensa, como Folha, O Estado de S. Paulo, O Globo e Valor Econômico. Poderíamos, aqui, entrar em uma discussão acerca de uma mídia alternativa:

Os movimentos sociais exercem o contrapoder construindo-se, em primeiro lugar, mediante um processo de comunicação autônoma, livre do controle dos que detêm o poder institucional. Como os meios de comunicação de massa são amplamente controlados por governos e empresas de mídia, na sociedade em rede a autonomia de comunicação é basicamente construída nas redes da internet e nas plataformas de comunicação sem fio. As redes sociais digitais oferecem a possibilidade de deliberar sobre e coordenar as ações de forma amplamente desimpedida (Castells, 2013, p. 18-19).

Entretanto, não acreditamos haver esse tipo de intenção discursiva no projeto de dizer da campanha eleitoral de Bolsonaro, visto que foi um dos momentos em que mais houve desinformação e *fake news*, muitas delas que favoreciam Bolsonaro e depreciavam outros

<sup>10</sup> “[Os] *outsiders* ganham visibilidade pública pelo discurso que propagam, mas o fundamental é a sua distância em relação ao sistema tradicional de partidos (Barr, 2009). Um critério distintivo desses forasteiros ou intrusos seria o discurso crítico à classe política. Por isso, eles também são classificados como *anti-establishment* e/ou populistas e essa característica tende a ser até mais importante do que o fato desses atores serem (ou não) novatos na política (Carreras, 2012).” Picussa, Roberta; Codato, Adriano. *Outsiders in politics: an overview*. *SciELO Preprints*. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.4533>. Acesso em: 12 ago. 2023.

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/11/ataques-de-bolsonaro-a-imprensa-chegaram-a-dez-por-semana-no-fim-da-campanha.shtml>. Acesso em: 12 ago. 2023.

candidatos<sup>12</sup>. Nesse sentido, as redes sociais desempenharam um verdadeiro papel de viralização e de disseminação de desinformação, com alguns casos de impacto significativo na opinião pública e no acirramento político existente no país. Pautadas, sobretudo, em questões que depreciavam o outro para valorizar a si mesmo, essas *fake news* tiveram grande relevância quando o eleitor se dirigiu às urnas e escolheu seu representante.

Assim como a mídia televisiva e impressa ajudou na construção do golpe contra Dilma, em 2016, as redes sociais ajudaram na eleição de Bolsonaro, em 2018 (e em seu mandato). Ao se comunicar diretamente com seus eleitores e apoiadores por meio de seus perfis, Bolsonaro se aproximou sem depender dos meios de comunicação tradicionais, cuja estratégia de comunicação *anti-establishment* mobilizou seus apoiadores, muitos já fartos do cenário político que vinha sendo comandado pelo PT nos últimos anos.

É justamente nesse ponto que, contrários à grande mídia, as acusações de viés ideológico (e, destacamos que “ideologia” virou uma palavra maldita nesse momento), fortaleceram a narrativa de que ele era uma figura capaz de “desmascarar” a mídia tradicional, que, como vimos, é comandada por poucos. Outra ferramenta muito utilizada por Bolsonaro foram as transmissões ao vivo (*lives*), em consonância com o canal direto estabelecido por ele, o compartilhamento de informações e eventos por vias não-tradicionais permitiu que ele contornasse a mídia tradicional para atingir diretamente seus apoiadores, que se mobilizavam constantemente em passeatas e carreatas.

No relatório “Quem controla a mídia na região?” (2019) da Media Ownership Monitor (MOM), vimos que a mídia brasileira é controlada por poucas famílias, poderosos grupos econômicos, políticos e religiosos. Dos 50 veículos de maior audiência, 26 são pertencentes a grupos de comunicação. Vejamos, de maneira resumida (para ilustrar nossa questão), como esses conglomerados são formados:

---

<sup>12</sup> Sugerimos a leitura do artigo da pesquisadora Janaisa Viscardi para um estudo detalhado sobre a construção e o uso de *fake news* como estratégia política no período eleitoral de 2018 (o qual nos referimos). VISCARDI, J. M. Fake news, verdade e mentira sob a ótica de Jair Bolsonaro no Twitter. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, v. 59, n. 2, p. 1134–1157, 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8658477>. Acesso em: 13 ago. 2023.

Figura 1 - Grupo Globo



Fonte: MOM (2017)

Figura 2 - Grupo Folha



Fonte: MOM (2017)

Não podemos, de forma alguma, esquecer a grande força centralizadora que esses grandes conglomerados detêm. Contudo, gostaríamos de reforçar como a comunicação se transformou, nos últimos tempo, em face do acesso facilitado à internet e às redes sociais. No cenário político, as redes sociais deram espaço para que se criasse um relacionamento direto entre candidato e eleitorado, de modo que a política se tornou “[...] muito mais personalista e menos dependente da referência e do crivo de instituições e sistemas de pensamento tradicionais” (Fratini, 2020, p. 12). Estamos longe de afirmar que esses conglomerados perderam sua força ou enfraqueceram seu poder. Mas é inegável que disputam espaço na formação da opinião pública para uma parcela dos eleitorados.

Com as instituições tradicionais tendo seus poderes contestados, as redes sociais passaram a ser um ambiente estratégico para que novas narrativas circulassem. Essa mudança de pensamento nos interessa, pois é ela que nos leva até páginas de Facebook que, muitas vezes, atuam como uma fonte de informação (em um verdadeiro bombardeiro de notícias *fakes* e teorias conspiracionistas, com espaço para que fatos também circulem por ali).

É nesse sentido que as novas mídias, como o Facebook, ao se articularem com o tratamento de informações, contribuem ainda mais para a defesa ferrenha de ideais de determinados grupos políticos. Muitas estratégias são utilizadas para tal, que não nos cabe elencar aqui, mas o uso de *bots*, *fake news*, criação de bolhas e controvérsias agressivas são algumas delas. Não estamos criticando, tampouco defendendo as estratégias utilizadas. Compartilhamos a fim de mostrar como a relação entre sujeitos ocorre, principalmente no que diz respeito à comunicação e troca de informações.

Fato é que as redes sociais, hoje, são parte da vida social e cultural, ter um *smartphone* conectado à internet não é raro, mas cada vez mais comum na rotina de muitos (embora saibamos que não de todos). Por isso, coadunamos com a ideia trazida por Fratini, de que “as redes sociais são ambientes populares, de estilo e linguagem próprios, com textos e falas mais curtas, fluidas e/ou informais, sem qualquer propósito de formação. [...] O *timing* das redes e das instituições tradicionais não são iguais. (2020, p. 18).

### **2.3 Política: o constante ódio ao PT e a ascensão da extrema direita**

Iniciamos esta discussão refletindo acerca do acirramento político que permeia a política brasileira atual, mas que remonta a acontecimentos já anteriores. Ainda que não utilizemos o lexema “polarização”, por compreender que o processo é mais complexo do que abarcado por

ele, consensualmente, muitos sujeitos utilizam “esquerda” e “direita” como forma de apontar que o país está dividido em dois lados contrários e contraditórios.

Das redes sociais à política eleitoral, observamos por toda parte processos do tipo que Gregory Bateson descreveu como *cismogênicos*, em que grupos respondem às ações uns dos outros com reações que gradualmente consolidam não apenas suas respectivas identidades, mas também sua oposição mútua e compreensão recíproca como únicas alternativas possíveis num espaço bipartido. Ao mesmo tempo, é precisamente porque processos de polarização estão por toda parte que o termo pode ser enganoso. Afinal, nada garante que se esteja falando sempre da mesma polarização ou identificando os mesmos polos com a mesma relação entre eles. O risco de confusão é ainda maior porque, num ambiente polarizado, é de esperar que as realidades percebidas a partir de diferentes perspectivas divirjam a ponto de serem praticamente incompatíveis; e porque acusar um adversário de radicalização ou situar-se fora do que se identifica como dois extremos são movimentos estratégicos naturais no interior de um tabuleiro atravessado por uma ou mais polarizações (Nunes, p. 82).

Dados trazidos por Nunes nos mostram que foi em 2014 que o discurso de polarização (aqui chamado de acirramento político) foi consolidado no Brasil, também como decorrência de um debate já existente na política estadunidense, nos anos 1980. Contudo, é no governo de Barack Obama (2009-2016) que a questão vem para o solo brasileiro, diante de sua posição centrista em embate com o Congresso republicano, com o avanço feroz dos ideais conservadores.

O autor aponta que foi após o movimento de Junho de 2013 que uma nova direita, mais radical e organizada, surgia em nosso país. Ainda que o assunto da polarização não tenha sido um consenso nem nos Estados Unidos, nem no Brasil, cientistas políticos e estudiosos se debruçaram sobre o tema a fim de afirmarem que a polarização, por si só, é assimétrica, pois não há moderação em um dos lados.

O próprio dissenso sobre o tema pode ser entendido como sintoma e instrumento da polarização. “Sintoma”, pois quanto mais uma pessoa se identifique com um extremo do espectro, mais ela tenderá a construir essa identidade de modo totalizante, relacionando-se com iguais, informando-se a partir de certas fontes, percebendo o espaço político como bipartido e enxergando o lado oposto de maneira monolítica. Isso fará com que tudo que fuja à sua própria norma pareça “radical”, e que a simples participação do outro (mulheres, negros, pessoas trans etc.) no debate público possa ser experimentada como ofensiva. “Instrumento”, porque acusar os adversários de assumirem posturas radicais oferece a quem acusa um pretexto para a própria radicalização (Nunes, 2022, p. 84).

É nesse sentido que pensamos no discurso intolerante que, por vezes, se torna de ódio, proferidos por ambos os grupos políticos – bolsominions e petralhas. É decorrente de um processo construído há muito tempo em nosso país, com fragmentos de outros governos, de modo que não podemos dissociar um movimento do outro, por isso o constante acirramento.

Tornou-se, para um grupo, insustentável a presença do outro, embora sua coexistência seja necessária. É disso que decorre a afirmação de que o discurso intolerante se torna um discurso de ódio, pois viver com as diferenças e suas eventuais assimetrias não é o suficiente: é preciso combatê-las. As interações *online*, especialmente as utilizadas como *corpus* deste estudo, mostram a forma como esse discurso se constitui, ganha conotações e se alastra socialmente.

Não é nosso objetivo traçar uma longa documentação de fatos e dados com a discussão aqui empreendida. Gostaríamos de mostrar, enquanto pesquisadoras, nosso posicionamento e nossa visão, ainda que de maneira breve, acerca dos fatos que marcaram nossa história enquanto cidadãs brasileiras. Assim, trazemos essa ideia de acirramento político como forma de conseguir mostrar o pano de fundo que abarca – de maneira mais imediata – os signos ideológicos elencados neste estudo.

### 2.3.1 O golpe de 2016 contra Dilma Rousseff

Antes de adentrarmos nos dados históricos, salientamos o porquê da escolha lexical para referenciar a destituição de Dilma Rousseff do governo. Para tanto, valemo-nos de uma reflexão feita pelo pesquisador Almeida (2021):

É importante salientar que o discurso político em busca da legitimidade do golpe visa fazer parecer que este é um ato revolucionário que irá salvar a população das garras dos corruptos e criminosos que estão no poder. Entretanto, como bem definem Bobbio (2003) e Bonavides (2016), a revolução é marcada por atos e manifestações que geralmente acontecem fora do parlamento, nas praças e através do descontentamento da grande massa que se une para reivindicar direitos. Já o golpe de Estado é tramado dentro do parlamento, com articulações políticas que até podem parecer estar de acordo com a vontade do povo, mas que quase sempre servem apenas para satisfazer os interesses dos próprios parlamentares (p. 43).

Prosseguindo, aqui discutimos o pré-golpe e o pós-golpe, além do próprio golpe, em si, como uma forma de compreender como o ódio ao PT, materializado na figura de Dilma (e indiretamente na de Lula), constituiu-se no país, de maneira sólida e intensa. Nobre (2022), ao falar sobre o governo petista, pontua que o impulso democratizante que o partido pretendia alcançar ocorreu por meio da realização de conferências nacionais de políticas públicas e da introdução de mecanismos de participação e de fóruns interconselhos. Assim ocorreu nos 13 anos em que o PT governou, de 2003 a 2016.

Nesse mesmo período, grupos chamados de “novas direitas” começaram a se organizar nas redes, criando-se, assim, um novo e grande espaço na política. O autor pontua que a ocupação das “novas esquerdas”, no decorrer dos anos 2000, também foi possível graças a esse

movimento. A grandiosidade se torna visível quando esses grupos aparecem no cenário brasileiro em junho de 2013, passando de movimentos subterrâneos invisíveis na esfera pública formal, como uma ameaça aos governos petistas e para o sistema político como um todo.

Nobre (2022) aponta que foram essas novas forças, durante o segundo semestre de 2013, que tornou o sistema político atordoado e sem resposta a uma perda relativa de controle: “[...] a reação do sistema político foi de clara recusa de qualquer tipo de reforma, de recusa a qualquer abertura para novas vozes surgidas na sociedade e, de diferentes maneiras, politicamente articuladas – fossem elas de uma nova direita ou de uma nova esquerda” (2022, p. 130). Desse modo, essas forças conseguiram se tornar antissistema (*anti-establishment*), visto que o caminho encontrado foi o de organização de uma oposição extrainstitucional:

[...] A característica histórica da esquerda como força antissistema passou, assim, para as mãos da direita. Mas não para as mãos da direita tradicional, encastelada no sistema político, regida pela lógica do pemedebismo<sup>13</sup>. Para as mãos de “novas direitas”, justamente.

A expressão novas direitas pretende indicar que não se tratava de um movimento unificado, apesar de muitas tentativas nesse sentido terem sido feitas ainda nos anos 2000. Tratava-se de fato de um arquipélago de vozes, grupos, ideologias – e interesses, evidentemente. Ainda assim, enquanto força política tornada antissistema, essa oposição extrainstitucional necessitava de um escudo comum para fazer oposição. Um escudo bastante amplo e eficaz para impedir que o sistema político retomasse o controle da política. Um escudo que tivesse pelo menos um pé na institucionalidade que era vista como a inimiga a ser destruída, como o sistema a ser abatido, como establishment a ser derrubado.

Essa multiplicidade de vozes que formaram essa oposição extrainstitucional encontrou na Operação Lava Jato esses escudo. Nesse sentido, a Lava Jato é o que há de peculiar no capítulo brasileiro das “crises da democracia”. Mas não só. A outra peculiaridade da crise da democracia brasileira está no fato de um partido digital de extrema direita ter encontrado nas ruínas do pemedebismo sua configuração (Nobre, 2022, p. 131).

Nesse sentido, tomamos nosso ponto de partida para a compreensão do signo “petralhas” como os acontecimentos que tomam forma nos protestos de 2013 que, dentre outras reivindicações, teve o aumento das passagens de transporte público como um ponto forte, conforme amplamente anunciado pelas mídias, especialmente a televisiva. A organização de alguns grupos, como o Movimento Brasil Livre (MBL), ganhou notável destaque durante esse momento, cujas figuras fundadoras são Kim Kataguirí e Renan Santos. Amaral (2016), ao analisar como o MBL ganhou força nas manifestações pró-*impeachment* ocorridas nesse período, diz que os membros

[...] repudiavam as bandeiras vermelhas a pretexto de impedir a “partidarização” do movimento, e assumiam o verde-amarelo de “todos os brasileiros”. Condenavam os *black blocs* e exaltavam a polícia militar, que reprimira com violência os protestos

<sup>13</sup> Relativo ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB).

convocados pelo Movimento Passe Livre. Suas principais bandeiras eram contra a “roubalheira” e contra “tudo isso que está aí”, paulatinamente substituídos por um simples “Fora PT” (Amaral, 2016, p. 49).

Jinkings (2016, p. 12) diz que as origens da crise do PT começaram “[...] quando o governo – assim que fechadas as urnas da reeleição, em 27 de outubro de 2014 – abandonou suas promessas de campanha e adotou o programa de seu oponente, Aécio Neves, do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB)”. De modo que, aos poucos, a base social tradicional do partido se afastou do governo, o que abriu caminho para a o crescimento ofensivo da direita, segundo a autora, que, junto ao agravamento do quadro econômico, criaram uma situação de grande vulnerabilidade (Jinkings, 2016).

Para fins de recuperação de datas, importante para situacionalizar os atos políticos e as figuras participantes deles (no momento de análise dos *posts*, tais dados se fazem cruciais para a compreensão do pano de fundo da crítica tecida), utilizamos a breve “linha do tempo” feita por Jinkings, junto à cronologia disponível no *blog* da Boitempo<sup>14</sup>, para retomarmos os acontecimentos que levaram ao golpe de 2016:

O golpe remonta [...] a 29 de outubro de 2015, quando foi lançado, pelo [...] (PMDB), o plano *Uma ponte para o futuro*; em 2 de dezembro o então presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha [...] abriu o processo de impeachment contra a presidente, alegando crime de responsabilidade com respeito à lei orçamentária e à lei de improbidade administrativa – [...] “pedaladas fiscais”; em 29 de março de 2016 o PMDB se retirou do governo; no dia 17 de abril o plenário da Câmara aprovou o relatório favorável ao impedimento da presidente [...]; em 12 de maio, o Senado Federal também aprovou a abertura do processo que culminou no afastamento de Dilma Rousseff da presidência [...] (Jinkings, 2016, p. 12).

Para fins de ilustrar o processo, ainda que não seja um objetivo dissecar o tema, segue um quadro que sintetiza os principais acontecimentos acerca do golpe contra Dilma. De autoria de Almeida (2021), a coluna 1 sintetiza os fatos no mandato da presidente, ao passo que as colunas 2 e 3 mostram a interpretação desses fatos por parte da acusação, além da base legal utilizada pela Justiça e pelo Congresso para acatar a petição. Por fim, as colunas 4 e 5 mostram a defesa e a sentença resultante do processo político-jurídico.

<sup>14</sup> Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/cronologia-do-golpe/>. Acesso em: 21 jul. 2021.



Quadro 1 - Síntese do processo de impeachment de Dilma Rousseff

| 1. Fato                                                                                                                                                                                          | 2. Acusação                                                                                                                                                            | 3. Base Legal                                                                                                                                                                                                                                                                                     | 4. Defesa                                                                                                                                                                                                                                                      | 5. Sentença                             |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------|
| Decretos presidenciais assinados por Dilma Rousseff para abertura de créditos suplementares.                                                                                                     | Os decretos, que ampliaram as despesas, trouxeram impacto na meta fiscal primária de 2015.                                                                             | - Lei de Responsabilidade Fiscal.<br>- Artigo 4 da Lei Orçamentária Anual (LOA) de 2015.<br>- Lei do Impeachment, de 1950.<br>- Artigo 167, inciso V, da Constituição Federal.<br>- Lei de Responsabilidade Fiscal (LRF), de 2000. Para a acusação, os decretos feriram o art. 10, item 4, e art. | Os decretos não autorizaram um aumento de gastos, pois apenas remanejaram dinheiro de despesas já previstas e autorizadas pelo Congresso.                                                                                                                      | Perda de mandato ( <i>impeachment</i> ) |
| Pedaladas Fiscais: Governo atrasou entre janeiro e novembro de 2015 o pagamento para o Banco do Brasil de parcelas que totalizaram 3,5 bilhões de reais referentes aos subsídios do Plano Safra. | O atraso configurou uma operação de crédito, o que é proibido pela Lei de Responsabilidade Fiscal.<br><br>O Tribunal de Contas da União considerou a prática irregular | O atraso fere o artigo 11, item 3, da Lei de 1950 que proíbe o Governo de "contrair empréstimo, emitir moeda corrente ou apólices, ou efetuar operação de crédito sem autorização legal".                                                                                                         | Os decretos não autorizaram um aumento de gastos, pois apenas remanejaram dinheiro de despesas já previstas e autorizadas pelo Congresso. Assim, não tiveram impacto na meta fiscal, que depois, pela crise econômica, foi revista e cumprida ao final do ano. | Perda de mandato ( <i>impeachment</i> ) |

Fonte: Almeida (2021) - Elaborado pelo pesquisador com base nas informações do portal Agência Senado.

Sob a alegação e acusação de maquiar as contas públicas, Dilma perde o mandato, embora não os direitos políticos, e o vice-presidente Michel Temer assume como presidente, embora já exercesse o cargo de presidente interino desde 12 de maio de 2016, quando Dilma foi afastada oficialmente do governo após o Senado aceitar o pedido de golpe.

Almeida (2021), com base em Pomar (2016), mostra como o comportamento dos parlamentares, durante a sessão de votação, abre brechas para a interpretação de um golpe e não para um *impeachment* com base legal:

Nas justificativas apresentadas durante o voto aberto, os reais motivos das acusações foram completamente esquecidos pelos deputados. Eufóricos e em clima de Copa do Mundo, usaram seu direito de fala como se estivessem em um comício. Exaltaram a família, Deus e todo tipo de símbolo que acabaram por demonstrar demagogia, menos os crimes cometidos pela Presidente.

“A defesa da família, da propriedade, de Deus e da ordem em mãos dos militares mostraram a verdadeira foto do Congresso mais conservador desde 1985 sugerindo, de passagem, que ninguém leu o relatório com os fundamentos jurídicos que justificariam o crime de responsabilidade para a queda de Dilma – ou, pelo menos, ninguém se esforçou em demonstrá-lo. Raro foi ouvir uma dedicatória à qualidade da educação, à saúde, aos desempregados ou às minorias em favor do “sim”. Alguns, como Atila Lins (PSD/AM), tinham anseios mais abstratos e votaram a favor para se

“reencontrar com a história” e outros, como Lucas Vergílio (SD/GO) razões bem mais pessoais ao defender o impeachment: “Voto sim pela minha filha que vai nascer, pela minha sobrinha Helena e por todos os corretores de seguros do Brasil”. Pela sua parte, Jair Bolsonaro (PSC-RJ), sempre nos limites, dedicou seu voto a favor ao Coronel Ustra, dirigente do Doi-Codi em São Paulo e reconhecido como agente da tortura pela Justiça. Os votos, pelo visto, também tiveram a intenção de impedir causas maiores. Deputados manifestaram sua defesa do impeachment para evitar que “as crianças aprendam sexo nas escolas”, para “acabar com a Central Única dos Trabalhadores e seus marginais”, pelo fim da vagabundização remunerada” e, sobretudo, pelo fim da roubalheira e a corrupção”. (MARTINI, 2016, s/p).

A sessão de votação do impeachment foi transmitida em rede nacional e deteve a atenção massiva da população que, já polarizada em direita e esquerda desde a eleição de 2014, assistia cada um torcendo para o desfecho que defendiam.

Com interesses muito mais individuais do que coletivos, a saída da presidente Dilma marca a transição para um governo ligado à elite econômica, com ênfase no liberalismo econômico. É o que veremos adiante.

### 2.3.2 A eleição presidencial de Jair Bolsonaro em 2018

Em continuidade à discussão, vemos como a extrema direita, junto aos seus valores e suas figuras, não só ascenderam na política brasileira, mas também se consolidaram no ato da eleição de 2018, que deu a vitória a Jair Bolsonaro, na época, filiado ao Partido Social Liberal (PSL). A eleição presidencial de 2018 confirma e consolida a extrema direita no poder do país, de modo que interessa-nos olhar para a o histórico de partidos do até então presidente, a fim de mostrarmos como ele foi a figura escolhida para representar esse novo momento da política.

Almeida (2021) faz um breve histórico acerca dos partidos pelos quais Jair Bolsonaro passou, com o objetivo de elucidar quais são as valorações defendidas por ele, perante seus eleitores, ao longo de sua carreira política:

[...] Bolsonaro esteve filiado ao PDC entre os anos de 1991 e 1995. A filosofia cristã ainda é defendida por Bolsonaro na atualidade, o que pode ser verificado no slogan: “Brasil acima de todos, Deus acima de tudo.”

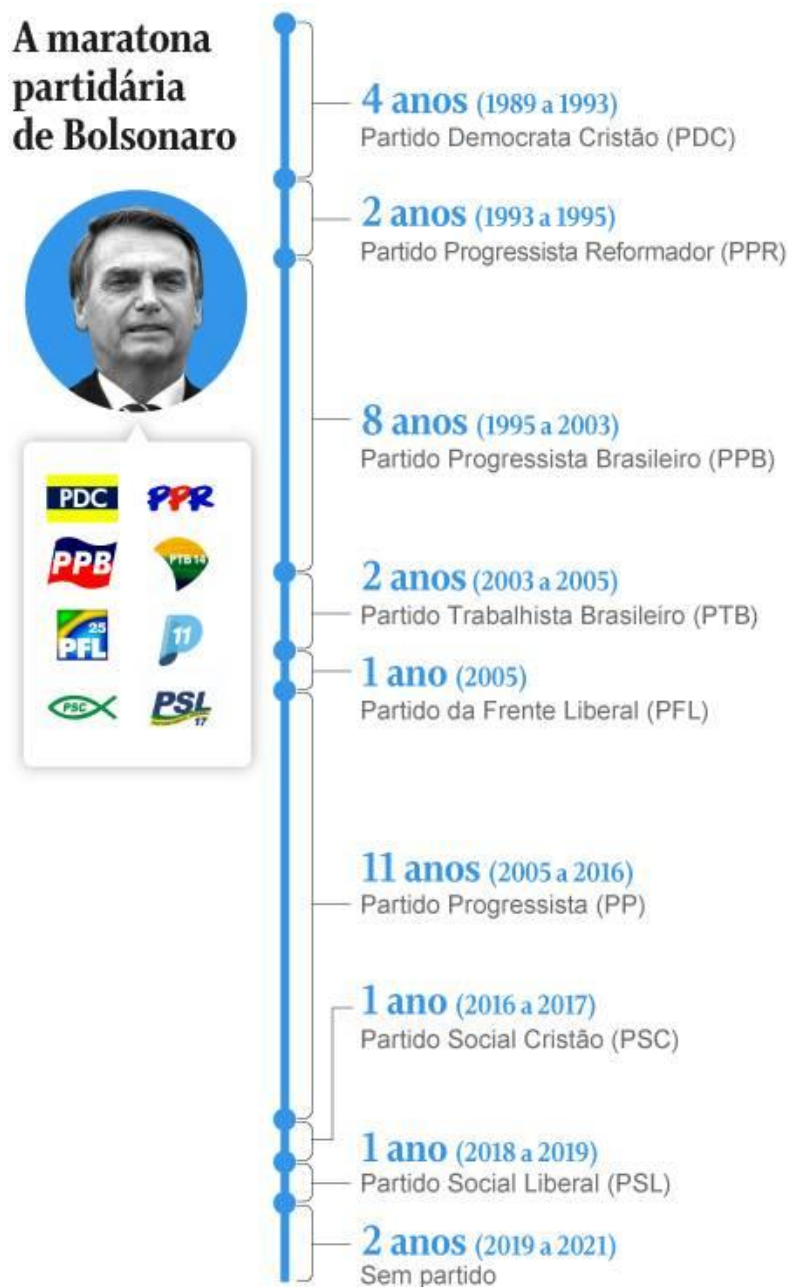
De 1995 a 2019 Bolsonaro esteve filiado ao PP (Partido Progressista) e a várias outras siglas que resultaram das manobras políticas e alianças partidárias. A fundação do PP tem sua origem ligada ao processo de redemocratização do Brasil, tendo como marco inicial o impeachment do ex-Presidente Collor de Mello a eleição do candidato à presidência Tancredo Neves e o vice José Sarney, em 1985. Entretanto, o PP fez várias alianças e mudou a sigla conforme as exigências dessas novas parceiras. [...], o partido foi fundado [...] como consequência da fusão do Partido Social Trabalhista (PST) com o Partido Trabalhista Renovador (PTR), cujos principais líderes eram Álvaro Dias e Joaquim Roriz. Em setembro de 1995, fundiu-se com o Partido Progressista Reformador (PPR), liderado por Paulo Maluf, e o Partido Republicano Progressista (PRP) para dar origem ao Partido Progressista Brasileiro (PPB). [...] a Convenção Nacional do PPB, buscando inspiração nas transformações políticas internacionais, decide [...] retirar da sigla PPB o “B”, ficando apenas “PP” – Partido Progressista.

O Partido Social Liberal (PSL) [...] defendia menor participação do Estado na economia e direcionamento total dos recursos arrecadados pelo Estado para a saúde, a educação e a segurança.

[...]

Em 2020 Bolsonaro rompeu com o PSL. A crise política entre o Presidente Bolsonaro e líderes do PSL evidenciou uma disputa que afetava a articulação do novo governo federal com os interesses do partido e demais membros do Congresso Nacional (p. 58-59).

Figura 3 - Filiações políticas de Bolsonaro



Fonte: O Globo<sup>15</sup>

<sup>15</sup> Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/pp-republicanos-psl-pl-impoem-resistencias-planos-de-filiacao-de-bolsonaro-1-25124897>. Acesso em: 30 nov. 2023.

Como vimos, os partidos pelos quais Bolsonaro já havia se filiado anteriormente à sua eleição presidencial nos dão indícios de quais são os componentes ideológicos valorizados em sua gestão, com destaque para a religião e a família. Nobre (2022) destaca o papel das forças de segurança, do eleitorado evangélico e do agronegócio como peças-chave para compreender esse novo momento que se consolidou no país, cujas raízes já vinham há muito se delineando.

Mais do que um simples líder antissistema, Bolsonaro se considera o líder de uma revolta conservadora. Ele não busca a assimilação em nível institucional. Ele associa suas posições de extrema direita à defesa de tudo o que é ético e decente identifica o restante – todo o sistema político – com a “esquerda”, ou seja, com tudo o que é corrupto e corrompido na vida social em geral.  
[...]

Foi nesses termos que Bolsonaro exerceu a presidência a partir de 2019. De um lado, como um presidente antiestablishment, conseguiu manter o apoio constante de uma parcela do eleitorado que se manteve fiel a um impulso antissistema. De outro lado, só conseguiu se manter no poder graças a um acordo que devolveu o controle da política ao sistema político, liquidando a mesma Lava Jato que teve papel essencial na sua própria eleição. O governo Bolsonaro foi a extensão do cabo de guerra do período 2015-8 por outros meios (Nobre, 2022, p. 20-21).

Ao falarmos sobre a ascensão desse posicionamento, instiga fazer um recorte a partir das reflexões sobre classes sociais e, mais especificamente, a classe média – tida como o maior exemplo da direita no Brasil. Partimos de Chaui, que traz à classe os aspectos culturais e históricos como constituintes: “Uma classe social não é um *dado* fixo, definido apenas pelas determinações econômicas, mas um *sujeito* social, político, moral e cultural que age, se constitui, interpreta a si mesma e se transforma por meio da luta de classes. Ela é uma *práxis*, um fazer histórico” (Chaui, 2016, p. 19 – grifos da autora).

Pensamos que a classe média, em sua articulação, não se encontra na superestrutura, tampouco na base: “Estando fora do núcleo econômico definidor do capitalismo, a classe média encontra-se também fora do núcleo do poder político: ela não detém o poder do Estado (que pertence à classe dominante), nem o poder social da classe trabalhadora organizada” (Chaui, 2016, p. 19). A autora ainda conclui que “por sua posição no sistema social, a classe média tende a ser fragmentada, raramente encontrando um interesse comum que a unifique”.

Por isso, há interesses e valores muitas vezes dissonantes dentro de um mesmo grupo, o que reflete na falta de consciência de classe, o que leva à alienação de seus iguais em uma luta que deveria unir, não distanciar. Em específico, Chaui fala da classe média brasileira, que possui algumas outras características próprias, junto as demais já mencionadas:

[...] determinada pela estrutura autoritária da sociedade brasileira, marcada pelo predomínio do espaço privado sobre o público e fortemente hierarquizada em todos os seus aspectos: nela, as relações sociais e intersubjetivas são sempre realizadas como relação entre um superior, que manda, e um inferior, que obedece; as diferenças e

assimetrias são sempre transformadas em desigualdades que reforçam a relação mando-obediência, e as desigualdades são naturalizadas. [...] A classe média não só incorpora e propaga ideologicamente as formas autoritárias das relações sociais, como também incorpora e propaga a naturalização e valorização positiva da fragmentação e dispersão socioeconômica, trazidas pela economia neoliberal e defendidas ideologicamente pelo estímulo ao individualismo competitivo agressivo e ao sucesso a qualquer preço por meio da astúcia, para operar com os procedimentos do mercado (Chauí, 2016, p. 20).

Como observamos, alguns valores se mostram caros e constituintes dessa direita presente na classe média brasileira, como o autoritarismo, o neoliberalismo, a competitividade e as hierarquias. Isto, porque, este grupo está em constante embate dentro do próprio grupo, que embora seja desarticulado e fragmentado em seus grupos, como grande grupo – a direita – conseguiu ganhar espaço na política brasileira e se consolidar com seus posicionamentos. Esta ascensão, como dito, está diretamente relacionada com os movimentos políticos anteriores, que implementaram os pensamentos de ódio e combate ao PT. Segundo Boito Jr., três grandes acontecimentos são os responsáveis pela grande ofensiva neoliberal restauradora no país, possibilitando o crescimento da direita:

Primeiro, o ingresso da alta classe média como força social ativa e militante no processo político, por intermédio das grandes manifestações de rua. Segundo, [...] a gradativa deserção da grande burguesia interna da frente neodesenvolvimentista. Ao longo do ano de 2015, diversas associações empresariais que apoiavam os governos do PT foram [...] passando para o campo neoliberal ortodoxo. [...] Terceiro, o recuo passivo do governo Dilma diante da ofensiva restauradora. A frente neodesenvolvimentista entrou em crise e, com ela, o governo que a representava (Boito Jr, 2016, p. 29).

Como pontuado pelo autor, a ascensão da direita se dá na medida que a queda do PT ocorre. Como elementos contrapostos, mas mutuamente constitutivos, e típicos de movimentos políticos polarizadores, a existência de um pressupõe, inevitavelmente, a existência também de outro. Essas assimetrias acontecem porque, em determinados momentos históricos, um ou outro grupo está à frente do governo – a partir da instabilidade do outro. Por isso, os movimentos da esquerda e da direita devem ser vistos em diálogo, pois são um a contraparte do outro.

## **2.4. Arte, mídia e política: as teias que conectam o Facebook**

Gostaríamos de sintetizar nossa visão acerca do entrelaçamento das esferas da arte, da mídia e da política com um trecho retirado da obra de Nunes (2022): “[...] a internet permite a qualquer um publicar qualquer coisa a quase nenhum custo e o despreparo do público para

distinguir fontes confiáveis de suspeitas, e fica claro como o ecossistema comunicacional pós-redes sociais estava à mercê de quem tivesse a estratégia e os recursos para explorá-lo” (p. 84). Nesse contexto, o autor se referia ao reflexo jornalístico da imprensa estadunidense ao tratamento dado à polarização sofrida por Obama.

Contudo, tal pensamento se mostra muito profícuo para o que temos mostrado ao longo desse estudo: os pormenores do uso da internet, em especial, da rede social, uma espécie de espaço individual de cada sujeito que se entrelaça com outros espaços individuais, formando uma coletividade. Esse ecossistema comunicacional não é isolado nem abstrato de lutas de poder nem de disputas sociais, uma vez que se destaca quem é capaz de utilizá-la da melhor forma para atingir seus objetivos – o que não significa utilizar de maneira mais ética ou justa.

A ferramenta utilizada para proliferação das notícias inverídicas a respeito de Dilma no processo que a retirou da presidência foi não somente a grande mídia, mas também os algoritmos e robôs financiados pelas organizações de direita para implantar e proliferar fake news. Uma guerra cibernética na qual os lados opostos (direita e esquerda) começaram a medir forças pelas redes sociais. Confrontos de informações são levados ao alcance social a fim de moldar a opinião pública. Esse tipo de publicação tem como objetivo tornar verdadeiro um ponto de vista ou até mesmo um fato não verídico sobre política, pessoas públicas e instituições. Entre os anos de 2014 e 2018, a atuação das mídias teve grande influência no convencimento público no que se refere à atuação do Governo Lula, à reeleição de Dilma e até ao processo de impeachment. O foco da grande imprensa em dar cobertura massiva aos boatos e indícios de corrupção nos governos do PT, aliado à divulgação de fake news pelas redes sociais, favoreceram o golpe dado pela direita (Almeida, 2021, p. 48-49).

Interessante observar como o processo é complexo entre as tecnologias e os sujeitos que as utilizam, de modo que não podemos simplificar essa relação que se coloca (in)tensamente na sociedade. Não há como falar somente em mídia de um tipo, mas é preciso considerar a convergência entre os grandes conglomerados (rádio, TV e jornais), as novas e as já existentes redes sociais, os canais de informação alternativos, ainda que estejamos considerando mais substancialmente a mídia no que diz respeito às redes sociais, em especial, o Facebook:

O Facebook se tornou então o principal meio para a proliferação das discussões políticas. Nele, os 59 milhões de usuários diários brasileiros se polarizaram em redes que proliferavam ideologia política. A liberdade de expressão e a homofilia natural gerada pelo ambiente das redes do Facebook desenvolveram grupos ideológicos com liberdade para se expressarem e se radicalizarem, conforme se sentiam seduzidos em seu poder de massa em redes (Brugnano; Chaia, 2014/2015, p. 102).

Por isso, ao fazerem o uso das redes, devemos compreender que há uma vontade de dizer, discursivamente, por parte dos sujeitos, e que isso reinventa não só a relação entre os próprios sujeitos, como também a dos sujeitos com essas redes, transformando-as em sua própria estrutura. Isso significa dizer que, em certa medida, desde o início do uso social e

coletivo das redes, os usuários têm suas demandas atendidas na estrutura física do site ou aplicativo para que o processo seja tecnologicamente favorável aos sujeitos:

Por um lado, todas as tecnologias de que dispomos, as de comunicação digital inclusive, são produtos de nossas próprias intenções e propósitos. Por outro, os modos como nos apropriamos delas, os usos que fazemos, reinventam constantemente suas características. Conforme algumas possibilidades são exploradas e outras caem no esquecimento, recriam-se os limites e potenciais da comunicação mediada por computador. Assim, não é suficiente falar em ‘redes sociais na Internet’ levando em conta apenas os fatores estritamente tecnológicos da questão, ou seja, esquecendo as pessoas que interagem umas com as outras para concentrar-se sobre a mediação tecnológica. [...] As peculiaridades da sociabilidade mediada se instituem na intersecção entre os aspectos humanos e os tecnológicos [...] (Recuero, 2009, p. 12-13).

A partir da reflexão feita por Fujisawa (2015), baseada em Santaella (2011; 2013) e Lemos (2002), a autora diz que, diferente da cultura de massa, as duas últimas gerações tecnológicas, a do acesso e a da conexão contínua, possuem maior liberdade de expressão do que na época das tecnologias do reproduzível e da difusão (como as mídias tradicionais), o que permite que os sujeitos que acessam as duas últimas gerações tecnológicas produzam e publiquem suas opiniões nas redes, com acesso imediato à uma rede de contatos, podendo tomar, por conseguinte, maiores proporções:

Assim, através dessas tecnologias, recentes ou mais antigas, presentes na atualidade, estão disponíveis conteúdos diversos, produzidos por corporações ou por pessoas, com éticas e mentalidades diferentes e que podem ser consumidos por diversos públicos, fiéis ou migratórios, cujas buscas e seleções individuais são feitas de maneira fragmentada (Fujisawa, 2015, p. 16).

Nesse momento, é de extrema importância trazermos Byung-Chul Han, pensador contemporâneo que discorre sobre questões que nos são caras, como a infocracia e o enxame digital. Em *Infocracia* (2022), o autor pontua que produzir informação na era das mídias de massa era altamente custoso, um canal de notícias, então, extremamente trabalhoso. Dessa forma, era difícil que existisse uma infraestrutura como a atual, em que há facilidade para a produção massiva de informação e, como destaca, de *fake news*.

Hoje, qualquer um que tenha acesso à internet pode construir seu próprio canal de informação. A tecnologia digital da informação é capaz de baixar os custos de informação quase a zero. Com pouco esforço, é possível de modo rápido e sem custos criar uma conta no Twitter ou um canal no YouTube. (Han, 2022, p. 40-41).

De acordo com notícia publicada pelo Serviço Federal de Processamento de Dados (Serpro), eleitores e internautas possuem uma atividade semelhante nas redes sociais, visto que

os números são muitos próximos. Observemos que as redes sociais são utilizadas como fonte de informação (não significa que sejam a única), sendo que metade dos eleitores mantém seu perfil ativo e, de alguma forma, participa dessa circulação e recepção social de *posts* em redes sociais:

Figura 4 - Internautas e eleitores



Fonte: Serpro (imagem divulgação)

As discussões feitas por Lévy acerca do virtual e da cibercultura nos são muito caras, uma vez que a forma com a qual concebe as relações em rede se aproxima de uma perspectiva dialógica da linguagem: “A virtualização atinge mesmo as modalidades do estar junto, a constituição do ‘nós’: comunidades virtuais, empresas virtuais, democracia virtual...” (Lévy, 1996, p. 11). Destacamos, nas palavras do autor, a constituição de um “nós” que é modificada por meio de um processo ocorrido virtualmente – tal como vimos investigando sob a premissa da constituição de signos ideológicos e como os sujeitos, virtualmente, se comunicam por meio deles.

Conforme vimos considerando, a virtualidade não é um sinônimo de irrealidade, mas sim, de outra possibilidade do real. Ou seja, o que ocorre em ambiente digital e nas interações *online* não são menos verdadeiras do que as que ocorrem *offline*, fora das telas e das redes. A esse tipo de pensamento entre o real e o virtual, Lévy (1996, p. 16) diz que é uma oposição fácil e enganosa:



[...] Em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes. [...] Contrariamente ao possível, estático e já constituído, o virtual é como o complexo problemático, o nó de tendências ou de forças que acompanha uma situação, um acontecimento, um objeto ou uma entidade qualquer, e que chama um processo de resolução: a atualização (Lévy, 1996, p. 16).

Para o autor, é a virtualização que amplia os espaços e as temporalidades, tornando-os variáveis. Fala-se, então, de um desprendimento do aqui e do agora,

Quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam “não-presentes”, se desterritorializam. Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário. É verdade que não são totalmente independentes do espaço-tempo de referência, uma vez que devem sempre se inserir em suportes físicos e se atualizar aqui ou alhures, agora ou mais tarde (Lévy, 1996, p. 21).

As redes sociais, em geral, já fazem parte constitutiva da rotina de muitos sujeitos, não há como negar – é um fato. Por se constituírem como espaços virtuais, permitem que diferentes formatos de comunicação aconteçam, expandido, viralizando, inflando determinados temas e assuntos. Esse desprendimento espaço-temporal é o que faz com que essas interações *online* gerem tipos novos e diferentes de relações sociais, tanto em relação a si mesmo como com o outro (o outro = sujeito, o outro = mundo).

Essas interações, ou conexões em rede, ganham contornos e formatos específicos, que podem durar segundos ou dias, visto que esse espaço-tempo do *smartphone*, do *tablet* ou do *notebook*, de rolar o dedo pelos sites, perfis e *links*, faz com que o sujeito acesse diferentes localidades, pessoas, culturas, histórias, sociedades sem que, para isso, precise sair da frente de própria sua tela.

Com aproximadamente 2,96 bilhões de usuários ativos mensais no quarto trimestre de 2022, o Facebook é a rede social *online* mais usada em todo o mundo, sendo que cerca de 150,12 milhões são perfis brasileiros. Segundo especialistas da empresa Statista<sup>16</sup>, o Brasil foi a maior base de usuários do Facebook na América Latina em 2022, seguido por México, Colômbia e Argentina, de modo que os brasileiros passam mais tempo nas redes sociais do que qualquer outra população do Hemisfério Ocidental. Apontam também que é por meio do Facebook que os brasileiros buscam conhecer mais sobre o mundo e se manter em contato, haja visto que cerca de metade dos adultos da rede social a utiliza como fonte de notícias.

<sup>16</sup> Dados traduzidos da Statista: DIXON, S. Number of monthly active Facebook users worldwide as of 4th quarter 2022 (in millions). *Statista*. 13 fev. 2023. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/264810/number-of-monthly-active-facebook-users-worldwide/>. Acesso em: 21 mar. 2023. BIANCHI, T. Number of Facebook users in Brazil from 2018 to 2027 (in millions). *Statista*. 13 fev. 2023. Disponível em: <https://www.statista.com/statistics/244936/number-of-facebook-users-in-brazil/>. Acesso em: 21 mar. 2023.

A rede social permite que os usuários criem perfis pessoais, conectem-se com outras pessoas, compartilhem conteúdo, participem de grupos e eventos e se comuniquem por meio de mensagens particulares ou públicas. Lançado em 2004 por Mark Zuckerberg, o Facebook se tornou uma das maiores e mais populares do mundo, com bilhões de usuários ativos. A plataforma é conhecida por sua interface intuitiva e recursos de compartilhamento de conteúdo, incluindo texto, imagens e vídeos.

David Kirkpatrick, autor de *O efeito Facebook* (2011), é um jornalista que acompanhou o desenvolvimento do Facebook desde sua criação. Um dos pontos defendidos pelo autor é a forma como essa rede social transformou o contato entre os sujeitos, principalmente pelo formato de *feed* de notícias implementado desde seu início, quando ainda era o Thefacebook, em 2004.

Sendo uma forma de comunicação fundamentalmente nova, o Facebook também produz efeitos interpessoais e sociais fundamentalmente novos. O Efeito Facebook acontece quando a rede social põe as pessoas em contato umas com as outras, às vezes de forma inesperada, em torno de algo que tenham em comum: uma experiência, um interesse, um problema ou uma causa. Isso pode acontecer em pequena ou grande escala – desde um grupo de dois ou três amigos ou uma família até milhões, como na Colômbia. O software do Facebook imprime uma característica viral à informação. As ideias no Facebook têm a capacidade de se espalhar pelos grupos e fazer com que um grande número de pessoas tome conhecimento de algo quase simultaneamente, propagando-se de uma pessoa para outra e para muitas com uma facilidade rara – como um vírus, ou meme (Kirkpatrick, 2011, p. 15-16).

O ponto que mais nos interessa é o de que o Facebook tem uma relação significativa com a política, tanto na maneira como os usuários interagem com o conteúdo quanto na forma como a plataforma impacta as eleições. Por isso, foi o suporte por nós escolhido para observar as interações brasileiras em dois momentos de tensões de nossa democracia. Primeiramente, defendemos o uso dessa rede social para analisar as questões que se colocam não só por seu formato possibilitar, como também intensificar, a prática de discussões partidárias, em que os debates e os pronunciamentos oficiais das figuras políticas, em mídias jornalísticas e televisivas, por exemplo, repercutiam em formatos de *posts*: memes, charges, fotomontagem etc.

Da mesma forma, o Efeito Facebook tem implicações potencialmente profundas para a mídia. No Facebook, todos podem ser editores, criadores de conteúdo, produtores e distribuidores. Os clássicos papéis da velha mídia estão sendo desempenhados por todos. O Efeito Facebook pode criar uma repentina convergência de interesses em torno de uma notícia, uma música ou um vídeo do YouTube (Kirkpatrick, 2011, p. 17).

Nesse sentido, percebemos como há um tipo de função autoral nas redes sociais (embora não seja uma discussão que adentraremos), o que justamente auxilia na proliferação de

conteúdos, no aspecto inflado de discussões, visto que os sujeitos em rede detêm certa autonomia para circular suas produções – recheadas de posicionamentos e opiniões. Outro aspecto decisivo para a escolha diz respeito ao rastreamento das informações.

Recuero (2009) fala que somente podemos observar as interações graças à manutenção dos rastros sociais, ou seja, os sujeitos, ao utilizarem a rede social, deixam “marcas” que não se perdem facilmente com o tempo, mas ficam datadas (documentadas), salvo os casos de exclusão manual do conteúdo da página ou do perfil. Com isso, podemos recuperá-los mediante alguns mecanismos de busca, sendo a manual a mais utilizada neste estudo, dado nossos objetivos. Nesse sentido, Frigo (2017) analisa a eleição de 2014 no Facebook e conclui que:

[...] Entre todas as redes sociais, disponíveis em 2014, foi o Facebook que permitiu uma maior possibilidade de debates pela existência de grupos e páginas dedicadas ao assunto e por isso se tornou o principal meio para a proliferação e o desenvolvimento do posicionamento e das discussões políticas. Dentro dessa nova esfera pública criada pelo Facebook, em meados de 2014, aproximadamente 59 milhões de brasileiros faziam parte da rede social e desse montante, boa parte se polarizaram em grupos e páginas que proliferavam ideologias políticas partidárias (Frigo, 2017, p. 38).

Essas páginas, como citadas pelo autor, são uma importante fonte de pesquisa destes momentos políticos por nós estudados, pois reúnem diferentes publicações que nos dão um panorama geral de como se posicionavam os sujeitos *online* a respeito dos acontecimentos no país. Especificamente sobre o formato de publicação de memes (mas, aqui, podemos entender também como a charge ou a fotomontagem, pois seguem a mesma lógica de produção), Frigo (2017) diz que são

[...] excelentes indicadores eleitorais, eles dinamizam e dimensionam a opinião pública a respeito de um dado candidato, partido ou uma proposta específica. Funcionando como comentários situacionais, escárnio ou manifestação de apoio explícito, os memes são capazes de descortinar de forma bastante evidente o comportamento das massas em um cenário eleitoral (Frigo, 2017, p. 29).

Fujisawa (2015), partindo das reflexões de Recuero (2009), fala sobre a existência de laços fortes e do investimento nas relações que gera manutenção da coletividade, a partir do tempo e da constância na comunicação. Com isso, podemos pensar no modo como os *posts* são feitos de maneira massiva, em determinadas épocas políticas e que, geralmente, são abandonados posteriormente (os perfis não são mais atualizados, contudo, são ricamente alimentados durante o período político aos quais se referem).

Em termos de popularidade, a audiência está diretamente relacionada, isto é, o número de curtidas, comentários e compartilhamentos é um fator que influencia na forma pela qual o conteúdo é consumido, como diz a autora: “um nó mais centralizado na rede é mais popular,

porque há mais pessoas conectadas a ele e, por conseguinte, esse nó poderá ter uma capacidade de influência mais forte que outros nós na mesma rede” (Recuero, 2009, p. 111). Dito isso, justificamos nossa escolha em utilizar (quando possível) as páginas com maior audiência, mesmo que exista, nos resultados de busca relacionados, dezenas de páginas sobre o mesmo tópico.

Por fim, embora tenhamos falado do Facebook, por ser parte de nosso *corpus*, apontamos que o formato das redes sociais atuais permite e propicia essa circulação de informações em larga escala, em contraste com os conglomerados de mídias tradicionais, como vimos anteriormente. Contudo, não deixemos de considerar que, também nas mídias *online*, há concentrações de poder e um monopólio digital, que representam as grandes plataformas e uma mercantilização de dados pessoais de usuários. Portanto, acreditamos que ao falar de mídias (tradicionais e digitais), estamos diante de duas expressões distintas de uma mesma história.

Antigamente, a difusão de informações em larga escala era privilégio da mídia eletrônica – rádio e televisão. Mas o Efeito Facebook – em casos como os da Colômbia ou do Irã – significa que pessoas comuns estão originando a transmissão em broadcast. Não é preciso saber nada de especial nem ter nenhuma habilidade específica. O Twitter é outro serviço, com um número mais limitado de funções, que também pode possibilitar a qualquer indivíduo fazer poderosas transmissões pela internet. E também tem tido um impacto político significativo. Tudo isso pode ser uma força construtiva ou destrutiva. O Facebook está dando a indivíduos em sociedades de todo o mundo mais poder em relação às instituições sociais, e isso pode levar a mudanças muito perturbadoras. Em algumas sociedades, pode desestabilizar instituições que muitos de nós preferiríamos que continuassem como estão. Mas o Facebook também contém a promessa – como está começando a ser demonstrado no Egito, na Síria, na Indonésia e em outros lugares – de desafiar antigas instituições e práticas estatais repressivas. O Facebook torna mais fácil a organização das pessoas (Kirkpatrick, 2011, p. 16).

Nesse sentido, o Facebook atua como um canal para a divulgação de informações políticas, bem como para o engajamento dos eleitores. Muitos políticos utilizam a rede social para compartilhar informações sobre suas campanhas e propostas, mobilizar seus apoiadores e engajar os eleitores em debates políticos (como mostramos no uso feito por Bolsonaro na eleição de 2018).

Entretanto, para além desse uso, o que nos interessa é o uso feito por sujeitos em rede, com vias de estabelecimento de conexões com outros sujeitos que, muitas vezes, ao compartilharem algum conteúdo de cunho político em suas páginas ou perfis pessoais, podem impactar significativamente na forma como outros sujeitos compreendem as questões políticas brasileiras, sobretudo.

Embora não seja nosso objetivo discutir a relação entre *fake news* e rede sociais, relembremos que o Facebook já foi alvo de crítica por disseminar desinformação durante as eleições. Inclusive, não só no Brasil, mas em vários países, como a eleição presidencial dos

Estados Unidos em 2016, com evidências de que a plataforma foi utilizada para espalhar informações falsas e desinformação por meio de anúncios pagos e conteúdo orgânico – o famoso caso da Cambridge Analytica<sup>17</sup>.

A questão, como pontuado acerca das mídias tradicionais de rádio, televisão e jornal, é que a desinformação (como um recurso) é projetada para influenciar a opinião pública e conduzir tendenciosamente o resultado das eleições.

Como podemos notar, o Facebook tem uma relação complexa com a política, visto que ao mesmo tempo é uma ferramenta importante para o engajamento de eleitores, mas também possibilita que desinformação seja espalhada e interfira nas eleições (embora tenha adotado, posterior às eleições de 2018, o recurso de sinalizar *posts* que contenham informação falsa). Ainda que seu formato tenha se alterado ao longo dos anos, a interação e a conexão entre os sujeitos em rede continuam em foco, ainda mais no que tange às páginas, a forma mais prática de acessar esses conteúdos e essas informações.

---

<sup>17</sup> CANO, Rosa Jiménez. Facebook, Twitter e Google se envolveram na campanha de Trump. *El País*. 9 out. 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/09/internacional/1507524039\\_928191.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/10/09/internacional/1507524039_928191.html). Acesso em: 15 ago. 2023.

### 3. Atualize o *feed*: a filosofia da linguagem do Círculo na tela

Em consonância com nosso objetivo de analisar a constituição sónica de “bolsominions” e “petralhas”, valemo-nos de uma reflexão teórica a fim de explicitar a importância das categorias mobilizadas ao longo do estudo. Para fins estritamente didáticos, separamos um espaço para que cada um seja discutido de forma específica. Contudo, reforçamos a importância de considerá-los em interação uns com os outros, tal como proposto pelos pensadores do Círculo, a fim de que sejam compreendidos tal como foram formulados – em diálogo.

Se um discurso não pode ser entendido fora do fluxo expressivo da linguagem, assim também ocorre com uma determinada categoria teórica que se relaciona a outras para que possamos entender a complexidade do pensamento do Círculo. De maneira análoga, uma categoria não se inicia tampouco se encerra em uma mesma obra. Ao contrário, ela é constantemente recuperada e citada ao longo dos estudos e, também, dos pensadores. Ainda, com visões e perspectivas que se alteram e evoluem entre si – afinal, falamos de produção de conhecimento, não sendo possível concebê-lo como pronto nem acabado. Assim, recorreremos a uma ou outra obra do Círculo conforme for necessário durante a discussão, a fim de mostrar a dialogicidade do pensamento.

Embora as categorias teóricas apareçam uma após outra, enfatizamos que elas não são hierarquizadas tampouco sobrepostas, visto que são a partir delas que conseguimos refletir acerca do imbricamento entre arte e vida. Os sujeitos de linguagem são constituídos e se constituem internacionalmente, e é por meio deles que conseguimos acessar as diferentes vozes sociais que refletem e refratam o que é ser bolsominion e/ou petralha, tanto apreciativa quanto depreciativamente relacionado à política brasileira da última década.

Nossa principal fonte de leitura é do Círculo Bakhtin Medviédev Volóchinov, em especial, nas obras *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017), *Problemas da poética de Dostoiévski* (2018), *Estética da criação verbal* (2011), *Para uma filosofia do ato responsável* (2010), *Questões de literatura e de estética* (2014), *Método formal nos estudos literários* (2012) e *A palavra na vida e a palavra na poesia* (2019). Ainda, consultamos e utilizamos como apoio estudos de pesquisadoras e pesquisadores da área, pois nos ajudam a refletir as questões da linguagem a partir do Círculo, com objetos e questões atuais.

Por fim, consideramos importante ressaltar o trabalho que vem sendo feito na última década acerca das traduções das obras do Círculo diretas da língua russa. Novas traduções são uma forma de revisitar os estudos com os quais temos tido contato na área da análise dialógica

do discurso, por isso é de suma importância uma leitura que contemple aspectos da língua e da cultura de produção desses escritos, que, quando pertinentes à nossa proposta, serão trazidos à baila.

### 3.1 Palavra: o fenômeno (signo) ideológico *par excellence*

Iniciamos essa complexa discussão marcando nossa base teórica acerca das leituras que fizemos. Falar de língua e linguagem não é uma tarefa simples, seja na perspectiva estruturalista, gerativista ou discursiva; contudo, acreditamos ser necessário pontuar algumas de nossas leituras, visto que elas nos colocam em um paradigma ou em outro.

Desse modo, trazemos o verbete “palavra”, presente no glossário da obra *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017), feito por Sheila Grillo e Ekaterina Volkóva pois acreditamos que ele sintetiza (e não simplifica) a discussão que se segue: de significado amplo, a palavra compreende desde a unidade lexical, a linguagem, o enunciado e o discurso. Assim como a palavra é considerada uma ponte entre o falante e o interlocutor, ela também engloba a linguagem verbal (mas não somente) e está presente em todas as esferas da criação ideológica. *A palavra é o fenômeno ideológico par excellence* (Volóchinov, 2017, p. 98).

Por isso, ao longo deste estudo, temos tratado, por vezes, linguagem, língua, palavra, enunciado, discurso e relações dialógicas não como se fossem uma mesma categoria (língua = enunciado, por exemplo), mas dentro de uma mesma noção englobante, que se esbarram e se constituem mutuamente. Por convenção, demos o título de “palavra” a este subtópico, e tocaremos, em maior ou menor medida, em todos esses aspectos que são trazidos juntos à discussão. Dialoguemos, então, com quem fala sobre.

Volóchinov encerra a primeira parte do ensaio “Estilística do discurso literário I: O que é a linguagem/língua?” (2019a) com a seguinte ideia: “[...] a linguagem não é uma dádiva divina ou da natureza. Ela é *produto da atividade coletiva humana, e todos os seus elementos refletem a organização tanto econômica quanto sociopolítica da sociedade que a gerou*” (p. 248). Em síntese, o autor russo discutiu, anteriormente, sobre o papel desempenhado pela organização social do trabalho para o surgimento e o desenvolvimento da linguagem e da língua. Assim, paralela à troca de grupos humanos, ocorreu o cruzamento de elementos linguísticos, diferentes em cada grupo humano. Houve o enriquecimento do vocabulário pelo cruzamento e surgimento de palavras, seguido do desenvolvimento da fala com combinação de palavras em frases.

“Cruzamentos” e “trocas” nos mostram como a existência humana não é só biológica, mas social – pautada na existência de um outro, seja sujeito ou grupo de pessoas. Adiante,

Volóchinov pontua que a língua(gem) é produto da vida social e, desse modo, desempenha importante papel em seu desenvolvimento e sua organização.

Ainda, ao falar sobre a necessidade de as pessoas entenderem umas às outras, Volóchinov aponta que a linguagem dos gestos e da expressão facial já cumpriu com essa tarefa, considerado um dos meios mais antigo da comunicação humana. Assim, ela contribuiu não só para a organização do trabalho, mas para a organização de uma consciência social, uma vez que a psique humana precisou associar o sentido atribuído aos gestos de uma pessoa por uma outra pessoa. Isso era necessário para que se estabelecesse uma relação entre o objeto ou o acontecimento no lugar do qual ele foi usado, criando, assim, um ambiente comum para ouvinte e falante: “[...] o homem deve compreender esse movimento como dotado de certa significação, ou seja, compreendê-lo como um signo que expressa algo” (Volóchinov, 2019a, p. 249).

Tornando-se estável, e não mais ocasional e passageiro, esse signo entra no horizonte de um grupo social e se transforma em um valor social. O autor aponta para as claras mudanças pelas quais esse signo passará, dadas as alterações da organização social e da economia, pautadas pela exterioridade e interioridade dele. Percebemos como o movimento é dialógico, não é só um ou só outro, mas os dois ao mesmo tempo e, só assim, ele cria a condição necessária para a comunicação discursiva, que é a compreensão do signo e a resposta a ele. O diálogo. (Volóchinov, 2019a).

Vejamos como a discussão de Volóchinov é voltada para o signo gestual como o organizador do pensamento social de uma certa época (ele aponta que posteriormente aparecerá o verbal), o que nos evidencia o aspecto verbivocovisual da linguagem, que não se limita a um outro aspecto, mas está presente de igual modo em todas as dimensões da comunicação humana. Por isso defendemos e coadunamos com essa leitura dos estudos do Círculo, desenvolvida mais especificamente, como já dissemos, em outros trabalhos do grupo de pesquisa (GED-UNESP/Assis e Araraquara), mas que não poderíamos deixar de pontuar, dado o avançar da discussão.

Volóchinov conclui o ensaio ainda nos mostrando esse caráter verbivocovisual da linguagem (embora não use a terminologia): “Com a ajuda da linguagem/língua, criam-se e formam-se os sistemas ideológicos (a ciência, a arte, a moral, o direito), e ao mesmo tempo a língua cria e forma a consciência do homem” (2019a, p. 264). Ainda, achamos importante complementar essa ideia, visto que “[...] é óbvio que sem a ajuda da palavra não teriam surgido a ciência, a literatura etc., em suma, nenhuma cultura poderia ter existido se a humanidade tivesse sido privada da possibilidade de comunicação social, *cuja forma materializada é a nossa língua*” (Volóchinov, 2019a, p. 251).



Nessa via de pensamento, dada a própria concepção teórica do Círculo, não conseguimos refletir acerca da palavra sem considerá-la enquanto um signo “neutro” (esvaziado de carga ideológica) que pode ser preenchido por qualquer conteúdo ideológico, a depender de quem, quando, onde e por que a utiliza. Por isso, para avançar em nossa discussão acerca do que é essa palavra em sentido amplo, como língua/linguagem, discorreremos acerca das ideias de Volóchinov em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017), obra fundamental em que o autor propõe o método sociológico.

Volóchinov diz que “[...] a compreensão de um signo ocorre na relação deste com outros signos já conhecidos”, de forma que a compreensão é única e ininterrupta. Assim, segundo o autor, “essa cadeia ideológica se estende entre as consciências individuais, unindo-a, pois o signo surge apenas no processo de interação *entre* consciências individuais” (2017, p. 95, grifo do autor). Por isso, elencamos *posts* de páginas de Facebook com posturas e ideais políticos diferentes, enquanto um *corpus* discursivo, como forma de analisar este embate, tenso, de vozes sociais. Esses, por sua vez, ocorrem porque a própria língua os possibilita, por ser viva, propiciando um ambiente para o entrecruzamento de valores.

Nesse sentido, a fim de reforçar a discussão, trazemos algumas considerações de Pável Medviédev acerca do caráter concreto e material do mundo ideológico, presente em *O método formal nos estudos literários* (2012). Ao falar sobre eles, o autor pontua que esses objetos são parte da realidade que circunda a existência do homem, de modo que um produto ideológico não se realizada exteriormente a algum material elaborado:

As concepções de mundo, as crenças, e mesmo os instáveis estados de espírito ideológicos também não existem no interior, nas cabeças, nas “almas” das pessoas. Eles tornam-se realidade ideológica somente quando realizados nas palavras, nas ações, na roupa, nas maneiras, nas organizações das pessoas e dos objetos, em uma palavra, em algum material, em forma de um signo determinado. Por meio desse material, eles tornam-se parte da realidade que circunda o homem (p. 48-49).

Atesta-se, desse modo, que as valorações são decorrentes das comunicações sociais, das trocas entre sujeitos, de modo que o homem individual e isolado não cria ideologia, embora seja constitutivamente parte dessa comunicação. É o social que nos interessa, pois, por meio dele (a realização), podemos compreender os sentidos presentes nas palavras, nos objetos, nas roupas e em diferentes outros tipos de materiais ideológicos: signos. Por isso, o pensador russo mostra que cada produto ideológico é uma parte da realidade social e material, um momento do horizonte ideológico materializado.

Interessa-nos, então, pensar a linguagem ligada ao social pela forma como ela revela as valorações nos enunciados, uma vez que não há nem pode haver enunciados neutros, pois a

ideologia está presente em toda e qualquer manifestação enunciativa, podendo ser expressa pela cor, pelo lexema, pelo som, pelo movimento e assim sucessivamente, porque é o signo que carrega o conteúdo ideológico, do qual nós, enquanto sujeitos ativos no mundo, nos apercebemos e construímos significações e relações de sentido. A linguagem não considera a neutralidade tampouco a objetividade, não há uma leitura “correta” ou “errada” de algum fenômeno da linguagem, mas há possibilidades de compreensão a partir do material e do conteúdo que o enunciado nos apresenta.

Não podemos, portanto, ignorar as vozes que atuam como um elo entre as valorações e o momento sócio-histórico, tampouco tirá-las de sua perspectiva dialógica, o que as mantém vivas. A relação entre as esferas da arte, da mídia e da política, passa a ser, portanto, uma forma (dentre tantas outras possíveis) para compreender a constituição dos signos ideológicos e a estratégia política que surge mediante o movimento dialético-dialógico da linguagem.

### **3.2 Sujeito: o eu-outro em inter-ação**

A obra *O freudismo* (2017), assinada por Mikhail Bakhtin e de autoria de Valentin Volochínov, distingue-se do conjunto de obras do Círculo pela temática e pelo objeto de estudo. Contudo, ela aponta para o núcleo central do pensamento dos estudiosos russos, ao trazer o método dialógico, que tira a discussão de um objeto específico de uma especificidade fechada para interagir e se relacionar com um universo amplo de valores, vozes e conceitos (Bezerra, 2017). Em ênfase, está o pensamento de que a ideologia condiciona o comportamento social e é a classe o fator determinante das formas de pensar e de agir. Assim, o sujeito e a consciência se mostram um produtivo caminho para pensar o agir do homem, os atos dos sujeitos, no mundo das ideologias.

Nesse sentido, o pensador russo desenvolve sua teoria do convívio social que, aqui, é o que nos interessa apontar para discutir o que elencamos como a categoria teórica de “sujeito”. Nas palavras de Bezerra, que abrem *O freudismo*, a ênfase dessa teoria recai no ser social como fonte do discurso, por isso há um outro que completa e interage com o eu falante – sem esse convívio social, há o isolamento mudo. É justamente essa dinâmica entre eu-outro que nos interessa para compreender “bolsominions” e “petralhas” como sujeitos do discurso. No ensaio “Do outro lado do social: sobre o freudismo” (2019b), Volóchinov aborda o nascimento biológico e o nascimento social, os quais acreditamos exemplificar a visão do que é ser sujeito:

Uma pessoa isolada, agindo em nome próprio, por sua conta e risco, não pode de modo algum ter relação com a história. Somente como parte do todo social, na sua classe e por meio da sua classe, a pessoa torna-se historicamente real e ativa. Para entrar na história não é suficiente o nascer físico – assim nasce um animal, mas ele não entra para a história –, é preciso uma espécie de segundo nascimento, social [...] (p. 60-61).

Nesse fragmento, o pensador russo nos contempla com uma imagem de que não nascemos como um mero organismo biológico abstrato, mas como um camponês ou um latifundiário, um proletário ou um burguês, no ano de 1800 ou de 1900. Em nossas palavras, podemos dizer que nasce um *baby boomer*, geração X, Y ou Z. Dentre tantas outras características que podem classificar uma nova vida, e todas são, sobretudo, acerca do aspecto social, histórico e cultural, não só do biológico – embora haja sua importância.

Interessa-nos justamente esse nascimento social porque ele é o que nos permite refletir acerca de um sujeito, e não só de uma pessoa-ser-humano. Como diz Volóchinov, “[...] somente então começa a história, bem como a ideologia” (2019b, p. 61). Isso porque somente o biológico e o organismo isolado não são suficientes para o ato do ser humano íntegro e sua construção ideológica. É preciso considerar o lugar social ocupado por esse organismo humano particular: o sujeito. Trazemos, nas próprias palavras de Volóchinov (2019a), um exemplo de como a refração ideológica coloca o sujeito no mundo:

[...] O homem não pode falar nenhuma palavra se permanecer simplesmente um homem, um indivíduo da natureza (biológico), uma espécie de bípede do reino animal. A mais simples expressão de fome – “Quero comer” – pode ser falada (expressa) somente em uma determinada língua (mesmo que ela seja linear, ou manual), e será falada com determinada entonação e gesticulação. Entretanto, por meio disso nossa expressão elementar da necessidade fisiológica e natural inevitavelmente obterá um colorido sociológico e histórico: da época, do meio social, da posição de classe do falante e daquele ambiente real e concreto no qual ocorre o enunciado (p. 255).

Utilizando-se do exemplo da fome, Volóchinov aponta que são multiformes e diversas as formas verbais empregadas pelas pessoas, marcadas, por sua vez, pela posição social e histórica desse organismo falante – sujeito. Não só para Volóchinov, mas para o Círculo, o sujeito é um ser social e histórico que se constrói na interação com outros sujeitos e com o mundo. A linguagem é o principal meio pelo qual eles se relacionam, pautados na alteridade e nos processos de individualidade. Em *O freudismo* (2017), Volóchinov<sup>18</sup> discute justamente como o meio social é o responsável pelo comportamento humano, de modo que uma expressão

---

<sup>18</sup> “Valentin Volóchinov (1895-1936) foi um dos principais integrantes do Círculo de Bakhtin e autor dos livros *O freudismo* (1927) e *Marxismo e filosofia da linguagem* (1929), obras por vezes atribuídas ao próprio Bakhtin.” (Editora 34, s/d). Disponível em: <https://www.editora34.com.br/areas.asp?autor=Vol%F3chinov,%20Valentin>. Acesso em: 28 ago. 2023.

verbal do sujeito não é tomada isoladamente: “o meio social deu ao homem as palavras e as uniu a determinados significados e apreciações” (p. 86).

Dito isso, o pensador russo aponta que há laços sociais mais amplos, longos e sólidos, em que as formas do discurso interior e exterior se organizam em forma e conteúdo, em acervo de avaliações e pontos de vista, e por meio do qual os sujeitos olham para si mesmos e para os outros, para seus atos, desejos, sentimentos e sensações (Bakhtin [Volóchinov], 2017).

Nunca chegaremos às raízes verdadeiras e essenciais de uma enunciação singular se as procurarmos apenas nos limites de um organismo individual singular, mesmo quando tal enunciação concernir aos aspectos pelo visto mais pessoais e íntimos da vida de um homem. Toda motivação do comportamento de um indivíduo, toda tomada de consciência de si mesmo (porque a autoconsciência sempre é verbal, sempre consiste em encontrar um determinado complexo verbal) é a colocação de si mesmo sob determinada norma social, é, por assim dizer, a socialização de si mesmo e do seu ato. Ao tomar consciência de mim mesmo, eu tento como que olhar para mim pelos olhos de outra pessoa, de outro representante do meu grupo social, de minha classe (Bakhtin [Volóchinov], p. 86-87).

Visto como um ser ativo, o sujeito produz e interpreta discursos, e está constantemente envolvido em relações dialógicas, desde as cotidianas até as grandes discussões políticas e culturais que moldam a sociedade. Dessa forma, o sujeito não é visto como algo estático ou isolado, mas sim como um ser em constante transformação inserido em um contexto social e histórico específico. É nesse sentido que o sujeito não tem alibi na existência, visto que está em constante processo de construção e transformação de seus atos no evento único do existir – dessa forma, ele não pode se isentar de sua responsabilidade, nada é obra do acaso ou do destino, mas consequência de sua própria ação, conforme vemos nas palavras de Bakhtin, em *Para uma filosofia do ato responsável* (2010).

No ato responsável, vislumbramos os eixos de valor entre o eu e o outro, o princípio arquitetônico supremo, que justamente se constituem a partir do não-alibi no evento do existir assumida pelos sujeitos. O posicionamento ético do sujeito, relativo à ação e à ocupação de seu lugar no mundo, que não pode ser ocupado por nenhum outro sujeito, só é possível ser ocupado pela relação-interação valorativa com outros sujeitos:

Cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu; é um dos atos de que se compõe a minha vida singular inteira como agir ininterrupto, porque a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir (Bakhtin, 2010, p. 44).

A responsabilidade é contínua, não se finda nem se interrompe, pois é próprio do existir do sujeito – complexo, (in)tenso – que não envolve somente ele, embora singular, mas todo um

conjunto de outras ações coletivas que o situam no mundo. A responsabilidade, o ato e a alteridade situam o sujeito no plano do existir, colocando-o não sob a égide da passividade, mas da coparticipação ativa. Não falamos nem pensamos somente no biológico, mas no social e em suas inúmeras relações. Dito de outra forma, é o ato responsável que coloca o sujeito em situação de obrigação ética com a existência, visto que sua assinatura reconhece e subscreve tal obrigação, uma vez que o ato responsável é o ato ético (Bakhtin, 2010).

[...] eu também sou participante no existir de modo singular e irrepitível, e eu ocupo no existir singular um lugar único, irrepitível e insubstituível e impenetrável da parte de um outro. Neste preciso ponto singular no qual agora me encontro, nenhuma outra pessoa jamais esteve no tempo singular e no espaço singular de um existir único (p. 96).

Bakhtin afirma que tudo o que é feito por um sujeito só é capaz de ser feito por ele mesmo, não por um outro, dada a singularidade do existir, obrigatória e única a cada um, no dever concreto e singular do ato – é assim que cada sujeito age e ocupa seu lugar no mundo, ativa e responsavelmente. No ensejo dessa discussão do sujeito como resultado de seu tempo-espaço, contemplado pela responsabilidade do evento único do existir, relacionamos a palavra aos aspectos emotivo-volitivos:

Analogamente também a palavra viva, a palavra plena, não tem a ver com o objeto inteiramente dado: pelo simples fato de que eu comecei a falar dele, já entrei em uma relação que não é indiferente, mas interessado-afetiva, e por isso a palavra não somente denota um objeto como de algum modo presente, mas expressa também com a sua entonação (uma palavra realmente pronunciada não pode evitar de ser entoada, a entonação é inerente ao fato mesmo de ser pronunciada) a minha atitude avaliativa em relação ao objeto – o que nele é desejável e não desejável – e, desse modo, movimenta-o em direção do que ainda está por ser determinado nele, torna-se momento de um evento vivo (Bakhtin, 2010, p. 85-86).

O pensador russo nos contempla com o pensamento de que tudo que foi experimentado é, de alguma forma, recebido por um tom emotivo-volitivo, por isso mesmo é que entra em uma relação afetiva com o sujeito no evento único do existir. É justamente no processo de interação que esses tons emotivo-volitivos se apresentam, uma vez que os sujeitos manifestam seus posicionamentos em relação ao outro, a si mesmo e ao mundo. Podemos compreender que o sujeito, ao valorar algo, o faz sob a perspectiva dialógica de sua vivência, uma vez que seu ato responsável na existência é uma atividade ideológica – assim, o tom emotivo-volitivo demonstra a intenção discursiva do sujeito por meio dos sentidos concretizados em seus atos. Trazemos as palavras de Volóchinov, que julgamos complementar essa ideia:

Qualquer fenômeno da realidade, qualquer situação, ao despertar no homem uma reação orgânica, normalmente também gera um discurso interior, que facilmente se transforma em um discurso exterior.

O discurso interior e o exterior são igualmente orientados para o “outro”, para o “ouvinte”. Tanto aquele que pronuncia a palavra quanto o ouvinte são participantes conscientes do acontecimento do enunciado e ocupam nele posição autônomas (Volóchinov, 2019a, p. 265)

Vejamos que o tom emotivo-volitivo (em Bakhtin), aparece sob a forma de uma reação orgânica em Volóchinov. O fisiológico, orgânico e/ou biológico é, também, social, visto que desperta uma sensação-reação-volição no sujeito, de modo que o signo interior se torna signo exterior e, nessa simbiose, os sentidos são criados. Isso é possível graças ao horizonte social compartilhado pelos sujeitos (ouvintes e falantes): [...] “o ‘eu’ pode se realizar na palavra apenas apoiando-se no ‘nós’” (Volóchinov, 2019c, p. 121). É justamente esse apoio no social que permite o caráter compartilhado das avaliações, o subentendido, isto é, o fato dos sujeitos pertencerem à mesma família, profissão ou outro grupo social. Por isso que, em *O freudismo*, vimos a importância dada à classe por Volochínov, uma vez que o coro de apoio – sempre ideológico – ocorre ali, orientando a palavra do eu com base nas palavras dos outros.

É o social que, de fora, relaciona-se com o interior do sujeito e, assim, o lança novamente para o exterior e possibilita sua existência no mundo não só como ser biológico ou fisiológico, mas como responsivo e responsável, sem alibi (como Bakhtin pontuou em Para uma filosofia do ato responsável). O sujeito, enquanto “eu”, age de maneira singular, mas não na neutralidade e, sim, na esfera ideológica, pois o horizonte social é compartilhado.

### **3.3 Enunciado: o movimento dialético-dialógico constitutivo da linguagem**

O enunciado está ligado, intrinsecamente, ao seu tempo-espaço de produção, de modo que as valorações que circulam por um grupo social são suas compreensões às visões de mundo às quais estão submetidos. Bakhtin (2014) diz que o sujeito se revela no cronotopo, e o processo de assimilação do tempo, do espaço e do indivíduo é complexo e intermitente. Dessa forma, o tempo-espaço é responsável por revelar os enunciados sobre os quais uma sociedade fala a respeito.

Ainda, o enunciado é a real unidade da comunicação discursiva. Unidade de interação que materializa uma situação, ele pressupõe a presença de, pelo menos, dois sujeitos – falante e ouvinte – e um horizonte social mínimo para que se vislumbre a significação e o sentidos dos signos utilizados. Vejamos como Bakhtin debate esse tema em *Os gêneros do discurso* (2016),

importante obra que contém ensaios fundamentais para compreender a abordagem dialógica, o enunciado (texto) e a linguagem/língua viva:

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados *no conjunto* do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um campo da comunicação. Evidentemente, cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discurso* (Bakhtin, 2016, p. 11-12, grifo do autor).

No ensaio “A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica” (2019c), Volóchinov, em consonância, aponta que as inter-relações dos participantes de um acontecimento é que formam o enunciado e o obrigam a soar de um ou de outro modo: ordem ou solicitação, pomposo ou simples, seguro ou tímido. É justamente a dependência entre o enunciado e as condições concretas (forma) nas quais ele ocorre, além das relações de classes entre os falantes, que mostra o acontecimento social.

Vejamos, agora, como Volóchinov estrutura seu pensamento no ensaio “Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado” (2019d), retomando a ideia de fatores e forças motoras que determinam o surgimento e o desenvolvimento da linguagem, como a organização laboral da sociedade e a luta de classes. Ainda, o autor aponta que o discurso humano é um fenômeno bilateral e, por isso, todo enunciado possui não só um falante, mas também um ouvinte:

[...] Toda expressão linguística das impressões do mundo exterior – tanto as indiretas quanto as que se estratificaram nas profundezas de nossa consciência e receberam contornos ideológicos mais precisos e estáveis – sempre está *orientada para o outro*, para o ouvinte, mesmo que esse outro esteja, de fato, ausente (Volóchinov, 2019d, p. 267, grifo do autor).

Notamos a importância que o autor dá ao sujeito (eu-outro) na produção do enunciado, trazendo à tona um sujeito-falante e, ao menos, um sujeito-ouvinte presumido em potencial. Isso ocorre porque, ao conceber esse leitor mínimo/médio/potencial, é que o sujeito-falante consegue estruturar seu discurso, materializando-o em enunciado por meio da reelaboração de signos interiores e exteriores. Desse modo, Volóchinov nos contempla com uma definição de língua que engloba sujeito, discurso e enunciado, por isso, como já dissemos e reafirmamos, é pouco proveitoso tratar de uma ou outra categoria, visto que nem os próprios estudiosos assim o fizeram.

Em primeiro lugar, devemos lembrar que a língua não é algo imóvel, dado de uma vez por todas e determinado de modo rigoroso em suas “regras” e “exceções” gramaticais. A língua não é, de modo algum, um produto morto e petrificado da vida social: ela movimenta-se ininterruptamente, seguindo em seu desenvolvimento a vida social. Esse movimento progressivo da língua realiza-se no processo da comunicação do homem com o homem, comunicação esta que não é só produtiva, mas também *discursiva*. É na comunicação discursiva (um dos aspectos da comunicação mais ampla: a social) que são elaborados os mais variados tipos de enunciados, correspondentes aos diferentes tipos de comunicação social. Nunca poderemos compreender a construção de um enunciado (por mais autônomo e finalizado que ele nos pareça) sem considerar que ele é só um momento, uma gota no fluxo da comunicação discursiva, tão ininterrupto quanto a própria vida social e a própria história (Volóchinov, 2019d, p. 267, grifo do autor).

Por isso, pensamos que tudo o que é constituído de/por linguagem/língua é dialógico, uma vez que ela própria é fruto da interação entre sujeitos eu-outro(s). Reconhecendo a infinitude do processo dialógico, cada enunciado é um acontecimento dentro da perspectiva discursiva dialógica, porque únicos e irrepetíveis. A unidade real do discurso, o enunciado, é fruto do acontecimento social da interação, por isso, a situação, a realização efetiva da língua em diferentes formações da comunicação, é tão importante para sua compreensão. O pensador russo também aponta para o auditório, além do próprio falante, como uma presença evidente e necessária desses participantes da situação. Em seguida, o autor nos contempla com uma definição de enunciado, que muito se assemelha a de Bakhtin (2016), ao associá-lo ao gênero:

Esse enunciado, como unidade da comunicação discursiva e como um *todo* semântico, constitui-se e toma uma forma estável precisamente no processo de uma determinada interação discursiva gerada por um tipo de comunicação social. Cada um dos tipos dessa comunicação citados por nós organiza, constrói e finaliza, *a seu modo*, a forma gramatical e estilística do enunciado, sua *estrutura típica*, que chamaremos adiante de *gênero* (Volóchinov, 2019d, p. 269, grifo do autor).

Vejamos que o autor destaca o enunciado como um *todo*, algo completo e acabado (enformado), de maneira que é único e irrepetível – um ato. Entretanto, esse fechamento é se relaciona mais com a forma do que com o conteúdo e o tema, sob a forma de signos, uma vez que enquanto enunciado, feito de e por linguagem/língua, ele se lança para o diálogo e se torna parte da comunicação discursiva. Esse acabamento, portanto, volta-se para o gênero, cuja estrutura típica nos permite recuperar e compreender esses enunciados em formas, conteúdos e estilos.

Mais uma vez colocando outras categorias em diálogo, Volóchinov (2019d) diz que a comunicação discursiva é composta por dois momentos: o enunciado do falante e a compreensão desse enunciado pelo ouvinte (que, porventura, pode ser um outro enunciado). Vemos como o caráter responsivo e responsável (uma vez que feito/produzido por um sujeito)



de um enunciado é condição constitutiva, pois a troca de enunciados é a própria situação da interação discursiva, que ocorre por meio do diálogo, que o autor chama de a forma mais natural da linguagem.

Quando nos propusemos estudar os signos ideológicos como expressões de uma dada época e dada coletividade, nosso objetivo foi justamente analisar como esses sujeitos, falante e ouvinte (auditório, como Volóchinov o chama) reagem a essas construções – independente de coadunar, refutar, endossar ou inverter, todas essas reações são interações entre sujeitos e seus enunciados. Nesse sentido, o autor russo aponta que “[...] todo enunciado [...] leva em conta um ouvinte, isto é, sua *compreensão e resposta* [...], sua *concordância* ou *discordância*, em outras palavras, a *percepção avaliativa* do ouvinte (“auditório”) (Volóchinov, 2019d, p. 273, grifo do autor). É justamente essa percepção avaliativa que nos interessa quando olhamos para esses signos e enunciados que falam sobre eles, pois eles nos permitem visualizar, em certa medida, a vida da linguagem. Ainda que em um mesmo horizonte socioideológico, as avaliações serão diferentes, visto que cada sujeito/grupo social interage com o mundo e os signos do mundo de maneira diferentes, dada a heterogeneidade das relações humanas ou, como o próprio Volóchinov fala, *um interlocutor vivo e de múltiplas faces*.

Todo discurso é dialógico e orientado para o outro, além de pressupor uma relação socio-hierárquica entre os interlocutores (falante e ouvinte). Por isso, as formas de enunciado mudam conforme as posições sociais desses interlocutores também mudam, e como Volóchinov aponta, o enunciado muito depende desse peso socio-hierárquico, chamado por ele de “orientação social”, condição sempre presente em todo e qualquer enunciado. Essa orientação social é tão importante que, segundo ele, é uma das forças organizadoras do estilo e da estrutura do enunciado, junto ao seu conteúdo.

A questão se amplia e compreendemos como esse conteúdo é dotado de sentido, visto que todo enunciado é efetivo e real. Sem o conteúdo, o enunciado não possui significação e perde a interação discursiva; o outro, sujeito-ouvinte, não reage nem responde, pois não há um enunciado real para acessar (Volóchinov, 2019d). O sentido é tão caro ao enunciado, embora nem sempre seja tão simples apreendê-lo ou compreendê-lo, que podemos falar de condições e ambientes em que esse enunciado é produzido, pois dele sairão sentidos diferentes – a questão da multiacentuação do signo ideológico é um exemplo.

O autor aponta que os próprios leitores, nós, busquemos exemplos em que uma mesma expressão verbal tenha sentidos completamente diferentes: alegria, indignação, surpresa, tristeza. “Quase toda palavra da nossa língua pode ter várias significações a depender do *sentido geral* do todo do enunciado. O sentido depende por inteiro tanto do ambiente mais próximo,

gerador imediato do enunciado, quanto de todas as causas e condições sociais mais longínquas da comunicação discursiva” (Volóchinov, 2019d, p. 283).

Em *Questões de literatura e de estética* (2014), dentre outros temas, Bakhtin discute as formas do discurso no romance, e disso decorre a reflexão acerca do plurilinguismo, que, dentre outras possibilidades, se faz presente nessa construção enunciativa para destacar o atravessamento da palavra do outro no discurso próprio. Amparadas justamente por essa ideia, de que um enunciado surge do diálogo como um prolongamento, com o qual se esbarra e se choca com outros discursos em interações complexas, para, só assim, se formar substancialmente, temos:

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes tecidos pela consciência ideológico em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social (Bakhtin, 2014, p. 86).

É nesse sentido que temos pensado nesse processo dialógico constitutivo da linguagem, que aparece de maneira mais ou menos marcada nos enunciados, concretamente. Ao analisar os textos (sem sentido amplo) que nos cercam e fazem parte da nossa rotineira rotina, vemos como que rastros de outros textos, mais recentes e mais longínquos, que fazem parte da composição desse texto “atual”. Por isso que, ao falar desse discurso vivo e corrente, que não se inicia nem se finda no momento em que se lança para o mundo, Bakhtin pontua: “[...]. Ao se constituir na atmosfera do “já dito”, o discurso é orientado ao mesmo tempo para o discurso-resposta que ainda não foi dito, discurso, porém, que foi solicitado a surgir e que já era esperado. Assim é todo diálogo vivo” (2014, p. 89).

A partir dessa noção de diálogo vivo é que temos o encontro de vozes como uma possível forma de encontrar a palavra do outro na palavra do eu, e vice-versa. Justamente por ser dialógica, a bivocalidade é uma forma que o sujeito (de linguagem) se situa e se orienta discursivamente em relação aos discursos alheios, sendo possível observar e depreender as diferentes posições avaliativas sobre o mundo.

Temos entendido essa bivocalidade/esse discurso bivocal como uma forma de ser dos signos, não apenas no aspecto linguístico, mas sobretudo ideológico. É o plurilinguismo que permite que cada época histórica, cada camada social, cada vida ideológica tenha suas formas próprias de comunicação, por isso não podemos tratá-los isoladamente: “[...] em cada momento da sua existência histórica, a linguagem é grandemente pluridiscursiva. Deve-se isso à coexistência de contradições sócio-ideológicas entre presente e passado, entre diferentes épocas

do passado, entre diversos grupos sócio-ideológicos, entre correntes, escolas, círculos, etc., etc. (Bakhtin, 2014, p. 98).

Notemos que Bakhtin nos mostra a *coexistência de contradições socioideológicas*, que faz com que um discurso nunca seja unívoco, porque ele coexiste, isto é, existe simultaneamente, no mesmo tempo e no mesmo espaço, de modo que uma existência não se descola da outra, porque elas coexistem. Assim como elas se contradizem, isto é, se contrapõem, não são harmônicas e tranquilas, mas vivem em (in)tenso embate que demarcam formas distintas de olhar para um “mesmo” aspecto existencial.

Ao falar da elaboração literária, especificamente o romance, Bakhtin (2014) diz que “todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações concretas [...]” (p. 106), o que faz com que expresse a posição socioideológica de dado autor ou sujeito que assina um dado enunciado. Isso é o que situa suas palavras no seio de diferentes outros discursos em sua época e contexto.

É a partir desse plurilinguismo que temos o discurso de outrem na língua de outrem que, no romance (caso de estudo do autor russo), vai servir para refratar a expressão do autor (Bakhtin, 2014). A palavra é bivocal porque serve simultaneamente a dois locutores e exprime ao mesmo tempo duas intenções diferentes. Há, no discurso, duas vozes, assim como dois sentidos e duas expressões:

Ademais, essas duas vozes estão dialogicamente correlacionadas, como que se conhecessem uma à outra (como se duas réplicas de um diálogo se conhecessem e fossem construídas sobre esse conhecimento mútuo), como se conversassem entre si. O discurso bivocal é sempre internamente dialogizado (Bakhtin, 2014, p. 127).

Todo discurso é um discurso dialogizado, não importa se no romance ou na vida, ainda que sem acabamento estético próprio e genérico. Toda palavra utilizada em nossa rotina rotineira é prenhe de um já-dito, de valorações, de motivos ideológicos e de avaliações sociais. Tudo isso somado ao fato de que há um ouvinte potencial para cada criação enunciativa é que dão o tom da palavra própria do sujeito:

[...] A palavra da língua é uma palavra semi-alheia. Ela só se torna “própria” quando o falante a povoa com sua intenção, com seu acento, quando a domina através do discurso, torna-a familiar com a sua orientação semântica e expressiva. Até o momento em que foi apropriado, o discurso não se encontra em uma língua neutra e impessoal (pois não é do dicionário que ele é tomado pelo falante!), ele está nos lábios de outrem, nos contextos de outrem e a serviço das intenções de outrem: e é lá que é preciso que ele seja isolado e feito próprio (Bakhtin, 2014, p. 100).

Essa tomada de palavra do eu, tornando-a própria, é o que mostramos adiante com os signos ideológicos bolsominions e petralhas, conforme os sujeitos concretizam, em seus enunciados, a intenção (discursiva) e o acento a partir do domínio (discursivo) e da orientação semântica e expressiva que fazem da palavra.

#### 4. Faça um *post*: perspectivas metodológicas

O caminho percorrido para alcançar um determinado objetivo pode ser compreendido como um método que, em pesquisas nas Ciências Humanas, nos leva à reflexão dos sujeitos envolvidos na pesquisa, em relação aos seus atos responsivos e responsáveis. Em uma pesquisa com base teórica na filosofia da linguagem do Círculo, a “entrada” é feita via linguagem, por ser, antes de tudo, a forma pela qual a análise e a interpretação serão conduzidas. São dos próprios escritos do Círculo que tiramos a base teórica para refletir sobre o método, complementando e dialogando com a palavra de pesquisadores e estudiosos da área, como forma de expandir e “atualizar” a discussão, dada as especificidades do *corpus* estudado.

Primeiramente, refletimos sobre as questões do pesquisador e seu outro no âmbito das Ciências Humanas, que tem como base o método dialético-dialógico que prevê o diálogo infundável entre o *corpus* e as relações que o constituem, como uma possibilidade de ampliar os sentidos. Mostramos também a importância da etnografia digital para o desenvolvimento do nosso estudo, pois buscamos elucidar os critérios que nos levaram à seleção das páginas de Facebook e, consequentemente, nos auxiliaram no recorte das publicações (ainda em fase de coleta). Como exemplo, trazemos os “bolsominions” e os “petralhas”, nas relações dialógicas que os constituem, em uma tentativa de ilustrar, de maneira breve, esse percurso metodológico.

##### 4.1 A alteridade se dá pela (dialética e) dialogia nas Ciências Humanas

A abordagem dialógica permite colocar a questão da alteridade nas Ciências Humanas, visto que é em torno dessa questão que se produzem e se organizam os conhecimentos (Amorim, 2004). Na base desse pensamento, vemos a forma com a qual Bakhtin concebe as formas de saber:

As ciências exatas são uma forma monológica do saber: o intelecto contempla uma *coisa* e emite um enunciado sobre ela. Aí só há um sujeito: o cognoscente (contemplador) e falante (enunciador). A ele só se contrapõe a *coisa muda*. Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito, e permanecendo sujeito, não pode tornar-se mudo; consequentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser *dialógico* (Bakhtin, 2011a, p. 400, grifo do autor).

Como visto, Bakhtin traz a noção de “dialógico” como uma produção de conhecimento que não é muda, pois sendo e permanecendo sujeito, todo e qualquer conhecimento produzido sobre/com ele deve ser, necessariamente, dialógico. Para Amorim (2004, p. 16), “[...] há um

sujeito que fala e produz texto tanto quanto o pesquisador que o estuda”, por isso a importância de ter uma concepção de linguagem que visa escutar essas diversas e diferentes vozes que coexistem, em constante embate, como é próprio do método dialógico, ao analisarmos os sujeitos.

Tal qual a pesquisadora, buscamos, com o trabalho, não a palavra alheia como comportamento (desprovida de caráter enunciativo, sem possibilidade de sentido, enquadrada e depurada), mas como enunciado-resposta, produzido por alguém e dirigido a alguém, dentro de uma cadeia discursiva, como postula Bakhtin (2016). Nessa perspectiva, temos o *corpus*, na abordagem dialógica, como ser falado e falante, como marcas de alteridade na construção de sentidos dos discursos que, por definição, é inacabável, como nos mostra Amorim (2004) a partir dos estudos do Círculo.

Em Bakhtin, o texto é um objeto de pesquisa que interessa especificamente às Ciências Humanas, ao se voltar para os “[...] pensamentos, sentidos e significados dos outros, etc., realizados e dados ao pesquisador apenas sob a forma de texto” (Bakhtin, 2011b, p. 308). Ao considerar que todo texto tem um sujeito, Bakhtin o coloca como ponto de partida para a pesquisa, pois sem ele não há objeto de pesquisa nem produção de pensamento, uma vez que o entende em seu sentido amplo como todo e qualquer conjunto de signos, por estar situado no âmbito das Ciências Humanas, que “[...] são as ciências do homem em sua especificidade” (Bakhtin, 2011b, p. 312).

Jobim e Souza e Porto e Albuquerque (2012) dizem que, justamente por considerar o encontro entre o pesquisador e o seu outro é que Bakhtin concebe a especificidade do conhecimento produzido como dialógico e alteritário. O texto, como produção entre o pesquisador e seu outro é, para elas, o que revela as compreensões, mesmo que provisórias, para os sentidos dos acontecimentos na vida. Afirmam:

[...] o discurso na vida é atravessado por julgamentos de valor e a compreensão de qualquer ato de fala não pode descartar as avaliações que inevitavelmente estão presentes nas interações sociais. Pensar pesquisa em ciências humanas como um modo especial de acontecimento na vida implica levar em consideração que a compreensão dos temas que se quer investigar se dá a partir de confrontos de ideias e negociação de sentidos possíveis entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa (Jobim e Souza; Porto e Albuquerque, 2012, p. 114).

O pensamento de que todo objeto de pesquisa é construído e não dado imediatamente, como também aponta Amorim, nos leva a pensar nessa busca e investigação de temas, bem como refletir sobre a construção de nosso *corpus*, em movimentos retrospectivos e prospectivos que buscam reconstituir as relações dialógicas, das quais fala Bakhtin (2018), para uma

compreensão mais profunda. Para Amorim, “[...] nas ciências humanas, o objeto é não somente falado e atravessado pelo texto, mas ele é *texto*. Texto a explicar e a interpretar, ele é *objeto falante*” (2004, p. 187, grifo da autora). E, por ser “objeto falante”, cabe a nós, pesquisadoras, dar voz para que o *corpus* fale também na pesquisa, sem fazer com que a nossa voz se sobressaia como uma verdade, mas, ao contrário, que seja uma forma possível de conceber fenômenos da contemporaneidade.

Como dito, a concepção de texto deve ser compreendida em sua ampla acepção: “[...] conjunto coerente de signos ou matéria significante. Tudo o que significa é objeto das ciências humanas.” (Amorim, 2004, p. 187), o que é próximo ao pensamento de Bakhtin, ao dizer: “O objeto das ciências humanas é o ser *expressivo e falante*. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado” (Bakhtin, 2011a, p. 395, grifo do autor). Refletir sobre e como esse ser “expressivo e falante” é, filia-se aos nossos objetivos de estudo, ao dar voz para compreender quais são os sentidos produzidos e que circulam em diferentes grupos, tempos e espaços, em coexistência, com os signos “bolsominions” e “petralhas”. Compreender que esse ser é único, situado historicamente, com horizonte ideológico próprio, produtor e portador de subjetividade é também uma forma de concebê-lo e situá-lo no evento único do existir, de maneira responsiva e responsável pelos seus atos, sem álibi na existência.

O texto possui uma situação de irrepetibilidade que o torna único, ao mesmo tempo em que o coloca em uma cadeia discursiva. Amorim considera que “se a significação é lógica e concerne ao repetível, o sentido, por sua vez, é evenemencial e se regenera a cada ocorrência” (Amorim, 2004, p. 194). A autora explica que “evenemencial” é utilizado como um adjetivo para o que é da ordem do acontecimento, ou seja, perseguir os sentidos que se constroem nos signos ideológicos nos permitem compreender as vozes sociais que aparecem e estão em evidência em determinado momento socio-histórico.

Ainda, Amorim diz que “o dialogismo se impõe nos domínios do texto porque seu sentido só pode se produzir como efeito do encontro com outros textos” (2004, p. 190), de modo que a interpretação dialógica é fundamental para entender e escutar as vozes do texto sem que, contudo, para isso, haja a fusão ou a completa empatia entre eles, como nos alerta a autora e está explicitado em Bakhtin (2011a), quando diz que a manutenção da distância, do lugar próprio do eu, é o que assegura o excedente do conhecimento. Isso se dá porque não há limites para o contexto dialógico de um texto, tanto o passado quanto o futuro são ilimitados, segundo o Círculo nos explica.

Ao compreendermos que cada enunciado é único, pois é dá ordem do acontecimento, podemos nos voltar e nos deter, especificamente, sobre a questão da dialética-dialógica (Paula, L.; Figueiredo; Paula, S., 2011), pois é ela que nos permite observar o infindável diálogo que um enunciado estabelece socialmente, recuperando os outros contextos do texto. Em uma breve explicação, o dialético refere-se ao movimento contínuo das ideias, sem síntese nem superação, ao passo que o dialógico se volta ao caráter do inacabamento:

O que importa é o movimento, tanto para o Círculo de Bakhtin quanto para Marx. A diferença é que, para Marx, calcado em Hegel (de maneira invertida), o movimento é dialético, pois concebe as relações tese (afirmação), anti-tese (negação da afirmação) e síntese (negação da negação, logo, uma nova afirmação, distinta da primeira) considerando esta última como uma superação do embate travado nas duas anteriores; enquanto que, para o Círculo, o movimento é dialógico (ou dialético-dialógico) porque, apesar de considerar o movimento dialético (com todos os seus elementos: tese, anti-tese e síntese), não admite a síntese como superação, mas como continuação do diálogo travado anteriormente, uma vez que modifica aparentes extremos, ao considerá-los e movimentá-los (a negação da negação é vista como nova afirmação, não totalmente distinta, mas também não homônima à primeira. Ninguém tem razão e nada é superado. Relativiza-se os pontos de vista, que se modificam no jogo dialético-dialógico), logo, a convivência dos opostos tese e anti-tese, que digladiam no discurso por meios das vozes sociais, é o centro da cena, ou seja, a relação eu/outro (Paula, L.; Figueiredo; Paula, S., 2011, p. 91).

O elo está, segundo as autoras, na dialética marxista com o diálogo bakhtiniano. Ao partir da noção de que o método do Círculo de Bakhtin é o diálogo, fazem considerações sobre o que chamam de dialética-dialógica, ao mostrarem que o Círculo partiu das concepções de Marx sobre história, sujeito e cultura para pensar a realidade social por meio da linguagem nas relações entre os sujeitos. Para elas, o dialógico, enquanto método, pressupõe o embate, a construção incessante, “[...] no inacabamento que constitui o sujeito e o enunciado porque próprio da linguagem, que manifesta simbolicamente [...] o mundo e o homem (não de maneira direta)” (Paula, L.; Figueiredo, Paula, S., 2011, p. 85). A dialética-dialógica é, portanto, o que permite que novas relações surjam sem que a(s) anterior(res) sejam desconsideradas ou superadas, mas expandam a possibilidade de novos caminhos.

Sobre a dialética, Andreis diz que “a relação dialética aproxima forças contrárias criando uma nova força [...]. Não impede a existência do outro; envolve relação entre ideias, na qual todas as forças convivem, interagem, de uma forma tensa e contraditória” (2017, p. 14). Prossegue e afirma que, como não há um “vencedor” ou “perdedor” nesse embate, há contínuas transformações no processo, o que resulta na constituição intersubjetiva da subjetividade, ao pensar que toda voz é única, mas composta de vozes outras, como aponta a autora.

A dialética-dialógica é uma metodologia propositiva do fazer científico. É, ainda, um posicionamento a partir do materialismo histórico e das relações sociais de diferentes esferas



da atividade humana. É baseado no jogo de forças, valores e ideias marxistas que o Círculo propõe a constituição do signo, em embate quando materializado nas relações intersubjetivas sociais, conforme observamos nas palavras das pesquisadoras:

Apesar da polêmica entre diversos estudiosos da linguagem, de áreas diferentes, quanto à questão do método no Círculo de Bakhtin, partimos do pressuposto de que o diálogo é o seu método, muito próximo da dialética hegeliana e marxista, ainda que modificada, pois manifestada pela linguagem e sem qualquer proposta de superação. O liame entre o Círculo e Marx é a relação dialética/dialógica e a questão da ideologia que, para Marx, calca-se nas relações (econômicas, políticas, culturais, sociais) objetivamente vividas entre os sujeitos constituídos e constituintes de determinada realidade social e, para o Círculo, encontra-se entranhada na linguagem (o signo ideológico). A linguagem é o cerne da questão (Paula, L.; Figueiredo; Paula, S., p. 92-93).

Ao assumirmos o método dialético-dialógico, consideramos que a linguagem é o que estabelece o jogo entre continuidade e mudança, como postulado nos estudos de Marx, mas que não é o suficiente para dar conta das práticas languageiras, pois elas estão em embate, como nos diz o Círculo, tanto do sujeito quando do próprio texto. Por isso, o aspecto do inacabamento, da não-síntese como conclusão ou superação nos interessa, visto que é o que mantém o diálogo vivo. O diálogo se dá na medida que novos outros sujeitos, tempos e espaços entram nesse movimento da linguagem, que (re)vela novas valorações ao re(construir), (re)visitar e (re)tomar novas ideia e interações, como é típico das relações humanas.

Por isso a ideia do texto no seu contexto e na relação com outros textos como propícia para a perspectiva dialógica nos interessa, porque consideramos o caráter responsivo e responsável do(s) enunciado(s). Bakhtin afirma: “Cada palavra (cada signo) do texto leva para além dos seus limites. Toda interpretação é o correlacionamento de dado texto com outros textos. [...] A índole dialógica desse correlacionamento” (Bakhtin, 2011a, p. 400) e, a partir disso, pensamos na ampliação dos contextos e a compreensão dos enunciados ao colocá-los em diálogo, como forma de escutar outras e diferentes vozes a partir de um dado texto, recuperadas por meio do contato com outros contextos:

O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo. [...] e um contato dialógico entre textos (enunciados) [...]. Por trás desse contato está o contato entre indivíduos e não entre coisas (Bakhtin, 2011a, p. 401).

A tarefa do pesquisador que se propõe a fazer os movimentos de ida e de volta entre textos e sujeitos para compreender os sentidos, significados e pensamentos, dos quais falou Bakhtin (2011b) como sendo próprio das Ciências Humanas, é uma forma de compreender o

mundo por meio da linguagem. Colocar a palavra do pesquisador em contato com outros sujeitos é criar uma unidade entre duas vidas diferentes, encontrando sua própria palavra em meio a palavras outras.

Isso revela a tarefa do pesquisador na busca e recuperação de novos contextos para o texto, ao se posicionar de maneira ativa, responsiva e responsável, com seu próprio *corpus*, no ato ético do existir e fazer pesquisa. Esse encontro dialógico de um primeiro texto (o *corpus*) com outros textos, na busca da reconstituição da cadeia discursiva, é um processo que nos permite não só trazer como também vislumbrar diferentes sentidos de um enunciado com outros.

O método dialético-dialógico, enquanto um fazer científico, coloca em pauta o diálogo entre diferentes textos, de maneira crítica e reflexiva, sobretudo. É uma metodologia ativa e responsiva, que dialoga com diferentes esferas e campos do conhecimento e da cultura. Nas Ciências Humanas, interpretar e analisar são tarefas do pesquisador, de modo que este constantemente coloca um texto em contato com outros, em uma busca quase incessante que o direciona para novos textos, novas perguntas e novas respostas. É dessa forma que concebemos, conforme o pensamento bakhtiniano, o conhecimento científico como dialógico.

Dito isso, reforçamos e frisamos a importância de um papel ativo do fazer científico, uma vez que o próprio contexto das pesquisadoras encaminha e determina o percurso do estudo, ao considerar que ele é, de certa forma, fruto da sua época (as lentes que nos ajudam a enxergar o *corpus*, a partir de valores que lhe são próprios). Nesse sentido, pensamos o *corpus* como um reflexo e refração de um momento tido como atual, pois se trata de publicações em Facebook de cunho político que revelam modos de ser e compreender aspectos da contemporaneidade a partir de ressignificações entre a arte, a mídia, a política e, sobretudo, a vida.

Justamente por se tratar de arte e vida (em relação com a mídia e a política), pensamos não só no reflexo e refração da realidade, mas também na questão da “dupla orientação” como condição importante para a análise e interpretação do estudo feito, pois os valores já perpassaram por outros valores que o constituíram como tal, seja em qual esfera for, mas, em específico, nos objetos estéticos. Trazemos um reflexão de Marchezan (2015), que analisa as questões de autor-pessoa e autor-criador, bem como da vida e da arte, a partir desta “dupla refração”:

[...] para a perspectiva bakhtiniana, não temos nunca acesso “direto” ao mundo: o objeto que percebemos está sempre já impregnado de ideologias, que lhe aplicamos; com outras palavras, o objeto dos nossos enunciados comporta refrações de diferentes vozes, que resultam das forças sociais atuantes em uma dada época. A obra de arte comporta, então, uma segunda refração, em que o mundo já saturado de sentidos é representado novamente. A voz do autor experimenta nova refração, nos diálogos que constrói: “minha própria palavra [a do autor] se torna objeto e adquire uma segunda voz”, uma voz indireta: “o escritor é aquele que sabe trabalhar a língua situando-se

fora da língua, é aquele que possui o dom do dizer indireto” (Bakhtin, 1997c, p. 337) (Marchezan, 2015, p. 198).

Não tratamos, aqui, os enunciados estéticos (a franquia de filmes e as histórias em quadrinhos) como obras de arte (como desenvolvido pela autora), contudo, a reflexão, em sua acepção ampla, nos é importante para pensar no movimento dialético-dialógico impregnado de valorações outras, não só uma. Com a “dupla refração”, visualizamos o movimento de ida e volta que um enunciado estabelece socialmente, pois reflete e refrata os valores que não são só de um autor (aqui, pensamos em quem produz o enunciado, em uma concepção ampla, quem o assina e coloca sua voz e seus valores), mas de diferentes outros, pois os objetos com os quais trabalhamos, como dito por Marchezan, já estão impregnados de outras ideologias.

De modo que, assim, surge a segunda refração, que é o mundo já representado ideologicamente, ser representado mais uma vez, com novos outros valores. E disso decorre o movimento dialético-dialógico, que não coloca um fim, mas sempre abre o enunciado para novos e outros sentidos, infinitamente.

Por isso, enquanto pesquisadoras, somos responsáveis pelas escolhas que nos levam às construções de sentidos, pois nosso lugar, único, é o que nos permite olhar para o *corpus* a partir de nossas vivências que, não só pessoais, são também transformadas no processo constitutivo do estudo, com objetividade e subjetividade dosados na proporção ideal para que não haja predomínio de um sobre o outro, por se tratar de um estudo discursivo científico a partir da perspectiva de duas pesquisadoras.

O princípio da dialética-dialógica, de aproximar vozes sociais e valorações, nos coloca nesse lugar ativo, em todas as etapas do estudo. Todas as leituras teóricas, metodológicas, contextuais, além das coletas de *corpus*, por exemplo, são pautadas pela nossa compreensão enquanto pesquisadoras, como é próprio do princípio dialógico. Nada neste estudo parte do vazio nem se sustenta no vácuo. Assumimos uma posição ideológica diante do fazer científico.

Outro aspecto importante é o de desenvolvimento das discussões do e no estudo a partir de uma perspectiva dialógica, visto que não trabalhamos com revisão bibliográfica, mas com uma reflexão dialógica dos preceitos teóricos e metodológicos do Círculo. Por isso, discutimos a teoria e trazemos esboços analíticos ao longo dos tópicos, cotejando o nosso próprio estudo ao longo da escrita. Esse olhar dialético-dialógico que constitui a nossa proposta metodológica dialoga com a filosofia da linguagem bakhtiniana e sustenta as nossas discussões. É com isso que buscamos o distanciamento necessário para construir o estudo, refletindo, a todo momento, sobre o processo de busca pela produção de sentidos a partir da linguagem, que mostram formas de concepção das relações humanas.

## 4.2 A verbivocovisualidade nos/dos signos ideológicos

Neste momento, exemplificamos e ilustramos nosso percurso metodológico a partir da verbivocovisualidade, parte importante do nosso estudo. Urge tal necessidade diante das questões relacionadas às recepções contemporâneas das obras e do pensamento do Círculo Bakhtin Medviédev Volóchinov. Tais recepções, por sua vez, são o motivo de haver novas perspectivas de estudos, que (re)pensam categorias teóricas e objetos de estudos, pois não há um fechamento tampouco uma conclusão, visto que estão sempre em (re)construção e (re)significação. Isso ocorre porque o mundo muda e as práticas sociais também – as linguageiras, sobretudo. A necessidade surge conforme a demanda de cada momento histórico, que faz tais estudos serem retomados, complementados e revisados.

Assumimos, neste estudo, uma visão metodológica específica, a partir da dialética-dialógica bakhtiniana, conforme as leituras e recepções do Círculo no Brasil, com a metodologia dialógica e o cotejamento de textos. Em outros países (e até mesmo em nosso país), podemos observar os preceitos bakhtinianos alinhados e utilizados em estudos literários, sociológicos, culturais, educacionais, filosóficos, entre outros. Por isso, afirmamos a nossa escolha em fazê-lo dentro do campo linguístico, uma vez que nos interessa observar a linguagem a partir de uma perspectiva tridimensional, ou seja, ao mesmo tempo em que consideramos as questões da língua(gem), estruturais e sistemáticas, fazemos com vistas à uma translinguística, que excede, por assim dizer, os limites do texto, conforme palavras de Bakhtin (2018).

Assim, destacamos a verbivocovisualidade como uma forma possível de compreender as concepções de língua, linguagem e enunciado trabalhadas pelo Círculo. Trata-se, então, de pensar na tridimensionalidade da linguagem, em seus aspectos verbal, vocal e visual – sincréticos. Tal proposta é feita pelo Grupo de Estudos Discursivos (GED)<sup>19</sup>, que desenvolve estudos teóricos e analíticos a partir da perspectiva filosófica da linguagem que considera a sua tridimensionalidade, em seus aspectos verbais, vocais (sonoros) e visuais (imagéticos), dimensões presentes em qualquer enunciado, e enfatizadas em maior ou menor grau conforme a arquitetônica de cada gênero.

Inicialmente, destacamos a importância de relacionar língua, linguagem e enunciado, como apontam Paula e Luciano (2021), pesquisadores do grupo: “Para os estudiosos [do Círculo], apenas no enunciado é possível efetivar a existência da linguagem, do homem e do

---

<sup>19</sup> Para conhecer mais sobre as pesquisas realizadas pelo grupo acerca da verbivocovisualidade da linguagem bakhtiniana, acesse: <https://www.gedunesp.org/alunos-pesquisadores>.

mundo, semiotizados de maneira ‘real’, pois, fora dele (do ato enunciativo), a linguagem torna-se mera possibilidade potencial de devir” (p. 217). Afirmamos, então, que o termo verbivocovisualidade adotado pelo grupo se refere à proposta tridimensional de linguagem concebida pelos pensadores do Círculo, em relação com o movimento de poesia concretista (1952).

A verbivocovisualidade é uma concepção de linguagem do movimento da Poesia Concreta, desenvolvida pelo grupo Noigandres (composto por Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari), como manifesto acerca da poesia concreta. O desenvolvimento da proposta se encontra no livro *Tratado de Poesia Concreta*, caracterizada pela potencialidade máxima da verbivocovisualidade (interrelação indissociável entre as linguagens verbal, vocal/musical e visual). Ao seguir o que os poetas concretos denominam como uma tradição explorada por Joyce, E. Cummings, Mallarmé, Pound, os futuristas, entre outros, a poesia concreta organiza, em seu projeto arquitetônico material disponível (palavra, sílaba, fonema, som, fisionomia acústico-vocal-visual dos elementos linguísticos, campo gráfico etc), a concretude verbivocovisual da linguagem, de modo a explicitar a palavra-coisa como poema que traduz, de maneira metalinguística, a linguagem como um objeto tridimensional dinâmico, uma célula viva (bakhtinamente, “traduzimos” essa ideia como “organismo vivo”). Dada essa situacionalidade do termo verbi-vocovisual(idade), apropriado por Paula (2017), de maneira metafórica, é que o utilizamos para pensar a relação de uma linguagem tridimensional proposta pelo Círculo e a concepção apresentada pelos Concretos. (Paula; Luciano, 2020d, 153-154).

Assim, entendemos a verbivocovisualidade como uma noção de linguagem tridimensional, que contempla os aspectos verbal, vocal e visual como dimensões constitutivas e que podem, ou não, serem materializados em um determinado enunciado, de forma verbal, vocal e/ou visualmente. Nas obras do Círculo, há elementos que nos permitem abranger a noção de “linguagem” a partir dessa proposta tridimensional, e a problematização está justamente em considerar tipos específicos de enunciados para a sua realização, visto que alguns casos são mais explícitos do que outros.

Paula e Batista (2021, p. 61) tratam da poesia concreta:

[...] a palavra é trabalhada tridimensionalmente, em sua máxima potência, como expressão viva: uma palavra-coisa metalinguística. Segundo Pignatari *et alii*, “o poeta concreto vê a palavra em si mesma -campo magnético de possibilidades -como um objeto dinâmico, uma célula viva, um organismo completo, com propriedades psicofísicoquímicas tacto antenas circulação coração: viva.” (1975, p. 44). Essa ideia de linguagem viva também dialoga com a perspectiva bakhtiniana, que a compreende em uso, no ato enunciativo, como “organismo vivo” (Volóchinov, 2017).

Por meio da relação feita pelas autoras, ressaltamos que as obras do Círculo lidam com discussões e reflexões que convergem para um tratamento visual e sonoro da linguagem, mesmo tendo o predomínio do aspecto verbal, por conta do romance ser o objeto privilegiado de suas análises. Por isso, ainda que o Círculo não tenha abordado as materialidades presentes em nosso

*corpus* (por uma questão histórica, inclusive), o que existe em suas obras é de extrema importância para possíveis leituras das materialidades de um *post* de Facebook.

A interação e a interdependência entre elementos verbais, vocais e visuais na construção de sentido é uma forma fundamental de olhar para a linguagem, por entender que os elementos se combinam para produzir uma experiência única, visto que é justamente a interação entre os diferentes elementos que produz efeitos de sentido que não seriam possíveis apenas com o uso isolado de cada um deles. No Círculo de Bakhtin, essa visão de uma linguagem englobante assim aparece:

Todo sistema de signos (isto é, qualquer língua), por mais que sua convenção se apoie em uma coletividade estreita, em princípio sempre pode ser codificada, isto é, traduzido para outros sistemas de signos (outras linguagens); conseqüentemente, existe uma lógica geral dos sistemas de signos, uma potencial linguagem das linguagens única (que, evidentemente, nunca pode vir a ser uma linguagem única concreta, uma das linguagens) (Bakhtin, 2011, p. 311).

É justamente a materialização desses elementos que coloca essa linguagem na dependência das especificidades da esfera de comunicação, produção e circulação do enunciado concreto. A linguagem verbivocovisual possui uma significação pautada na relação interior e exterior, que se revela na construção de sentidos em interação. A proposta verbivocovisual repensa a concepção filosófica de linguagem no campo bakhtiniano e possibilita novas análises discursivas, calcadas em materialidades distintas, como enunciados visuais, musicais, sincréticos e multimodais.

Por exemplo, os *posts* de Facebook são majoritariamente visuais e verbais, contudo, não se exclui a noção vocal, que aparece por meio da pontuação que dita um tom de voz ou leitura do internauta. Já nos filmes da franquia *Meu Malvado Favorito*, por serem produções tipicamente audiovisuais, contemplam os três elementos da linguagem concreta e sincreticamente. Embora as HQs dos irmãos Metralha não o faça, também conseguem potencializar a vocalidade por meio dos balões de falas e das onomatopeias (sons e ruídos).

Como vimos afirmando a importância do enunciado, pois se relaciona diretamente com a perspectiva bakhtiniana de linguagem, trazemos, nas palavras de Volóchinov (2017), a palavra como “[...] o indicador mais sensível das mudanças sociais, sendo que isso ocorre lá onde essas mudanças ainda estão se formando, onde elas ainda não se constituíram em sistemas ideológicos organizados” (p. 106). É na palavra que todos os inúmeros fios ideológicos são realizados de modo a penetrarem todas as áreas da comunicação social, conforme afirma o autor. Assim, pensar em linguagem é pensar em enunciado, e, conseqüentemente, em palavra.

Ideológica e, por si só, dialógica, uma vez que se pauta pela relação entre sujeitos, o “eu” e o “outro”, participantes ativos do embate vivo no processo de significação nas valorações sociais.

Para compreendermos o uso dos signos ideológicos na esfera política e midiática, no entrelaçamento das duas, voltamo-nos às esferas artística e midiática, local de produção e circulação dos filmes e HQs que nos auxiliam a compreender a constituição dos sujeitos semiotizados nesses signos. Não há como trabalhar com essas esferas de maneiras isoladas, pois são mutuamente constitutivas, uma vez que ocorre assim na vida. Por isso, o olhar voltado para (bolso)minions que engloba essas diferentes esferas, pois é justamente a junção delas que gera um tipo particular de enunciado, o qual analisamos.

Na base das reflexões sobre as esferas de atividade, a diversidade de discursos e o discurso alheio fazem parte dessa realidade de maneira significativa. É por essa noção de discurso do outro, a palavra outra, que temos, como pesquisadoras, nos colocado ativamente na busca por novos contextos que ampliam os sentidos do texto. Observar as esferas e suas especificidades nos interessa, pois, como pontua Grillo, “[...] a noção de esfera permeia a caracterização do enunciado e dos seus tipos estáveis, os gêneros, no que diz respeito ao seu tema, à sua relação com os elos precedentes (enunciados anteriores) e com os elos subsequentes (a atitude responsiva dos co-enunciadores)” (2006, p. 146).

A autora aponta para a relação estabelecida entre esferas e enunciados que nelas circulam, remetendo-nos, portanto, à forma com a qual a dialética-dialógica se faz presente no estudo, ao conceber que essas produções circulam em diferentes esferas, de forma não neutra nem abstrata, mas como resultado de condições específicas do contexto social, histórico e cultural de produção.

Para fins de contextualização sobre o que vimos falando acerca da verbivocovisualidade, tratamos do aspecto imagético, por meio da cor, para mostrar quão ideológico é o seu uso, em qualquer tipo de enunciado. Não é o nosso objetivo fazer segregação das materialidades da linguagem, uma vez que seria uma tarefa falha e incoerente com a própria constituição do nosso trabalho. Contudo, a escolha por tratar, neste momento, de uma materialidade é para o fim de ilustrar a discussão feita, sem esgotá-la tampouco avançar demasiadamente, uma vez que na seção adiante, destinado à análise do *corpus*, há espaço suficiente para que tais discussões sejam aprofundadas. Dito isso, vamos às considerações acerca do aspecto visual (imagético) de um enunciado.

Em todo e qualquer enunciado, o visual e a imagem não são aleatórios, mas ideológicos – não compactuam com uma neutralidade de seu autor. Eles comunicam, transmitem, valoram, significam. Amarelo e vermelho são consideradas cores primárias no sistema artístico, que

possibilitam (junto ao azul) a criação de outras cores. Contudo, para além de uma análise superficial de cor, vamos considerar o aspecto ideológico, a partir da figura a seguir, uma imagem-montagem elaborada no site Canva.

Figura 5 - Cores ideológicas



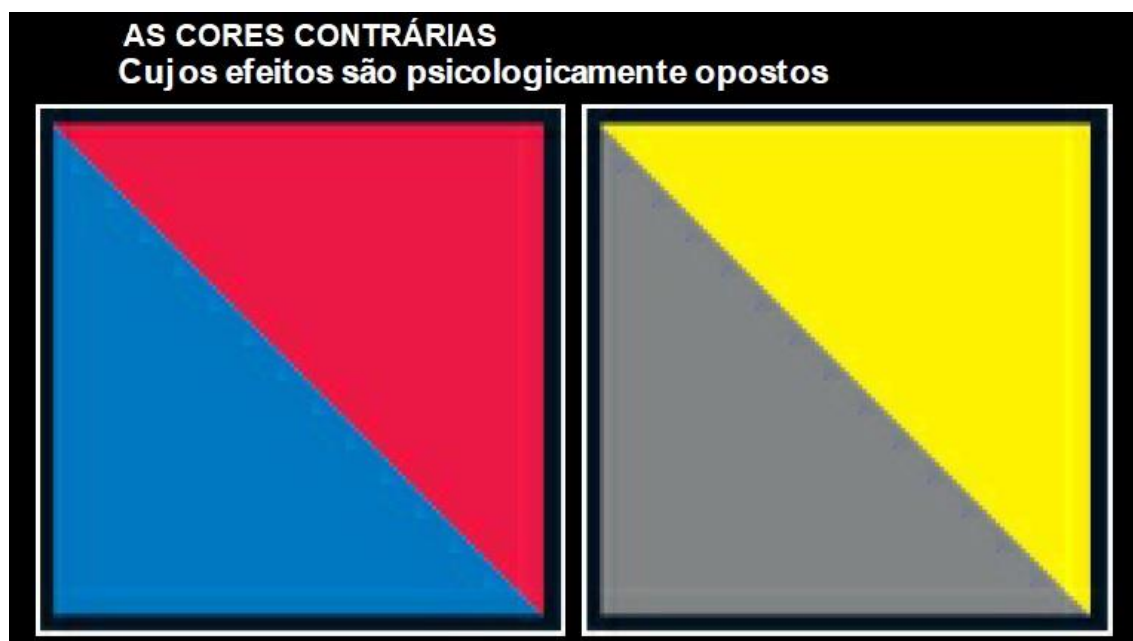
Fonte: Elaboração autoral (Canva)

Vejamos, na figura, que embora tratemos do aspecto visual a partir da cor, há elementos verbais (em forma de texto escrito) que associam um signo ao outro e ajudam na construção ideológica de uma figura política. Esse verbal, texto escrito, aparece nos *posts* de maneira sincrética e é ele que semiotiza a oralidade. Oralidade essa, que por sua vez, possui a vocalidade intrínseca a si, como constitutiva do signo, a imagem acústica, como já nos ensinou Saussure, no *Curso de Linguística Geral*, que combinada ao conceito, é o que forma o signo.

Volóchinov, ao discutir a questão do signo ideológico, mais especificamente em *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017), traz justamente essa noção de signo linguístico saussureano (imagem acústica + som) como base para a reflexão do signo ideológico – aquele que se dá sob qualquer forma sígnica. Torna-se, então, às pesquisadoras, uma tarefa crucial de considerar esses aspectos em suas análises, uma vez que é o movimento da linguagem que (re)vela as significações de mundo.



Figura 6 - Vermelho e amarelo



Fonte: Heller (2013)

Na figura, vemos as cores vermelho e amarelo colocadas como psicologicamente opostas, dada a sua contrariedade. Não à toa que são as cores, como vimos mostrando, que marcam um determinado posicionamento político acirrado no país. Ainda que seja uma leitura possível, salientamos o caráter qualitativo do estudo desenvolvido por Heller. Seguimos, com base em Paula (2023), que afirma terem as cores uma função-ação tríplice: 1) impressionar (visão – retina); 2) expressar (provoca emoções e sensações); e 3) construir (significação – valor simbólico).

Granchi (2022) afirma que “O uso inicial do vermelho pela esquerda se deu quando a cor passou a estampar a bandeira do Partido Comunista – e por isso ainda é ligada à uma esquerda radical, embora já tenha sido incorporada por partidos socialistas e sociais-democratas”. Adotado pelo PT como cor principal, o vermelho como cor identitária tem origem no século XIX, quando utilizado por partidos comunistas, socialistas, trabalhistas e sociais-democratas, como apontado pela autora.

A cor vermelha, presente em sua bandeira e em sua identidade visual desde sua fundação, em 1980, se tornou um símbolo da esquerda brasileira e da luta por igualdade social, justiça e direitos trabalhistas. Durante as eleições presidenciais de 1989, por exemplo, o candidato do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, usava uma camiseta vermelha em seus comícios e discursos.

Além disso, o vermelho também tem sido usado por outros partidos de esquerda no Brasil, como o Partido Comunista do Brasil (PCdoB) e o Partido Socialista Brasileiro (PSB). Em geral, a cor é vista como um símbolo de esquerda e de luta por justiça social e igualdade no contexto político brasileiro.

No contexto político brasileiro, a cor amarela ganhou destaque em 2015 e 2016 durante as manifestações que pediam o *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff. Nesse período, a cor foi adotada por grupos e movimentos que se opunham ao PT. O Movimento Brasil Livre (MBL), por exemplo, usava a cor amarela em suas manifestações e campanhas contra o governo Dilma, e o mesmo ocorreu com outros grupos que organizaram as chamadas “marchas dos patos”, que reuniram manifestantes vestidos de amarelo para protestar contra a corrupção e a crise econômica.

Já sobre o amarelo, Tavares (2020) cita que a cor já foi usada e reciclada como símbolo em diferentes momentos da política nacional: na ditadura militar, na campanha das Diretas Já, e no *impeachment* de Dilma, além de ter sido apropriado por bolsonaristas, posteriormente.

[...] A cor (que, combinada com o verde, é sinônimo de Brasil em qualquer lugar do mundo) está no centro de uma guerra que opõe movimentos da sociedade civil que se manifestam em defesa da democracia e grupos fiéis a Bolsonaro [...], o grupo de apoio bolsonarista sai às ruas de amarelo e exibe um discurso de posse sobre a bandeira e o hino nacionais.

A recente onda amarela (cor-expressão) entre forças da direita, afirma o autor, está diretamente associada às manifestações contra Dilma Rousseff, em 2014, transformadas, posteriormente, em passeatas pró-*impeachment*. Tavares (2020), ao citar o movimento Vem pra Rua, utiliza as palavras de Rogério Chequer, líder do movimento, sobre a decisão inicial do grupo em usar a cor laranja, e não a amarela, para puxar os atos:

“O Vem pra rua [...] inicialmente usaria o laranja, mas teve que trocá-lo, segundo o fundador Rogério Chequer, porque em telas ele poderia se confundir com o vermelho ‘No primeiro vídeo que postamos, nos xingaram de petistas’, diz [Rogério], em alusão ao tom rubro do partido.

‘Aí debatemos que a cor deveria ter a ver com a bandeira, com a pátria. Logo, amarelo’, explica [Rogério]. O fato de participantes começarem a aparecer vestindo a camiseta da seleção foi coincidência [...].

‘Em 2014 teve Copa do Mundo. Acho que era mais fácil a pessoa ter em casa uma camisa da seleção do que outra roupa da mesma tonalidade’, diz [Rogério]. A moda pegou e depois passou a ser incentivada pelos próprios adeptos das marchas anti-PT e pró-Lava Jato.” (Tavares, 2020).

Ainda, o amarelo foi associado à candidatura e à eleição de Jair Bolsonaro em 2018. Durante a campanha, tanto ele quanto seus apoiadores usavam frequentemente roupas e adereços amarelos em suas aparições públicas. A cor amarela se tornou um símbolo da

campanha bolsonarista e uma forma de identificação visual dos seus apoiadores. A cor continua sendo associada à política no Brasil, especialmente ao governo de Bolsonaro (mesmo após seu fim) e aos grupos e movimentos que o apoiam.

Há um embate específico entre grupos políticos que se expressam e significam, ideologicamente, por meio das cores utilizadas em seus atos como posicionamento de apoio político. Por isso, quando dizemos que as cores têm significações, estamos pensando em suas histórias, as cores vermelho e amarelo como signos ideológicos, isto é, semiotizadoras de determinados valores sociais, que carregam, em si, uma forma de representar o mundo e seus acontecimentos.

Além do aspecto verbivocovisual da linguagem, que foi o objetivo dessa ilustração, gostaríamos de ressaltar o diálogo na constituição sógnica de “bolsominions” e “petralhas”, confirmado pela forma como arte e vida estão intimamente relacionados, em um horizonte ideológico mais amplo, como reflexos e refrações de determinadas condições sociais que os constituem, não se excluem, mas convivem. Os signos ideológicos nos mostram um movimento da linguagem que é, sobretudo, coerente, conforme explicita Medviédev:

Dessa forma, onde há contradição é possível também coerência.

Se entre a vida e a arte existe uma contradição, disso certamente procede que não são apenas coisas diferentes, mas fenômenos que se encontram no mesmo plano e que, portanto, podem colidir. De fato, a vida e a arte pertencem à unidade do mundo ideológico e, entre elas, os conflitos são possíveis e às vezes até mesmo necessários (Medviédev, 2012, p. 213).

Com base na afirmação do autor sobre o horizonte ideológico, em que pontua a inadiável relação entre vida e arte, trazemos à tona uma estrutura que possibilita essas relações entre arte e vida, a partir de uma perspectiva metodológica que compreende o enunciado em diálogo com outros (um texto em contato com outros textos). Desse modo, para analisarmos as constituições sógnicas, é preciso que também consideremos o contexto social e ideológico da produção desses enunciados, para que, assim, possamos compreender o horizonte socioideológico que estrutura as relações entre a arte e a vida.

Parafraseando Paula e Batista (2021, p. 64) acerca da verbivocovisualidade na poesia concreta, afirmamos que a “potência tridimensional” dos enunciados, além de renovar, “transforma a concepção de linguagem como elemento humano e sociocultural”.

### 4.3 A etnografia digital: critérios metodológicos e seleção de *corpus*

Defendemos a perspectiva da etnografia digital<sup>20</sup> como um complemento da dialética-dialógica na compreensão dos enunciados. Isto porque, dentre outros aspectos, a etnografia digital, além de nos auxiliar em relação aos procedimentos metodológicos, também nos permite refletir sobre o uso feito da internet e das redes sociais como formatos de interação social. A internet é um artefato cultural (Hine, 2000), o que significa dizer que a inserção da tecnologia na vida cotidiana nos permite ter a virtualidade como uma possibilidade do real e não como uma situação de irrealidade (Lévy, 2000). As mídias sociais transformam as nossas experiências de identidade (aqui, ressaltamos, pautadas na alteridade), de interação e as fronteiras sociais, pois os ambientes *online* e *offline* transformam a sociabilidade (Hine, 2016).

A autora defende que a etnografia digital nos ajuda a evitar uma abordagem em que a mídia seja demasiadamente centralizada, ao passo que busca esforços para compreender como essa mídia se relaciona com a vida dos sujeitos: “[...] para o etnógrafo, o significado reside não no texto propriamente dito, mas em uma gama de relações sociais que antecedem e, ao mesmo tempo, resultam daqueles momentos de engajamento com o texto” (Hine, 2016, p. 12-13), o que revela, inclusive, o caráter ideológico da etnografia digital e justifica, portanto, a escolha teórico-metodológica em nosso trabalho, que busca analisar como os signos “bolsominions” e “petralhas” são resultados de relações sociais mais amplas e complexas do que somente a publicação no Facebook.

Limitamo-nos, em nosso estudo, a analisar as atividades *online* que deixam “traços visíveis de audiência” (Hine, 2016), uma vez que qualquer outro tipo de atividade diferente desta seria demasiadamente complexa para os fins desse estudo e que, inclusive, desviaram dos objetivos de pesquisa (recuperar as publicações e situá-los historicamente).

Desse modo, enquanto pesquisadoras que se propõem a compreender as interações em ambiente *online*, dentre outras possibilidades, fazemos na forma de “lurking”<sup>21</sup> (ficar à espreita), com o objetivo de observar determinado grupo sem a necessidade de se manifestar para não interferir nas relações (Braga, 2006). Isso se dá porque as experiências sociais estão intimamente relacionadas ao momento histórico, por isso as interações são vistas e compreendidas em ambiente *online*, pela crescente utilização destes aparatos. Colocamo-nos

---

<sup>20</sup> Para as diferenciações de termos que nomeiam a área de investigação, sugerimos a leitura de Polivanov (2013), que faz um apanhado geral que distingue a etnografia virtual, netnografia, webnografia. Em nosso estudo, optamos por chamar a área de etnografia virtual, mas entendendo que o que outros autores denominam com outros termos são, de certa forma, o que temos proposto fazer sob a denominação de “etnografia digital”.

<sup>21</sup> Em uma tradução literal, “lurking” significa espreitar-se, bisbilhotar, esconder-se, o que nos dá a ideia de um olhar distanciado, sem interferência direta no objeto de análise.

enquanto pesquisadoras “lurkers”, pois se fizéssemos alterações ou interferências, nosso estudo teria outro formato que não o proposto, uma vez que

Tal prática seria característica do ciberespaço e através dela o ator não se manifesta, apenas dedicando-se à observação do comportamento dos outros. Em outras situações que não apenas a da pesquisa, tal comportamento pode se mostrar bastante útil como, por exemplo, quando um ator é novo em determinado ambiente e pretende apreender suas dinâmicas de funcionamento, valores e regras sociais antes de se manifestar (Polivanov, 2013, s/p).

Embora os pesquisadores possam assumir uma posição de “lurkers” que se identificam e manifestam no processo de interação com o grupo/sujeitos (chamados de “ator” pela autora), o que não é o nosso caso, optamos por observar e analisar as dinâmicas *online* com este olhar distanciado, como forma de ver o funcionamento ao que tange à produção, circulação e recepção destes enunciados em formato de publicação no Facebook. Braga (2006, p. 5), ao falar da posição do pesquisador “lurker”, afirma que faz parte do ofício a participação, a observação e a descrição, como “categorias que formam a unidade do fazer etnográfico”. Isso quer dizer que, embora a presença do “lurker” não seja visível, ela pode ser inferida, o que permite, portanto, a imersão e participação no(s) ambiente(s) pesquisado(s).

Seguimos, assim, defendendo que a análise das redes sociais se tornou um instrumento para a compreensão da sociedade (Fragoso; Recuero; Amaral, 2011). Por isso, ao pensarmos na “atualidade” do tema e dos mecanismos que constituem a pesquisa, o nosso *corpus*, proveniente de uma rede social, nos leva à uma metodologia específica relacionada à pesquisa feita na internet e no meio digital. Fragoso, Recuero e Amaral (2011, p. 12) dizem que “[...] as experiências sociais são sempre vinculadas a um momento histórico particular e complexo”, de modo que as interações, por estarem em um ambiente *online*, ganham uma camada de virtualidade, segundo as autoras. Portanto, alguns caminhos metodológicos são necessários para a pesquisa no virtual, o que configura um estudo etnográfico digital. Em relação à delimitação do *corpus*, as autoras demonstram que há várias estratégias e critérios para seleção, divididos em tipo, subtipos e procedimentos, que variam de acordo com o objetivo de cada pesquisa.

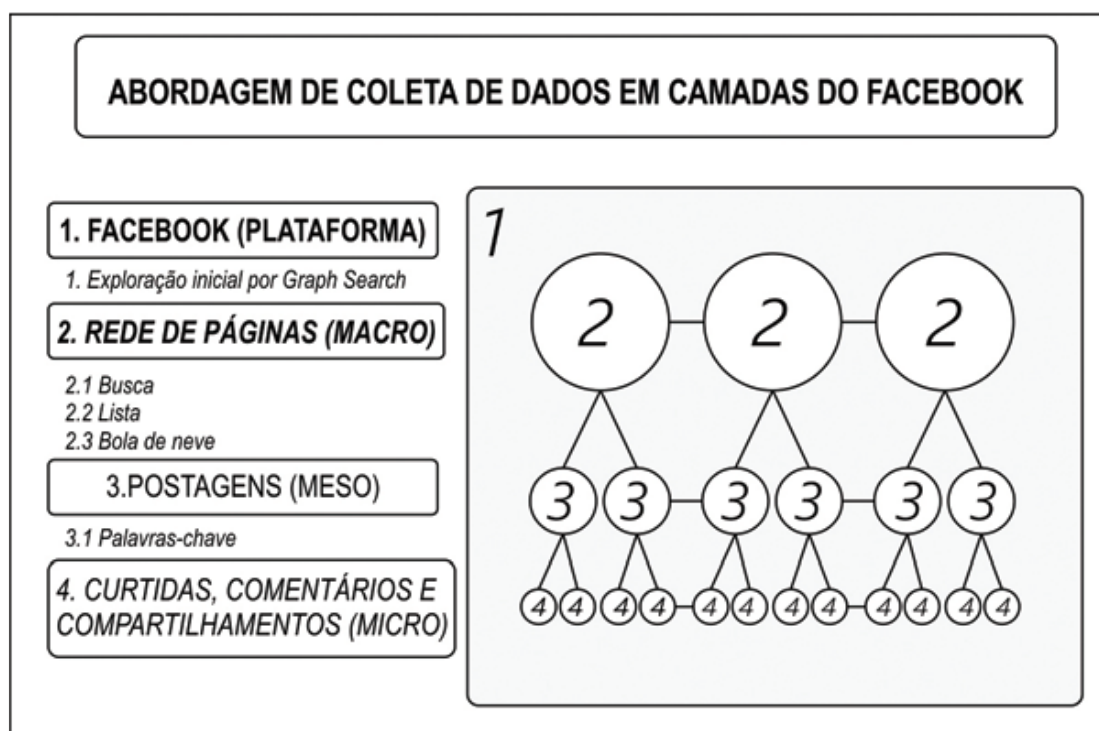
Assim, visando nossos objetivos já explicitados, que tangerem à construção de sentidos dos signos ideológicos “bolsominions” e “petralhas”, o tipo de estratégia “intencional”, por meio dos subtipos “em bola de neve” caracterizado como a identificação de outros elementos a partir de um primeiro elemento de interesse e “por critério”, caracterizado como elementos selecionados que apresentam uma determinada característica ou critério pré-definido (Fragoso; Recuero; Amaral, 2011, p. 80) são utilizados como procedimentos metodológicos para delimitação do nosso *corpus*. Isto é, selecionamos uma rede social como ambiente *online* para

ser o nosso campo de pesquisa, a partir de uma motivação (relação entre arte, mídia e política – “intencional”), utilizamos dois termos no mecanismo de busca próprio do Facebook, “bolsominions” e “petralhas”, e a partir dos resultados – “em bola de neve”, selecionamos, “por critério”, as páginas a partir dos aspectos quantitativos, temáticos e temporais.

Recuero (2016) defende a etnografia virtual como um método flexível e de foco subjetivo, permitindo uma pluralidade de perspectivas e objetos, ao passo que considera a Análise de Redes Sociais (ARS) um bom indicativo quantitativo. Defendemos, contudo, que o nosso trabalho não se enquadra no espectro de um analista de redes sociais, tampouco de um etnógrafo virtual/digital, mas temos como base os preceitos da área para que possamos, de maneira ética, nos colocarmos na rede social e coletarmos os dados sem que haja equívocos conceituais e, sobretudo, atrelando-o ao nosso método dialético-dialógico que fundamenta a nossa pesquisa. Portanto, é deste ponto que utilizamos as contribuições da etnografia digital, para fundamentarmos o nosso “campo” de pesquisa.

Partimos, então, para uma breve contextualização da rede social Facebook, com a finalidade de observarmos o seu funcionamento e, portanto, a forma de coletar os dados que são o nosso *corpus* de análise. A seguir trazemos uma figura que ilustra os diferentes níveis de informação em circulação no Facebook, o que permite mapear comunidades temáticas atuantes na rede social, de acordo com Alves (2016), além da defesa do autor por tal, a partir do fluxograma que ilustra as etapas da coleta de dados de acordo com a hierarquia das camadas do Facebook.

Figura 7 - Os diferentes níveis da arquitetura de informações do Facebook



Fonte: Alves (2016)

[...] desde a descontinuidade da coleta pela busca de termos, não é possível acessar o fluxo universal de postagens no Facebook (representado pelo espaço 1). Além disso, os ambientes com os quais a API<sup>22</sup> permite interação foram reduzidos, eliminando as partes da documentação de acesso aos conteúdos produzidos pelos usuários em suas linhas do tempo. Por isso, focamos nas *fan-pages* (2) como os locais principais para mineração de dados. No entanto, não compreendemos as páginas como unidades isoladas entre si. Pelo contrário, partimos do princípio de que elas criam dinâmicas relacionais, ou seja, elas seguem, curtem, comentam e compartilham conteúdo umas das outras. De fato, possuem uma atuação em rede a partir de diversos relacionamentos comunicacionais. O resultado são comunidades temáticas atuando em rede no Facebook.

[...] temos três camadas de dados: o *macro-level*, que compreende todas as relações horizontais entre as *fan-pages* – como se seguem; o *meso-level*, que trata das informações e metadados contidos nas publicações da rede montada na etapa anterior – como se compartilham, trocam links ou se mencionam; e o *micro-level*, que se refere às relações entre as páginas a partir das ações de engajamento do público – curtidas, comentários e compartilhamentos (Alves, 2016, p. 78-79, grifo do autor).

O uso dessa organização de coleta de dados, feita pelo autor, busca levantar informações de órgãos institucionalizados. Contudo, como as páginas utilizadas em nosso estudo não se voltam para esse tipo de oficialidade, algumas etapas previstas não estão contempladas, dada as nossas finalidades. Como observado em Alves (2016) e a partir dele, a arquitetura da rede social contempla a própria plataforma (o suporte), Facebook, as páginas, os *posts* e as curtidas,

<sup>22</sup> Segundo o autor, a API é “[...] por um lado, um conjunto de comandos técnicos para realizar ações, mas de outro é uma documentação que representa as políticas empresariais do Facebook para acesso ao seu banco de dados” (Alves, 2016, p. 75).

comentários e compartilhamentos. Ou seja, partimos de uma generalização para chegar nas particularidades, mas sem nos esquecermos de que o singular está em constante diálogo com o universal na internet.

A partir da figura, podemos afirmar que a nossa atuação no Facebook, embora contemple a rede como um todo, está focada nos elementos 2 e 3, rede de páginas e *posts*, respectivamente, para que possamos atingir os nossos objetivos de constituição dos signos ideológicos, a partir da produção, circulação e recepção social. Por isso, não nos aprofundaremos na rede social como plataforma, tampouco em cada curtida, comentário e compartilhamento das publicações, por particularizar demais cada uma e, assim, tornar o estudo mais extenso do que previsto, além de mudar os objetivos previstos. Contudo, a questão quantitativa que perpassa o número de curtidas, comentários e compartilhamentos nos interessa para fins de observar a circulação dos enunciados.

A seleção das páginas no Facebook é feita mediante o mecanismo de busca próprio da rede social, pelos signos linguísticos “bolsominions” e “petralhas”. Dos resultados obtidos, observamos que os termos que, inicialmente, surgiram para designar um perfil de eleitorado político específico também ganharam ressignificações ao serem esvaziados de sentido (original) e apropriados pelo grupo que, anteriormente, assim era denominado. Desse modo, “bolsominions” e “petralhas” passam a ser, em um movimento dialógico em que o signo se mantém vivo, termos de autodenominação de um outro grupo – o que configura o subtipo de amostra em bola de neve. Utilizamos os critérios temático, quantitativo e temporal tanto para a delimitação das páginas quanto para os *posts* a serem analisados.

Isso implica buscar, dentre o levantamento feito, as páginas que possuem publicações voltadas para o tema político, as páginas mais curtidas (isto é, com o maior número de *likes*), e as páginas alimentadas durante o período do golpe de 2016 (para o signo “petralhas”) e durante o período de eleição presidencial em 2018 (para o signo “bolsominions”). Ainda que não nos limitemos a olhar somente para essas páginas e publicações, uma vez que a produção de conteúdo ainda continua, a delimitação se dá como uma forma de *corpus* principal, o ponto de partida que nos leva para outros textos e permite ter um “início” ao movimento dialético-dialógico de (re)constituição de sentidos. A seguir, colocamos, em formato de tabela, os resultados obtidos a partir do mecanismo de busca no Facebook, para, então, conseguirmos chegar à delimitação mencionada para cada um dos signos.

Ainda, pontuamos que a busca pelos signos linguísticos “petralha” e “bolsominion” foi refeita em 31 de outubro de 2020<sup>23</sup>, por volta das 11h00 às 11h30, pela necessidade de mapear

---

<sup>23</sup> No dia 20 de julho de 2021 atualizamos alguns dados das tabelas.



páginas excluídas ou fora do acesso público. Tornam-se signos ideológicos, portanto, ao observarmos não só os nomes das páginas, como também as descrições e os tipos (se de apoio ou de crítica), o que já nos dá um panorama geral sobre o tipo de conteúdo a ser encontrado nessas páginas:

Tabela 1 - Páginas de Facebook com entrada "petralha"

| <b>Nome da página</b>                                                   | <b>Curtidas</b> | <b>Descrição</b>                                                                                                                                          | <b>Tipo</b> |
|-------------------------------------------------------------------------|-----------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|
| <b>PeTralhas</b>                                                        | 1,5 mil         | Página sobre Política.                                                                                                                                    |             |
| <b>PETralhas</b>                                                        | 3,8 mil         | Aqui só não entra tucano.                                                                                                                                 | Apoio       |
| <b>Petralha Bolado</b>                                                  | 1,2 mil         | LULA 2018!                                                                                                                                                | Apoio       |
| <b>Moicano petralha</b>                                                 | 0               | -                                                                                                                                                         |             |
| <b>Petralhas</b>                                                        | 1               | -                                                                                                                                                         |             |
| <b>Caçador de petralhas</b>                                             | 0               | -                                                                                                                                                         | Crítica     |
| <b>Camisas Petralhas</b>                                                | 0               | -                                                                                                                                                         |             |
| <b>Petralha NUNCA MAIS</b>                                              | 1,9 mil         | Ética na politica tão agredida nestes 13 anos do PT e seus simpatizantes                                                                                  | Crítica     |
| <b>Sou petralha desde que a Luciana Genro não foi pro segundo turno</b> | 2,1 mil         | -                                                                                                                                                         | Apoio       |
| <b>Petralhas Corruptos</b>                                              | 4 mil           | -                                                                                                                                                         | Crítica     |
| <b>Coxinha S2 Petralha</b>                                              | 696             |                                                                                                                                                           |             |
| <b>Fora Petralhas</b>                                                   | 2,2 mil         | O objetivo da página está totalmente desvinculada de partido, porém o primeiro passo para curar o Brasil que não para de sangrar é tirar o PT do comando! | Crítica     |
| <b>Golpe Petralha</b>                                                   | 111             | Página dedicada à arte do petralhismo. Contra todo tipo de fascismo, direitismo e falta de politização.                                                   | Crítica     |
| <b>Pérolas Petralhas</b>                                                | 1,5 mil         | Página destinada a coletar declarações de petistas mas serve de qualquer pessoa da esquerda.                                                              |             |
| <b>Gato Petralha</b>                                                    | 44              | É loko mano                                                                                                                                               | Apoio       |
| <b>Petralhas Corruptos</b>                                              | 4,1 mil         | -                                                                                                                                                         | Crítica     |
| <b>Humor Petralha</b>                                                   | 26              | PÁGINA OFICIAL DA ZUEIRA DESSES CORRUPTOS QUE ESTÃO NO BRASIL                                                                                             | Crítica     |
| <b>O Petralha da ILHA</b>                                               | 22              | Base militante social                                                                                                                                     |             |
| <b>Brasil Petralha</b>                                                  | 94              | Para denunciar as roubalheiras e desvios dos petralhas                                                                                                    | Crítica     |
| <b>O País dos Petralhas</b>                                             | 2,5 mil         | "O País dos Petralhas II - o inimigo agora é o mesmo", de                                                                                                 | Crítica     |

|                                                         |         |                                                                                                                                                                     |         |
|---------------------------------------------------------|---------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|
|                                                         |         | Reinaldo Azevedo, já está em todas as livrarias: 432 páginas com o melhor do melhor analista político do Brasil.                                                    |         |
| <b>Petralha Politicamente Incorreto</b>                 | 16      | -                                                                                                                                                                   |         |
| <b>Dog Petralha</b>                                     | 16      | Apenas um pequeno doguinho latino-americano lutando por justiça social-auau.                                                                                        | Apoio   |
| <b>Brasil LIVRE DOS Petralhas</b>                       | 2,9 mil | BRASIL LIVRE                                                                                                                                                        | Crítica |
| <b>Penico Petralha</b>                                  | 2       | -                                                                                                                                                                   | Crítica |
| <b>Operação Petralhas No Xilindró</b>                   | 1,2 mil | Esta página é para todos os que tem ojeriza de ladrões institucionalizados, especialmente nojo de petralhas e seus aliados.                                         | Crítica |
| <b>Os Caça-Petralhas</b>                                | 7,9 mil | A luta dos cidadãos de bem (caça-petralhas) para livrar o Brasil das assombrações petralhas... Atenção olavistas, esta é uma página intervencionista e lavajatista. | Crítica |
| <b>A Saga do Petralha e outros poemas</b>               | 92      | um baú de escritos prováveis e transitórios                                                                                                                         |         |
| <b>Guarulhos Não Quer Mais #Petralhas</b>               | 502     | Se você é como eu, que acha que o atual prefeito de Guarulhos arruinou a nossa cidade, curta!                                                                       | Crítica |
| <b>Romário PeTralha - Traidor</b>                       | 32      | O deputado e ex-jogador de futebol Romário (PSB-RJ) tem recebido um mar de críticas em seu Facebook por conta da coligação que seu partido fechou no Rio de Janeiro | Crítica |
| <b>Fora PT e Todos os PeTralhas</b>                     | 1,6 mil | Página de Informações sobre Política e Notícias da Atualidade.                                                                                                      | Crítica |
| <b>Boicote às empresas petralhas</b>                    | 1,2 mil | Esta página existe para debater e incentivar o BOICOTE das pessoas de bem às empresas que colaboram com a destruição do Brasil apoiando os desmandos do PT.         | Crítica |
| <b>Igreja Petralha dos Mensaleiros dos Últimos Dias</b> | 62      | Esta é uma página de ficção e humor, qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.                                                                       |         |
| <b>Malditos Petralhas</b>                               | 194     | Pra você assumir de vez seu lado esquerdopata!                                                                                                                      |         |

|                                                                          |         |                                                                                                                                                            |         |
|--------------------------------------------------------------------------|---------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|
| <b>Nem bolsominion, nem petralha acima de tudo brasileiro legitimo .</b> | 67      | O que importa e que sejamos brasileiros ,sem síndrome de vira-latas .                                                                                      |         |
| <b>Irmão metralha</b>                                                    | 2,8 mil |                                                                                                                                                            |         |
| <b>Página petralha ridícula do djabo</b>                                 | 3       | -                                                                                                                                                          |         |
| <b>Diva Petralha</b>                                                     | 21      | Página de humor de uma diva de esquerda.                                                                                                                   | Apoio   |
| <b>O Maravilhoso Brasil dos Petralhas</b>                                | 124     | esse é o maravilhoso Brasil do PT, onde não existe corrupção e tudo anda às mil maravilhas, pelo menos na cabeça deles..os PETRALHAS.                      | Crítica |
| <b>Coxinhas e Petralhas</b>                                              | 27      | Somos Coxinhas e Petralhas - inimigos no jogo político, mas amigos na vida. Que os muros sejam derrubados!                                                 |         |
| <b>Bloco dos Petralhas</b>                                               | 354     | Destinada aos esquerdalhas que pulam carnaval com a foice, martelo e copo na mão.                                                                          | Apoio   |
| <b>Dossie petralhas</b>                                                  | 10      | -                                                                                                                                                          |         |
| <b>Os Petralhas endiabrados</b>                                          | 8       | -                                                                                                                                                          |         |
| <b>Coxinhas vs Petralhas</b>                                             | 68      |                                                                                                                                                            |         |
| <b>Petralhas Hipsters</b>                                                | 43      | Nós bebemos a nossa própria IPA que produzimos com lúpulo orgânico da Via campesina.                                                                       |         |
| <b>Fora Petralhas</b>                                                    | 1       | teste                                                                                                                                                      | Crítica |
| <b>Doe uma chupeta aos petralhas</b>                                     | 16      | Criada para todos que já não aceitam a situação caótica de corrupção que está o país, doe chupetas aos senadores petinhas da comissão de impeachment.      | Crítica |
| <b>Petralha Zuero</b>                                                    | 4,6 mil | Zoando os minions e a coxinhagem em geral.                                                                                                                 | Apoio   |
| <b>PAP - Partido Anti Petralha</b>                                       | 1,6 mil | Essa página tende a reunir todas as informações e abusos dos petralhas, os planos, os crimes, as censuras. Que Deus nos ilumine. Aqui NAO FAZEMOS O DIABO. | Crítica |
| <b>Vida de Petralha</b>                                                  | 459     | Nem tudo é verdade! Tipo no governo.                                                                                                                       |         |
| <b>Eu Era Tucano mas um PeTralha me Curou</b>                            | 324     | Tiozão Reacionário Arrependido                                                                                                                             | Apoio   |
| <b>Criei essa página para zoar Socialista</b>                            | 13 mil  | Página pra zoar, mas também tratar de Política e Economia.                                                                                                 | Crítica |
| <b>Petralha G0ys</b>                                                     | 27      | somos petralhas e adoramos uma passadina                                                                                                                   |         |
| <b>Tomei bomba na escola por culpa do PT,</b>                            | 74      | -                                                                                                                                                          |         |

|                                             |     |                                                                                                                                                         |         |
|---------------------------------------------|-----|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|
| <b>aqueles petralhas que não passa cola</b> |     |                                                                                                                                                         |         |
| <b>Porra Petralhas</b>                      | 279 | Aqui é butinada na cara da petralhada! Porque no fundo é o que cada trabalhador, cada pessoa honesta quer, devolver o mal que o PT faz ao nosso Brasil. | Crítica |
| <b>Os Caça-Petralhas 2.0</b>                | 660 | Continuação da página Os Caça-Petralhas 1.0                                                                                                             | Crítica |
| <b>Fora PT To Cansado De Você</b>           | 71  | Fora Petralhas.                                                                                                                                         | Crítica |

Fonte: Elaboração autoral

Tabela 2 - Páginas de Facebook com entrada "bolsominion"

| <b>Nome da página</b>                                      | <b>Curtidas</b> | <b>Descrição</b>                                                                                                                                         | <b>Tipo</b> |
|------------------------------------------------------------|-----------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------|
| <b>Bolsominion</b>                                         | 3,1 mil         | Um compilado entre a infinitude de opiniões que resultam da mistura de duas coisas: baixo conhecimento e ódio.                                           | Crítica     |
| <b>BolsominiOn</b>                                         | 640             | Oi me chamo BolsominiOn, sou filho do presidente Bolsonaro.<br>hihihi                                                                                    | Apoio       |
| <b>Bolsominions</b>                                        | 10,9 mil        | COMANDO DE OPRESSÃO À ESQUERDA                                                                                                                           | Apoio       |
| <b>Bolsominion</b>                                         | 255             | lula roubou meu nome                                                                                                                                     | Apoio       |
| <b>Todo dia um Bolsominion diferente passando vergonha</b> | 3 mil           | Somos o rompimento dos conceitos empregados erroneamente e disseminados pelo sr. Jair Bolsonaro. Se você deseja romper essas ideias, junte-se a nós!     | Crítica     |
| <b>Bolsominions</b>                                        | 179 mil         | -                                                                                                                                                        | Crítica     |
| <b>Meu Bolsominion Arrependido</b>                         | 8,7 mil         | Peguem suas pipocas para esse espetáculo! Vão ser 4 anos de pura diversão (se ainda formos uma democracia). Mandem prints de seu #BolsominionArrependido | Crítica     |
| <b>Bolsominion</b>                                         | 0               | Página de humor político, feita para magoar mongolões esquerdopatas, comunistas, petralhas, militontos e idiotas úteis em geral...                       | Apoio       |
| <b>Bolsominion</b>                                         | 107             | -                                                                                                                                                        | Apoio       |
| <b>BOLSOMINIOn</b>                                         | 11              | -                                                                                                                                                        |             |
| <b>Bolsominion Arrependido</b>                             | 41 mil          | Memes bolsominions arrependidos                                                                                                                          | Crítica     |
| <b>Bolsominion Controverso</b>                             | 0               | -                                                                                                                                                        | Crítica     |
| <b>Bolsominion patriota</b>                                | 0               | -                                                                                                                                                        | Apoio       |

|                                                            |         |                                                                                                                   |         |
|------------------------------------------------------------|---------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|
| <b>Meu Bolsominion Secreto é</b>                           | 1       | -                                                                                                                 | Crítica |
| <b>Bolsominion Zueiro</b>                                  | 0       | Página de zueira, Chora petista                                                                                   | Apoio   |
| <b>Bolsominion Sincero</b>                                 | 0       | -                                                                                                                 | Apoio   |
| <b>O Bolsominion TV</b>                                    | 0       | -                                                                                                                 |         |
| <b>Bolsominion Envergonhado</b>                            | 0       | -                                                                                                                 | Crítica |
| <b>Cirete Is The New Bolsominion</b>                       |         | Dois personagens cada vez mais parecidos                                                                          | Crítica |
| <b>BolsonaroSim BolsominionNão</b>                         | 1       | -                                                                                                                 | Apoio   |
| <b>Bolsominions</b>                                        | 1,5 mil | Frases e pensamentos dos Bolsominios                                                                              | Apoio   |
| <b>Alugue um "Bolsominion satisfeito</b>                   | 0       | Grande oportunidade!!!                                                                                            | Apoio   |
| <b>Apenas um bolsominion</b>                               | 0       | -                                                                                                                 |         |
| <b>bolsominion_com_orgulho</b>                             | 0       | -                                                                                                                 | Apoio   |
| <b>Lulominion x Bolsominion</b>                            | 0       | -                                                                                                                 | Crítica |
| <b>FALA AÍ Bolsomínion</b>                                 | 0       | Pagina para mostrar o verdadeiro significado do termo "cidadão de bem"                                            | Apoio   |
| <b>É, bolsominion arrependido?</b>                         | 0       | -                                                                                                                 | Crítica |
| <b>Meu Bolsominion Secreto</b>                             | 13 mil  | Esta página tem como finalidade expor situações contraditórias que alguns eleitores se colocam. Página de ficção! | Crítica |
| <b>Bolsominions Arrependidos.</b>                          | 26 mil  | -                                                                                                                 | Crítica |
| <b>Bolsominion Arrependido</b>                             | 9,7 mil | Um ex eleitor de Bolsonaro                                                                                        | Crítica |
| <b>Meu Bolsominion Secreto</b>                             | 20 mil  | -                                                                                                                 | Crítica |
| <b>Todo Dia Um Bolsominion Diferente Passando Vergonha</b> | 8,2 mil | -                                                                                                                 | Crítica |
| <b>Todo dia um Bolsominion arrependido</b>                 | 4,4 mil | -                                                                                                                 | Crítica |
| <b>Bolsominion Arrependido</b>                             | 3,5 mil | -                                                                                                                 | Crítica |
| <b>Todo dia um Bolsominion arrependido</b>                 | 13 mil  | -                                                                                                                 | Crítica |
| <b>Bolsominion Arrependido</b>                             | 3,5 mil | @jairmetraiu                                                                                                      | Crítica |
| <b>Karma Bolsominion</b>                                   | 2,4 mil | Página de humor com casos reais de Bolsominions que foram vítimas do próprio discurso.                            | Crítica |
| <b>Meu Bolsominion Arrependido</b>                         | 1,7 mil | Página para informação e não para compartilhar Conhecimento...                                                    | Crítica |
| <b>Bolsominion Surtado</b>                                 | 1 mil   | Depois que Stalin ganhou dois prêmios Nobel a coisa realmente degingolou! Nosso amigo está a                      | Crítica |

|                                                                 |         |                                                                                                                                                |         |
|-----------------------------------------------------------------|---------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|
|                                                                 |         | base de remédios e pronto para os eletrochoques.                                                                                               |         |
| <b>Bolsominion Opressor</b>                                     | 1,1 mil | Página dedicada a zoeira, opressão e ao nosso #Bolsomito.                                                                                      | Apoio   |
| <b>Bolsominion Arrependido</b>                                  | 1,7 mil | Memórias de um eleitor fanático arrependido.                                                                                                   | Crítica |
| <b>Capitão América Bolsominion</b>                              | 1,2 mil | -                                                                                                                                              | Apoio   |
| <b>Todo castigo pra bolsominion é pouco</b>                     | 3,6 mil | -                                                                                                                                              | Crítica |
| <b>Todo dia um bolsominion arrependido diferente</b>            | 4,7 mil | -                                                                                                                                              | Crítica |
| <b>Bolsominion Opressor</b>                                     | 259     | MEME É TECH, MEME É POP, MEME É TUDO TÁ NO FOICEBOOK!                                                                                          | Apoio   |
| <b>Bolsominion da depressão</b>                                 | 872     | Votou no minion, entrou em depressão? Esta página é dedicada a vc, bolsominion arrependido.                                                    | Crítica |
| <b>Ajude um Bolsominion a sair do armário</b>                   | 1,3 mil | Acreditamos que o armário, da negação dos próprios desejos, é um lugar escuro e frio demais para qualquer ser humano, até para um Bolsominion  | Crítica |
| <b>Como converter Bolsominion</b>                               | 49      | Sem polarizar se desmascara o Bolsonaro.                                                                                                       |         |
| <b>Tentei ser bolsominion mas o Bolsonaro não colaborou</b>     | 2,1 mil | -                                                                                                                                              | Crítica |
| <b>Meu bolsominion secreto</b>                                  | 3 mil   | Página de humor político                                                                                                                       | Crítica |
| <b>Meu Bolsominion Secreto</b>                                  | 2,5 mil | -                                                                                                                                              | Crítica |
| <b>Bolsominion Xatiadu</b>                                      | 197     | Página destinada a consolar quem está xatiadu, mas segue bolsominion. Se arrependeu? Tá decepcionado? uma vez bolsominion, sempre bolsominion. | Crítica |
| <b>Memes revolucionários para deixar bolsominion pistola</b>    | 902     | Página criada exclusivamente para fazer memes com o asno/palhaço que ocupa a presidência desse país dominado pelo analfabetismo político.      | Crítica |
| <b>Todo dia a cotação do dólar com a foto de um bolsominion</b> | 610     | -                                                                                                                                              | Crítica |
| <b>Bolsominions</b>                                             | 2 mil   | -                                                                                                                                              |         |
| <b>Bolsominion Nordeste</b>                                     | 171     | -                                                                                                                                              | Apoio   |
| <b>UrenêDF bolsominion</b>                                      | 94      | Página de cunho político social                                                                                                                |         |
| <b>Todo dia um bolsomínion diferente fazendo feio</b>           | 358     | Bolsomínions... Até quando?                                                                                                                    | Crítica |

|                                                             |     |                                                                                                                                                                                                     |         |
|-------------------------------------------------------------|-----|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|
| <b>Bolsominion radioativo</b>                               | 1   | -                                                                                                                                                                                                   | Crítica |
| <b>Bolsominion Petulante</b>                                | 5   | Pagina criada em homenagem à uma outra pagina: Mostre Isso a um seguidor de Bolsonaro II, que sempre apaga meus comentarios e me bloqueia na pag. dele!                                             | Crítica |
| <b>Não Responda ao um bolsominion</b>                       | 574 | Esta pagina é dedicada a você que está de saco cheio das idiotices que recebe dos bolsominions, vai aqui uma dica: ignore, não responda, deixe-o vácuo.                                             | Crítica |
| <b>Agente Bolsominion</b>                                   | 49  | -                                                                                                                                                                                                   |         |
| <b>Bolsominion do Funk</b>                                  | 67  | -                                                                                                                                                                                                   |         |
| <b>Bolsominion Opressor</b>                                 | 5   | Pagina de humor político criada para oprimir os esquerdistas                                                                                                                                        | Apoio   |
| <b>Bolsominion Opressor</b>                                 | 547 | Página dedicada ao digno desejo de plantar a discórdia em qualquer hora ou lugar.                                                                                                                   | Apoio   |
| <b>Bolsominion chorão</b>                                   | 1   | -                                                                                                                                                                                                   | Crítica |
| <b>Todo dia um Bolsominion Diferente Passando Vergonha</b>  | 387 | -                                                                                                                                                                                                   | Crítica |
| <b>Bolsominion de Plantão</b>                               | 37  | Somos apoiadores do Governo do Presidente, nos chamaram de Bolsominos e não temos problemas com isso, taokey! Nosso presidente e é sempre será o mais malvado de todos contra a esquerda comunista. | Apoio   |
| <b>Meu Bolsominion Secreto</b>                              | 9   | Essa página foi feita para que todos nós, adeptos ao movimento #EleNão, denunciemos a hipocrisia dos eleitores do Bozo.                                                                             | Crítica |
| <b>Bolsominion com orgulho</b>                              | 20  | Página dos apoiadores do Bolsonaro que se orgulham de serem chamados de bolsominion!                                                                                                                | Apoio   |
| <b>Isso o Bolsominion não mostra</b>                        | 179 | Críticas ao governo Bolsonaro                                                                                                                                                                       | Crítica |
| <b>Bolsominion Arrependido</b>                              | 63  | Página solidária ao minions que já se arrependeram de seu voto.                                                                                                                                     | Crítica |
| <b>Bolsominion Rei dos Baixinhos</b>                        | 41  | Página para zoar os Bolsominions2018                                                                                                                                                                | Crítica |
| <b>Bolsominion Norte Mineiro</b>                            | 106 | -                                                                                                                                                                                                   |         |
| <b>Todo dia um Bolsominion sofrendo intervenção militar</b> | 30  | TEJE PREJO, BOLSOMINIU! CS SÃO TUDO VAGABUNDO, BANDIDO e vetor de doença. Bando de doente da cabeça                                                                                                 | Crítica |
| <b>Keanu Reeves bolsominion</b>                             | 28  | -                                                                                                                                                                                                   |         |

|                                                              |         |                                                                                                                                                     |         |
|--------------------------------------------------------------|---------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|
| <b>Lágrimas de Bolsominion</b>                               | 3       | -                                                                                                                                                   | Crítica |
| <b>Meu Bolsominion Secreto</b>                               | 1       | -                                                                                                                                                   | Crítica |
| <b>Bolsominion Zoeiro</b>                                    | 7       | -                                                                                                                                                   | Apoio   |
| <b>Bolsominion arrependido</b>                               | 16      | Para o mundo que eu quero descer                                                                                                                    |         |
| <b>Bolsominion da Depressão</b>                              | 23      | -                                                                                                                                                   |         |
| <b>Todo dia um Bolsominion passando vergonha</b>             | 13      | Página dedicada a mostrar as idiotices dos bolsoasnos, para todos darem risada!                                                                     | Crítica |
| <b>Todo dia o Seungmin sendo bolsominion</b>                 | 11      | -                                                                                                                                                   | Crítica |
| <b>Cada dia um bolsominion pagando mico diferente</b>        | 16      | -                                                                                                                                                   | Crítica |
| <b>Meu Bolsominion de Estimação</b>                          | 22      | -                                                                                                                                                   | Crítica |
| <b>Bolsominion nem é gente</b>                               | 8       | -                                                                                                                                                   | Crítica |
| <b>Página mais bolsominion do Face, "Isto é Brainlet BR"</b> | 9       | -                                                                                                                                                   |         |
| <b>Larissa bolsominion fodase</b>                            | 7       | -                                                                                                                                                   |         |
| <b>Bolsominion memes</b>                                     | 0       | -                                                                                                                                                   |         |
| <b>Bolsominion Arrependido</b>                               | 39 mil  | Memes bolsominions arrependidos                                                                                                                     | Crítica |
| <b>Bolsominion Indignado</b>                                 | 38 mil  | -                                                                                                                                                   |         |
| <b>Todo dia Tem Um Bolsominion Passando Vergonha</b>         | 42 mil  | A página foi criada no intuito de expôr os males causados por bolsominions, os comentários e opiniões que são recheadas de preconceitos e ameaças!. | Crítica |
| <b>Bolsominion Gamer</b>                                     | 13 mil  | Aqui você terá as notícias mais recentes do governo Bolsonaro , notícias , vídeos , lives de gameplays também, curiosidades e muito mais!           | Apoio   |
| <b>Somos Bolsominion</b>                                     | 14 mil  | Página extraoficial de apoio a direita conservadora do Brasil                                                                                       | Apoio   |
| <b>Todo Bolsominion é perigoso</b>                           | 1 mil   | A sociedade brasileira mergulhou num obscurantismo brutalmente violento nestes tempos bolsonaristas.                                                | Crítica |
| <b>Todo Dia Um Bolsominion Passando Vergonha Na Internet</b> | 1,2 mil | Só pra zuar o Bolzonaro mesmo                                                                                                                       | Crítica |
| <b>Meu bolsominion secreto</b>                               | 496     | -                                                                                                                                                   | Crítica |
| <b>Zoando os Bolsominion II A Missão</b>                     | 187     | Página criada para através da zoeira tentar abrir a mente dos bolsominions . É uma compilação das postagens                                         | Crítica |



|                                                                              |         |                                                                                                                                                       |         |
|------------------------------------------------------------------------------|---------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|---------|
|                                                                              |         | veiculadas em diversas páginas, twitter e Instagram.                                                                                                  |         |
| <b>Petista ou bolsominion?</b>                                               | 12      | -                                                                                                                                                     | -       |
| <b>Bolsominions Patriotas</b>                                                | 5,4 mil | Tudo que postamos é conteúdo político, mas de uma maneira divertida e com objetivo demonstrar todo nosso amor ao Melhor Presidente de todos os tempos | Apoio   |
| <b>O Zap do Bolsominion</b>                                                  | 255     | Tudo do zap dos brasileiros fanáticos                                                                                                                 | -       |
| <b>Diário de um Bolsominion</b>                                              | 7       | A verdade frustrante por trás da alienação                                                                                                            | Crítica |
| <b>Diário de um bolsominion</b>                                              | 5       | Sou apenas um homem de bem que faz de tudo pelo MITO!                                                                                                 | Apoio   |
| <b>Faz arminha bolsominion</b>                                               | 235     | Museu dos bolsominion arrependido                                                                                                                     |         |
| <b>Todo bolsominion é retardado</b>                                          | 17      | -                                                                                                                                                     | Crítica |
| <b>Bolsominion_seu_rabo</b>                                                  | 7       | -                                                                                                                                                     | Apoio   |
| <b>Página com as cagadas de Bolsonaro para lembrar seu amigo bolsominion</b> | 520     | -                                                                                                                                                     | Crítica |
| <b>Gado Bolsominion</b>                                                      | 259     | Gado do Mito, sejam bem vindos.                                                                                                                       | Crítica |
| <b>Bolsominions</b>                                                          | 539     | Olhe para frente e siga a direita!                                                                                                                    | Apoio   |
| <b>Nem bolsominion, nem petralha acima de tudo brasileiro legítimo .</b>     | 64      | O que importa e que sejamos brasileiros ,sem síndrome de vira latas .                                                                                 | -       |
| <b>Bolsominion Raiz Taboão</b>                                               | 4,1 mil | ativismo político de DIREITA                                                                                                                          | Apoio   |
| <b>Bolsominion Alienado</b>                                                  | 898     | Aqui eu incorporo um bolsominion.                                                                                                                     | Crítica |
| <b>Já irritou um bolsominion hj?</b>                                         | 75      | Somos uma página humorística com tom político e que preza pela verdade.                                                                               | Crítica |
| <b>Eu odeio bolsominion, são burros e me dão agonia.</b>                     | 5       | -                                                                                                                                                     | Crítica |
| <b>Cada dia uma imitação boa mas ruim de um Bolsominion</b>                  | 2       | -                                                                                                                                                     | Crítica |
| <b>Não Discuta com um Bolsominion</b>                                        | 127     | Guia de como lidar com apedeutas e acéfalos do nazi-fascismo tupiniquim                                                                               | Crítica |
| <b>Anti bolsominion</b>                                                      | 6       | Nao                                                                                                                                                   | Crítica |
| <b>Bolsominions Arrependidos</b>                                             | 216 mil | “E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará.” – João 8:32                                                                                     | Crítica |
| <b>Bolsominions</b>                                                          | 4,8 mil | somos um só país                                                                                                                                      | Apoio   |

Fonte: Elaboração autoral

Para compor a primeira seleção do nosso *corpus*, chegamos em quatro páginas divididas em dois tipos: favoráveis ou desfavoráveis para cada signo ideológico. Isso significa que temos duas páginas para analisar a constituição de “petralha”, sendo uma de crítica e uma de apoio, assim como temos duas páginas para analisar a constituição de “bolsominion”, uma de crítica e outra de apoio. Fizemos diferentes tentativas de seleção de páginas e *posts* para constituição de nosso *corpus*, com diversos critérios que, a cada momento, apontavam para resultados diferentes e não uniformes (o que é algo positivo, mas, em termos de ordenamento de dados, tornou-se problemático pela irregularidade).

Assim, as páginas selecionadas são “Petralha Zuero” (uso apreciativo do signo) e “Petralha NUNCA MAIS” (uso depreciativo do signo), e “Bolsominions”<sup>24</sup> (uso apreciativo do termo) e “Bolsominions” (uso depreciativo do termo). Dadas as tentativas, o que mais gerou resultados foi o de buscar as páginas com maior número de curtidas (pois, geralmente, são mais alimentadas) e, em cada uma delas, buscar os temas recorrentes que as constituem (visto que o critério temporal de datas importantes no período, como observado na tabela a seguir, não gerou resultados; e o critério de popularidade não foi aplicado por ser uma coleta manual).

Na tabela de *posts* de “petralhas”, as datas indicam, respectivamente, o início do processo de golpe, o afastamento de Dilma, a assunção de Michel Temer como presidente interino e o fim do processo de golpe. Como observado, são momentos importantes ao longo do processo movido contra Dilma mas que, em termos de movimentação nas redes sociais, não surtiram o efeito que projetamos encontrar (proliferação de *posts* de apoio e de crítica). O último dado da tabela, que mostra o total de *posts* no período de 2 de dezembro de 2015 a 31 de agosto de 2016 nos mostra que seria pouco frutífero considerar essas datas “cravadas”, por isso, escolhemos o período (golpe de 2016) e o que se falava a respeito desse período (temas) como forma de observar o comportamento dos petralhas – os que são e se assumem, e os que não são e os criticam.

Tabela 3 - Resultado de *posts* nas páginas de “petralhas”

| <b>Página</b>           | <b>02/12/2015</b> | <b>17/04/2016</b> | <b>12/05/2016</b> | <b>31/08/2016</b> | <b>Total de posts no período</b> |
|-------------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|----------------------------------|
| Petralha Zuero (+)      | 4                 | 0                 | 4                 | 8                 | 800+ (826)                       |
| Petralha NUNCA MAIS (-) | 0                 | 2                 | 0                 | 0                 | 400+ (442)                       |

Fonte: Elaboração autoral

<sup>24</sup> Esta página foi excluída durante o processo de escrita, análise e interpretação do *corpus* (em meados de julho de 2023). Contudo, decidimos mantê-la por já termos coletado os *posts* a partir das temáticas norteadoras.

Seguindo a mesma lógica, vamos à tabela de *posts* de “bolsominions”. As datas indicam, respectivamente, a oficialização da candidatura de Bolsonaro, o primeiro turno da eleição, o segundo turno e a posse de Bolsonaro como presidente da República. Como observado, são momentos importantes ao longo do processo eleitoral de 2018, cujo candidato de oposição direta era Fernando Haddad (PT). Mas, em termos de movimentação nas redes sociais, não surtiram o efeito que projetamos encontrar (proliferação de *posts* de apoio e de crítica).

O último dado da tabela, que mostra o total de *posts* no período de 22 de julho de 2018 a 1º de janeiro de 2019 nos mostra que seria pouco frutífero considerar essas datas “cravadas”, por isso, escolhemos o período (eleição de 2018) e o que se falava a respeito desse período (temas) como forma de observar o comportamento dos bolsominions – os que são e se assumem, e os que não são e os criticam.

Tabela 4 - Resultado de *posts* nas páginas de “bolsominions”

| <b>Página</b>    | <b>22/07/2018</b> | <b>07/10/2018</b> | <b>28/10/2018</b> | <b>01/01/2019</b> | <b>Total de <i>posts</i> no período</b> |
|------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-----------------------------------------|
| Bolsominions (+) | 0                 | 0                 | 3                 | 4                 | 1000+                                   |
| Bolsominions (-) | 2                 | 0                 | 6                 | 2                 | 600+ (612)                              |

Fonte: Elaboração autoral

Como temos duas páginas para cada signo (para crítica e para apoio), temos os temas como norteadores para a compreensão dos sentidos e valores que compõem cada um desses grupos. Essa foi a forma que encontramos para conseguir aplicar os mesmos critérios para signos diferentes e acontecimentos distintos, mas que possuem um elo em sua gênese. O quadro a seguir apresenta uma breve síntese desses temas, que serão esmiuçados na seção seguinte. O objetivo é mostrar como a aplicabilidade do conteúdo temático enquanto critério se tornou não só possível, mas necessária para a condução de nosso estudo.

Quadro 2 - Conteúdos temáticos recorrentes nas páginas de Facebook

| <b>Bolsominions (+)</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | <b>Petralha Zuero (+)</b>                                                                                                                                                                                                     |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apoio a Bolsonaro</li> <li>• Crítica ao PT</li> <li>• Defesa dos valores bolsonaristas (família, igreja, armamento, “bons costumes”)</li> <li>• Ataque aos veículos de imprensa</li> <li>• Oposição às causas feministas e LGBTQIAPN+</li> <li>• Alianças políticas (Trump e Moro)</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Crítica a Aécio Neves e ao PSDB 45</li> <li>• Oposição a Temer</li> <li>• Ataque às mídias televisivas e impressas</li> <li>• Uso de “coxinha” para desqualificar o outro</li> </ul> |
| <b>Bolsominions (-)</b>                                                                                                                                                                                                                                                                                                                | <b>Petralha NUNCA MAIS (-)</b>                                                                                                                                                                                                |
| <ul style="list-style-type: none"> <li>• Crítica aos apoiadores de Bolsonaro</li> <li>• Alianças políticas (EUA e Trump)</li> <li>• Oposição, resistência e #EleNão</li> <li>• Debates televisivos</li> </ul>                                                                                                                          | <ul style="list-style-type: none"> <li>• Apoio a Moro</li> <li>• Defesa da Pátria e do verde e amarelo</li> <li>• Ataque ao feminismo</li> <li>• Oposição e crítica ao PT, a Lula e a Dilma</li> </ul>                        |

Fonte: Elaboração autoral (Canva)

Quando olhamos para os temas recorrentes, vemos certa semelhança e regularidade entre eles, independente de qual seja o posicionamento político adotado ou criticado. A partir dos temas, analisamos a constituição sógnica de “petralhas” e “bolsominions” como um movimento de linguagem, ideológico e estratégico, que marcaram acontecimentos históricos em nosso país, cada qual à sua maneira. Não descartamos, contudo, outros *posts* de outras páginas presentes nas tabelas anteriores como forma de ampliação dos sentidos dos signos, pois como observado, há algumas outras páginas expressivas tanto quanto as selecionadas.

Por fim, reforçamos nossa escolha de coletar, descrever, analisar e interpretar os *posts* sobre bolsominions e petralhas a partir de temas recorrentes, uma vez que já descartamos nosso critério inicial, de popularidade (curtidas e compartilhamentos), por se mostrar improdutivo para os fins de nosso estudo. Nesse sentido, vemos na recorrência temática de *posts* um determinado interesse que o faz estar mais em voga do que outros. Assim, é possível identificarmos como os sujeitos se posicionavam diante de um acontecimento, colocando-se em alteridade com outros sujeitos e outros temas.

Na teoria do Círculo, o enunciado se constitui pelo conteúdo temático, pela construção composicional e pelo estilo. São esses elementos que fazem com que não haja enunciado neutro, visto que sempre haverá uma relação valorativa do falante com o objeto de seu discurso.

A construção composicional diz respeito à configuração geral, disposição, estrutura e organização no enunciado: a forma. Está relacionado, portanto, ao conteúdo temático, dado que se configura como um acabamento geral do enunciado, como forma de materialização de um projeto de dizer de dado autor-criador.

Já o estilo, para o autor, “[...] está indissoluvelmente ligado ao enunciado e às formas típicas de enunciados, ou seja, aos gêneros do discurso” (Bakhtin, 2016, p. 17). Embora pensemos em estilo enquanto uma marca, uma assinatura, que identifica algo ou alguém diante de outros, é o estilo de cada sujeito, construído pela alteridade, no enunciado, que o conecta ao gênero e, por sua vez, mantém os elos com a comunicação discursiva. Bakhtin diz que há uma relação orgânica e indissolúvel entre estilo e gênero, que determinam, por sua vez, a comunicação em determinadas esferas da atividade humana. Ainda, diz que o estilo individual de um enunciado está determinado por seu aspecto expressivo, de modo que é possível depreender o aspecto emocionalmente valorativo do discurso por meio dele.

O conteúdo temático se fundamenta em relações dialógicas, é uma parte do enunciado que estabelece conexões com outros enunciados, independentemente de quais sejam suas formas e estilos. E é justamente essa relação que determina a escolha dos recursos lexicais, gramaticais e composicionais do enunciado (Bakhtin, 2016). Por isso, consideramos essa característica do enunciado como fio-condutor de análise dos *posts*.

Mais do que um tema ou um assunto, dadas as relações dialógicas, o conteúdo temático de um enunciado é o que o liga a outros enunciados, pois é a partir dele que podemos compreender o que já foi dito sobre, em uma verdadeira cadeia da comunicação discursiva: “[...] É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido. Por isso cada enunciado se caracteriza, antes de tudo, por certo conteúdo semântico-objetual” (Bakhtin, 2016, p. 47).

Esclarecido o conteúdo temático como critério, reforçamos que os *posts* do Facebook foram coletados como imagens em formato JPEG<sup>25</sup>, o mais utilizado não só na rede social,

---

<sup>25</sup> Claudia Sardinha, em artigo para a TechTudo, diz que o formato JPEG (Joint Pictures Expert Group) ou JPG é o mais utilizado e popular da internet. Seu tamanho é pequeno quando comparado a outros formatos, o que facilita seu armazenamento e sua distribuição. Os arquivos JPEG aceitam 16 milhões de cores e, em geral, são usadas para salvar imagens e fotografias. Os arquivos podem ter diferentes níveis de compressão e quanto mais existir compressão, ou seja, retirada de informação, menor será o tamanho do arquivo, porém pior será a qualidade da imagem. Por isso que, em alguns casos, a qualidade da imagem de um *post* é baixa, dada sua replicabilidade. SARDINHA, Claudia. Formatos de arquivos de imagem: entenda o que é JPG, GIF, PNG e mais. *TechTudo*. 16

como na internet em geral. Assim, mantemos não só a fidelidade de como foram publicados (*online*), como também a fonte (e não a autoria). Ainda, embora haja espaço para curtidas, comentários e compartilhamentos, não analisaremos de maneira específica e sistematizada essas possibilidades, uma vez que configuraria outro estudo, com diferentes objetivos. Por esse motivo, limitamo-nos a selecionar somente os *posts* (as imagens em JPEG) disponibilizadas nas páginas do Facebook para composição de nosso *corpus*.

Por fim, justificamos, com base em Recuero (2014), a busca manual na rede social Facebook, por termos em mente o conceito de público reestruturado na rede que, com base em Boyd (2010), enxerga “o espaço construído pelas tecnologias e o coletivo que emerge da apropriação desse espaço” (Recuero, 2014, p. 62), o que mostra as características desse público em rede relacionadas ao espaço. São elas:

[...] (i) a permanência das interações, ou seja, o fato de que as interações tendem a ficar inscritas na rede e ali permanecerem; (ii) a “buscabilidade” dessas interações, que são recuperáveis; (iii) a replicabilidade dessas interações que podem ser reproduzidas facilmente e; (iv) a escalabilidade, ou seja, o potencial de alcance e multiplicação desses registros. Essas características nos mostram que há uma mudança no suporte da interação, que vai permitir que as conversações, antes mapeadas unicamente pela observação, tornem-se mais facilmente registradas. É aí que vemos a importante demarcação: Pela primeira vez, graças ao advento e à apropriação dos sites de rede social, os atores passam a registrar seus passos, suas conversas, suas interações e redes. E, com isso, o mapeamento dessas redes ganha novo potencial, com ares de “big data”, no sentido de que, pela primeira vez, é possível mapear gostos, atos, ideias e conexões de milhares de pessoas, procurar e estabelecer padrões entre essas múltiplas redes (Recuero, 2014, p. 62).

Ainda que alguns desses aspectos tenham, nos últimos tempos, mudado (vide a data de produção da obra), como a permanência de conteúdos nas redes (uma vez que posts são excluídas e deixam de “existir”), o formato dessa rede social que nos ajuda no percurso do estudo, pois ao mapearmos as interações, que mostram ideias, valorações, conexões e atos, conseguimos estabelecer uma reconstituição da cadeia discursiva, bem como da constituição singular que é típica de cada enunciado, a situacionalidade. Com isso, falar de um “campo” para o etnógrafo/pesquisador é um desafio, dado que não há um objeto preexistente nem delimitado. Hine diz que o “[...] o campo é construído através de nossa escolha de explorar linhas particulares de investigação em vez de outras linhas possíveis” (Hine, 2016, p. 16), o que justifica, portanto, a escolha teórica-metodológica de analisar as publicações no Facebook como uma forma de compreender identidades (alteridades) e responsabilidades a partir da internet.

Internet esta que não é, hoje, o que já foi um dia, por isso Hine (2016) dizer que os sujeitos estão conectados de maneira *online* e *offline* de formas complexas e imprevisíveis, por isso não podemos mais falar do ciberespaço dos anos 1990 como a internet atual, por ela ser um componente do dia a dia, de modo que a usamos de maneira despercebida, com os dispositivos móveis incorporados às nossas vidas. Por isso, segundo a autora,

O uso da internet torna-se significativo para nossas compreensões da identidade e responsabilidade, e transformador de nossas estruturas de recompensa, confiança e reconhecimento. Qualquer fragmento individual dos dados derivados da internet é, por isso, passível de ser interpretado de uma série de formas, dependendo dos contextos em que se incorpora e adquire significado (Hine, 2016, p. 16).

Por isso, defendemos uma pesquisa etnográfica digital, cujo objetivo é o de analisar signos ideológicos em redes sociais, a partir dos movimentos dialético-dialógico de reconstituição e situacionalização de sentidos, como forma de fazer uma leitura histórica, social e cultural de acontecimentos políticos no Brasil, a partir da “dupla refração” presente na relação arte e vida, perpassada, aqui, pela midiatização, própria dos nossos dias. Em concordância com Hine (2016), qualquer dado na internet pode ser colocado nas lentes da cientificidade e tornado objeto de estudo, pois depende dos contextos de incorporação e significação na sociedade, o que, já sabemos, é possível ser feito com “bolsominions” e “petralhas”.

## 5. Curta, comente e compartilhe: os signos ideológicos “bolsominions” e “petralhas”

Nossa discussão analítica se inicia com os enunciados estéticos que serviram de gatilho para nossa proposição de estudo: a franquia de filmes dos minions e as HQs dos Metralha. Consideramos importante, nesse primeiro e segundo subtópico, pontuar características acerca desses enunciados a fim de contextualizar a perspectiva de sujeito que perpassa nos signos ideológicos nos *posts* analisados. Bolsominions e petralhas possuem semelhanças e diferenças que, em cada universo ficcional, são aproveitados de maneira singular em contexto digital. Por isso, voltamos nossa atenção para essas constituições a partir dos minions e dos irmãos Metralha, respectivamente.

Em seguida, a fim de analisarmos e interpretarmos os enunciados que constituem o *corpus* de nosso estudo, os *posts* de Facebook, apresentamos, no terceiro subtópico, uma discussão acerca da nomeação e sua relação com os signos (ideológicos) que usamos para expressar e significar o mundo a nossa volta, desde o nível estrutural até o discursivo da linguagem, a fim de defender como eles passam por processos discursivos semelhantes, por isso elencamo-nos como contrapartes de uma tendência política que não é nova, mas que constantemente ganha novas roupagens: a de nomeação.

Já no quarto e quinto subtópicos, discutimos os *posts* de Facebook sobre “petralhas” e sobre “bolsominions”, respectivamente, a fim de descrevermos, analisarmos e interpretarmos, à luz da teoria do Círculo, a constituição de um signo ideológico. No subtópico seguinte, discorreremos sobre uma sociedade infocratizada (Han, 2022), baseada em um modelo de tempo sem tempo 24/7 (Crary, 2016) que acreditamos ser algo que temos vivido e continuamos a viver, principalmente no digital.

Desse modo, baseadas na teoria dialógica do discurso do Círculo, vemos essa sociedade como uma ilustração (dentre tantas outras) do modo como lidamos com a informação, e o papel que ela ocupa em nossas vidas.

### 5.1 Minions – os filmes da franquia *Meu Malvado Favorito*

O primeiro contato com o signo “bolsominions” se deu no momento pré-eleitoral de Jair Bolsonaro, em 2018, utilizado e amplamente difundido entre os opositores ao político, o que, de antemão, nos leva a pensar a relação entre as esferas da arte, mídia e política pautadas na vida (refletidas e refratadas) como produtoras de (novos e outros) sentidos. Voltamo-nos para os enunciados estéticos, inicialmente, para compreender as personagens chamadas “minions”, que



fazem parte da franquia de filmes *Meu Malvado Favorito*, como forma de iniciar essa (re)constituição, voltamos nosso olhar para como esses sujeitos são, nos filmes.

Junto ao Círculo, também pensamos a constituição de um sujeito “eu” sempre a partir de um “outro” – a alteridade –, de modo que pensar os minions é pensar os outros que o constituem, visto o caráter de servidão que perpassa a sua existência (aqui, já temos uma primeira característica que liga os filmes aos eleitorados). No filme de 2015, *Minions*, conhecemos a gênese desses seres amarelos, cilíndricos e unicelulares e percebemos que não só a servidão, mas também a vilania, está intrinsecamente relacionada ao seu modo de existência. Eles percorrem, desde os tempos antigos até os dias mais atuais, um vilão (mestre) a quem eles possam servir fielmente.

A história dos minions é contada com a estrutura de um conto de fadas, há um narrador com a voz em *off* (fora da cena) que, dentre outras informações sobre eles, nos diz: “Eles são diferentes, mas todos têm o mesmo objetivo: servir ao mestre mais perverso que puderem achar. Agradar o mestre era a razão de existência dessa tribo” (Coffin; Balda, 2015, 00:02:03-00:02:24). A informação trazida pelo narrador é importante, pois é justamente esse caráter servil que perpassa todos os filmes, pois é próprio da constituição do ser minions, e que será aproveitado para fazer a relação entre os minions e os eleitores e apoiadores de Bolsonaro – o “servir ao mestre” e “agradar o mestre”. No desenvolvimento, enquanto o narrador conta a história dos minions, as cenas se intercalam entre os minions indo atrás de um mestre a quem possam servir, como capangas fiéis:

Figura 8 - Minions e mestres-vilões



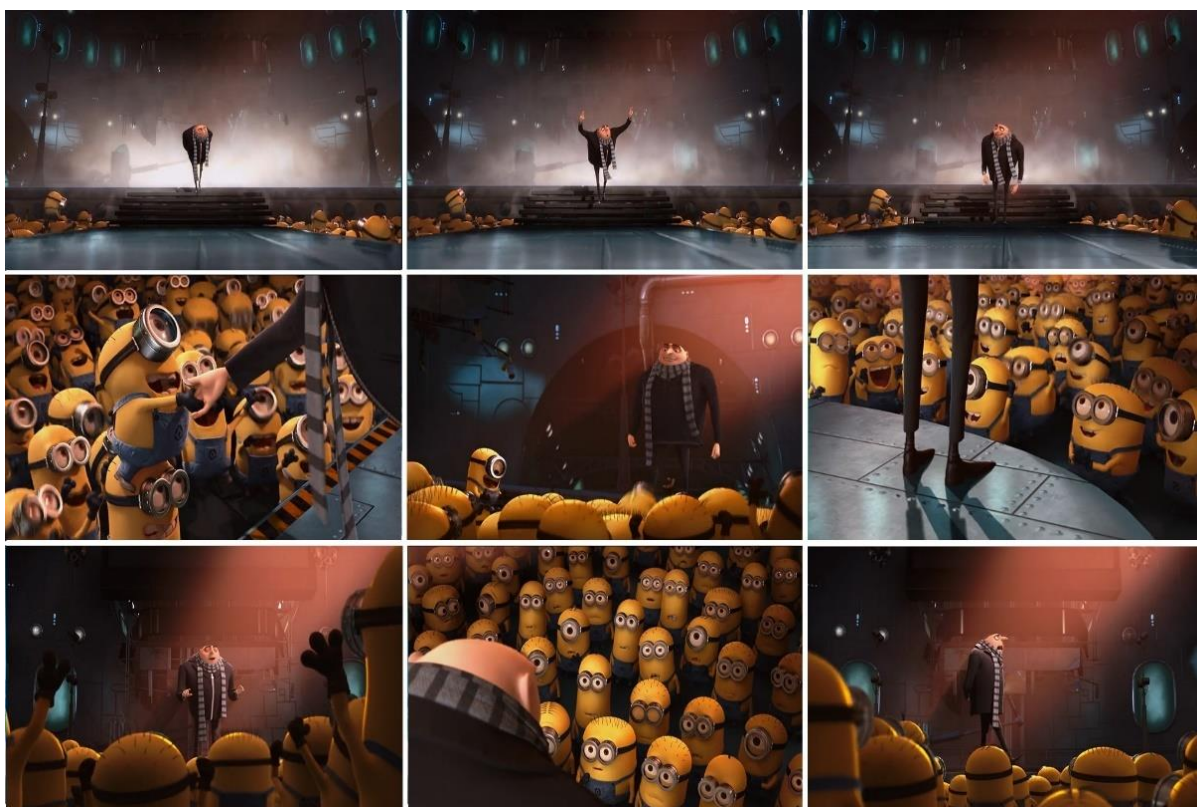
Fonte: *Minions* (2015): 00:02:19, 00:03:58, 00:04:58 e 00:05:18

A partir dessas cenas, vemos como os minions se colocam em volta e em busca de um chefe a quem possam servir, seja ele quem for, desde que seja um vilão<sup>26</sup>. Pelos movimentos de câmera, vemos os minions atrás, em volta ou abaixo desses chefes, como forma de reforçar essa servidão, posta no plano da cena como inferioridade. No desenvolvimento deste e dos outros filmes, os minions, em busca de um vilão, são o tipo de sujeitos que não questionam, que fazem tudo o que são mandados a fazerem e se alegram em ver o bem-estar do seu mestre e não necessariamente o seu próprio (marca da desunião do grupo).

Eles passam por diversos mestres até encontrarem Gru, a quem se dedicam fielmente até os dias atuais, e é a partir da relação entre Gru e minions, especificamente, que observamos essa constituição que perpassa a criação e o uso do signo “bolsominions”, tanto em contexto de crítica quanto de apoio:

<sup>26</sup> Na dissertação de mestrado, analisamos como os minions se sentem em relação à servidão a um mestre-vilão: “Ao se depararem com a situação de não ter um mestre a seguir, observamos como os minions se sentem em relação a eles mesmos, eu-para-mim, diante da ausência de uma servidão: “Eles se sentiam vazios, sem um mestre ficaram sem um objetivo e ficaram *desmotivados* e *deprimidos*. Se a situação perdurasse, os minions sucumbiriam (COFFIN; BALDA, 2015, 00:06:43-00:06:59 – grifos nossos). A voz do narrador em *off*, que conta a história dos minions ao longo de toda a narrativa, revela a forma com a qual esses sujeitos, enquanto eu-para-mim, lidam com uma aparente falta de propósito de vida: a ausência de um mestre, e, essa imagem, é construída enquanto passam cenas diferentes de diferentes minions lidando com a falta que um mestre lhes causa, cabisbaixos e depressivos, com expressão de lamentação. (Oliveira, 2020, p. 134).

Figura 9 - Minions e Gru no laboratório



Fonte: *Meu Malvado Favorito* (2010): 00:08:43, 00:08:44, 00:08:49, 00:08:50, 00:08:58, 00:08:59, 00:09:13 e 00:09:23

Nessa sequência de cenas, Gru, o mestre dos minions, os convoca para uma reunião no laboratório (o local de trabalho e de moradia dos minions) para fazer um anúncio sobre os próximos passos referentes à vilania. Dentre outras falas, Gru diz que eles (os minions) precisam roubar a lua para que ele (Gru) tenha todo o prestígio e sucesso que deseja (por meio da força de trabalho dos minions, diga-se de passagem)<sup>27</sup>.

Ao mencionar a tarefa de roubar a lua, ainda a ser realizada, os pronomes-sujeitos da 3ª pessoa do plural, “nós”, aparece como forma de um discurso inclusivo e de igualdade, pois ao dizerem “nós vamos roubar a lua!”, Gru se inclui como parte desta tarefa, embora o trabalho pesado seja feito pelos minions e eles não se apercebam disto. Contudo, o uso de pronomes possessivos na 1ª pessoa do singular, como “meu” e “minha”, são utilizados na fala de Gru para se referir aos minions serem dele (seus funcionários, propriedade que ele pode decidir o que fazer e como fazer), assim como a lua, após completarem a tarefa delegada.

<sup>27</sup> Optamos por citar a cena, e não analisar novamente, uma vez que já o fizemos na dissertação de mestrado: “Nós tivemos um ano de muita produtividade e vocês estão bem na fita comigo [...]. O que *fizemos*, bem, *nós roubamos* a TV gigante do Times Square [...], *roubamos* a Estátua da Liberdade [...], e agora *nós vamos roubar* [...] a Lua!” (COFFIN; RENAUD, 2010, 00:09:22-00:11:17 – grifos nossos). (Oliveira, 2020, p. 139).

Aqui, chamamos a atenção para alguns valores que aparecem na cena e na construção fílmica das personagens, ao relacionar vantagens e gozos ao Gru, ao passo que os minions lidam com a força de trabalho e a falta de reconhecimento pelos serviços realizados. Os movimentos de câmera, que se intercalam entre superioridade e inferioridade (plongée e contra-plongée) do Gru em relação aos minions, demarcam situações de força e poder, pois se o enquadramento da câmera alterna entre Gru, no alto, e minions, no baixo, há aumento e diminuição de importância em relação a estes dois grupos distintos. Dito de outra forma, as falas de Gru, sobre o roubo da lua, junto às cenas, reforçam os valores de submissão e poder, em que os minions, a classe operária, está aos pés de Gru, o patrão detentor dos meios de produção que, em cima de um palco, fala à multidão de minions que o idolatram veementemente.

Convém ressaltar, ainda, o aspecto de fidelidade que foi reforçado no *spin-off Minions 2: A origem de Gru* (2022). Nesse novo enunciado, observamos o início da parceria entre minions e Gru e, assim, podemos ver tanto a servidão constante dos minions, assim como a maldade já presente na infância do Gru (que já conhecíamos de outros enunciados fílmicos, desde 2013).

Desde criança, Gru já demonstra sua afeição pela vilania. Em um espaço subterrâneo de sua casa, onde mora com sua mãe, ele possui um laboratório-esconderijo, e conta com a fiel ajuda dos minions para a construção do local. Na imagem a seguir, vemos Gru cercado de minions, que trabalham nas mais diferentes funções para servi-lo.

Figura 10 - Início do laboratório-esconderijo de Gru



Fonte: *Minions 2* (2022): 00:13:07



Ao adentrar no laboratório-esconderijo, Gru olha o ambiente e diz: “Hahaha, isso é fantástico! Oh, a construção está ótima, meninos!” (Balda *et al*, 2022, 00:13:04-00:13:06). E, logo em seguida, as cenas mostram os minions trabalhando nas mais diferentes funções, com os mais diferentes tipos de ferramentas. Destaca-se, nessas cenas, o típico uniforme utilizado por eles ao longo de todas as ambientações nesse universo ficcional, o macacão jeans de operário, reforçando o caráter braçal que os minions são para Gru.

Figura 11 - Minions trabalhando



Fonte: *Minions 2* (2022): 00:13:10, 00:13:16, 00:13:18 e 00:13:40

Em seguida, ao reunir todos os minions a sua volta e se colocar como o centro da atenção, Gru comenta, na típica pose de liderança: “Muito bem, pessoal, podem chegar mais. Prestem atenção, apertem seus macacões, segurem seus óculos. O Sexteto Sinistro quer me entrevistar... amanhã!” (Balda *et al*, 2022, 00:14:00-00:14:16). O uso do verbo “poder”, no imperativo, não só demonstra como Gru dá ordem aos minions, como também decide o que eles podem ou não fazerem, no sentido de permissão. Os minions se agrupam ao seu redor, porque Gru permitiu: “[...] *podem* chegar mais”.

Em seguida, após a euforia da notícia, “Obrigado pelo trabalho duro de hoje, pessoal. Eu tenho que descansar. Amanhã é o melhor dia da minha vida. Cuidado, mundo, aí vem o Gru!!!” (Balda *et al*, 2022, 00:14:50-00:15:00). Notemos, além da ambientação da cena, em que os minions estão de costas, olhando atentos para Gru em sua posição de líder, como o minimalizado favorito já reforça a diferença entre eu-eles a partir da construção lexical e sintática.

Ele reconhece, inicialmente, o esforço e a força feitos pelos minions, assim que chega ao laboratório, parabenizando-os e, em seguida, agradecendo-os. Contudo, sem nem ao menos ter tocado em nenhuma ferramenta ou equipamento, coloca-se na situação laboral ao dizer “*Eu* tenho que descansar”, e não “*Vocês* têm que descansar”, afinal, o esforço físico não decorreu dele, mas, dos minions.

Reforçando ainda mais esse aspecto que estabelece limites entre o eu (Gru)-eles (minions), temos o uso do adjetivo possessivo “*minha*”, em “Amanhã é o melhor dia da *minha* vida”, em uma demonstração de que os esforços a serem recompensados serão dele (Gru), portanto, “*minha* vida”, e não “*nossa* vida”, incluindo nessa conquista também os minions.

Ainda acerca do aspecto linguístico, o que Gru anuncia é sua própria ascensão no mundo da vilania, ao ter uma entrevista de emprego com o Sexteto Sinistro, e não a ascensão de todos eles, visto que, mesmo que seja ele o “rosto” de toda a operação, ela não é feita única e exclusivamente por ele, mas por todos os minions, cada qual da sua maneira e com sua função.

Os fotogramas a seguir mostram, a partir do aspecto visual, como essa diferença entre eu-eles é marcada pelas posições distintas ocupadas por Gru e pelos minions. Como centro das atenções, o vilão se coloca na mesma altura que os demais em cena, em uma insinuação de coletividade. Contudo, ao sair de cena, após anunciar seu cansaço pelo dia exaustivo de trabalho (totalmente feito pelos minions), Gru sobe uma escada que o levará aos aposentos da casa (quarto, banheiro, cozinha e sala), enquanto os minions permanecerão no laboratório-esconderijo, sem uma clara alusão de que o expediente, para eles, também está encerrado.

Figura 12 - Liderança e superioridade de Gru



Fonte: *Minions 2* (2022): 00:14:07, 00:14:59, 00:15:02

Podemos observar, nessas duas últimas cenas, que os minions não se dão conta dessa diferença eu-eles estabelecida pelo Gru, em que o melhor dia da vida *dele* não é também o melhor dia da vida *deles*, em uma nítida exclusão. Portanto, ao final de seu anúncio, os minions celebram e se entusiasmam com o que Gru diz, sentindo-se parte dessa conquista e vitória. Na última cena, em que temos uma visão de Gru e minions a partir do enquadramento em *contra-plongée*, técnica que reforça a superioridade de Gru em relação aos demais, por colocá-lo em cima e os minions abaixo, é que identificamos, mais uma vez, o reforço de quem possui o poder

(e, por exclusão, de quem não possui). Os minions, abaixo, estão diminuídos diante da presença elevada de Gru.

Destacando ainda mais o aspecto de que Gru quer colher os frutos do trabalho coletivo sozinho, ao sair para a entrevista, já no dia seguinte, ele se depara com alguns minions na porta de sua casa, esperando para que possam ir juntos nesse momento importante. Ao vê-los, Gru diz se espanta e, com uma nítida expressão de espanto e de embaraçamento, pela situação, ele começa a se esquivar da presença dos minions:

“Gente??... Ahh, vocês querem ir. Claro, claro. Entendi... Quando vocês me procuraram e responderam ao meu anúncio para ajudante, eu pensei ‘quem são essas batatinhas e onde compraram esses macacões?’ E vocês não desistiram. [...] Tivemos ótimos momentos, desde então, mas, acontece que o Sexteto Sinistro é coisa grande. E vocês são ótimos... e esse trabalho que fizeram no esconderijo é nota 10. É que, eu tava pensando aqui, tem muitos outros vilões no mundo, entenderam? [...] Olha, eu acho que eu preciso fazer carreira solo” (Balda *et al*, 2022, 00:18:17-00:19:56).

Embora saibamos que a parceria entre minions e Gru florescerá e seguirá firme, uma vez que a ambientação fílmica data de 1976, é notável como, desde a infância, Gru toma atitudes que o colocam como centro da cena ao mesmo tempo em que tenta ofuscar a importância dos minions nos feitos realizados. Nessa cena em que Gru não quer que os minions o acompanhem, percebemos a fidelidade deles, por não terem desistido de Gru quando eles se candidataram para ajudante de vilão e, inicialmente, foram recusados.

Mas, ainda assim, o que nos chama a atenção é como Gru, após atingir seu objetivo (ter uma entrevista de emprego para uma organização vilânica), despede os minions, como se já não tivessem mais serventia. A “carreira solo”, que Gru diz querer seguir, é e foi conquistada com a ajuda de minions. O resultado da entrevista ainda não saiu, mas Gru já sente vencedor a ponto de esnobar e ignorar o apoio, a força e a ajuda que recebeu de seus aliados nos momentos que o ajudaram a chegar até ali.

A fidelidade e a servidão dos minions, para Gru, possuía um prazo de validade. Contudo, os minions não se dão por satisfeitos em serem despedidos, e se mostram mais uma vez fiéis por ajudarem Gru a sair de uma enrascada, já que a entrevista com o Sexteto Sinistro não saiu como o esperado e ele não foi contratado. Ainda que “derrotado”, já sem a soberba inicial de que uma carreira solo seria o ideal, Gru continua contando com a ajuda de seus servos fieis, que nunca lhe deixaram nenhum mal acontecer e continuaram sendo sua força braçal e vital no quesito vilania, como já discurremos em Oliveira (2020).



## 5.2 Irmãos Metralha – as HQs da Disney

O primeiro contato com o signo “petralha”, embora já amplamente utilizado nas eleições anteriores do governo PT, se deu, para nós, no momento pré-golpe contra a presidente Dilma Rousseff, em 2015, utilizado e amplamente difundido entre a oposição ao partido. Nesse momento, ainda não tínhamos o uma preocupação científica, tampouco um olhar analítico para a questão, de modo que nosso contato realmente se deu de maneira retroativa, ao iniciar o estudo desta tese de doutoramento.

Sendo assim, elencamos o golpe de 2016 como ponto-chave para a coleta e análise de dados, pois buscamos uma similaridade com o que encontramos em “bolsominions”: um signo que nos leva a pensar a relação entre as esferas da arte, mídia e política pautadas na vida (refletidas e refratadas) como produtoras de (novos e outros) sentidos. Voltamo-nos para os enunciados estéticos, inicialmente, para compreender as personagens chamadas “irmãos Metralha”, como forma de compreender essa (re)constituição sónica.

Seguindo com os exemplos ilustrativos, vemos a construção do ser Metralha a partir das histórias em quadrinhos nos gibis *Os Metralhas* (1970-1980). Essas personagens surgem no universo de Mickey e sua turma, mais especificamente, nas histórias que envolvem o Tio Patinhas, por ser a relação alteritária mais marcada ao que tange aos valores relacionados ao assalto, ao roubo e às trapaças.

Nas centenas de histórias em quadrinhos realizadas por Barks ao longo de 25 anos, podem ser percebidos alguns paradigmas temáticos: bem e mal, modernidade e tradição, sorte e azar, e a relação entre dinheiro, trabalho e preguiça. Muitas vezes esses eixos temáticos se entrecruzam, recaindo sobre o personagem que age do lado do bem a sorte e o lucro. O humor e a crítica eram também um diferencial presente em suas narrativas, mesmo nas histórias em que predominava a aventura e os temas políticos.

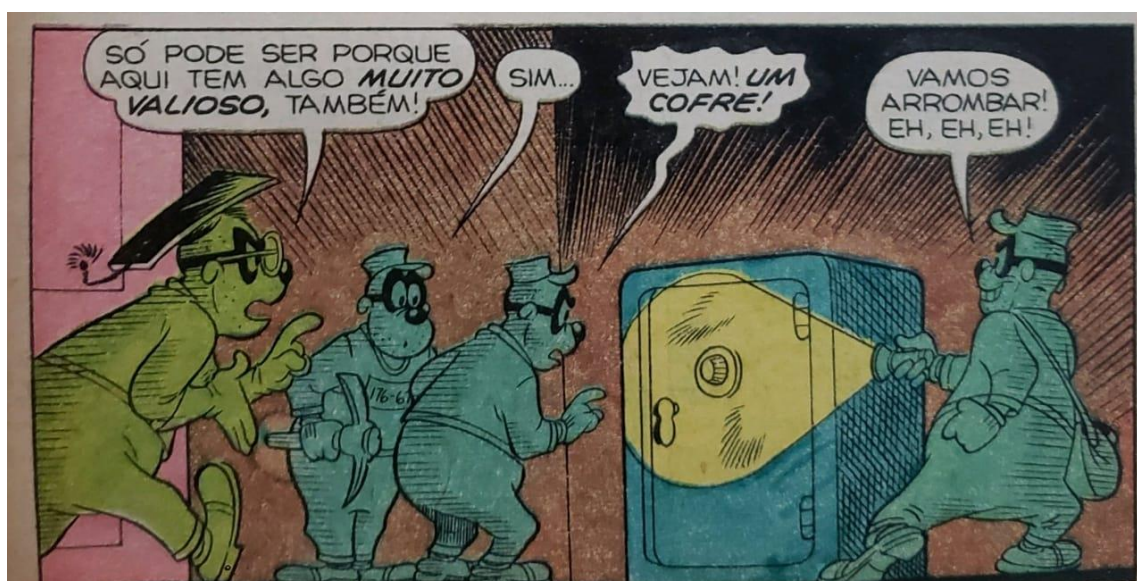
O principal personagem idealizado por Barks, o velho sovina escocês Tio Patinhas McPato, simboliza o self-made man, o imigrante pobre que enriqueceu devido a seu trabalho e sua inteligência. Mas seu apego ao dinheiro foi crescendo com o tempo, tornando-o amargo e mesquinho, até que passa a viver aventuras ao lado de seus sobrinhos. A primeira moeda que ganhou tornou-se o símbolo de seu esforço e um talismã cobiçado pela feiticeira Maga Patalójika. Além dela, o bando dos Irmãos Metralha assim como os rivais do mundo dos negócios Patacôncio e Pão-Duro MacMônei, desejam se apossar da riqueza do pato. Em consonância com a ética protestante, Tio Patinhas precisa defender o fruto de sua árdua labuta contra aqueles que pretendem tomá-lo sem fazer esforço (Santos; Cardoso, 2014, p. 43).

Os estudiosos Santos e Cardoso, ao falarem da obra artística de Carl Barks, ilustrador dos estúdios Disney e criador de histórias em quadrinhos, pontuam quais são os temas recorrentes em suas histórias, que majoritariamente versam sobre o Tio Patinhas e, por consequência, em outros personagens, como os irmãos Metralha. Interessa-nos observar a

forma como o Tio Patinhas representa, em nosso contexto atual, o cidadão de bem (ligado aos valores do macho alfa, do armamento, da tradição e dos bons costumes, do armament e da força política). Em sua origem, em meados dos anos 1950, o Tio Patinhas representava o poder econômico capitalista dos Estados Unidos.

Na figura abaixo, vemos a obsessão dos Metralha em relação a tudo o que envolve dinheiro e fortuna alheia, conquistada de maneira ilícita. Não são em todas as situações, mas em muitas delas essa fortuna é propriedade do Tio Patinhas:

Figura 13 - Metralhas no cofre



Fonte: Os Metralhas – Edição extra nº 149, p. 57

Os enunciados que marcam explicitamente esses valores de deslumbre com o dinheiro estão em “algo muito valioso” e “um cofre!”, ao passo que os valores de roubo estão em “vamos arrombar!”, relacionando o cofre valioso não ser de propriedade deles, por isso a necessidade de arrombar para se apropriar de algo que é do outro. A cena, escura, nos mostra como os Metralhas costumam agir: em sigilo, na espreita, clandestinamente – a lanterna na mão de um deles, apontada para o cofre, nos mostra isto. Suas feições, que são de veracidade, espanto e sagacidade, mostram também como eles se relacionam com essa prática de perseguir a fortuna alheia: ficam deslumbrados, no sentido de incredulidade, pois não acreditam que conseguiram chegar até algo tão precioso, assim como também não acreditam que, sendo tão atrapalhados entre si, tenham sido capazes de tamanha façanha.

Como pontuado, o Tio Patinhas é o “outro” dos Metralhas, no sentido em que a relação entre os dois é mutuamente constitutiva, visto que é a fortuna de Patinhas que os Metralhas estão sempre perseguindo, seja por motivação própria, seja por ordenamento de algum outro

vilão e inimigo do Patinhas, como a Maga Patalójika. Outro valor que é caro e bastante presente na construção dos Metralhas é a ideia de “cadeia” e “polícia”, por ser um lugar bastante frequentado por eles, uma vez que, na lógica do bem sempre vencer o mal, o Tio Patinha sempre consegue recuperar, ao final da história, a sua fortuna roubada pelos Metralhas, com a ajuda dos policiais, com a punição de cumprir pena na cadeia.

Figura 14 - Metralhas e Tio Patinhas



Fonte: *Os Metralhas* – Edição extra nº 143, p. 31

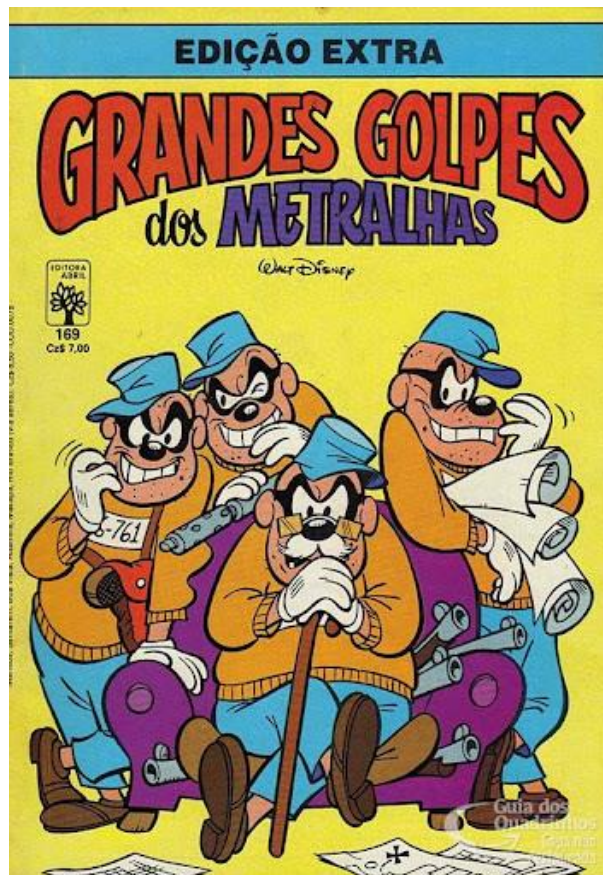
Nessa cena, os irmãos Metralha estão com as mãos ao alto, numa alusão de terem sido pegos em flagrante durante o roubo, e é o próprio Tio Patinhas, aqui, que rende os ladrões (ele está com uma arma na mão) que, por sua vez, mostram o seu descontentamento, pelas feições cabisbaixas, o corpo curvado à frente, ao passo que Patinhas comemora, por ter um “longo período de repouso, enquanto estiverem na cadeia”, o que mostra, além da própria felicidade, em si, que o Patinhas comemora um longo período de descanso que ele sabe, terá um fim, pois após o longo período (os Metralhas saem da cadeia), eles voltam a atormentá-lo.

Na constituição do signo “petralhas”, morfológica e fonologicamente construído pela troca da letra “m”, em “Metralhas”, pela letra “p”, mantendo a sonoridade muito próxima, mas com sentidos e valores novos, temos esse horizonte socioideológico em vista para pensarmos nos irmãos Metralha como o PT (pois são uma família, assim como na política, são um partido), à medida que o Tio Patinhas representa, nesta relação, os brasileiros constantemente assaltados pelo PT, ou, em sentido amplo, é o próprio Brasil, constantemente atacado.

Reforçando o aspecto familiar que envolve a imagem dos Metralhas, eles são constantemente representados em grupos (acima de 3), e reforçam características que mostram uma espécie de “herança” ou “costume”, pois como observamos na imagem a seguir, a figura

central é de um Metralha já mais velho, dado os elementos que o acompanham: uma bengala, óculos e bigodes. Ele é o Vovô Metralha, fundador e líder dos Metralha no quesito “gangue”.

Figura 15 - Aspecto familiar dos Metralhas



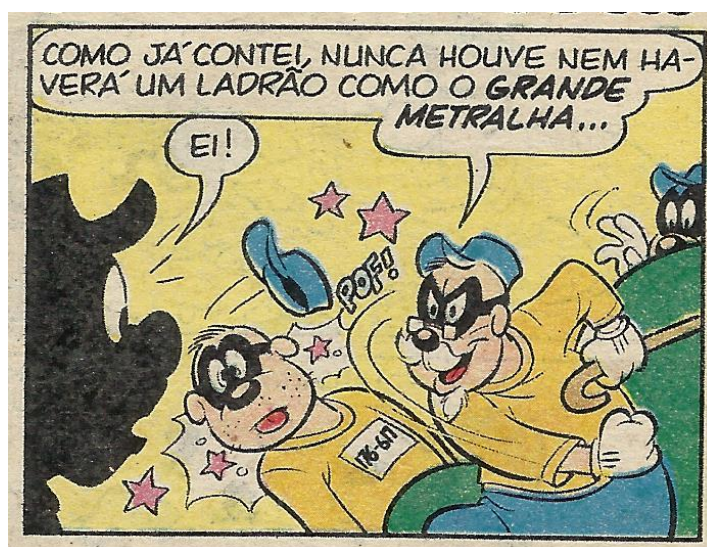
Fonte: Guia dos Quadrinhos - Edição extra n° 169, 1986

Ainda, na capa dessa HQ, podemos ver como o título “grandes golpes”, em caixa-alta e na coloração vermelha, seguidos de “dos Metralhas”, ainda que se refira a algo de teor criminoso, pela tipografia utilizada, passa um tom de comicidade, típica das histórias dessa família.

Vovô Metralha não só é fundador e líder, como também se denomina (em um ato de consciência de si mesmo) como o Grande Metralha.



Figura 16 - Grande Metralha



Fonte: Ivan Saidenberg – *Histórias Comentadas*

Nesta outra cena, em uma história de 1974, temos a interação entre a Titia e o Vovô Metralha que, mais uma vez, reforçam o aspecto familiar que envolve suas ações. Aos brados, o Vovô diz “Grrr! Tem um ladrão entre nós”, ao que a Titia responde “Vovô, você está piorando...”/“Antes, só roubava os outros e depois esquecia... agora, rouba a si mesmo”.

Figura 17 - Titia e Vovô Metralha



Fonte: Ivan Saidenberg – *Histórias Comentadas*

Assim como também temos a representação da Vovó Metralha que, embora apareça poucas vezes nesse universo ficcional, também deixa marcada o padrão familiar de roubo, assalto e enriquecimento ilícito. Na cena a seguir, podemos ver como esse aspecto é tão presente na família que, mesmo em situações cotidianas ou tidas como especiais, eles estão envolvidos em golpes. Na verdade, parece mesmo que essas situações cotidianas de um sujeito (comer, dormir,

trabalhar, estudar, passear etc.) ou especiais (aniversários, feriados, casamentos etc.) são secundárias e a atividade principal é a do assalto e toda a ambientação que o envolve.

Figura 18 - Vovó Metralha



Fonte: Planeta Gibi

Torna-se perceptível quando, na cena, a Vovó pede que os Metralha não cantem o parabéns, pelo seu aniversário, em tom alto, visto que eles estão envolvidos no meio de um assalto e nada pode estragá-lo, nem mesmo a felicitação de seus netos. Todos estão cantarolando, já dentro de um cofre, cercados por sacos de dinheiro. A posição da Vovó, com a mão em riste, repressende a comemoração “exagerada” dos netos.

Ainda acerca da família Metralha (que notavelmente possui muitos membros, alguns mais presentes, outros não), temos alguns dos mais diferentes membros: o Metralha Veterano, a Titia Metralha, o Tio Zero, o Primo Brincalhão, o Metralha Cientista, o Xerloque Metralha, o Doutor Metralha, o Bombinha, o Dedo Duro, o Supersensível, o Meio Quilo, o Tataravô 0001, e o Azarado 1313<sup>28</sup>.

<sup>28</sup> Histórias Comentadas: a arte de Ivan Saidenberg, uma história de cada vez. 2014. Disponível em: <https://historiascomentadas.wordpress.com/2014/11/27/o-banquete-dos-metralhas/>. Acesso em: 6 mar. 2024.

Figura 19 - Banquete da família Metralha



Fonte: Ivan Saidenberg – *Histórias Comentadas*

### 5.3 Bolsominions e petralhas: transform-ação do signo ideológico

A filologia aponta que nomear algo é uma questão central ao que tange à relação entre linguagem e realidade. A questão data, pelo menos, desde Platão: “nomear era considerado como pressupor a existência de algo [...]. Ao analisar a relação dos nomes com o estado de coisas no mundo, ele formula o problema ontológico dos nomes: se há um nome é porque há o que é nomeado” (Moreira, 2010, p. 2914).

Para a autora, a nomeação é uma das funções da linguagem, cujo papel se volta à organização e classificação das formas de perceber essa realidade, essencialmente ligada a uma cultura ou comunidade (Moreira, 2010). Estamos, aqui, falando do sujeito de linguagem, não de uma abstração fisiológica. Nomear “bolsominions” e “petralhas” é dar existência a grupos sociais dentro da cultura brasileira, feito por sujeitos que ouvem, assistem, leem e consomem diferentes conteúdos midiáticos e midiaticizados, dado o processo de mixagem que ocorre nesses signos.

Embora não seja o cerne de nossa análise, mostra-se muito pertinente questionar a nomeação de bolsominions e petralhas para iniciar nossa discussão acerca da constituição de um signo ideológico. Ao pressupormos a criação de um signo, fazemos com base em uma organização social, já pré-estabelecida, entre sujeitos igualmente organizados e com um horizonte ideológico mínimo. Mas, agora, vejamos algumas considerações:

Para [Platão], a nomeação é uma função da linguagem, como um instrumento, seguindo o seu próprio exemplo, um furador que utilizamos para perfurar, ou uma lançadeira que usamos para tecer. Assim também o nome é o que usamos para nomear.



Nomear é designar alguma coisa e isso, segundo Platão, significa dar informação da coisa designada aos outros. Ou seja, é distinguir uma coisa entre outras conforme suas constituições. Platão começa a fazer associação entre a nomeação e a identidade. Se nomear é designar algo sobre alguma coisa, e isso é informar e distinguir essa coisa das demais de acordo com as suas próprias características, então nomear é um ato de identidade, que promove a identidade. Nomear separa através da diferenciação uma coisa da outra, separa e difere os seres, estados de coisas. E cria a identidade (Moreira, 2010, p. 2916).

Podemos, então, dizer que os bolsominions e os petralhas existem? A mixagem que deu origem ao nome desses sujeitos é, de fato, uma identidade (não nos esqueçamos, pautada pela alteridade, pelo outro). Ora, se falamos deles, eles existem. E, aqui, advogamos que existem em maior ou menor grau de intensidade, isto é, caso houvesse uma escala de “bolsominionzação” ou “petralhazação”, há alguns sujeitos que estariam em 100%, enquanto outros poderiam estar entre 25% a 80%.

Isso dependeria do modo como se porta nas redes sociais, dos *posts* que compartilha, das *fake news* que decide ou não passar adiante, dos ideais que defende em uma discussão, dentre tantos outros fatores. Fato é que, sim, bolsominions e petralhas existem e não se limitam somente a ser isso, mas essa é parte de uma identidade maior e complexa – que, ainda assim, é identidade.

Além de ser homem, alta, mulher, evangélico, não-binária, viúvo, loira, trans, namorado, cis, bi, baixa, esposa, corinthiano, professor (insira aqui demais características), há também de ser bolsominion ou petralha ou alguma outra denominação política, visto que não há dicotomia ao pensarmos seres humanos. O ponto central dessa enumeração é mostrar como, ao nomear dois grupos políticos, eles se tornaram expressão de identidade que, inicialmente era usada para crítica, mas que ganhou outros contornos e começou a ser utilizada de maneira contrária. A identidade inicial, que era depreciada, passou a ser também uma forma apreciada, visto que o uso apreciativo não suplantou o uso depreciativo, nem vice-versa.

Ampliando essa noção de regras e convenções, é possível visualizar que são as práticas e costumes de cada cultura que regem o uso cotidiano da língua. É a política de cada região, a religião e as classes sociais predominantes, entre outros marcadores, que vão construindo e produzindo costumes e sentidos.

[...]

Se o nome é a base para que a identidade surja, é ele quem diferencia as coisas e seres no mundo. A identidade e a diferença, segundo a proposta de Silva (2007), acontecem simultaneamente sendo um produto de um mesmo processo, o da identificação. Por trás de uma identidade existe sempre ao menos uma negação. E a diferença sempre nega várias afirmações. Então, dizer que se é algo ou se identificar sob um nome significa negar e esconder vários outros que de imediato não aparecem (Moreira, 2010, p. 2916-2917).



Vejamos, então, como essas nomeações (ou, como temos chamado ao longo de todo o estudo, signos ideológicos), aparecem no Facebook, visto que são eles que constituem nosso *corpus* de análise. Olhemos primeiro para o formato desse gênero discursivo – o *post*, uma forma relativamente estável de enunciado cuja manifestação concreta da língua(gem) está relacionada aos diferentes tipos de atividades sociais.

Como pontuado por Bakhtin, “[...][os] enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem [...] mas, acima de tudo, por sua construção composicional” (2016, p. 11-12). Temos, então, que todo e qualquer enunciado é constituído por três elementos: o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo da linguagem. A riqueza e a diversidade dos gêneros discursivos são infinitas, e em cada campo da atividade humana vemos um novo e rico repertório de gêneros.

Assim é que temos pensado o *post* de Facebook como um enunciado, que possui características típicas mas também móveis, dada cada especificidade comunicacional em rede. Acreditamos que ao empreender um estudo da natureza de enunciado (isso inclui suas características constitucionais), podemos também compreender os elos que os conectam aos aspectos sociais, históricos e culturais de um dado momento, isto é, as relações dialógicas que ali se manifestam e nos permitem reconstituir determinados cenários, como o golpe de 2016 e a eleição de 2018 por meio de *posts*.

Em termos técnicos, de acordo com a Studio Visual (2022), empresa brasileira especializada em mercado digital, um *post* é um conteúdo criado e publicado em alguma plataforma da internet, cujo formato pode ser de imagem, vídeo, texto, áudio ou todos eles juntos. As redes sociais e os *blogs* são as principais plataformas de circulação de *posts*. Em resumo, um *post* é um conteúdo em formato *online*. Por ser o conteúdo padrão das redes sociais, é facilmente encontrado no *feed* de qualquer usuário e pode ter temas variados, dos quais a Studio Visual (2022) destaca:

#### 1.1 – Posts de entretenimento

Talvez esse seja o principal tipo de post que vemos hoje em dia nas redes sociais, posts criados para entreter as pessoas, que divertem e que são engraçados. Normalmente geram muito engajamento (curtidas e comentários), além de viralizarem mais facilmente (geram muitos compartilhamentos entre os usuários da internet). Normalmente você encontra esse tipo de post no formato de imagens ou de vídeos.

[...]

#### 1.3 – Posts notícias

Normalmente esses posts são publicados por empresas de notícias em suas redes sociais, tratam sobre acontecimentos atuais e situações importantes da atualidade e da sociedade como um todo.

[...]

#### 1.5 – Posts com questionamentos

Alguns posts são elaborados com o único intuito de gerar discussões entre os usuários. Fazem uma pergunta, normalmente polêmica, relacionada ao tema da página na rede social.

Trazemos essa subdivisão de *posts* (de entretenimento, notícias e com questionamentos) pois é o que comumente encontramos nas páginas de Facebook quando acessamos conteúdos políticos<sup>29</sup>. Trabalhamos somente com *posts* em imagens (formato JPEG) com a presença (ou não) de texto verbal. O que nos interessa, dentre outros aspectos a serem analisados, principalmente os verbivocovisuais, é como cada *post* faz parte de um elo da comunicação discursiva, em que a própria rede social Facebook atua como uma arena de diferentes valorações, conforme mostra a figura a seguir:

Figura 20 - Valorações nas/das cores verde e amarela



Fonte: Elaboração autoral (Canva)

Os quatro *posts* que compõem a figura são parte de nosso *corpus* coletado nas quatro páginas delimitadas para análise e correspondem ao período do golpe de 2016 (páginas *Petalha*

<sup>29</sup> Reforçamos que os conteúdos políticos não são os publicados por perfis de políticos e partidos, mas os que trazem os signos “bolsominions” e “petralhas” no título, conforme definido em nossos critérios metodológicos, e não abordados aqui dada a limitação do texto.

*NUNCA MAIS* e *Petralha Zuero*) e da eleição presidencial de 2018 (páginas *Bolsominions* e *Bolsominions*). O objetivo dessa figura é mostrar como o Facebook atua como um meio para que os signos que compõem os *posts*, enquanto enunciados, sejam vistos na perspectiva de uma arena discursiva (Volóchinov, 2017). Conseguimos elencar aspectos de entretenimento, de notícia (informação) e de paródia humorística, com os objetivos de (i) apoiar o *impeachment* contra Dilma, (ii) apoiar a candidatura presidencial de Bolsonaro, e (iii) se opor à candidatura de Bolsonaro.

Quanto ao aspecto visual (o primeiro que nos chama a atenção nessa montagem), destacamos como as cores verde e amarela, comumente utilizadas na militância política de governos de direita e, em específico, nas campanhas de Jair Bolsonaro, são plurívocas, visto que funcionam tanto para apoiar quanto para criticar eleitores e apoiadores de Bolsonaro (chamados de *bolsominions*). Utiliza-se, assim, o que é próprio, típico e característico de um grupo para ressignificar e reacentuar esse mesmo signo em uma outra mensagem política para outros fins políticos.

Essa estratégia é possível porque as paletas, conjuntos pré-selecionados de cores e utilizados de forma harmônica entre si, visam passar alguma ideia ou transmitir alguma mensagem para quem visualiza, o que gera uma identidade visual de fácil percepção e associação, como é o caso do verde e amarelo. Expandindo a discussão, essa ideia ou mensagem, para nós, está no plano ideológico – não é algo fortuito ou de ordem do acaso, mas é algo programado, planejado e reiterado ao longo do tempo com objetivos específicos.

O verde e o amarelo na política não são diferentes. Essa combinação de cores, presente em nossa bandeira nacional, foi símbolo de um período ditatorial no país (1964), assim como foi utilizada em 1992 pelos caras-pintadas, movimento favorável ao *impeachment* do presidente Fernando Collor, além de ter sido utilizada pelo Movimento Brasil Livre, pelo Vem pra Rua e pelo Revoltados ON LINE nas manifestações antigoverno em 2014, até chegarmos à campanha presidencial (2018), ao governo (2019-2022) e à campanha de reeleição (2022) de Jair Bolsonaro.

Não por acaso, notamos como essas valorações são reforçadas não só quando um *post* traz essa combinação de cores, mas pelas próprias declarações de que “a cor do bem é verde e amarelo, e a cor do mal é vermelha”, conforme disse Bolsonaro em comício em São José dos Campos (SP), em outubro de 2022, ou quando, ao longo de seu governo, houve alteração do nome do projeto de habitação popular Minha Casa, Minha vida para Casa Verde e Amarela, ou quando tentaram ser recriados, como o Carteira Verde Amarela.

De igual modo, existe uma estratégia desse coro político que afirma as cores da bandeira do Brasil, verde e amarela, em negar qualquer que seja outra cor: “Nossa bandeira jamais será vermelha”, que se transformou em um bordão utilizado tanto por Bolsonaro, durante suas campanhas e em seu governo, como também por seus apoiadores. Nessa perspectiva, ser verde e amarelo significa não ser vermelho. Contudo, não há uma recíproca equivalente, visto que não há a tentativa de associar, pelos apoiadores e políticos de esquerda, as cores do partido ou do comunismo com as cores da bandeira da nação. Entretanto, essa narrativa foi criada e é constantemente alimentada.

O vermelho foi adotado pelo PT como identidade visual, e é a cor que se destaca em campanhas e outros segmentos políticos. Ligada às valorações de esquerda, a cor foi utilizada por partidos comunistas, socialistas, trabalhistas e sociais no século XIX, quando se tornou a cor da bandeira do Partido Comunista. Contudo, há registros de que vermelho tenha sido utilizado como símbolo político desde a Antiguidade e Idade Média, para mostrar o poder de imperadores e soberanos, assim como também foi utilizada na Revolução Francesa. Embora a cor vermelha associada à política tenha sido ressignificada ao longo do tempo, a valoração presente quando a pauta é a história brasileira, o apelo se volta ao regime comunista, pelos opositores, e à concatenação de ideias de cunho revolucionário e social, aos adeptos.

Como observamos na figura a seguir, o mesmo processo de afirmação e reiteração de uma cor é utilizada para circular valorações nos *posts* de apoio, mas também são ressignificadas e reacentuadas para criticar e ofender, utilizando os mesmos artifícios visuais. De igual modo, conseguimos elencar aspectos de entretenimento, de notícia (informação) e de paródia humorística, com os objetivos de (i) defender Dilma no processo de *impeachment*, (ii) apoiar o *impeachment* contra Dilma, (iii) se opor à candidatura de Bolsonaro, e (iv) comemorar a prisão de Lula.

Figura 21 - Valorações na/da cor vermelha



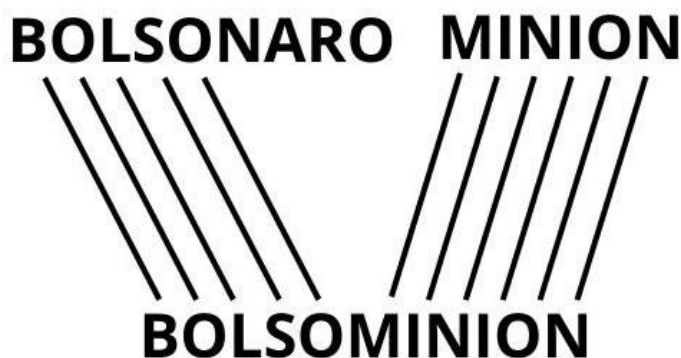
Fonte: Elaboração autoral (Canva)

Ainda que limitadas, essas análises nos permitem observar a elaboração dos *posts* como um projeto de dizer com objetivos diversos, mas que passam pela mesma instância: a da informação. Não faremos a análise de cada um dos *posts*, mas tomaremos ambas as montagens como norteadoras para nossa atual reflexão de que os procedimentos infocráticos, muito presentes e frutíferos em redes sociais, integram nosso atual regime democrático, circundado por todas (e outras) valorações anteriormente apresentadas.

Com base nesse elo discursivo-ideológico, pensamos em como os signos “bolsominions” e “petralhas”, inicialmente, surgiram com o caráter depreciativo a fim de criticar e debochar de um sujeito ou grupo de oposição política. As alcunhas são dirigidas ao outro, com base nas perspectivas históricas, sociais e culturais de um “eu”, sujeito ou grupo. Contudo, pensando no signo e nas vozes que coexistem em um mesmo momento sócio-histórico é que compreendemos que não há nada fixo: a crítica passou a ser valorada apreciativamente por aqueles que, antes, eram criticados, tornando-se formas de identificação apropriadas a partir da possibilidade que o signo (ideológico) tem de ser multiacentuado (Volóchinov, 2017) em dado espaço-tempo em que é utilizado: o das redes sociais na contemporaneidade.

Vejamos as construções lexicais a seguir a fim de observarmos os efeitos de sentido ligados à estrutura dos signos linguísticos, que se manifesta também no plano ideológico, a partir da língua.

Figura 22 - *Blend* lexical BOLSOMINION



Fonte: Elaboração autoral<sup>30</sup> (Canva)

Em BOLSOMINION, temos duas palavras diferentes ao que tange a seus segmentos, “BOLSONARO” e “MINION”. Identificamos processos de formação do lexema ao que diz respeito à neologia, feita por meio de aglutinação e hibridismo. Levamos em consideração que há a aglutinação de parte do sobrenome de Jair Bolsonaro, bolso-, de “Bolso-naro”, acrescido do sufixo “minion”, palavra de origem da língua inglesa que se refere aos personagens da franquia de filmes animados *Meu Malvado Favorito*, por isso o hibridismo. Convencionamos chamar essa formação de lexema, que já acreditamos ser ideológica, embora estejamos falando de aspectos estruturais da língua, de *blend* lexical.

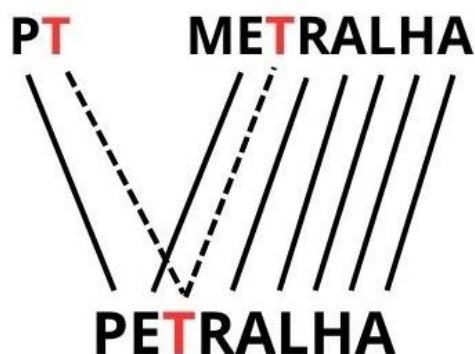
Isso se dá porque o enunciado está ligado, intrinsecamente, ao seu tempo-espço de produção, de modo que as valorações que circulam por um grupo social são as compreensões desse mesmo grupo às visões de mundo às quais estão submetidos. Dessa forma, é impossível falar de língua sem pensar em linguagem, nos discursos que circulam acerca de uma determinada construção lexical ou frasal.

De igual modo, consideramos também um *blend* lexical o item “PETRALHA”, por acreditarmos haver duas palavras distintas, mas com a presença de semelhança fônica. A sigla do Partido dos Trabalhadores, “PT”, cuja transcrição fonética [‘pe.te] é pronunciada

<sup>30</sup> Criamos a figura com base no trabalho do Prof. Dr. Rafael Prearo-Lima (IFSP), intitulado “Blends lexicais com ‘minion’”, apresentado durante o 69º Seminário do GEL (2023).

comumente como “petê”, é utilizada para aglutinar o sufixo “Metralha”, palavra utilizada para se referir aos personagens das histórias em quadrinhos *Os Metralhas*, trocando-se o [m] pelo [p], dada a sonoridade dos lexemas utilizados na composição desse signo, com destaque ao [t] que aparece nos dois segmentos.

Figura 23 - *Blend* lexical PETRALHA



Fonte: Elaboração autoral<sup>31</sup> (Canva)

Utilizamos o trabalho de Minussi e Nóbrega (2014) ao que diz respeito à classificação dos tipos de *blends* lexicais, de modo que conseguimos categorizar “bolsominion” como um *blend* morfológico e “petralha” como um *blend* fonológico, conforme explicitado pelos autores:

*Blends* Fonológicos: presença de um ou mais segmentos fonológicos idênticos sobrepostos.

matel = mato + motel; robodízio = roubo + rodízio.

*Blends* Morfológicos: ausência de quaisquer segmentos fonológicos idênticos nas palavras-fontes; truncamento de uma ou de ambas as palavras fontes.

cariúcho = carioca + gaúcho; portunhol = português + espanhol (Minussi; Nóbrega, 2014, p. 168).

Embora não seja o referencial teórico-metodológico de nosso estudo, por isso a limitação ao que tange à discussão dos neologismos, optamos por trazer os signos ideológicos à luz dos *blends* lexicais por acreditarmos que a própria composição de palavras não é aleatória nem desordenada, mas segue um padrão da língua portuguesa (em especial, o português brasileiro) para que o cruzamento vocabular ocorra, dado o próprio sistema linguístico ser mais

<sup>31</sup> Criamos a figura com base no trabalho do Prof. Dr. Rafael Prearo-Lima (IFSP), intitulado “Blends lexicais com ‘minion’”, apresentado durante o 69º Seminário do GEL (2023).

dinâmico, o que permite que por meio de diferentes processos sejam formadas palavras a partir de já existentes na língua.

Por isso que ao dizermos que há ordenação e lógica nesse tipo de neologia, acreditamos que as escolhas não são aleatórias, por considerar que algumas valorações já permeiam palavras da língua (sejam sobrenomes, nomes de personagens, siglas de partido político etc.), e que isso é considerado no momento da composição vocabular – assim, enxergamos o acento social desde o signo linguístico até o signo ideológico.

Bakhtin (2014) diz que o sujeito se revela no cronotopo, e o processo de assimilação do tempo, do espaço e do indivíduo é complexo e intermitente. Dessa forma, o tempo-espaço é responsável por revelar os enunciados sobre os quais uma sociedade fala a respeito – por isso “bolsominions” e “petralhas”, dado que por ser histórico e situacional, cada enunciado manifesta a presença da ideologia não só pela construção (composicional, e aqui pensamos todo o processo lexical), como também pela sua circulação e recepção social, elementos igualmente previstos dentro do próprio enunciado.

A constituição do signo, feita via linguagem, é uma estratégia política que nos interessa observar como uma forma possível de atingir o oponente, uma vez que os signos agem, nesse sentido, como armas políticas (haja vista a eleição de Bolsonaro, em 2018, e o golpe contra Dilma, em 2016).

Entender esse processo de linguagem é entender uma estratégia política que perpassa os signos, cada qual reforçando as valorações à sua maneira, de modo que o estudo se justifica pela sua contribuição aos estudos linguísticos no âmbito da filosofia da linguagem do Círculo de Bakhtin, explorando as relações entre os enunciados e suas esferas, ao abordar a vida e a arte, e colaborar para uma caracterização do funcionamento discursivo das valorações sociais acerca de processos estratégicos e políticos por meio da linguagem.

Interessa-nos pensar a linguagem ligada ao social pela forma como ela revela as valorações nos enunciados, uma vez que não há nem pode haver enunciados neutros, pois a ideologia está presente em toda e qualquer manifestação enunciativa, cujas possibilidades de compreensão ocorrem a partir do material e do conteúdo que a materialidade nos apresenta. Não podemos, portanto, ignorar as vozes que atuam como um elo entre as valorações e o momento socio-histórico tampouco tirá-lo de sua perspectiva dialógica que os mantêm vivos. A relação entre as esferas da arte, da mídia e da política, passa a ser, portanto, uma forma (dentre tantas outras possíveis) para compreender a constituição dos signos ideológicos e a estratégia política que surge mediante o movimento dialético-dialógico da linguagem, conforme sistematizamos com as figuras a seguir:



Figura 24 - Constituição sógnica de petralha



Fonte: Elaboração autoral (Canva)

Na constituição sógnica de petralha, observamos o movimento da linguagem que ocorre não de maneira linear e ordenada, mas dinâmica e fluida, conforme as flechas coloridas tentam representar. Por sua vez, ao longo de nossa pesquisa, acreditamos ser o traçado preto as referências de mais fácil recuperação ao que tange à constituição do signo, a saber: a alcunha “petralha”, dada por Reinaldo Azevedo e marcada em seu livro, *O país dos petralhas*; as HQs *Os Metralhas*; o eleitorado político do PT; a figura política de Lula, mais expressivamente; e a associação negativa dos irmãos Metralha ao PT, a seus políticos e a seus apoiadores.

Os demais elos discursivos (representados pelas flechas coloridas), embora não sejam os mais fortes ou os mais associativos, são de extrema importância, pois são eles que nos mostram a vida da linguagem e a capacidade do signo ser multiacentuado. São eles que nos mostram um embate (in)tenso dentro do próprio grupo que recebe a crítica de petralha, uma vez que alguns, para se defender, apropriam “petralhas” para dizer que são os outros (a direita do PSDB), ao mesmo tempo em que há uma outra oposição associando o signo a Dilma, Lula e demais.

Analogamente, na constituição sógnica de bolsomion encontramos os mesmos elos fortes e expressivos, mais associados à imagem construída, mas também temos os elos menos



Nessas atividades de linguagem, o funcionamento s gnico se d  ideologicamente, uma vez que ocorre entre sujeitos. Refletir e refratar são características inerentes do signo, que não se limita apenas ao material linguístico, mas engloba qualquer materialidade s gnica (cor, movimento, som, gesto etc.).

Representamos, por meio de desenhos com flechas e traçados, o movimento dialético-dialógico que lança um determinado enunciado para o diálogo, responsivamente. Não há um ponto final, mas laços que criam e constituem uma grande corrente ideológica. Desse modo, conseguimos compreender os enunciados que materializam valorações sobre bolsominions e petralhas como o lugar da interação e da constituição de sujeitos, visto que h  a concretização de diferentes contextos e visões de mundo, que se relacionam prospectiva e retrospectivamente com outros enunciados – por isso o movimento   dialético-dialógico, não há fim.

#### 5.4 Posts petralhas – a família Metralha na política brasileira

É a partir desses valores recuperados retrospectivamente nas histórias em quadrinhos que olhamos o uso feito de “petralhas” em duas publicações no Facebook, como forma de compreender, ainda que de maneira breve, como tais valores foram refratados para uma nova esfera da comunicação humana. Iniciamos pela crítica aos petralhas:

Figura 26 - Petralhas em Brasília



Fonte: Facebook - Petralha Zuero

A publicação é de 28 de janeiro de 2016, remonta ao período de crise do governo Dilma, sendo considerado um período de pré-golpe, pois já aconteciam movimentações políticas com vistas à derrubada da presidenta. A fotomontagem nos mostra, em primeiro plano, os irmãos Metralha abraçados, em um gesto de felicidade, com o Congresso Nacional ao fundo, o que faz alusão ao petralhas estarem comemorando alguma façanha relacionada ao governo.

Ainda, outra marca importante nessa publicação é que revela um valor caro aos que criticam os petralhas é o número 13 (utilizado na urna eleitoral durante as eleições), estampado em suas blusas que, não de outra cor, mas vermelha, comumente associada e utilizada pelo PT e que, na crítica, ganha também um sentido negativo. Lembremos a fala de Bolsonaro, já eleito presidente em 2019, em que diz: “Essa [do Brasil] é a nossa bandeira, que jamais será vermelha. Só será vermelha se for preciso nosso sangue para mantê-la verde e amarela”<sup>33</sup>.

Neste sentido, o grupo de apoio do PT, utiliza o mesmo signo “petralhas” para, então, tecer e demonstrar suas críticas ao grupo de oposição, ao mesmo tempo em que defende o partido. Contudo, diferente dos bolsominions, que assumiram o signo e o utilizaram como identificação, nesta publicação, os “petralhas” se negam enquanto tal e associam o ser petralhas a um outro grupo de oposição, ao colocar, na fotomontagem, uma comparação entre quem seria os petralhas do Brasil, não os políticos do PT, mas José Serra, Geraldo Alckmin, Fernandinho Henrique Cardoso e Aécio Neves, todos considerados políticos com filiações de direita:

Figura 27 - Petralhas como a oposição



Fonte: Facebook - Petralha Zuero

<sup>33</sup> Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/bandeira-jamais-sera-vermelha-diz-bolsonaro-em-discurso-no-palacio-do-planalto-23339528.html>. Acesso em: 20 jul. 2021.

A prática de nomear o mesmo grupo que criou e difundiu o signo com o mesmo signo criado e difundido não é comum, de modo que teremos, nas publicações, posicionamentos que afirmam o apoio ao PT por meio da autodenominação de “petralhas” – como o próprio nome da página faz. Embora fuja um pouco do previsto e usual, esta prática de nomear o “outro” com o que foi atribuído para o “eu” é mais uma forma de observarmos a dinamicidade do signo ideológico, sem conseguir defini-lo com termos que o limitem e o enquadrem, pois não é assim que ele funciona na vida da linguagem.

Para fins metodológicos, optamos por abordar primeiramente a página que se posiciona contrária ao signo ideológico, logo, a que critica os petralhas, para depois mostrar a contrapalavra valorada de maneira apreciativa pela página que apoia e defende os petralhas. Assim o fizemos por compreender que, cronologicamente, nas interações verbais, primeiro há uma crítica para haver sua posterior defesa. Isto é, não há como falar que petralhas reacentuam apreciativamente o signo sem mostrar como ele foi avaliado negativamente anteriormente.

#### 5.4.1 Página *Petralha NUNCA MAIS*

Ainda que o título da página tenha o signo “petralha” presente, não encontramos, no período definido para coleta de *posts*, nenhuma ocorrência que traga uma imagem que reacentue os irmãos Metralha com valorações em diálogo com figuras políticas. Entretanto, mesmo sem essa presença ou uso literal do signo, os *posts* encontrados e categorizados por conteúdo temático convergem com a imagem que temos discorrido ao longo do trabalho, de petralhas enquanto sujeitos relacionados ao roubo do país, meliantes e ladrões.

O título da página *Petralha NUNCA MAIS* já nos mostra um posicionamento autoral acerca dos conteúdos que são veiculados nela. O signo ideológico “petralha” é utilizado de forma pejorativa para se referir aos simpatizantes, membros ou eleitores do partido político PT. Assim, quando combinado à locução adverbial de negação “NUNCA MAIS”, em caixa alta, denota uma atitude de recusa em permitir ou reviver uma experiência negativa ou indesejável (no caso, ser governado novamente por petralhas).

O título dessa página dialoga com o título do livro *Brasil: nunca mais* (1991), feita a substituição paradigmática de “Brasil” por “petralha”, aquele referindo-se à ditadura militar, este, ao governo PT. O Brasil do *Brasil: nunca mais* é sinônimo de “Ditadura NUNCA MAIS”, já que o livro reúne depoimentos de presos políticos que sobreviveram às torturas e horrores daquele momento. A estratégia de inversão de sentido do grupo de oposição é referenciar o



nome dos petralhas associado à ditadura, pela semelhança entre o título da página e o título do livro. Assim, se posicionam não só contrários à capa vermelha do livro<sup>34</sup> em contraste com a escrita em amarelo (tons opostos não só no sistema de cores, mas também ideologicamente, na política). Essa estratégia de oposição não é nova, do mesmo modo, assim como também não o é, por meio da inversão de sentido do título do livro com o título da página, a tentativa de atribuir a ditadura militar à esquerda, como aparece ao longo da história.

Esse tipo de retórica, que aparece aparentemente “fortuita” no título de uma página de Facebook, não é fortuita, visto que compõe o imaginário brasileiro como parte da estratégia retórico-discursiva da direita e extrema direita, que resgata valorações fascistas e integralistas para, à sua maneira, fazer uma reelaboração sintética deles.

As temáticas se subdividem, basicamente, em (1) crítica ao PT (Lula e Dilma) e aos valores da esquerda; (2) apoio ao *impeachment*; (3) defesa de valorações caras à extrema direita; e (4) apoio a Sergio Moro. A seguir, uma ilustração que exemplifica como esses conteúdos se inter-relacionam, o que demonstra o diálogo existente entre um tema e outro.

Figura 28 - Temas para crítica aos petralhas



Fonte: Elaboração autoral (Canva)

<sup>34</sup> Imagem da capa de *Brasil: nunca mais* (1991), em que é possível ver expressão “NUNCA MAIS” também grafada em caixa alta, exatamente como no título da página Petralha NUNCA MAIS. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/nunca/index.htm>. Acesso em: 28 maio 2024.

Evidentemente, outros conteúdos temáticos perpassam esses, mas para fins de organização, escolhemos assim tratá-los para que possamos nos deter de maneira específica em cada um desses temas recorrentes, a fim de analisá-los à luz da política brasileira, como fragmentos da história. Haja visto que não temos o uso direto do signo “petralhas”, iniciamos com a imagem negativa utilizada para se referir ao coro político do PT.

Figura 29 - Militonto petista



Fonte: Facebook - Petralha NUNCA MAIS

Para criar o efeito de sentido de crítica ao grupo petista, o autor do *post* traz uma clássica imagem da evolução humana (que remete à teoria da evolução das espécies, de Charles Darwin), contudo, com modificações, para mostrar que quem apoia o PT retrocede na evolução, não chegando a, de fato, se tornar um ser humano, mas um burro, no estágio final. A evolução, por mostrar a origem dos seres humanos e os diferenciá-los como uma espécie, é utilizada no sentido de indicar progresso e avanço. Entretanto, no *post*, que diz “E assim surgiu... o militonto petista!”, a associação ao PT é sinal de burrice (visto que o último ser presente na linha de evolução é o animal, burro).

A animalização é o que desumaniza, uma vez que retira a dignidade e aproxima os limites da comparação entre humanos e animais. Da mesma forma, legítimas discriminações e violências, servindo como forma de questionar comportamentos sociais de determinados grupos, visto que ao desumanizar o outro, as atrocidades contra ele são facilitadas.

A crítica se volta justamente a uma espécie involutiva, que regrediu, uma vez que retrata o militonto petista (o petralha) como um retorno aos primatas. A regressão é piorada, já que troca o animal do início, macaco, para um burro. Com um plano de fundo preto e demais elementos todos em branco, utilizou-se a cor vermelha, recorrentemente associada ao PT e,

aqui, com carga ideológica negativa, para retratar o estágio da evolução humana em que o ser humano, não mais primata, passou a se transformar em um burro.

Isso ocorre, na imagem, quando o quarto elemento, já em pé, ainda é branco, mas levanta uma bandeira vermelha com a sigla PT (o primeiro sinal da involução). Seu corpo, já ereto, começa a se curvar novamente, indicando a pausa na evolução e início do retrocesso. O vermelho, agora, fica por conta de uma camiseta vestida no quinto elemento, com o desenho de Che Guevara na manga.

Curvando-se ainda mais, o sexto elemento da involução, após empunhar a bandeira do PT e vestir uma camiseta vermelha de Che Guevara, já é um ser vermelho por inteiro, sem nenhum pedaço de si sendo branco (para seguir na linha de evolução). O último elemento, já sentado, é o burro, também todo vermelho e com uma estrela amarela do PT em seu corpo.

Desse modo, o “militonto”, o “militante” e “tonto” é uma expressão pejorativa usada para descrever um militante que apoia cegamente uma causa, partido ou figura política, sem um entendimento crítico ou profundo dos assuntos em questão. No caso, esse militonto não é um termo genérico, mas é marcado como sendo o petista. Marcado pela língua, o insulto e a desqualificação do outro vêm por meio não só da imagem de involução humana (visual), mas também do signo ideológico “militonto”.

Pensando que o ideológico se dá sob qualquer forma sónica, temos o uso da cor vermelha como um sentido importante para a construção do post. Aqui, o vermelho que toma conta do sujeito é o que leva a se transformar em um burro, em perder sua característica evolutiva, logo, é algo totalmente negativo. Apesar de, historicamente, haver associações apreciativas em muitos contextos (como o vermelho da paixão e do amor), possui sentidos negativas que variam dependendo do contexto cultural, social e político. Sua ligação com perigo, violência, proibição e repressão são umas dessas formas.

No cenário político brasileiro (mas não somente), a complexidade de sua interpretação se faz presente, pois ora pode significar um sinal negativo, de maneira geral, ou pode associar a um grupo político em específico. Nesse post e na maioria dos outros (tanto na página que critica os petralhas quanto a que apoia os bolsominions) compreende a cor vermelha como depreciativa, uma vez que se associa ao PT (e fortemente ao comunismo e ao socialismo, outras valorações que dialogam com o petismo e, portanto, criticadas).

Todo e qualquer enunciado é ideológico, o que significa que expressa uma posição avaliativa acerca de uma situação, um fato, um evento no existir. Nesse caso, além dos aspectos verbais, o visual, principalmente por meio da cor, é que confere esse sentido negativo ao PT (e,



que, em outro momento, será avaliado como apreciativo, visto que apoiará o partido político que, por ora, é criticado).

Este outro *post* traz também a ideia negativa presente na cor vermelha, ao mostrar uma horda de zumbis-petralhas vestidos com roupas nessa coloração, alguns, com o símbolo do partido – a estrela vermelha escrita PT. Culturalmente, a figura de um zumbi, um morto-vivo, é a de um corpo humano reanimado que perdeu sua consciência e inteligência.

Figura 30 - Zumbis-petralhas



Fonte: Facebook - Petralha NUNCA MAIS

Nesse *post*, os zumbis são identificados como petralhas, dadas as suas vestimentas e seu comportamento em horda. Os zumbis são frequentemente retratados como cadáveres em decomposição, com feridas expostas, pele pálida e roupas rasgadas e sujas. Em algumas representações, são muitas vezes impulsionados por um desejo insaciável de carne humana, particularmente cérebros.

Na montagem, alguns enunciados comumente associados aos petralhas foram colocados como manifestação dessa perda de consciência e inteligência. Não há um destinatário para esses enunciados, mas pelo horizonte socioideológico, dirigem-se ao grupo que aqui os criticam. Eles dizem “ELITISTAS”, “NÃO VAI TER GOLPE”, “CONSTITUCIONALISTAS”, “FASCISTAS”, “FORA CUNHA!” e “NÃO PASSARÃO”. Alguns desses enunciados, como “não vai ter golpe” e “não passarão” aparecem três e duas vezes, respectivamente, o que reforça a ideia de uma falta de argumentação (por isso se repetem) marcada pela língua. Os zumbis-

petralhas seguem em efeito manada, todos seguem na mesma direção, o que alguns fazem e falam, outros repetem.

Nesse sentido, tudo o que aparece verbalmente no enunciado é colocado, pelo autor do *post*, como apreciativo para ele e para seu grupo. Ou seja, ao colocar um zumbi-petralha dizendo “não vai ter golpe”, ele está afirmando, pela negação, que vai ter golpe (*impeachment*). O “fora Cunha!” é sinal de que sim, Eduardo Cunha, presidente da Câmara dos Deputados à época do golpe, não vai sair (fora), mas vai ficar. Assim, utiliza-se um recurso linguístico que afirma implicitamente (para um grupo) ao negar explicitamente (para outro).

Neste outro *post*, faz-se uma crítica aos petistas a partir de um nível intelectual que o grupo de oposição julga ser desprovida em quem vota no PT. Em um plano de fundo preto, podemos ler, em letras brancas: “PETISTA É TÃO BURRO QUE FALA ‘GOLPE’, PORQUÊ NÃO SABE FALAR ‘IMPEACHMENT’”.

Figura 31 - Golpe vs *impeachment*



Fonte: Facebook - Petralha NUNCA MAIS

O objetivo de criticar, e também de rir, da capacidade cognitiva de petistas é colocada como tema nesse *post*, ao trazer o grau de complexidade entre as palavras “golpe” e “*impeachment*”. Nesse sentido, o grupo que faz a crítica coloca a equivalência de que petistas são burros (não estudam) e por isso preferem dizer uma palavra “mais fácil”, que é “golpe”, do que uma mais complexa, de origem estrangeira “*impeachment*”. Sem dizer, eles dizem que são inteligentes, pois eles, sim, falam “*impeachment*” e não “golpe”.

Ainda que o nome do procedimento de destituição de poder seja *impeachment*, utilizar golpe para se referir ao modo como o processo foi movido contra Dilma é um posicionamento, é uma espécie de assinatura do sujeito diante daquele evento no existir. Dizer “golpe” não é o mesmo que dizer “impeachment”, não só por serem palavras diferentes, nem por um suposto grau de complexidade em cada uma delas, mas porque, ideologicamente, ambas são carregadas de determinadas valorações. Para quem é contrário a Dilma, *impeachment*; favorável, golpe.

Os próximos *posts* versam, especificamente, sobre a figura política de Dilma e Lula. Não trazem nenhum tipo de crítica aberta a seus ideais e posicionamentos, mas de maneira velada, pela forma como são representados, percebemos a imagem negativa que essas duas figuras políticas possuem no grupo de oposição, principalmente por terem sido produzidas e circuladas na efervescência da votação a favor do golpe.

Figura 32 - Crítica a Dilma



Fonte: Facebook - *Petralha NUNCA MAIS*

Nesses três *posts*, a imagem da presidente Dilma é construída negativamente. Na primeira imagem, a até então presidente está vestida com a faixa presidencial e com os braços abertos. O verbal e o vocal criam, juntos, o sentido de que é a própria Dilma, em um pronunciamento oficial, que diz (no balão de fala, típico de HQs), em tom de voz alta, dada a caixa alta utilizada na fonte: “EU SOU A DESGRAÇA DO BRASIL!”.

Assim, o discurso do eu (Dilma) é perpassado pela avaliação do outro (grupo de oposição) para a criação do *post*, uma vez que se trata de uma montagem feita para criticar a

figura da presidente, ao colocar em sua própria voz a declaração de que é a desgraça do país, ou seja, faz com que assuma a responsabilidade, enquanto sujeito, das ações que fizeram do Brasil um local ruim (já que é presidido por uma desgraça).

Interessante observar também como a palavra “desgraça”, um substantivo, foi utilizado para adjetivar não o sujeito (“desgraçada”), mas um acontecimento na história do país. Dentre os vários sentidos dessa palavra, geralmente é utilizado para referir-se a eventos, acontecimentos ou situações extremamente negativas, adversas ou trágicas. Sendo assim, é um substantivo que remete a uma calamidade ou evento trágico, que causa grande sofrimento e dor, afetando uma pessoa (individual) ou muitas (coletivo). Nesse sentido, Dilma não é uma “desgraçada” (adjetivo), mas uma “desgraça” ao país, porque afetou coletivamente.

Esse tipo de acusação faz parte de uma estratégia discursiva do ódio, em que elegem um sujeito culpado para toda a falha sistêmica que afeta diretamente a coletividade, já que é difícil acusar todo um sistema, pois abstrato demais. Mas, apontar sujeitos possíveis de serem “crucificados” em praça pública, assim como Cristo, é mais fácil e prático, além de se aliar à essa retórica.

A estratégia discursiva do ódio faz uso deliberado de linguagem para incitar, promover ou perpetuar hostilidade, preconceito e discriminação contra sujeitos ou grupos específicos. Dentre as técnicas empregadas, temos a desumanização, em que o culpado é retratado como menos humano, comparando-os a animais, insetos ou objetos inanimados, visto que isso facilita a justificativa de tratamentos cruéis e desumanos contra esse grupo.

Há, também, um apelo ao medo, com a circulação de mensagens que induzem pavor sobre um grupo alvo, frequentemente exagerando ou inventando ameaças que esse grupo supostamente representa, usadas para mobilizar emoções negativas e justificar ações hostis. É desse modo que surge a demonização do outro, em que o culpado ou o grupo alvo do ataque é retratado como inerentemente malicioso ou perverso, frequentemente utilizando metáforas religiosas ou morais para reforçar a ideia de que eles são uma ameaça moral ou espiritual, em contraposição à moral e aos bons costumes estabelecidos por esse grupo.

Figura 33 - Demonização de Dilma



Fonte: Elaboração autoral (Canva) a partir da página *Petralha NUNCA MAIS*

Ainda nesse sentido de ser um acontecimento estarrecedor para o país, esses dois *posts* demonizam a imagem de Dilma, seja atribuindo-lhe características físicas demoníacas ou colocando-a em um ritual de exorcismo. Na primeira imagem, há uma caricaturização de Dilma, enquanto presidente, representando-a como um ser demoníaco, imagem muitas vezes utilizada pela direita e extrema direita para retratar o “inimigo”, que é um demônio ou satanás. Sendo assim, várias narrativas do texto sagrado cristão trazem esse demônio como a personificação do mal e a oposição a Deus. Ele é visto como um ser que se rebela contra a ordem divina e tenta desviar a humanidade do caminho de Deus.

Assim é que Dilma, presidente do país, torna-se essa imagem satânica e demoníaca para esse grupo de oposição, por representar a personificação do mal e não se associar às valorações desse grupo, que, dentre outros, tem a palavra de Deus como norteadora de suas condutas. Por isso, surge a caricatura: o rosto comprido, os chifres pontudos de cada lado da cabeça, a boca escancarada, com dentes sujos e a língua bifurcada para fora, em um movimento de que, ao falar, o veneno (já que é uma língua bifurcada, típica de serpentes e outros répteis) sai junto com suas palavras (representadas imagneticamente pelos perdigotos próximos à língua). Na tradição religiosa, a língua bifurcada é também associada aos seres demoníacos, cujo sentido é o de enganar e tentar, já que não são confiáveis ou que falam com falsidade.

Ainda, representado como a “marca da besta”, outra simbologia cristã, no pescoço dessa Dilma demoníaca tem o símbolo da Petrobras, a maior empresa estatal do país em sua gestão. Isso se associa diretamente à Operação Lava Jato, iniciada em 2014, e que revelou um esquema de corrupção envolvendo a Petrobras, políticos, partidos e grandes empresas de construção

civil. Executivos da Petrobras foram acusados de receber propinas em troca de contratos inflacionados.

A investigação revelou que os desvios totalizavam bilhões de reais, utilizados para financiar campanhas políticas e enriquecimento pessoal de diversos políticos e executivos. Antes de ser presidente, Dilma foi ministra de Minas e Energia e presidiu o Conselho de Administração da Petrobras entre 2003 e 2010, durante o governo de Lula. Embora não tenha sido diretamente implicada no esquema de corrupção, sua posição anterior levantou questionamentos sobre sua responsabilidade e conhecimento das irregularidades.

Além disso, a associação da imagem de Dilma a Lula e ao PT, junto à associação ao escândalo da Petrobras, aumentou a pressão política e pública sobre seu governo, culminando no golpe. Dessa forma, Dilma tem, em seu pescoço, essa “marca da besta”, que é o símbolo da Petrobras, mostrando que, para o grupo de oposição, ela possui ligação direta aos escândalos, visto que está marcada, na pele, por ele.

Na Bíblia, a “marca da besta” é frequentemente interpretada como um sinal de submissão às forças do mal, em oposição à lealdade a Deus. Receber a “marca da besta” é considerado um ato de aliança com as forças do mal e distingue quem escolheu seguir a Deus e quem escolheu seguir o inimigo. Por fim, mais uma vez o vermelho como cor utilizada para representar a oposição é trazida nos olhos de Dilma, na língua bifurcada e em sua roupa. Além de ser um demônio, a presidente está também avermelhada, dada a situação de exacerbamento em que foi representada (em representações recentes, o inimigo também é retratado com o corpo vermelho e demais tons quentes, como Dilma foi, em associação ao fogo do inferno).

Dialogando com essa imagem, o segundo *post* é uma montagem que traz Dilma sendo exorcizada por Edir Macedo, bispo evangélico e líder da Igreja Universal do Reino de Deus. Dilma, na montagem, está em uma posição de inferioridade em relação a Edir, que, com a mão esquerda apoiada sobre a cabeça de Dilma, faz o ritual de expulsão do demônio do corpo da presidente.

No *post*, expulsar o demônio é sinônimo de fazer com que Dilma saia do cargo da presidência, como podemos ler ao lado esquerdo da imagem: “SAI DESSE CARGO QUE NÃO TE PERTENCE!”, diz Edir Macedo para Dilma, em tom imperativo, parodiando o enunciado “Sai desse corpo que não te pertence”, bastante popular no país devido à história cristã.

Em contexto de exorcismos e rituais religiosos ligados ao cristianismo, esse enunciado é dito por se acreditar na expulsão de espíritos malignos ou entidades demoníacas do corpo de uma pessoa possuída. O enunciado, *ipsis litteris*, não tem correspondência direta da Bíblia, mas reflete o espírito e a prática de exorcismos que são mencionados ao longo do texto,



principalmente na figura de Jesus. O exorcista bíblico age em nome de uma força divina para reestabelecer a ligação com o sagrado e livrando aquela pessoa ou situação de demônios. Nesse sentido, fia a cargo de Edir Macedo exorcizar Dilma, não somente pela palavra de fé, mas também pelo mandamento político, visto que ele exige que o cargo seja destituído dela.

Notamos, assim, a imagem de Dilma, enquanto governante do país, fortemente ligada à tragédia e destruição da vida de brasileiros, ao mesmo tempo que é caracterizada como um demônio a favor das forças malignas, cabendo um ordenamento religioso, feito por um líder ungido para tal função, que tire o país dessa situação.

Prosseguindo, a imagem de Lula também é veiculada na página recorrentemente, ainda que a figura política desempenhando o cargo governamental seja Dilma. Trata-se de uma “herança” de quando Lula exerceu o mesmo cargo, de 2003 a 2011, tido como uma figura da esquerda política no país.

Figura 34 - Oposição a Lula



Fonte: Elaboração autoral (Canva) a partir da página *Petralha NUNCA MAIS*

Muitos brasileiros veem Lula como uma figura apreciada, que implementou programas sociais, como o Bolsa Família, que tirou milhões de pessoas da linha da pobreza. Além disso, mantém um forte apoio entre as classes trabalhadoras populares e menos favorecidas, e promoveu políticas de redistribuição de renda, inclusão social e intervenção estatal na economia. Seus opositores, de direita e extrema direita, veem essas políticas como prejudiciais ao desenvolvimento econômico e à liberdade de mercado. Logo, torna-se o inimigo do país.

O que vemos nos *posts* dialogam com essa imagem de Lula como um inimigo, uma *persona non grata* por parte dos brasileiros, um lixo (primeiro *post*) que merece ser agredido (segundo *post*). À esquerda, temos uma montagem, cujo texto, na parte superior, diz: “SINTA-

SE MELHOR JOGUE LIXO NO...”, logo abaixo, a imagem de Lula dentro de uma lata escrito “LIXO”. Em discursos de ódio e de intolerância ao outro, é comum insultar ao associá-lo a lixo, destituindo-o de seu valor, comparando-o a algo descartável ou sem utilidade, portanto, um lixo.

Ainda, o contexto geral do *post* dialoga (de maneira parodiada) com um discurso de sustentabilidade, ao incentivar o descarte correto de resíduos em lixeiras. O enunciado incentiva um sentimento de bem-estar (“sinta-se melhor”) ao conscientizar acerca de uma prática de redução da poluição e preservação ambiental (“jogue o lixo no lixo”). Contudo, além do efeito risível de comparar o ex-presidente a algo destituído de valor, um lixo, o *post* gera também o sentido de que o que não tem mais serventia deve ser jogado fora, logo, jogar o lixo (Lula) no lixo (lixreira) é tirá-lo, figurativamente, do cenário político.

O que, adiante, dialogará com o discurso de “Lula ladrão” e “Lula na prisão”, também produzido e circulado por esse grupo de oposição. Para finalizar, Lula-lixo, de dentro da lata de lixo, diz: “Num sei di Nada”, escrita de maneira a reforçar uma carência de domínio da norma culta da língua portuguesa, ao também aproximar a grafia de uma oralidade. O enunciado, dito por Lula, pode ter o sentido literal de que, de fato, o sujeito não sabe de nada acerca de um determinado acontecimento.

Contudo, pelo modo como foi construído, o *post* nos indica uma postura de evasão de responsabilidade por parte do Lula, sem saber como foi parar ali (descartado, destituído de valor e sem serventia para o país). Assim, o “não sei de nada” é usado para evitar o envolvimento e comprometimento em uma situação ou para se esquivar dela. Essa postura pode ser adotada em contextos que, potencialmente, alguém será culpado ou envolvido, logo, declarar não saber nada a respeito, busca uma tentativa de isenção e até mesmo de irresponsabilidade sobre aquilo.

Já no *post* à direita, temos uma imagem de Lula amarrado a uma cadeira, atitude associada, geralmente, a bandidos e ladrões que são pegos em flagrante. De terno, com a boca aberta, Lula está preso, prestes a receber uma punição (uma luxa de boxe está na direção de seu rosto), da qual não consegue escapar, visto que está amarrado por uma corda.

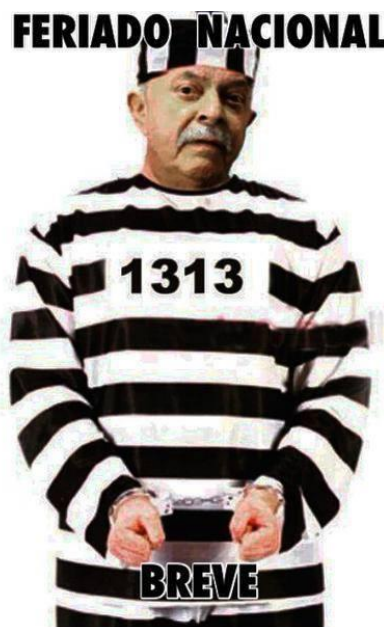
Na parte esquerda da imagem, lemos: “PARA CADA CURTIDA UM SOCO”, incitando a uma situação hipotética de que cada *like* (curtida) recebido no *post* será convertido em um soco no rosto de Lula. Esse tipo de interação nas páginas costuma trazer engajamento (pois faz o *post* receber mais curtidas, já que há um incentivo pelo texto verbal). Assim, para quem decide deixar uma curtida, cria-se a sensação de estar, de alguma maneira, agredindo fisicamente o ex-presidente, que não vai, nem pode se defender, visto que está amarrado para que haja esse tipo de linchamento.



Vemos, nesse *post*, o discurso de ódio e intolerância ao outro, como nos demais, mas sobretudo de promoção da violência física explícita. Essa atitude visa eliminar o adversário político, tido como inimigo e criminoso, de modo que incitar a violência a Lula é uma forma de afetá-lo não só física, quanto simbolicamente.

Por fim, o outro *post* que retrata Lula como um inimigo que deve ser barrado, interditado, impedido de conviver solto na sociedade é uma montagem que o coloca com uniforme de presidiário e com as mãos algemadas. No *post*, lemos: “FERIADO NACIONAL/BREVE”, em alusão a uma situação hipotética de que, quando Lula for preso, será considerado um feriado nacional no país, uma data a ser comemorada.

Figura 35 - Lula preso



Fonte: Facebook - *Petralha NUNCA MAIS*

Com as mãos algemadas, a expressão facial desiludida (olhar distante e canto da boca caído), e o uniforme de presidiário, que traz, estampado no peito, o número 1313 (em alusão ao número de urna do PT), Lula é retirado da atuação no cenário político ao ser detido, encarcerado, portanto, colocado sob custódia das autoridades judiciais devido à suspeita ou comprovação de envolvimento em atividades ilegais ou criminais (não exemplificadas no *post*). A privação de liberdade de Lula é motivo de comemoração entre seus opositores, que consideram sua prisão uma forma de ver a justiça sendo feita no país, sob as alegações de que Lula, durante seu governo, roubou não só o país, mas milhões de brasileiros.

Inclusive, esse tipo de *post* que pede (sugestivamente) a prisão de Lula, retratando-o já como um presidiário, ocorre após a denúncia que o indiciou como o comandante do esquema

de corrupção da Petrobras<sup>35</sup>. Logo após o golpe contra Dilma, em setembro de 2016, Lula se tornou réu pelos crimes de corrupção passiva e lavagem de dinheiro, denúncias aceitas pelo então juiz Sergio Moro acerca da Operação Lava Jato, uma ampla investigação de corrupção que revelou um esquema de desvio de dinheiro na Petrobras.

Lula foi acusado de receber benefícios indevidos de empresas envolvidas no esquema de corrupção da estatal. As acusações incluíam a propriedade de um tríplice no Guarujá e um sítio em Atibaia, que teriam sido reformados por empreiteiras como parte do esquema de propinas. Executivos de empreiteiras e outros envolvidos fizeram delações premiadas implicando Lula e outros membros do PT em práticas corruptas. Nesse sentido, toma-se a parte pelo todo, Lula representa, nessa situação, todo o partido.

Diferente do que vemos em *posts* de bolsominions, que se voltam somente a Bolsonaro, aqui, quando falamos de Dilma, Lula ou outro político do PT, vemos que se referem ao PT como um todo, representados coletivamente pela individualidade de cada político. Disso decorre a associação dos irmãos Metralha, bandidos das HQs da Disney, com o PT (petralhas), e não com uma figura em específico (não temos dilmatralha ou lulatralha, por exemplo).

Nesse sentido, o PT, como um todo é visto como uma ameaça e símbolo de corrupção para os que pedem tanto o impeachment de Dilma quanto a condenação e consequente prisão de Lula. Isso decorre de uma percepção de impunidade, haja visto que muitos brasileiros contrários ao PT estavam frustrados com uma corrupção sistêmica, acreditando que políticos “grandes” frequentemente escapavam da justiça. Assim, a prisão de figuras políticas como Lula era vista como um passo necessário para combater a impunidade.

A impunidade, a falta de castigo, de pena ou de sanção por um ato ilícito praticado, é tema recorrente no universo dos Metralha. Isso porque, em muitas histórias, eles estão livres e soltos, perambulando pela sociedade, atrás de novas façanhas que envolvam roubos, assaltos e golpes. Em nossa sociedade, há uma sensação subjetiva e compartilhada de que a punição de infratores, bandidos e políticos raramente acontece. Na imagem a seguir, em que um Metralha se lamenta de estar preso (atrás das grades), podemos compreender que tal situação dificilmente acontece a eles, por isso a queixa:

---

<sup>35</sup> 'Lula era o comandante máximo do esquema de corrupção, diz MPF. *O Globo*, 14 set. 2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/lula-era-comandante-maximo-do-esquema-de-corrupcao-diz-mpf-20110350>. Acesso em: 15 abr. 2024.

Figura 36 - Metralha preso



Fonte: Site Ivan Saldenberg – Histórias Comentadas

À época, existia essa sensação compartilhada de que não há impunidade para o PT no Brasil, e que isso colabora para que cada vez mais crimes fossem cometidos por seus afiliados. Por isso, pediam a prisão de Lula, como a materialização de uma justiça sendo feita no país. Baseadas no estudo de Carvalho Filho (2004), temos que:

Impunidade significa falta de castigo. Do ponto de vista estritamente jurídico, impunidade é a não aplicação de determinada pena criminal a determinado caso concreto. A lei prevê para cada delito uma punição e quando o infrator não é alcançado por ela – pela fuga, pela deficiência da investigação ou, até mesmo, por algum ato posterior de “tolerância” – o crime permanece impune. Conforme o brocardo latino, impunidade estimula delinquência: *Impunitas peccandi illecebra*.

[...]

Do ponto de vista político, o significado é mais amplo. Fala-se em impunidade não apenas quando se verifica a incapacidade ou a falta de disposição de o Estado fazer prevalecer a punição estabelecida, mas também quando a própria lei e/ou o magistrado que a aplica são considerados benevolentes para com determinado ato criminoso (p. 181).

Interessa-nos, então, observar como esse tipo de *post* não só dialoga com uma visão presente nos quadrinhos, mas com um sentimento compartilhado por parte da população brasileira, de modo que a imagem de Lula é transformada em um tipo de materialização da “justiça”. O desejo de ver Lula preso, em 2016, foi motivado por uma combinação de acusações específicas de corrupção e lavagem de dinheiro, um ambiente de crescente indignação pública contra a corrupção, acreditando nas ações das autoridades judiciais para que não houvesse mais impunidade e um novo ciclo de renovação na política fosse iniciada.

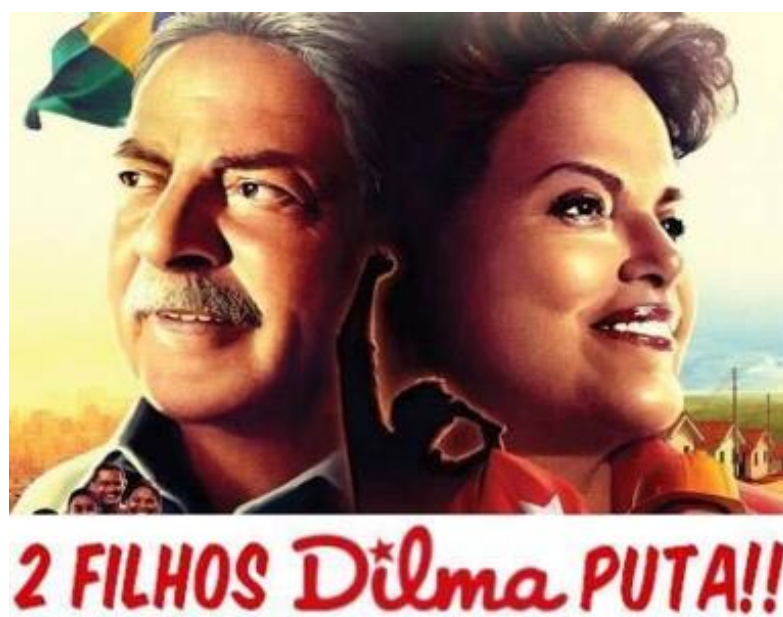
Embora o período de coleta de dados não recubra os acontecimentos posteriores, cabe ressaltar que, acerca dessa prisão de Lula, os fatos decorreram, desde março de 2016, com sua

condução coercitiva para depor na Polícia Federal, até 2018, quando ele foi condenado em primeira instância por Sérgio Moro e, posteriormente, teve sua sentença confirmada em instâncias superiores. Em abril de 2018, após esgotar os recursos em segunda instância, Lula foi preso e começou a cumprir sua pena, embora tenha sido solto posteriormente em novembro de 2019 após uma decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) que alterou a interpretação sobre a prisão após condenação em segunda instância.

Sendo assim, embora muitos vissem sua prisão como uma prática de justiça, seus apoiadores alegavam perseguição política e uma tentativa de impedir seu retorno ao poder. Aqui, vemos mais uma vez como o signo “prisão de Lula”, além de ideológico, é bivocal, porque as experiências são compartilhadas por grupos heterogêneos, com visões de mundo diferentes. Ainda que estejamos mostrando um posicionamento contrário a Lula, não é possível deixar de apontar que essa situação mostra, ao menos, duas perspectivas diferentes simultaneamente dentro de um “mesmo” discurso.

Prosseguindo, neste *post* temos uma imagem de Lula e de Dilma que dialoga com o filme nacional *2 filhos de Francisco* (2005), baseado na vida e história da dupla sertaneja Zezé Di Camargo & Luciano. Nada além do título e da representação imagética retomam o enunciado de origem, uma vez que aspectos do enredo, atores ou outras situações correlatas são trazidas para o *post*.

Figura 37 - Lula e Dilma



Fonte: Facebook - Petralha NUNCA MAIS

Lula e Dilma, ex-presidente e presidente do Brasil, respectivamente, pelo PT, são colocados na montagem como os dois filhos de uma puta, associando o título do filme, que traz o nome do pai (Francisco) não a um nome próprio (Maria, por exemplo), mas a um adjetivo que qualifica a mulher que é mãe desses sujeitos: puta, termo pejorativo para prostituta. Insinua-se que “puta” seja uma ofensa por associar a mulher que dorme com mais de um homem, e que, assim, não sabe quem é pai de seus filhos, tornando, assim, seus filhos, filhos sem pai, só filhos da puta.

Ainda, essa expressão carrega uma conotação misógina ao usar a figura materna e a palavra “puta” como insultos, refletindo um desprezo histórico pela prostituição e, mais amplamente, pelo comportamento sexual feminino que foge às normas conservadoras. É uma forma de ofender, ainda mais pensando que a imagem de mãe possui, na cultura cristã, uma origem divina (Maria, a mãe de Jesus).

Assim, xinga-se alguém de “filho da puta” para demonstrar ódio ou desprezo, mesmo que saiba a origem de seu parentesco, já que se popularizou como um xingamento bastante utilizando entre os brasileiros. Mesmo que, em algumas situações, seja usado entre amigos em um contexto descontraído, ainda mantém um certo tom de agressividade pelo modo como é vocalizado e dependendo da situação. É nesse sentido que olhamos para a elaboração feita do post, que embora seja feita para gerar humor entre os que coadunam com as mesmas valorações de desprezo por Dilma e Lula, é feito de modo a ofendê-los, acima de tudo.

O efeito de sentido humorístico também fica a cargo da construção linguística, dados os elementos fonológicos que, ao utilizarem o nome de Dilma, desempenha, pelo som, a mesma função da preposição “de” e do artigo indefinido feminino “uma” no enunciado: “2 filhos Dilma [de + uma] puta”, o que mostra um aproveitamento de recursos da língua para gerar efeitos de sentido.

Ainda, a construção visual do *post* entra em contradição com o texto que critica Dilma e Lula, uma vez que retrata uma altivez das duas figuras políticas, com elementos que valoram apreciativamente sua imagem: há, no plano de fundo, um pedaço da bandeira do Brasil, no canto superior esquerdo, um conjunto habitacional popular do lado esquerdo, assim como uma silhueta contornada de vermelho entre Lula e Dilma, com a mão erguida, também com um pedaço de bandeira do PT na parte inferior, junto a imagem de alguns sujeitos à esquerda e um pedaço de chapéu de operário à direita.

Desse modo, à primeira vista, a imagem pode ser interpretada como um apelo positivo ao aspecto popular dessas lideranças, dados os elementos que a constituem. Entretanto, o sentido se completa também com a presença e compreensão do texto verbal, que, mesmo

trazendo aspectos apreciativos acerca dessas figuras, ainda o consideram “2 FILHOS Dilma PUTA”. Lula e Dilma semiotizam as valorações negativas associadas não só a eles, mas ao PT.

O tratamento dado a Dilma e Lula, gradativamente, torna-se mais agressivo, mostrando como o discurso de ódio se instaura não só nos *posts* (nas redes sociais), mas na mentalidade. De uma maneira mais leve, com tom de “brincadeira”, passa, processualmente, para a agressão (os socos em Lula) e para a violência verbal (“filhos Dilma [de uma] puta”). Os lexemas, que são ideológicos, vão sendo carregados de sentidos pejorativos, em caixa alta, cujo tom mostra a exclamação, a indignação e a exaltação que se misturam, quase que de maneira “despercebida”, à agressão e à incitação da violência física.

Com Lula, a violência é no campo semântico do roubo (bandido, ladrão, Metralha); com Dilma, por ser mulher, é no campo semântico do gênero (é o nome dela que, fonética e fonologicamente, é associado à “puta”).

Um outro tipo de *post* que circula nessas páginas diz respeito aos aspectos valorados apreciativamente pelo grupo que se opõe aos petralhas. Na coleta de dados, todos perpassam pela valoração do patriotismo, de ser, viver, respirar e respirar pelo país. Neste momento, podemos ver mais nitidamente a valoração da estética verde e amarela em contraposição à uma ditadura da esquerda, cuja bandeira é vermelha.

Figura 38 - Rosto verde e amarelo



Fonte: Facebook - Petralha NUNCA MAIS



Na parte central da imagem, há uma criança que olha fixamente para a frente, para o tempo presente, com o rosto pintado com a bandeira do Brasil. Essa criança representa milhares de brasileiros que, assim como ela, são a cara do país (uma criança branca, de olhos azuis, em um país que é majoritariamente negro), motivo de orgulho, e não de vergonha.

O rosto do Brasil revela uma concepção de país passado a limpo, de um novo Brasil puro e inocente. A valorização da infância é cara à direita, visto que as constantes críticas e ataques, principalmente fake news no âmbito educacional, aparecem justamente com crianças, envoltas em casos de s sexualidade e pedofilia).

Não basta vestir ou hastear bandeira, é preciso mostrar e ser visto que o orgulho do Brasil está “estampado na cara”. Podemos vislumbrar um diálogo com os caras-pintadas, o movimento estudantil brasileiro que ocorreu em 1992, cujo objetivo principal era o *impeachment* do presidente do Brasil na época, Fernando Collor de Mello.

Nesse *post*, lemos “O MEU PARTIDO É O MEU PAÍS”, que também aparece como “Brasil” frequentemente. Esse enunciado ganhou popularidade no país durante o período de manifestações políticas e sociais que ocorreram em meados da década de 2010, especialmente em torno dos protestos contra a corrupção e o governo da então presidente Dilma. Embora seja difícil atribuir a origem do enunciado a um único autor ou momento específico, ela emergiu como um *slogan* nacionalista e “apartidário”, utilizado por diversos e diferentes grupos que se identificavam mais com uma postura de patriotismo do que com a afiliação a qualquer partido político específico.

Como exemplo, em 2013, grandes manifestações tomaram as ruas do Brasil, inicialmente motivadas por um aumento nas tarifas de transporte público, mas que rapidamente se expandiram para incluir uma ampla gama de questões, incluindo corrupção, gastos públicos, e qualidade dos serviços públicos. Disso decorreu que muitos manifestantes exibiam símbolos nacionais e patriotas, como a bandeira do Brasil, a camiseta da seleção brasileira de futebol, na tentativa de valorizar o país enquanto nação em vez de partidos políticos específicos (desde que não fosse o PT, como veremos a seguir).

O patriotismo que, inicialmente, apareceu no cenário como apartidário logo empunhou, junto ao partido brasileiro (“Meu partido é o Brasil”), uma outra bandeira: de que o verde e o amarelo não deixavam espaço para o vermelho. Nestes dois *posts*, vemos como a cor vermelha é colocada como o oposto do verde e amarelo do Brasil.

Figura 39 - Bandeira não-vermelha



Fonte: Elaboração autoral (Canva) a partir da página *Petralha NUNCA MAIS*

Como já dissemos, o vermelho, ao qual os posts se referem, travam um embate de valorações com a bandeira do PT, comumente associado às valorações do comunismo e socialismo, vistos também não só como inimigos, mas como ameaças para o Brasil. A cor vermelha originalmente é associada à esquerda desde a Revolução Francesa (1789-1799), sendo também adotada pelos socialistas como símbolo durante as Revoluções de 1848. Como bandeira, foi usada pela primeira vez como bandeira de uma nova autoridade pela Comuna de Paris de 1871. Em seguida, movimentos trabalhistas e sindicalistas, do mundo todo, também adotaram a cor como símbolo e representação de suas lutas.

Sendo assim, não é possível ignorar essa carga histórica que uma cor, dentro de um contexto específico, como o político, já traz imbricado em si. Ainda que o signo se renove, atualize-se e ganhe novos sentidos, há um elo discursivo que mantém diálogo com o que é anterior e posterior a ele. É dessa síntese entre memória de passado e memória de futuro que o enunciado “Nossa bandeira jamais será vermelha” aparece nos *posts* de Facebook, como *slogan* patriota no Brasil. Durante o processo de construção do golpe contra Dilma, ações como “Vem Pra Rua” e “Movimento Brasil Livre” utilizaram o enunciado como parte de sua retórica para enfatizar que sua motivação principal era o bem do país, e não um alinhamento político particular.

Na primeira imagem, além do enunciado, dividido entre a parte superior e inferior, temos uma foto de vários soldados fardados, todos em posição de sentido, um comando militar feito pelo comandante de um pelotão, que ordena aos subordinados para que fiquem em uma



posição de alerta ou até mesmo de respeito, como nesse caso, o respeito à bandeira (ainda que exista um comando específico para a bandeira do país). Esse tipo de imagem, associada ao enunciado, reforça o uma valorização militarista da direita, que vê, no poder político, um tipo de materialização dela.

Já no segundo *post*, a estética verde e amarela é mais expressiva na construção de uma imagem anti-bandeira vermelha. No plano verbal, presente na parte superior da imagem, lemos: “EU TENHO ORGULHO DE SER UM BRASILEIRO PATRIOTA! LUTEI, LUTO E LUTAREI SEMPRE PELO BRASIL, CUJA BANDEIRA JAMIAS SERÁ VERMELHA”. No plano de fundo desse texto, há um pedaço da bandeira do Brasil esvoaçante, cujo movimento também se faz presente pela multidão, presente na imagem do *post*, que saiu às ruas para se manifestar contra o governo atual.

Pelo verbal, vemos a expressão de um sentimento de orgulho nacional e uma declaração de patriotismo. O autor do *post*, que fala não só por ele, mas pela multidão, reforça que não é qualquer brasileiro, mas é um “brasileiro patriota”, que veste a camisa do país e sai às ruas para defender suas valorizações nacionais. Ainda, enfatiza seu compromisso por esse Brasil, no passado (“lutei”), no presente (“luto”) e no futuro (“lutarei”). Essa luta é marcada por uma ausência linguística das próprias valorizações, mas uma presença de rejeição de outras valorizações: a bandeira [do Brasil] jamais será vermelha. Toda em caixa alta e com pontos de exclamação, o enunciado ganha entonação vocal como um grito de guerra dos milhões de brasileiros que saem às ruas pedindo pelo *impeachment* da Dilma.

Nestes próximos *posts*, vemos a identidade visual patriota, construída e consolidada pelas manifestações, cuja temática trazem especificamente o aspecto apreciativo do *impeachment* de Dilma para o país.

Figura 40 - *Impeachment* verde e amarelo

Fonte: Elaboração autoral (Canva) a partir da página *Petralha NUNCA MAIS*

No primeiro *post*, nós temos uma construção bastante semelhante ao *post* anterior, que traz uma imagem panorâmica, uma foto de grande formato, que captura muitos elementos presentes em um cenário, relacionada a uma manifestação contra o governo, uma vez que as pessoas presentes estão todas, em sua maioria, vestidas de verde e amarelo. Lemos, na parte superior: “Nem Cunha e nem Temer”, seguido na parte central por: “QUEM PEDIU IMPEACHMENT FOI A GENTE”. Ainda, o nome de Dilma, a vítima do *impeachment*, aparece no canto superior esquerdo, para reforçar que é contra ela o pedido.

Vemos, nessa construção, uma tomada de responsabilidade para si (enquanto grupo que se manifesta nas ruas e participa da vida política do país), associando o pedido de *impeachment* não a um ou outro político (Eduardo Cunha, presidente da Câmara dos Deputados, e Michel Temer, vice-presidente de Dilma), afinal, veem-se como “isentos” de partidos e filiações, mas trazem essa força de mudança e subversão como fruto dessa mobilização. No nível linguístico,

a “quem pediu *impeachment* foi a gente” é uma declaração enfática de responsabilidade coletiva. Ideologicamente, destaca a participação ativa de um grupo no processo e consolidação do golpe.

O segundo *post*, ao lado do primeiro, complementa e dialoga com essa ideia de responsabilidade coletiva pelo pedido de *impeachment*. Lemos: “O CUNHA APENAS ACOLHEU O PEDIDO DE IMPEACHMENT./QUEM FEZ O PEDIDO FUI EU./ASSINADO: POVO BRASILEIRO.”. As cores e verde, mais uma vez, reforçam a identidade visual de um patriotismo associado ao Brasil, que no uso recorrente dessas cores forma uma associação à imagem de sujeitos de direita e extrema direita no país.

Em dezembro de 2015, Eduardo Cunha aceitou um dos pedidos de *impeachment* contra Dilma, dando início ao processo e formalizando a situação. Também foi ele que, posteriormente, presidiu a sessão em 17 de abril de 2016, na qual a Câmara dos Deputados aprovou a admissibilidade do golpe com 367 votos a favor, 137 contra, 7 abstenções e 2 ausências. Dessa forma, Cunha foi uma figura política importante, visto que mobilizou apoio entre os deputados para garantir a aprovação do golpe. A decisão dele, de aceitar o pedido, foi vista por muitos como uma retaliação política, já que ele estava enfrentando um processo no Conselho de Ética da Câmara dos Deputados e buscava apoio para evitar sua própria cassação.

Entretanto, esse papel desempenhado por Eduardo Cunha se torna, no *post*, secundário, fruto de mera formalização e burocracia (ele “apenas” acolheu o pedido, de modo que esse advérbio é utilizado para limitar e minimizar a ação, simplificando sua importância). O “povo brasileiro”, que assinala o *post* em formato de um bilhete, é que reclama o pedido de *impeachment* para si e não se exime de responsabilidade no ato. Aqui, o “eu” que faz o pedido, embora seja singular, é coletivo, porque o povo brasileiro, heterogêneo e multifacetado, fala, em uma só voz, por milhares de sujeitos.

Para o Círculo Bakhtin, Medviédev, Volóchinov, o sujeito possui uma responsabilidade, que lhe é própria, e marca seu não-álibi na existência. Essa responsabilidade que ele toma para si, e assim se constitui enquanto sujeito, está estritamente relacionada a uma avaliação diante das situações vividas ao longo de seu existir. Assim, conforme acumula interações, vivências outras, o sujeito forma sua avaliação (individual, pautada no coletivo), associada a umas ou outras valorações, perpassadas por visões de mundo diversas, e assim se posiciona na realidade, em interação com outros sujeitos, que compartilham das mesmas valorações que ele ou não.

Disso resultam os embates, nos mais diferentes níveis, a partir dessa responsabilidade, considerada pelo Círculo, própria de cada um. O sujeito patriota, *pró-impeachment*, que defende o país, veste verde e amarelo e se posiciona contrário à bandeira vermelha assume sua

responsabilidade e seu lugar único na existência. Ao mesmo tempo que fala por si, fala por todos, pelo “povo”, como marca o segundo *post*.

Prosseguindo, o terceiro *post* dessa estética verde e amarela do impeachment traz não só a imagem de Regina Duarte, atriz brasileira conhecida pela participação em novelas, mas também sua voz, por meio de um enunciado citado diretamente, associado às suas palavras. À esquerda, a atriz veste uma camiseta amarela com a estampa do Brasil na parte central, abraçada a uma bandeira do país, assim como está com as duas mãos sob o peito, sorridente.

A expressão facial de Regina demonstra completa felicidade acerca da votação para o golpe contra Dilma, conforme lemos à direita: “Sim, eu acredito num amanhã Melhor! Dia 17 de abril todos pelo IMPEACHMENT, somos todos BRASIL!”. O enunciado que aparece no *post* entre aspas é creditado à Regina Duarte, de modo que seu nome aparece no canto inferior direito, como comumente são feitas citações. Nela, o tom de esperança fica por conta de uma “amanhã melhor”, que não necessariamente se refere ao dia seguinte, mas a tempo vindouros que, a partir do dia 17 (de abril) trarão consigo a destituição de Dilma do governo.

Ainda, também há um tom de convocação, de chamamento público para se unir e se manifestar a favor do *impeachment* (“todo pelo *impeachment*”). Mais uma vez, um sujeito “eu” fala por um coletivo, visto que o pronome “todos” é utilizado, nas duas vezes, como uma forma de reforçar a ideia de muitos que, unidos, são todos pelo *impeachment*, porque são todos Brasil. Aqui, toma-se a parte pelo todo, já que ser Brasil é ser parte do grupo dos brasileiros a favor do *impeachment*.

Embora não seja uma figura parlamentar, Regina Duarte é conhecida por seu histórico<sup>36</sup> de apoio a movimentos de direita, inclusive, manifestando-se publicamente a favor do golpe contra a presidente Dilma Rousseff. Ela utilizou suas redes sociais e visibilidade midiática para expressar seu apoio ao processo, já que participou de diversas manifestações públicas a favor do golpe, sendo até mesmo convidada a falar ou dar entrevistas em eventos que reuniam opositores ao governo de Dilma.

Ao usar as redes sociais, o nível de circulação também é grande, visto que ao compartilhar sua posição política, mobilizava seus seguidores e aumentava a visibilidade do movimento *pró-impeachment*. Assim, vemos como a participação de figuras públicas, como Regina Duarte, teve um impacto significativo na percepção popular, cuja influência ajudou a legitimar e popularizar a narrativa de que o *impeachment* era uma necessidade para o Brasil.

---

<sup>36</sup> ‘Fui e continuo conservadora’: o que pensa Regina Duarte, que aceitou convite de Bolsonaro e assumirá Cultura. BBC News Brasil, 20 jan. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-51155070>. Acesso em: 15 abr. 2024.

Ao final do *post*, no canto inferior esquerdo, em uma espécie de rodapé, como mensagem final, lemos: “CORRENTE DO BEM PELO BRASIL”, o que sintetiza toda a construção imagética e verbal, de que os brasileiros, representados aqui por Regina Duarte, estão se mobilizando motivados pela esperança (o amanhã melhor), que virá por conta do resultado do dia 17 de abril, o *impeachment*, que materializa a vitória do Brasil.

Por fim, o último *post* desse grupo temático de estética verde e amarela do *impeachment*, temos um lembrete, também nessas cores que retomam a narrativa patriota, de que hoje (o hoje situacional do enunciado, dia 17 de abril de 2016) era o dia do *impeachment*. Lemos: “É #ImpeachmentDay Hoje! Tchau Querida!”. O lembrete já prevê uma decisão favorável para que Dilma seja destituída do cargo.

Embora se proponha a ser patriota, para mostrar o apoio ao *impeachment*, o grupo político, para levantar a *hashtag* nas redes sociais, e assim colocar o assunto como um dos mais visíveis, utiliza a #ImpeachmentDay para tal. Contudo, *impeachment* já é um empréstimo linguístico do inglês, mas o “day”, equivalente a “dia”, em português, possui um vocábulo próprio, logo, não precisaria de duas palavras em inglês, sendo que #DiaDoImpeachment, ou algo similar, usando palavras da língua portuguesa (mesmo com o empréstimo de “*impeachment*”) trariam o mesmo sentido de que hoje (17 de abril) é o dia em que seria votado o *impeachment*.

O povo brasileiro, que veste a camisa verde e amarela (da seleção de futebol), que honra a bandeira, que canta o hino nacional e que vai às ruas pedindo o *impeachment* contra Dilma, é o mesmo povo brasileiro que, para se expressar linguisticamente em um *post* patriota, utiliza recursos de outra língua.

Ao final, esse povo brasileiro já prenuncia a saída de Dilma, e assim se despede dela: “Tchau Querida!”, uma expressão bastante utilizada no contexto do processo de golpe. A expressão veio à tona a partir de uma conversa telefônica grameada, interceptada entre a então presidente Dilma e o ex-presidente Lula. A gravação foi divulgada em março de 2016 pela Polícia Federal, com autorização do juiz Sérgio Moro.

Na conversa, Lula usa a expressão “tchau, querida” para se despedir de Dilma, em sentido apreciativo, mas logo ao ser divulgados os detalhes dessa ligação, a expressão “tchau, querida” foi amplamente adotada pelos opositores de Dilma como uma previsão de despedida e um tipo de chamado para sua saída do governo federal. Por fim, destoando de todo o verde e amarelo presentes na imagem, o “tchau, querida” está marcado em vermelho, reforçando não positivamente a cor do partido ao qual Dilma se filia, mas sim o discurso de “nossa bandeira jamais será vermelha”.

Os dois *posts* a seguir prosseguem nessa narrativa verde e amarela patriota, de que a luta pelo Brasil é feita pelo povo brasileiro, que toma para si a responsabilidade pelos últimos acontecimentos. Sem associação a nenhum partido ou político, os dois posts convocam os brasileiros, em nível de cidadão, para ir para as ruas. No primeiro, em uma manifestação contra Dilma, pró-*impeachment*. No segundo, paralelo a esse momento, o de prisão de Lula, decorrente da Operação Lava Jato que ganhava força no cenário nacional.

Figura 41 - Convocação patriota



Fonte: Elaboração autoral (Canva) a partir da página *Petralha NUNCA MAIS*

As duas imagens dialogam com as anteriores, uma vez que produzidas no mesmo contexto de vivência. Na primeira, podemos ler: “VAMOS PRÁ RUA/DEFENDER O BRASIL”, com uma foto do Cristo Redentor, estátua que retrata Jesus Cristo, localizada no topo do morro do Corcovado, no Rio de Janeiro. O Cristo Redentor, que na imagem é um Jesus Cristo à brasileira, está vestido, da cabeça aos pés, com a bandeira do Brasil. Associado à valorização do amor à pátria, a devoção cristã também aparece nesse *post*, porque além de atração turística, o Cristo Redentor, com os braços abertos, acolhe e recebe os fiéis.

Nessa convocação textual, temos um sujeito implícito (“nós”) que reforça o sentido do verbo flexionado na terceira pessoa do plural, “vamos”. O tom é imperativo, porque busca gerar engajamento e participação ativa, expressa também na ideia de coletividade (“[nós] vamos” juntos), uma ação futura conjunta. A rua se torna o espaço público de manifestação, dada a visibilidade pretendida ao protesto, com a finalidade não só de demonstrar descontentamento com o governo, mas de proteger ou lutar (“defender”) pelos interesses do Brasil. Interesses esses que se materializam no “Brasil”, mas que são dos brasileiros que convocam essa ação.



No segundo *post*, temos um desvio quanto à finalidade, mas que estritamente se relaciona ao conteúdo temático de manifestação pública. Podemos ler, na parte superior, “BRASIL LIMPO”, estilizado com a bandeira do país, o que mais uma vez reforça a estética verde e amarela de valorização patriota e nacionalista e se blinda de associação com um ou outro partido político.

Esse “Brasil limpo” que aparece na valorização da infância inocente e pura, como mostramos anteriormente, que nos revela como a narrativa construída pela página não é fortuita e ao acaso, tampouco aleatória, mas feita a partir de um plano retórico-discursivo bem executado, bem amarrado e bem concatenado para um sentido geral.

Na parte central da imagem, cujo plano de fundo traz uma gradiência também verde e amarela, lemos, em azul: “TEMOS QUE IR PRA RUA E EXIGIR A PRISÃO DE LULA”, essa última palavra, em vermelho. Aqui, temos dois enunciados que indicam duas ações concomitantes, igualmente importantes. Trata-se de uma oração composta coordenada sindética aditiva, “temos que ir pra rua” + “e” + “exigir a prisão de Lula”.

Mais uma vez, é uma convocação, uma ordem travestida de um clamor, um apelo para que o povo brasileiro vá às ruas reivindicar uma ação. A construção “temos que” é uma modalização do verbo “dever”, visto que se trata de um imperativo disfarçado. A modalização expressa o modo como o sujeito defende seu ponto de vista sem justamente fazer uso desse tom direto e imperativo, que ordena. Afinal, a mobilização deve ser feita de um chão comum, em que todos estão em pé de “igualdade”, portanto, enquanto autor do *post*, também se coloca nesse local por meio da modalização (para se incluir como parte do coletivo), e não da ordem.

Um grupo (implícito novamente no pronome “nós”) tem que ir às ruas (o espaço público, que traz visibilidade e noção de coletivo) com o propósito de exigir a prisão de uma figura política específica (Lula). Destoando pelo aspecto visual de toda a estética verde e amarela, Lula está escrito com a cor vermelha, o que reforça mais uma vez que o pedido de prisão decorre de ser alguém associado à bandeira vermelha que milhares de brasileiros lutam para não tomar conta do país.

Pelo verbal, nós temos projetada a mobilização popular e a ação direta, refletindo uma intenção urgente e imperativa desse povo. Tanto nesse *post* quanto no anterior, a convocação é feita nas redes sociais para que outro espaço seja ocupado. Ali é o pontapé inicial, o espaço digital que organiza, convoca, clama e orienta que uma ação seja feita “fora” das telas de computadores e *smartphones*, modificando a forma de ação coletiva, mas não o objetivo.

Assim é que vemos como as redes sociais desempenharam um papel crucial nas manifestações políticas e sociais nos últimos anos, tanto no Brasil quanto no mundo. Elas

funcionaram como ferramentas poderosas de mobilização, comunicação e organização, transformando a dinâmica dos protestos contemporâneos. Isso porque elas ajudam na disseminação rápida de informações para muitas pessoas (até mesmo em sentido de viralização), o que facilita a convocação em massa em um curto espaço de tempo.

Facebook, Twitter, Instagram e WhatsApp foram as redes sociais mais utilizadas para chamar pessoas às ruas, como visto por alguns desses posts coletados no Facebook, que se voltaram, sobretudo, às manifestações *pró-impeachment* de Dilma e se desdobrou também em outros tipos de protestos contra a corrupção no Brasil. Ainda que esse formato também apresente desafios e problemáticas, como a disseminação de desinformação e o risco de vigilância e repressão, é inegável que as redes sociais transformou a experiência de protestos e manifestações, até mesmo proporcionando novas formas de engajamento e participação política.

Para finalizar esse discurso patriota da página que se opõe ao governo petralha, temos a recorrência de alguns *posts* que trazem Sérgio Moro, juiz federal, como uma figura que não só representa, mas materializa as valorações defendidas por esse grupo social ao longo dos outros *posts*. A estética verde e amarela, amplamente associada aos movimentos sociais, protestos e manifestações, se volta, agora, para Moro.



Figura 42 - Sérgio Moro



Fonte: Elaboração autoral (Canva) a partir da página *Petralha NUNCA MAIS*

Nesses *posts*, o que observamos é a associação de Sérgio Moro com as valorizações patriotas, visto que também é representado com a estética verde e amarela. Ainda, diferente do que ocorreu com Eduardo Cunha e Michel Temer nos outros *posts*, aqui, Moro é colocado como um aliado na luta por esse Brasil “melhor”. Seu papel não é meramente burocrático ou institucionalizado, mas como um igual aos que vão às ruas pedir o *impeachment* de Dilma e a prisão de Lula.

No primeiro, há duas imagens que se sobrepõe uma à outra, com leve transparência para ambas possam ser vistas juntas: Sérgio Moro e a bandeira do Brasil. A ordem e o progresso, lema da bandeira, são características que ganham “forma” em Moro, visto que como colocado pelo autor do *post*, ele é “UM HOMEM, UMA NAÇÃO”. Nessa construção paralela, a vírgula, que atua como uma coordenativa, é o que liga a ideia de um homem (Sérgio Moro) a uma nação

(o Brasil). Assim, o que se tem é que um homem (individual) tem a capacidade de representar, liderar ou simbolizar uma nação inteira (coletivo). Aqui, nação possui forte apelo ao discurso religioso, outra valoração que se concatena com a pátria.

Essa associação entre Moro e a nação brasileira enfatiza o impacto que um único sujeito pode ter sobre o destino de um país. Isso se dá porque, à época, Moro teve um papel central tanto na política quanto no sistema judiciário do Brasil devido à sua atuação como juiz federal à frente da Operação Lava Jato, iniciada em março de 2014. A Operação investigava a corrupção e a lavagem de dinheiro para desvendar um esquema de desvio de recursos da Petrobras, a estatal brasileira de petróleo.

Moro foi pioneiro no uso das “delações premiadas”, prática em que os acusados cooperam com a investigação em troca de redução de penas. Assim, ele conseguiu obter delações que revelaram detalhes importantes sobre o funcionamento do esquema de corrupção e implicaram figuras de alto escalão. Em março de 2016, Moro também autorizou a divulgação de gravações telefônicas envolvendo Dilma e Lula. É nesse sentido que as decisões tomadas por Moro contribuíram para inflar o clima de insatisfação e desconfiança pública em relação ao governo de Dilma Rousseff, que ainda não tinha sido afastada do cargo.

Ainda que o processo de golpe tenha sido formalmente baseado em acusações de irregularidades fiscais, chamadas de “pedaladas fiscais”, o contexto de corrupção revelado pela Operação Lava Jato foi um fator significativo na mobilização popular contra Dilma. É nesse sentido que Moro se destaca nos *posts* considerado um homem que representa a nação, um aliado do povo brasileiro, já que suas atitudes foram consideradas decisivas para esses processos.

Podemos ver, no *post* seguinte, um apelo de Moro por meio de discurso indireto, em que podemos ler: “MORO diz que apoio da opinião pública é preciso para que a Lava Jato NÃO PARE!”. Há um apelo ao povo brasileiro, sugerindo que a continuidade da Operação depende do apoio popular. Assim, busca legitimar e aumentar a pressão sobre a oposição que pode tentar interrompê-la. O enunciado é colocado na voz de Moro indiretamente, cujo tom de urgência revela que ele, enquanto juiz, faz o que lhe cabe, sendo que a “opinião pública” deve continuar fazendo sua parte (com os movimentos, manifestações e protestos) para que a Lava Jato não pare.

Implicitamente, há uma ameaça de que ela seja descontinuada caso o povo brasileiro não a apoie publicamente. Assim, seu pedido é atendido, porque diferente de outras figuras, ele é tido como um representante do desejo de milho es de opositores ao PT (a ameaça vermelha). Não à toa, na parte inferior do *post* lemos: “JUNTOS PELO BRASIL”, que sintetiza a parceria

de Sérgio Moro e do povo brasileiro para que o Brasil mude, para que a Operação Lava Jato não pare, para que a justiça, enfim, seja feita, e a impunidade não seja mais uma realidade no Brasil.

Por fim, no terceiro e último *post* acerca desse tema, temos uma síntese (não conclusiva) de que a ação de Sérgio Moro incomodou grupos de esquerda, que, por sua vez, tomou uma atitude contra o juiz, vista, pelo seu grupo de apoio, como uma afronta, por isso, lemos, na parte superior: “Mexeu com Moro mexeu com o POVO”. Esse povo brasileiro que, novamente, reforça sua aliança e apoio a Moro, por ele materializar as valorações que lhe são caras.

Na parte esquerda da imagem, temos a imagem de Moro, com um semblante sisudo e altivo, que olha para frente, em direção ao futuro, ao “amanhã melhor”. Ao lado, o território brasileiro estilizado com a bandeira do país. Em cima, a mensagem do povo brasileiro ao juiz: “SERGIO MORO, ESTAMOS COM VOCÊ”.

Quem está contra Moro (consequentemente, contra esse povo brasileiro), é nomeado na parte direita da imagem, todos escritos com uma fonte na cor vermelha: “Afonso Florence (PT-BA)/Jandira Feghali (PcdoB-RJ)/Henrique Fontana (PT-RS)/Paulo Teixeira (PT-SP)/Pepe Vargas (PT-RS)/Rubens Pereira Jr (PcdoB-BA)/Wadih Damous (PT-RJ)”. Esses deputados são colocados ao lado de Moro, que representa a nação, com um X vermelho em cima de seus nomes, uma vez que automaticamente são vistos como inimigos.

Na parte inferior da imagem, há a explicação de quem eles são: “DEPUTADOS DO PT E DO PCDOB QUE ENTREGARAM REPRESENTAÇÃO CONTRA JUIZ MORO NO CNJ”<sup>37</sup>. Também em vermelho, a sigla dos partidos (“PT” e “PcdoB”), que reforçam o sentido que o vermelho é a cor de quem se opõe ao Brasil, de quem ameaça o verde e o amarelo, tão caro aos que criticam os petralhas.

#### 5.4.2 Página *Petralha Zuero*

Está página também não traz posts com uma imagem que reacentua os irmãos Metralha com valorações em diálogo com figuras políticas. Contudo, como fizemos com a anterior, também selecionamos os *posts* encontrados por categorias temáticas que convergem com a imagem de petralhas que temos percorrido ao longo do trabalho. O título da página *Petralha Zuero* já nos mostra uma valoração que entra em embate opositivo com quem critica os

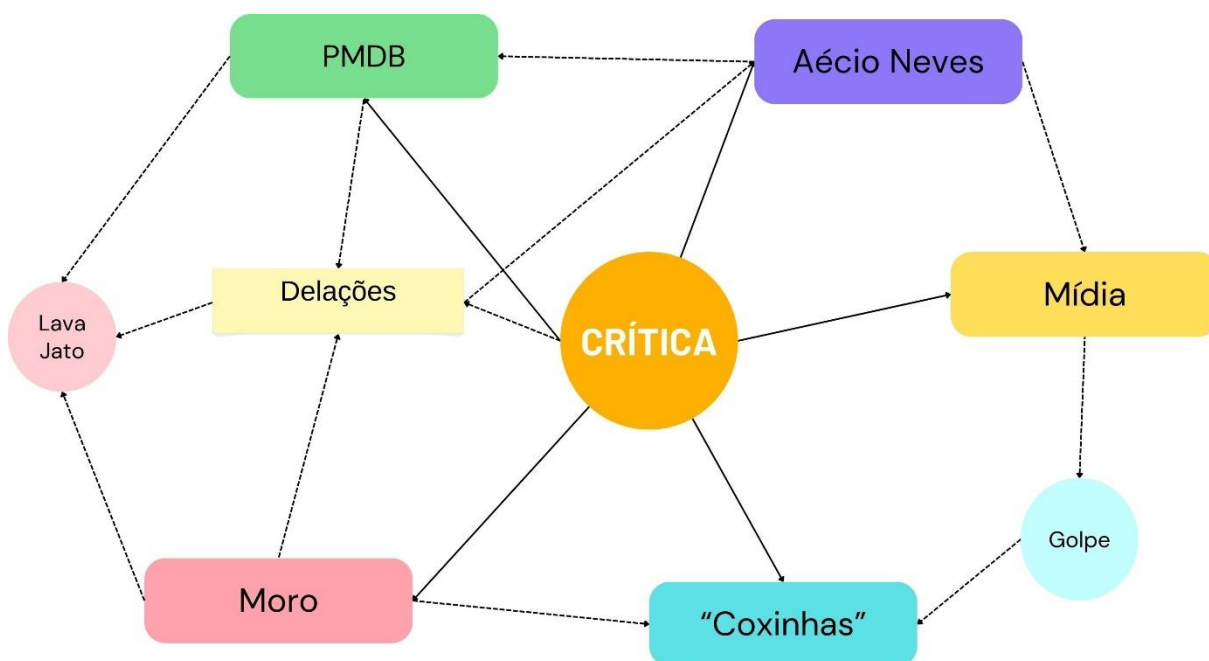
<sup>37</sup> Deputados do PT e PCdoB encaminham representação contra juiz Moro no CNJ. *UOL Notícias*, 1º abr. 2016. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2016/04/01/deputados-do-pt-e-pcdo-b-encaminham-representacao-contraj-juiz-moro-no-cnj.htm>. Acesso em: 15 abr. 2024.

petralhas. “Petalha zuero” subverte o sentido original de um “petralha” como alguém que é ladrão e corrupto, que promove o roubo público e apoia esses atos, porque se posiciona a partir da perspectiva da “zoeira”.

Uma “zoeira” é uma gíria brasileira que se refere a um comportamento ou ação humorística, muitas vezes caracterizada por brincadeiras, piadas ou provocações. Assim, alguém “zoeiro” (ou “zuero”, como escrito na página) é alguém que pratica “zoa”, que brinca e ri com determinada situação ou até mesmo de alguém. A “zoeira” pode envolver desde comentários sarcásticos até brincadeiras mais elaboradas. Essa “zoeira” é também uma característica da cultura jovem brasileira, especialmente nas interações em redes sociais e em ambientes de convívio social.

As temáticas se subdividem, basicamente, em críticas à oposição, tais como (1) “coxinhas” e valores da direita; (2) Sérgio Moro; (3) PSBD; e (4) conglomerados de mídia. Nessa página, não encontramos *posts* com defesa de um posicionamento político de esquerda, somente oposição ao que se relaciona aos grupos de direita. A seguir, uma ilustração que exemplifica como esses conteúdos se inter-relacionam, o que demonstra o diálogo existente entre um tema e outro.

Figura 43 - Temas para apoio aos petralhas



Fonte: Elaboração autoral (Canva)

O primeiro *post* que nos mostra o posicionamento de um “petralha zuero” é o que marca a forma como o grupo social concebe o processo de *impeachment* movido contra Dilma

Rousseff. Nele, lemos que há um “alerta de golpe”, sendo que “golpe” é o signo utilizado para se referir ao *impeachment*, por aqueles que não acreditam na constitucionalidade do processo.

Figura 44 - Alerta de golpe



Fonte: Facebook - Petralha Zuero

A imagem remete a uma cena, como se quem a vê estivesse em uma rua ou rodovia, com um céu azul ao fundo e duas placas: uma triangular, com o fundo branco e as bordas vermelhas e o desenho de uma coxinha no centro; e uma retangular, com fundo branco e escrita em preto em caixa alta “ALERTA DE GOLPE”. Na política brasileira, “coxinha” é utilizado de forma pejorativa para se referir a um grupo específico da sociedade que é associado a posições políticas de direita, conservadoras e de classe média-alta.

A origem desse signo remonta à gíria de moradores da cidade de São Paulo para se referir aos policiais que comiam cozinhas, um salgado recheado de frango, mas é ampliado e carregado de diversos sentidos que refletem e refratam a imagem, de maneira estereotipada, de um grupo que apoia o tipo de intervenção feita pela polícia, normalmente identificados como “arrumadinhos” ou “engomadinhos”. Sujeitos que são cozinhas frequentemente são vistos como tendo opiniões conservadoras, especialmente em relação à economia e à moralidade, e tendem a defender políticas de livre mercado, redução do papel do Estado na economia e valores tradicionais (“moral e bons costumes”), além de acreditar na manipulação da mídia e das elites econômicas.

Ainda, o signo também está pautado em uma crítica à classe média-alta por sugerir que os coxinhas são privilegiados e desconectados das realidades e necessidades das classes mais baixas, enfatizando a ideia de que esses sujeitos possuem uma visão limitada/elitista sobre as questões sociais e políticas do país.

Durante eventos políticos significativos, como as manifestações de 2013 e os protestos pelo *impeachment* da presidente Dilma, em 2015 e 2016, o signo ideológico “coxinha” foi utilizado para descrever os manifestantes que apoiavam o *impeachment* e criticavam o PT e a esquerda, em geral. É nesse sentido que, nesse *post*, aparece em uma página que critica valorações de direita e defende as valorações de esquerda, em contrapartida.

Nesse sentido, destaca-se como uma alcunha, assim como “bolsominions” e “petralhas”, para se referir a grupos sociais expressivos durante um momento específico da história do país. Ainda que nossa coleta de dados tenha contemplado a página por meio da entrada de “petralha” na busca do Facebook, o uso de “coxinha” marca um momento político do país que contempla as eleições presidenciais de 2014, a Operação Lava Jato e o golpe contra Dilma. Naquele momento, “bolsominions” não existia, assim acreditamos que “coxinha” seja um tipo de signo antecessor para o que veio depois, com a eleição presidencial de 2018.

Isso não significa que “coxinha” não tenha suas valorações próprias e tempo-espço específicos de circulação que devam ser considerados. Ao contrário, remetem a posicionamentos e eventos políticos tanto quanto outros lexemas. Contudo, nosso objetivo são as análises de apoio e defesa aos signos “bolsominions” e “petralhas”, por isso a visão de contextualização geral de “coxinhas”, pois se relaciona com o período vivenciado pelo signo “petralhas”.

Prosseguindo, durante as manifestações, nas redes sociais, uma espécie de acirramento político ocorria entre os “coxinhas” e “petralhas”, até mesmo pela diferença entre o que uns consideravam *impeachment* e, outros, golpe. Para os “coxinhas”, o processo de destituição de Dilma da presidência é legal e constitucional, uma vez que apontam que a Câmara dos Deputados votou pelo prosseguimento do processo, o Senado Federal realizou o julgamento e votou pela destituição e que o processo teve supervisão do Supremo Tribunal Federal (STF).

Coxinhas acreditam que havia razões legítimas para o *impeachment*, baseadas nas acusações de crimes de responsabilidade, as chamadas “pedaladas fiscais” (atrasos em repasses a bancos públicos para mascarar o déficit fiscal) e decretos de crédito suplementar sem autorização do Congresso.

Já para os “petralhas”, a destituição de Dilma é um golpe, porque argumentam que, apesar do processo ter seguido os trâmites formais, a motivação foi política e não jurídica. Eles

afirmam que as “pedaladas fiscais” não constituíam um crime de responsabilidade grave o suficiente para justificar o pedido de *impeachment*, e que outros presidentes também haviam utilizado práticas fiscais semelhantes sem sofrerem essa destituição.

Assim, os petralhas veem todo esse processo como uma manobra de setores políticos e econômicos que se utilizaram de um “*impeachment*” para retirar do poder um governo eleito democraticamente por meio de uma justificativa técnica considerada frágil. O golpe é, então, um ataque à democracia e à soberania popular. Nada disso está escrito no *post*. Mas, ao mesmo tempo, está, porque a análise dialógica de elementos verbivocovisuais, que considera não só a situacionalidade do enunciado, mas seu imbricamento com a vida, sua relação com o cognoscível, a bivocalidade dos signos, é o que nos indica caminhos para compreender uma escolha por uma ou outra palavra, “golpe” ou “*impeachment*”, como ideológica e não mera escolha do acaso.

É nesse sentido que, ao escolher dizer “ALERTA DE GOLPE”, com uma imagem de coxinha no centro de uma placa de sinalização de “perigo”, o *post* não só crava uma divergência com os que apoiam o *impeachment*, como marca a tensão política vivida pela sociedade brasileira nesse momento. De um lado, coxinhas veem o *impeachment* como uma resposta necessária à corrupção do PT. Do outro lado, petralhas veem como uma ameaça ao mandato popular de Dilma Rousseff. Portanto, por uma imagem (um *post*), vemos como a questão não é apenas terminológica, mas ideológica, uma vez que interpretação eventos históricos e intenções discursivas acerca deles.

Em diálogo com essa imagem caricaturada de um grupo político identificado como “coxinha”, o próximo *post* mostra o juiz Sérgio Moro em uma imagem modificada digitalmente para aparecer como um garçom. Não qualquer garçom, mas um que serve uma bandeja de coxinhas.



Figura 45 - Garçon Moro



Fonte: Facebook - *Petalha Zuero*

Garçon é uma profissão conhecida por trabalhar servindo comida e bebidas aos clientes em restaurantes, bares e lanchonetes. Na imagem, Moro está uniformizado e, em posição servil, sorri. Nessa montagem, feita para criticar a atuação do juiz à frente da Operação Lava Jato, Moro não só serve coxinhas (como garçon), mas serve aos coxinhas o que eles saem às ruas clamando “prisão de Lula”. Ele é visto como um herói nacional por esses coxinhas, porque os entrega, como um garçon, o que para eles é reflexo de corrupção e impunidade no país.

Não raro, nos protestos de 2016, Moro ganhou muitas homenagens, camisas e cartazes de apoio<sup>38</sup>, algo nunca realizado para nenhuma outra figura pública. Nem mesmo as imagens contrárias ao ex-presidente Lula foram tão presentes quanto imagens de exaltação a Moro. Os bonecos infláveis, bastante presentes nessas manifestações, ao passo que traziam Lula vestido como um presidiário, traziam Moro vestido como um super-herói, com uniforme, capa e balança e espada em cada mão, como símbolo da justiça sendo feita para o povo brasileiro a partir de suas mãos.

---

<sup>38</sup> 13 de março: juiz Moro, o herói dos protestos pelo país. *Veja*, 13 mar. 2016. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/13-de-marco-juiz-moro-o-heroi-dos-protestos-pelo-pais>. Acesso em: 17 abr. 2024.



Figura 46 - Bonecos infláveis de Moro e Lula



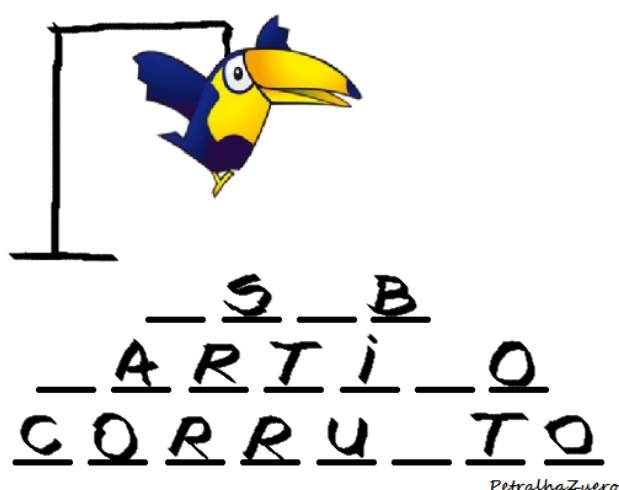
Fonte: *Veja* (2016)

Ainda que essa foto não faça parte de nosso *corpus*, trazemos aqui para ilustrar os posicionamentos contrários aos quais os grupos respondem, visto que em uma imagem polarizada que foi construída (embora saibamos que não é só um ou outro, mas é como comumente o momento é referido), estar ao lado de Lula (presidiário) é estar contra Moro (super-herói); estar ao lado de Moro (super-herói) é estar contra Lula (presidiário).

Nesse sentido, o heroísmo de Moro como a salvação do país está diretamente relacionado a sua participação na Operação Lava Jato, uma vez que simbolizou uma luta contra a corrupção sistêmica no Brasil. Dentre as denúncias, casos de corrupção envolvendo o PT e seus aliados serviu para confirmar e reforçar as narrativas críticas da direita. A atuação de Moro ajudou a consolidar um discurso de intolerância, que já se mesclava com ódio, e a apoiar a agenda anti-PT, que ganhou muita força nesse contexto.

Outra crítica que também dialoga com esse horizonte socioideológico é o de associar o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) à corrupção nesse contexto da Operação Lava Jato. Não há a defesa de que o petralha não é corrupto, por meio de imagens de figuras políticas do PT, uma vez que essa defesa se dá no movimento de afirmação do outro que, automaticamente, é a negação dessa valorização a si mesmo.

Figura 47 - Forca tucana



Fonte: Facebook - Petralha Zuero

Nessa imagem, temos uma cena em movimento, haja vista a presença de elementos que sugerem uma ação sendo feita, um jogo de forca. Nele, cada jogador tem que acertar qual é a palavra ou frase proposta, tendo como dica o número de letras e o tema relacionado à palavra. A cada letra incorreta, é desenhada uma parte do corpo do “enforcado” (cabeça, braços e pernas). Assim, o que nos remete à cena em movimento é que na frase da imagem ainda há espaços para serem preenchidos com letras, ao passo que outras já foram acertadas e colocadas no lugar correto.

Podemos ler: “\_S\_B / \_ARTI\_O / CORRU\_TO”, com o desenho da forca à esquerda. No lugar de um boneco com braços e pernas, temos o desenho de um tucano azul e amarelo, símbolo do PSDB. Desse modo, associando a imagem do tucano “enforcado” com as letras que faltam nas palavras (“p” e “d”), temos “PSDB/PARTIDO/CORRUPUTO” como a solução da forca.

O símbolo tucano do PSDB associado a uma forca, no contexto da Lava Jato, é feita para criticar o partido e seus afiliados, de maneira figurada, uma vez que “estar na forca” significa estar em uma situação difícil ou de perigo iminente, muitas vezes sem uma saída aparente a não ser o próprio enforcamento. A imagem de uma pessoa prestes a ser enforcada, como no jogo, implica estar à beira de uma consequência grave ou fatal, que, no caso, está associada a todo o PSDB que, por ser um “partido corrupto”, tem seu símbolo tucano na forca, prestes a sofrer as consequências da palavra formada pela forca.

Esse *post* que circulou no desenrolar da Operação mostra que, embora tenha havido um foco maior em figuras associadas ao PT, com o passar do tempo e o desenrolar das investigações, ela também conseguiu chegar ao PSDB. Dentre os políticos do partido

envolvidos, estão Entre os mais proeminentes estão Aécio Neves, senador e ex-governador de Minas Gerais, citado em delações premiadas e investigações; José Serra, ex-governador de São Paulo e ex-ministro, mencionado em delações por supostamente ter recebido propinas disfarçadas de doações de campanha; e Geraldo Alckmin, também um ex-governador de São Paulo que foi investigado por irregularidades em suas campanhas eleitorais.

É nesse sentido que o *post* faz a crítica não a uma ou a outra figura do partido, mas à corrupção do partido, como um todo. Isso porque, no contexto das manifestações, o inimigo era o PT e sua bandeira vermelha, ameaças comunistas; o azul tucano, sob a ótica da direita, não teve correspondência nem recorrência, porque não eram vistos como inimigos – porque não estavam marcados com o símbolo de destruição do país, o vermelho.

As investigações da Lava Jato afetaram a imagem do PSDB como um partido que se pretendia moralmente superior e ético, parte central de sua estratégia política contra o PT. A associação de figuras importantes do PSDB com esquemas de corrupção enfraqueceu sua posição como uma alternativa limpa ao PT, visto que seus afiliados não eram tão “limpos” quanto tentavam parecer.

Isso porque, inicialmente, o PSDB foi um grande defensor da Operação Lava Jato, usando os escândalos de corrupção revelados pela operação para atacar o PT e promover a necessidade de uma limpeza ética na política brasileira, endossando o coro do povo brasileiro que pedia a renovação do cenário político. Contudo, à medida que a Lava Jato começou a investigar figuras do próprio PSDB, a retórica do partido mudou. E aí surgem *posts* como esse, que expõe as contradições do partido por meio de uma imagem que “enforca” o tucano azul, símbolo do PSDB, para relacionar ao enforcamento figurado pelo qual os membros estavam passando.

O próximo *post* trata especificamente de Aécio Neves, um adversário direto de Dilma nas eleições presidenciais de 2014, a qual saiu vitoriosa, e uma das figuras políticas mais citadas nas delações premiadas da Lava Jato.

Figura 48 - Delações contra Aécio



Fonte: Facebook - Petralha Zuero

Na montagem, temos escrito na parte superior “DELAÇÕES NA LAVA JATO”, seguida de uma foto de Aécio Neves, sorridente, com escrita na parte inferior “Aécio O MAIS CHATO”, e a contagem “45678910...”, com os números 4, 5, 6, 7 e 8 com um visto na cor verde, para indicar que, até o momento do *post*, Aécio havia sido mencionado oito vezes em delações premiadas da Operação Lava Jato<sup>39</sup>. O *post* faz, então, uma crítica, ao mesmo tempo que humoriza a situação de menção de Aécio, por reaproveitar o número de urna de seu partido, o 45 (PSDB), ao qual concorreu contra Dilma, em 2014, e fazer uma contagem de quantas vezes o nome dele já apareceu na Operação.

Executivos da Odebrecht afirmaram que Aécio teria solicitado e recebido propinas para favorecer empresas em contratos públicos, quando era governador de Minas Gerais e senador, mas uma das provas mais contundentes contra Aécio foi uma gravação feita pelo empresário Joesley Batista, da JBS, em que Aécio pedia R\$ 2 milhões para pagar sua defesa na Lava Jato. Essa gravação levou ao afastamento de Aécio de suas funções parlamentares.

Por sua vez, Aécio negou as acusações, afirmando ser alvo de perseguição política, e que o dinheiro recebido por Joesley Batista foi um empréstimo pessoal, e não propina. Fato é que, independente do desenvolvimento da Operação, Aécio estava envolvido nos casos de corrupção ativa e passiva, lavagem de dinheiro, formação de cartel, fraude a licitações e obstrução à Justiça.

Sendo um dos parlamentares mais citados, o autor do *post* aponta a fragilidade do discurso do outro ao mesmo tempo que, implicitamente (já que não traz nenhuma defesa de

<sup>39</sup> Aécio Neves é alvo de 9 inquéritos; leia o que delações dizem do tucano. *Poder 360*, 17 abr. 2018. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/stf-julga-hoje-denuncia-contr-aecio-leia-o-que-delacoes-dizem-do-tucano/>. Acesso em: 17 abr. 2024.

suas próprias valorações), reafirma sua posição a partir da crítica feita a Aécio, já oito vezes citado em delações. As reticências ao final, após o 10, indicam que ao desenrolar da Operação, é possível que o nome de Aécio apareça ainda mais vezes, já que não havia uma conclusão à época.

Neste outro *post*, que parodia uma edição da revista *Veja* com uma foto modificada de Aécio Neves, vemos, mais uma vez, tanto a crítica quanto o riso ambivalente que constituem o enunciado. A ambivalência é a destruição e o destronamento associados à construção e à renovação (Bakhtin, 2013), de modo que o *post*, ao mesmo tempo que ri, critica a situação de Aécio no contexto da Lava Jato.

Não é rir por regozijo, somente, mas rir para apontar uma imagem que precisa ser denunciada, criticada, destronada (uma vez que o PSDB, e Aécio, por consequência, construía-se com base em um discurso anticorrupção). O riso é paradoxal, porque ele é capaz de acessar e transgredir uma ideologia “oficial”, uma imagem quase sacramentada que se tem de uns e outros, e é por meio do riso, que parodia, que aponta e que critica, que podemos compreender o “humor” presente nesses enunciados, a partir de um riso transgressor, “alegre e cheio de alvoroço, mas ao mesmo tempo burlador e sarcástico, nega e afirma, amortalha e ressuscita simultaneamente” (Bakhtin, 2013, p. 10).

Figura 49 - Loser of the year



Fonte: Facebook - Petralha Zuero

Os elementos que constituem o enunciado constroem a imagem de Aécio Neves como “LOSER OF THE YEAR” (“perdedor do ano”, em português), como podemos ler na parte inferior da imagem, escrito em caixa alta na cor vermelha. Aspectos que identificam essa imagem como uma capa de revista são mantidos, como o título, número da edição, código de barras. Já parodiando a imagem de Aécio como político, as informações de imagem principal, assunto principal (manchete) e secundário e logotipo da editora constituem a imagem de Aécio como o “perdedor do ano”.

A imagem principal, que é Aécio vestido com um terno e gravata por cima, como uma “casca” que se abre e revela o interior, ele está trajado com uma camiseta amarela e um botão verde no centro, escrito “FAIL” (“fracasso”, em português). A imagem patriota, normalmente associada à direita, está presente nessa vestimenta que mostra Aécio como um perdedor/fracassado nas urnas, já que a estampa de sua camiseta é o botão da urna, em alusão

à eleição presidencial de 2014 em que Dilma, sua principal oponente, saiu eleita democraticamente.

A manchete diz: “Político das viradas eleitorais impossíveis, o neto de Tancredo Neves só tomou no cú em 2015”. O enunciado utiliza uma linguagem coloquial e informal, evidenciado pelo uso de “tomou no cú” para expressar que Aécio, neto de Tancredo Neves, só se deu mal, só se ferrou, só fracassou e só falhou em 2015, a partir da derrota nas eleições presidenciais de 2014 e as implicações das delações da Operação Lava Jato.

Nas chamadas secundárias, na parte superior da imagem, lemos “Fui extorquido em Minas’/Deputado diz que pagou propina a assessor para obter favores de Aécio” e “Saúde/O que há de verdade na pesquisa em que os bebuns viveram mais do que os abstêmios”, com a indicação de uma seta vermelha para essa chamada.

A primeira chamada traz o até então deputado Roberto Rocha, do PSDB de Maranhão, que pagou propina ao assessor de Aécio Neves, em Minas (Gerais), para obter favores deste. A segunda chamada apresenta uma reportagem sobre a longevidade de pessoas que bebem em comparação às que não bebem, de modo que a seta vermelha, direcionada a essa chamada, associa a imagem de Aécio, capa da revista, aos “bebuns”. Outro elemento que parodia a edição original é o nome da editora, Abril, cujo símbolo é uma árvore, para o número 1, formando “1º [de] Abril”, conhecido como o Dia da Mentira, tanto no Brasil quanto em outros países ocidentais. Assim, associa a imagem de Aécio a um mentiroso.

Por fim, há, no lado direito da imagem, o logo de Furnas Centrais Elétricas, uma subsidiária da Eletrobras e uma das maiores empresas de geração e transmissão de energia elétrica no Brasil. A associação dessa estatal brasileira a Aécio Neves se dá no âmbito de ter sido investigada por corrupção e irregularidades em contratos e licitações. O ex-senador Delcídio do Amaral, em sua delação premiada, mencionou Aécio Neves e alegou que ele teria se beneficiado de um esquema de corrupção em Furnas, tendo recebido propinas por meio de um esquema operado pelo ex-diretor da estatal, Dimas Toledo.

Assim, a presença do logo de Furnas é uma resposta ao envolvimento de Aécio em delações e documentos que detalham o esquema de pagamento de propinas a diversos políticos, ainda que Aécio tenha negado as acusações. Contudo, como consequência, a Procuradoria-Geral da República abriu inquéritos para investigar as delações envolvendo Aécio nesse esquema de corrupção em Furnas.

A partir dessas denúncias, as acusações relacionadas a Furnas contribuíram para o desgaste da imagem de Aécio Neves e do PSDB, especialmente durante o período das investigações da Lava Jato, que afetou sua carreira política a ponto de perder a influência dentro



de seu partido, o PSDB, assim como no cenário político nacional. Nesse sentido, o logo de Furnas é uma forma de associar, de marcar a imagem de Aécio, mais uma vez, a um caso de corrupção, colaborando para a construção do sentido de que ele recebeu propina, de que ele é um bebum, de que ele só tomou no cu em 2015, de que ele falhou nas urnas e de que é, portanto, o perdedor do ano.

A seguir, trazemos a capa da revista Veja em sua edição original (à esquerda), e a versão parodiada (à direita) pelos “petralhas zueros”, a fim de observarmos como os elos discursivos são construídos e como os sentidos são subvertidos, reacentuados, a partir de um riso jocoso, que aponta, nesse caso, as irregularidades políticas de uma figura partidária.

Figura 50 - Veja original e Veja parodiada



Fonte: Elaboração autoral (Canva) a partir de *Veja* (2010) e *Petralhas Zueros*

Aqui, com original e resposta lado a lado, vemos como os elementos foram modificados para gerar os efeitos de sentido humorísticos a partir da imagem de Aécio Neves. A edição original da revista *Veja*, da Editora Abril, é de 20 de outubro de 2010 (edição 2187 – ano 43 – nº 42) e traz a imagem principal do “PODER DE AÉCIO”, que, em 2010, esperava sair como candidato a presidência seu partido, mas foi José Serra quem concorreu contra Dilma naquele ano. Em uma leitura paralela, o poder associado a Aécio não se materializa nem naquele ano,



porque Serra perdeu a eleição, nem nos anos seguintes, principalmente em 2015, porque Aécio é o “LOSDER OF THE YEAR”, como vemos na imagem à direita.

A *Veja* também traz a imagem de Aécio como “um fator decisivo na campanha presidencial”, conforme lemos na manchete, circulada em azul, que é parodiada na outra imagem com “ele só tomou no cu em 2015”, ou seja, associa o neto de Tancredo Neves, presente nas duas versões, como alguém que, mesmo tendo o poder decisivo na campanha presidencial, não teve seu apoiado político eleito; mesmo quando se candidatou na próxima eleição, não venceu.

O botão da urna “CONFIRMA”, como já dissemos, foi trocado para o botão “FAIL”, em resposta ao fracasso de Aécio nas urnas, seja direta ou indiretamente (embora em 2010 ele tivesse vencido como senador, logo, não concorria diretamente a um cargo no ato da publicação da revista). Ainda, um de seus dentes está pintado de preto, criando a ilusão de que esse dente foi arrancado, rebaixando a imagem de Aécio enquanto sujeito a algo risível por meio de sua imagem física, algo que não ocorre no original, já que inexistia essa falta de dente, criado pelos petralhas zueros para escarniar de Aécio.

Circulado em vermelho, no original, lemos um histórico de cargos ocupados por Aécio: “Aécio Neves, ex-governador de Minas Gerais e senador eleito”, que, na paródia, desaparece e recebe o logo de Furnas, em associação ao seu envolvimento nos casos de corrupção.

Por fim, a primeira chamada secundária, que na paródia remete a extorsão de Roberto Rocha em Minas (Gerais), na *Veja* original é uma denúncia do deputado Roberto Rocha ao assessor de Dilma Rousseff, Vladimir Muskatirovic, que exigiu R\$ 100 mil de propina para agilizar processo que dependia de autorização do presidente Lula à época, em 2007: “Fui extorquido na Casa Civil’/Deputado diz que pagou propina a assessor para obter favores do Planalto”<sup>40</sup>. Já na paródia, o mesmo deputado Roberto Rocha é colocado como tendo pagado propina para obter favores de Aécio, por isso a extorsão em Minas, não na Casa Civil, que reforça ainda mais a narrativa de sua associação à corrupção.

Embora tenhamos falado de um riso ambivalente direcionado à figura política de Aécio Neves, considerando um “destronamento” das valorações que ele vinha construído, e que com a Operação Lava Jato foram reveladas como fragilizadas, a crítica da página também se volta à revista *Veja*, em específico, mas como uma crítica geral aos grandes congolemados de mídia, como vemos a seguir, conforme os *posts* são apresentados.

---

<sup>40</sup> ‘Fui extorquido na Casa Civil’, conta deputado. *Veja*, 16 out. 2010. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/fui-extorquido-na-casa-civil-conta-deputado>. Acesso em: 17 abr. 2024.

Figura 51 - Oposição aos conglomerados midiáticos



Fonte: Facebook - Petralha Zuero

Nesse *post*, vemos uma montagem com alguns tipos de mídias, impressas (*Folha* e *Veja*) e televisiva (Rede Globo), que se relacionam pelo questionamento trazido na parte superior da imagem: “DEVASSA FISCAL É POSSÍVEL?”, para se referir aos crimes de lavagem de dinheiro e cartel. A imagem de um spray aerossol, seguidos dos logos da Rede Globo, Editora Abril e Folha, remetem a uma limpeza e dedetização desses veículos de mídia, considerados sujos pelo tipo de jornalismo que fazem.

Nas imagens centrais, temos o logo e o *slogan* da *Folha*: “Folha/Não dá pra não ler”, em que o primeiro “não” está riscado com um X vermelho, formando uma leitura atualizada de “Folha/dá pra não ler”, ou seja, indicando ao leitor que não se informe por aquela mídia, visto que dá para não lê-la e, sim, algum outro canal de informação. A mesma crítica ocorre com a capa da revista *Veja*, que traz a manchete “Veja SEM LUZ”, com uma lanterna iluminando a escrita “sem luz”. O imperativo “veja sem luz” é uma contradição de que, para ver, é preciso algum ponto de luminosidade, visto que a escuridão, a ausência de luz, interfere na forma de ver. Por último, o logo da Rede Globo não sofre nenhum tipo de interferência e aparece ao lado dos demais para complementar a imagem de uma mídia manipuladora.

Abaixo dos logos, há um texto verbal que, pela escrita em caixa alta e com vários pontos de exclamação, sugere-nos uma sonoridade de gritos e protestos contra esses veículos: “CHEGA! BASTA! FORA!”, em amarelo, seguido de “TRABALHAM CONTRA OS BRAISLEIROS”, finalizado por “PAVILHÃO 171”. O posicionamento desse *post*, contrário a esses grandes conglomerados, decorre de uma crítica à forma como eles fazem um jornalismo partidário, que ajuda na construção da opinião pública, fomentando narrativas que lhe são mais ou menos interessantes e vantajosas, por isso a crítica de que a Folha, a Veja e a Rede Globo, no contexto de construção do golpe, trabalharam contra os brasileiros, decorrendo disso o pedido de “despejo”: Chega! Basta! Fora!, porque eles são parte do Pavilhão 171, uma gíria utilizada para se referir ao local das penitenciárias divididas por tipos de crime, sendo o 171 o que abriga estelionatários e fraudadores.

O número 171 passou a ser associado diretamente a esse tipo de criminoso, já que é uma alusão ao artigo 171 do Código Penal Brasileiro, que trata do crime de estelionato, que prevê punição para quem obtém para si mesmo ou para outrem vantagem ilícita, causando prejuízo mediante artifício ou outro meio fraudulento. Assim, associar esses veículos de mídia ao crime previsto no 171 é considerar que estão tentando aplicar um golpe (estelionato ou fraude, como previsto no texto).

O jornal *Folha de S.Paulo* é um dos principais do Brasil, conduziu e publicou diversas reportagens investigativas sobre a crise política e econômica do governo Dilma, a Operação Lava Jato e as acusações de “pedaladas fiscais”, que foram o fundamento técnico do pedido de *impeachment*. A *Folha* ofereceu uma cobertura diária e detalhada dos eventos relacionados ao golpe, incluindo sessões do Congresso, manifestações públicas, posicionamentos de figuras políticas e a evolução das investigações.

Embora tenha pretendido manter uma cobertura plural e equilibrada, seus editoriais refletiram uma posição crítica em relação a Dilma, defendendo a necessidade de investigar e responsabilizar, sem impunidade. O tipo de cobertura detalhada ajudou a moldar as atitudes dos leitores sobre o assunto.

Já a revista *Veja* desempenhou um papel significativo no contexto do golpe de Dilma, visto que suas posições editoriais eram críticas ao governo do PT, consolidando-se como uma das principais vozes na mídia que sustentaram a narrativa favorável ao golpe. Sua extensa cobertura jornalística às denúncias de corrupção envolvendo o governo de Dilma, o PT e demais figuras associadas, como Lula, frequentemente destacava aspectos da Operação Lava Jato que contavam um lado da história, que favorecia seus interesses.

Documentos, testemunhos e provas ajudavam a alimentar a opinião pública contra o governo, além de produzir capas de impactantes, que frequentemente apresentavam manchetes sensacionalistas e imagens fortes relacionadas às investigações de corrupção, ajudando a moldar a percepção pública contra o governo Dilma. Nesse sentido, o *post* se opõe à Veja pela forma como a posição editorial da revista foi claramente a favor do golpe, visto que a revista frequentemente publicava editoriais e artigos de opinião que argumentavam pela necessidade de destituir Dilma, alegando que sua permanência no poder prejudicava a economia, a governabilidade e a moralidade pública.

A revista enquadrrou a crise política e econômica como uma consequência direta da má gestão e da corrupção endêmica do governo do PT, e por ser uma das principais revistas de circulação nacional, teve uma grande influência na formação da opinião pública. Suas reportagens e editoriais foram amplamente discutidos e repercutidos em outros meios de comunicação e nas redes sociais. A crítica decorre de setores aliados ao governo e aos que eram contrários ao golpe, de maneira geral, pela parcialidade e promoção de uma campanha midiática *pró-impeachment*, com exagero nas acusações e falha na cobertura equilibrada.

A Rede Globo, que aparece neste *post* seguinte e no anterior, é criticada pela mesma parcialidade na cobertura dos fatos. A associação é feita a partir da imagem de Sérgio Moro que, para a direita, preencheu o papel de herói nacional à frente da Operação Lava Jato.

Figura 52 - Moro é golpe



Fonte: Facebook - Petralha Zuero

No *post*, lemos “MORO É GOLPE”, sendo que a letra O, de Moro, é estilizada com o logo da Rede Globo, endossando a narrativa de que essa mídia veiculada informações que lhes eram vantajosas, cobrindo parcialmente os fatos para que a opinião pública fosse moldada correspondendo aos seus interesses. Desse modo, Moro (e Rede Globo) é sinônimo de golpe

porque veiculou diversas notícias e reportagens em um processo hegemônico e de discurso único que invisibilizaram outros aspectos dos fatos históricos e, assim, criou-se a imagem de que só havia Dilma, Lula e PT como passíveis de punição no contexto de promoção do golpe e da Operação Lava Jato.

A Rede Globo dedicou ampla cobertura à Operação Lava Jato em seu principal telejornal, o “Jornal Nacional”, destacando as ações de Sérgio Moro com reportagens detalhadas sobre prisões, delações premiadas e desdobramentos das investigações. Desse modo, ajudou a apresentar Moro de forma apreciativa ao público, enfatizando seu papel na luta contra a corrupção. Isso contribuiu para construir sua imagem como um “herói nacional” e comprometido com a justiça. A grande audiência da emissora comprou essa narrativa e, assim, teve formada sua opinião pública sobre a Lava Jato e Sérgio Moro, símbolo dessa luta.

A cobertura constante e o tom favorável à Operação e ao juiz consolidaram um apoio significativo da população, que a via como algo essencial para combater a corrupção sistêmica no Brasil. Sérgio Moro era visto como um símbolo dessa luta. Assim, a acusação de que Moro, Rede Globo e golpe se relacionam se dá ao modo como a emissora tratou todo o processo não só da Operação, que vinha cobrindo desde seu início, em 2014, mas também do golpe de 2016.

Ao mesmo tempo que cobria e divulgava em sua programação os protestos de rua promovidos por grupos de direita, não fazia o mesmo com as manifestações dos grupos de esquerda, contrários ao *impeachment*. A Rede Globo veiculou os extensos discursos dos deputados que, na Câmara, votavam a favor do *impeachment* baseados em Deus ou na família, mas não veiculou extensivamente, nem repercutiu na mesma proporção o momento em que Dilma fez sua defesa no Senado. Portanto, o *post* se mostra contrário a esse tipo de cobertura midiática hegemônica praticada não só pela Rede Globo, mas outros veículos de informação.

Apontados os principais temas relacionados ao período de coleta de dados, trazemos, por fim, um último *post* selecionado que acreditamos ser importante para a compreensão do *continuum* político que temos analisado. Nele, há a imagem de um possível eleitor de Bolsonaro para a eleição presidencial de 2018 sendo circulada de maneira crítica. Isso porque associa esse sujeito a um burro por defender essa candidatura.

Não temos, aqui, associação alguma a “bolsominion”, mas como já afirmamos, acreditamos que os signos mostrem um continuum na história brasileira, sendo concatenados os sentidos que ora estavam em “coxinha”, por exemplo, e aparecem repaginados, com novas valorações, mas também com elos discursivos que remontam a essa direita conservadora, de classe média-alta, “engomadinha” e pró-*impeachment* que gritou “fora Dilma”, “Lula ladrão”, “Moro herói” e, não muito tempo depois, “Bolsonaro 2018”.

Figura 53 - Bolsonaro 2018 sqn



Fonte: Facebook - Petralha Zuero

Com as investigações e acusações contra membros do PSDB na Operação Lava Jato, houve um desgaste significativo da imagem do partido, que afetou seu desempenho eleitoral em várias regiões do país. Assim, junto com outros fatores, houve uma perda de protagonismo do PSDB na política nacional, que historicamente era uma das principais forças anti-PT do Brasil. Novos movimentos e figuras políticas emergiram nesse cenário pós-Lava Jato, como o PSL de Jair Bolsonaro, que (cor)respondia aos valores de uma extrema direita.

Nesse cenário, surge Bolsonaro como candidato à presidência do país na eleição de 2018. O petralha zuero já se antecipa e humoriza o potencial eleitor de Bolsonaro: um burro vestido com a camiseta da seleção brasileira de futebol, símbolo patriota. O burro é o que, pouco tempo depois, virá a ser chamado de “bolsominion” por defender cegamente e de maneira servil as propostas de Bolsonaro como um “malvado favorito”.

Na parte inferior da imagem, lemos “BOLSONARO 2018/Nesse eu confio sqn”. O texto parodia a imagem de candidato de Jair por colocar, ao final do texto, um “sqn” em vermelho, que remete a um meme das redes sociais, o “sqn – só que não”, utilizado para contrariar de forma negativa alguma palavra, posicionamento ou ação feita.

É um ato de discordância baseado em, inicialmente, veicular a palavra, posicionamento ou ação que será discordado pelo “sqn” ao final. Ou seja, a partir de “Bolsonaro 2018, nesse eu confio”, o “sqn”, ao final, gera o sentido de “Bolsonaro 2018, nesse eu NÃO confio”. Esse tipo

de crítica, que se desdobra e intensifica em outro cenário político, mantém relação, como podemos observar, com o momento desencadeado pelo golpe contra Dilma e pela Operação Lava Jato. É o que veremos nos *posts* a seguir, que retratam a caricatura desse eleitor de Bolsonaro, agora, sim, chamado de “bolsominion”.

### 5.5 *Posts bolsominions* – o malvado favorito na política brasileira

Para a criação e circulação do signo ideológico “bolsominion”, cujo processo morfológico se deu pela aglutinação do sobrenome “Bolso(naro)” + “minion”, são esses valores, presentes nos enunciados estéticos, que são o ponto de partida para relacionar os apoiadores de Jair Bolsonaro aos minions.

Feito o movimento de recuperação do que é ser minions nos filmes (ainda que de maneira simplória, para fins de contextualização), voltamos nosso olhar para dois *posts* que representam o ser (bolso)minions em duas concepções diferentes: o ser servo fiel, obediente e defensor das ações do mestre a quem servem, Gru (Bolsonaro), com o objetivo de mantê-lo como o vilão mais poderoso na sociedade; assim como o ser fiel, apoiador e defensor dos valores caros àquele mestre, Gru (Bolsonaro), a quem servem e o grupo que ele representa:

Figura 54 - Crítica aos bolsominions



Fonte: Facebook - Charges contra o coiso

Na imagem, temos uma charge com quatro bolsominions diferentes, com o questionamento “Qual tipo de minion você é?”, seguidos do arrependido, do bird box, do

defensor e do full pistola. Essas quatro caracterizações mostram facetas diferentes de um mesmo grupo social que defende, a todo custo, Bolsonaro. O tipo de defensor começa com o bolsominion arrependido, que chora e segura um coração partido, e diz “O jeito que ele falava era diferente... mas ele é como todos os outros”. Nesse caso, há um tipo de rompimento com os ideias bolsonaristas, já que o minion se arrepende de tê-lo apoiado, mas sua postura corporal demonstra ainda o apego ao político.

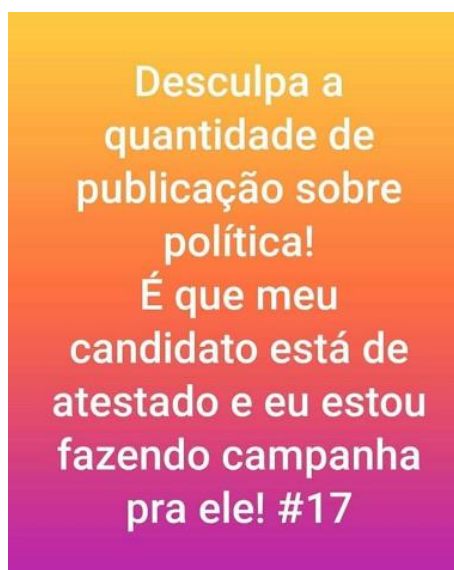
O bolsominion bird box (título homônimo de um filme de 2018, que narra a história pessoas que se matam após verem as entidades que invadem a Terra, por isso cobrem os olhos) é o que “se faz de cego” para os escândalos que envolvem Bolsonaro. Com uma venda nos olhos, ele diz “Mamata? Corrupção? É tudo fake news! Eu confio no mito”. O bolsominion defensor é o que diz “Mas o PT roubava mais!!”, ou seja, assume a corrupção de Bolsonaro, na tentativa de defendê-lo, ao associar a outro partido político que julga ter as “mesmas” ações.

Por fim, o bolsominion full pistola, meme para dizer que alguém está muito irritado e bravo, é o que esbraveja e se descontrola, e entre gritos, vocifera que ele (Bolsonaro) não é corrupto: “UUUHHHHHHH GRRRRRRR ELE NÃO EEEEH CORRUPTOOO AAAAHHHHHH HHGGGHHHRRR”. Independente da forma como se manifesta o apoio, ele ocorre porque os (bolso)minions são servos fiéis e não deixam seu Malvado Favorito desamparado.

Já nesta imagem, um *post* de 21 de setembro de 2018, pensamos a resignificação feita de um enunciado já resignificado, ou seja, que foi refratado da arte para a vida e, agora, é refratado mais uma vez na vida em relação à vida. O signo “bolsominion” não aparece, contudo, não há a necessidade explícita de fazê-lo, uma vez que a própria publicação já mostra, implicitamente, quais são os valores que se materializam no enunciado:



Figura 55 - Apoio dos bolsominions



Fonte: Facebook - *Somos Bolsominion*

Neste *post*, temos a defesa e o apoio prestados a Jair Bolsonaro em uma situação específica que repercutiu bastante midiaticamente: o então candidato levou uma facada (golpe de faca) na região do abdômen, em 06 de setembro de 2018, em Juiz de fora – MG, durante a sua campanha política. O episódio levantou diversos posicionamentos, em que alguns acreditavam ser um atentado, enquanto outros acreditavam não passar de uma armação para engatar o seu nome para o cargo de presidente.

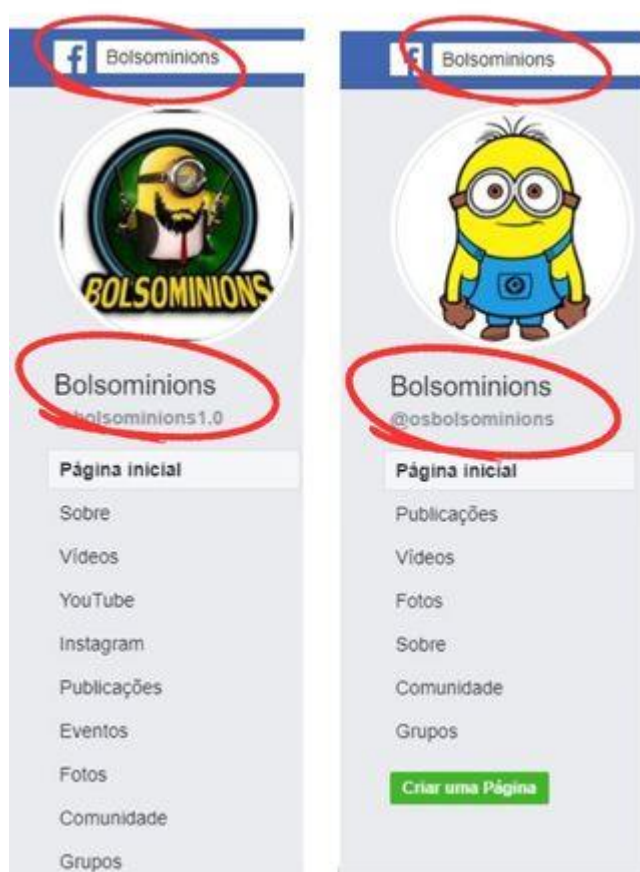
Sem entrar no debate de ser ou não um atentado ou uma estratégia, o que está, enquanto valor, nesta publicação, é o apoio fiel dos bolsominions a Bolsonaro, ao fazerem campanha política para o então candidato à presidência (presente em “quantidade de publicação sobre política!”), como uma forma de levar o projeto de governo de Bolsonaro por meio do Facebook, uma vez que o próprio candidato estava impossibilitado por conta da facada (“meu candidato está de atestado”), clara alusão ao período de recuperação. A publicação termina com #17, o número na urna eletrônica de Jair Bolsonaro, uma forma também bastante comum de demonstrar apoio.

Mesmo sem o signo “bolsominion” marcado na publicação, podemos observar que é uma contra-palavra, a palavra outra de um outro, ressignificada e apropriada para um novo contexto de uso, em que o sentido primeiro é esvaziado para, então, colocar sentidos com valorações próprias e caras a este grupo. Volóchinov (2017, p. 232) afirma que “compreender um enunciado alheio significa orientar-se em relação a ele, encontrar para ele um lugar devido no contexto correspondente. Em cada palavra de um enunciado compreendido, acrescentamos como que uma camada de nossas palavras responsivas”.

Dito isso, temos a palavra outra e a palavra própria posta não só na relação entre o pesquisador e o *corpus*, mas dentro do próprio *corpus*, como vemos com os “bolsominions”, signo ideológico que tem seu sentido modificado a depender de quem, quando e como o utiliza. O uso favorável do signo nos revela o apoio a Jair Bolsonaro (na época, ainda candidato à presidência) por meio da identificação, em que ser bolsominion, diferente de como criticam e ridicularizam, é motivo de orgulho, não de ofensa.

Para ilustrar, mostramos como as páginas de Facebook, das quais selecionamos o *corpus*, utilizam a mesma palavra/signo/lexema para produzir e veicular seus conteúdos, que só são possíveis compreender a partir do momento em que são analisadas por inteiro, e não só pela palavra visto que ela é a mesma nos dois casos, mas significam posicionamentos diferentes.

Figura 56 - Uso da mesma palavra



Fonte: Elaboração autoral

Na figura, destacamos a palavra “Bolsominions”, utilizada tanto na função “buscar”, quanto no título das duas páginas (circulada em vermelho). A mesma palavra (como

Volóchinov disse) tem significações diferentes a depender do sentido geral do todo do enunciado. Somente ao olharmos para as imagens do perfil da página (no caso desse exemplo) é que vislumbramos qual posicionamento cada uma defende. Na primeira página, a imagem é uma fotomontagem de um minion trajado de terno e gravata, com expressão facial séria, com barba e na posse de uma arma em cada mão. Na segunda imagem, há um desenho de um minion com um sorriso de canto de boca em um fundo branco.

Esses mesmos elementos poderiam ter sido utilizados por posicionamentos contrários ou favoráveis ao ser bolsominion, contudo, a forma apreciativa com a qual os elementos foram retratados na primeira imagem aproxima o sentido favorável a ser bolsominion, desde que seja, contudo, dessa forma como expressa na imagem. Ao adentrarmos no campo de nossa visão, em um horizonte socioideológico comum, é que os aspectos do enunciado que estavam “ocultos” ganham contornos ideológicos. O que antes era “vazio”, agora, é preenchido de sentido.

Nesse sentido que a situação (o “onde” e o “quando”, o “tema” e a “avaliação” do enunciado) é extremamente importante e define se uma mesma palavra/expressão verbal-vocal-visual/signo terá um ou outro sentido. Por isso, uma vez mais, coadunamos com a irrepetibilidade do enunciado, pois a situação nunca será a mesma, mesmo que alguns de seus constituintes sejam, aparentemente, os “mesmos”).

Para fins metodológicos, optamos por abordar primeiramente a página que se posiciona contrária ao signo ideológico, logo, a que critica os bolsominions, para depois mostrar a contrapalavra valorada de maneira apreciativa pela página que apoia e defende os bolsominions. Assim o fizemos por compreender que, cronologicamente, nas interações verbais, primeiro há uma crítica para haver sua posterior defesa. Isto é, não há como falar que bolsominions e petralhas reacentuam apreciativamente o signo sem mostrar como ele foi avaliado negativamente anteriormente.

### 5.5.1 Página *Bolsominions* (crítica a Bolsonaro)

As duas páginas selecionadas para o signo ideológico “bolsominions” são intituladas Bolsominions, por isso fazemos a distinção de que uma é crítica a Bolsonaro, e a outra é favorável. Esta primeira página selecionada como parte do *corpus* congrega diferentes grupos temáticos recorrentes, dentre eles, destacamos o de (1) crítica a Bolsonaro e aos valores da extrema direita; (2) uso negativo do signo ideológico “bolsominions”; e (3) defesa de valorações caras à esquerda e/ou petistas.

Figura 57 - Temas para crítica aos bolsominions



Fonte: Elaboração autoral (Canva)

Evidentemente, outros conteúdos temáticos perpassam esses, mas para fins de organização, escolhemos assim tratá-los para que possamos nos deter de maneira específica em cada um desses temas recorrentes, a fim de analisá-los à luz da política brasileira, como fragmentos da história.

Iniciamos nossa análise com dois *posts* que trazem, cada qual à sua maneira, uma caracterização imagética do que é um bolsominion. De antemão, os elementos que nos remetem à ideia de minions é a cor amarela (do corpo cilíndrico) e o macacão azul de operário, típico de trabalhador de fábricas e indústrias, logo, que representa a classe trabalhadora em um contexto social imediato.

Figura 58 - Representações de bolsominions

## QUANDO SE POSTA ALGO QUE O BOSTANARO DISSE



Fonte: Elaboração autoral (Canva) a partir da página *Bolsominions*

Nos dois *posts*, temos situações criadas para criticar a postura de defensores de Bolsonaro (chamados de bolsominions, embora o signo linguístico “bolsominions”, em nenhum momento apareça verbalmente nos *posts* – ao passo que cabe à representação imagética a função de ideologicamente imprimir o sentido de bolsominion).

No primeiro, vemos um bolsominion com o rosto de Bolsonaro (uma montagem, portanto), que chora ao argumentar. Na parte superior do *post*, lemos “Quando se posta algo que o Bostanaro disse”, ao passo que o balão de fala, típico das HQs, traz a voz dos bolsominions que defendem Bolsonaro: “É mentira ele nunca disse isso. Parem de mentir. Esse vídeo é montagem. Eu não acredito. Quero mais fontes” e “VAGABUNDOS ESQUERDOPATAS. Vão pra CUBA. BUÁÁÁ”.

Além dos elementos visuais, que trazem a ideia de bolsominion ao associar o corpo de um minion (cor amarela e macacão operário) ao rosto de Bolsonaro (só a cabeça é dele, logo, as ideias, a parte mental que se alastra pelo grupo todo), temos os aspectos lexicais que compõem o *post* e geram o sentido global (inclusive, de vocalidade). O primeiro ponto a ser destacado é Bostanaro como um neologismo para se referir a Bolsonaro, como forma de marcar o desprezo pelo nome (ou sobrenome) do então candidato, a ponto de não nomeá-lo, mas criar uma forma pejorativa que une o lexema “bosta”, excremento de gado + “-naro”, segmento final do sobrenome Bolso-naro.

Ao não chamá-lo de Bolsonaro e, sim, de Bostanaro, a valoração depreciativa atribuída tanto a ele, quanto a todo o grupo já está marcada no lexical. O Bolsonaro, para esse grupo, é um excremento. Prosseguindo, o *post* traz uma situação em que a oposição de Bolsonaro posta

algo que o próprio candidato disse, e aí seus apoiadores precisam justificar com argumentos suavizem suas declarações. Nesse caso, o bolsominion chora (as lágrimas caem de seu rosto e o BUÁÁÁ ao final do último balão de fala confirmam isso), ao se ver desesperado para conseguir dar um outro sentido que não o que Bolsonaro disse.

Isso reforça as situações em que o candidato teve falas consideradas problemáticas (racistas, homofóbicas, machistas, genocidas etc. – dentre tantas outras) por um grupo, mas que seu eleitorado precisou, por meio de manobras discursivas, ponderar ou até mesmo entrar em estado de negação (“É mentira”, “Esse vídeo é montagem” ou “Eu não acredito”). Outro ponto criticado pelo *post* é que os argumentos dos bolsominions se limitam a chamar a oposição de “VAGABUNDOS ESQUERDOPATAS” e mandá-los para CUBA (por associação ao comunismo). Aqui, as letras em caixa alta nos mostram a sonoridade, pois podem ser compreendidos como um gritou ou tom de voz elevada no momento da argumentação.

No segundo *post*, temos uma situação semelhante em que há um bolsominion que reage contrário ao enunciado que compõe a parte superior da imagem. Lemos “Embaixada alemã deixa claro em vídeo didático que o nazismo é um movimento de extrema direita”. O bolsominion que, dessa vez, é um desenho que traz os elementos que o associam aos minions do filme, está em uma posição indignada (o cenho franzido e as duas mãos na cintura, cobrando uma satisfação) e diz: “E o que esses alemães entendem de nazismo?!”.

A situação é uma resposta em forma de charge ao episódio em que a Embaixada alemã postou um vídeo no Facebook para alertar sobre os perigos de regimes políticos extremistas, e que os alemães justamente relembram do holocausto para não esquecer dos horrores que foram vividos. Contudo, a discussão se deu porque alguns brasileiros (por isso, os bolsominions) contestaram a existência do holocausto e afirmaram que o nazismo foi um regime de esquerda. Por isso, ao contestar o holocausto para os próprios alemães (que vivenciaram, direta e indiretamente), o *post* visa mostrar a contradição dos próprios brasileiros bolsominions em estado de negacionismo de fatos históricos.

O que vemos nesses *posts*, assim como nos seguintes, é o tratamento que o discurso do outro recebe no discurso do eu (de quem enuncia). As falas de apoiadores de Bolsonaro são trazidas, na forma de discurso citado (com algumas reelaborações), para integrar esses enunciados que polemizam com suas posturas e valorações. Nas palavras de Volóchinos (2017), temos o discurso alheio (ou discurso citado) como o discurso *dentro do* discurso, o enunciado *dentro do* enunciado, mas também o discurso *sobre o* discurso e o enunciado *sobre o* enunciado.

Isso significa que não só um discurso ou enunciado está dentro do outro, mas se refere a outro, retoma, recupera, dialoga harmônica ou tensamente. Assim é que a palavra outra se

torna palavra própria, e a partir de um dizer existente o sujeito se posiciona no mundo, por meio de dizeres outros, para com eles polemizar, concordar, parodiar, discordar:

O discurso alheio é concebido pelo falante como um enunciado de outro sujeito, em princípio totalmente autônomo [...]. É justamente dessa existência independente que o discurso alheio é transferido para o contexto autoral, mantendo ao mesmo tempo o seu conteúdo objetivo e ao menos rudimentos da sua integridade linguística e da independência construtiva inicial. O enunciado autoral que incorporou outro enunciado em sua composição elabora as normas sintáticas, estilísticas e composicionais para a sua assimilação parcial, para sua inclusão na unidade sintática, composicional e estilística do enunciado autoral, mantendo ao mesmo tempo, nem que seja de um modo rudimentar, a independência inicial (sintática, composicional e estilística) de enunciado alheio, sem a qual a sua integralidade seria imperceptível (Volóchinov, 2017, p. 250).

Um discurso autoral assimila o discurso alheio de tal forma que com ele ainda mantém uma relação ativa de sentido. Podemos identificar, por meio dos recursos de construção do *post*, como os aspectos verbais, fonológicos e estilísticos conferem cada valoração como apreciativa ou depreciativa a cada grupo que é representado. O discurso incorporado passa a ser depreciativamente representado, mas antes de ser alheio, era uma forma apreciativa autoral.

Essa relação ativa de um enunciado com outro está não só no plano temático, mas nas formas da própria língua. Como Volóchinov diz, “a unidade real da linguagem [...] não é o enunciado isolado monológico, mas a interação de, pelo menos, dois enunciados, isto é, o diálogo” (2017, p 251). Por isso, ao tratar de uma transmissão alheia do discurso, encontramos essas marcas que a tornam ideológica, baseadas na existência de uma coletividade.

Esse processo, presente e recorrente nos *posts*, não está na individualidade, mas na prática de uma sociedade que seleciona os aspectos da percepção ativa e avaliativa do enunciado alheio que são socialmente pertinentes e constantes (Volóchinov, 2017). Assim, é possível “recuperar” as marcas do discurso alheio e associá-los apreciativa ou depreciativamente a um ou a outro grupo. Também importa a transmissão desse discurso alheio porque, segundo o autor russo, é ela que acentua as forças sociais organizadas sobre a percepção do discurso.

O *post* a seguir dialoga com essa forma de discurso alheio ao trazer um rol dos argumentos utilizados pelos bolsominions como forma de apontar as limitações e repetições na hora de defender seu candidato. Intitulado de “O teclado de um bolsominion”, a montagem nos mostra o teclado de um celular que em vez de letras, traz as palavras mais utilizadas para defender Bolsonaro, o que revela, na verdade, a falta de argumentos para tal.

Figura 59 - Teclado bolsominion



Fonte: Facebook - *Bolsominions*

Podemos ver, na parte superior do teclado, “O Lula”, “Mas e” e “Vai pra”, como o recurso de sugestões inteligentes do teclado, que sugere ao usuário as palavras e expressões mais comumente utilizadas por ele ao teclar na internet e nas redes sociais. No lugar das letras, temos “17/BOLSONARO/MITO”, “LULA/TÁ PRESO/PT/!”, “FAKE NEWS/CHORA MAIS”, “emoji de mão com o dedo indicador apontando para a frente (utilizado para fazer o sinal de ‘arminha’)/VAI PRA CUBA”. Ao final da imagem, temos a marca d’água @bolsonaropoeta, utilizada para conferir autoria à página que criou a montagem.

Nesse *post*, o grupo de esquerda marcou a limitação vocabular dos bolsominions (algo que aparece nos filmes dos minions, ao longo da franquia) pelo modo como o teclado de celular indica quais são os enunciados mais utilizados para criticar e se opor ao outro grupo. O que nos chama a atenção é o modo como as cores verde e amarelo foram utilizadas de maneira não a trazer o aspecto apreciativo de amor à pátria, nacionalismo exacerbado e orgulho, mas para reafirmar que esses sujeitos, identificados por meio do verde e amarelo, são limitados linguisticamente.

Outro *post* que fala das limitações argumentativas dos bolsominions para a defesa de Bolsonaro é o seguinte. Interessante pois embora se enquadre no formato de *post* que selecionamos para a coleta de nosso *corpus*, o *post* é composto de um *print* do *tweet*, a unidade de comunicação da rede social Twitter.



Figura 60 - Crítica a bolsominions



Fonte: Facebook - *Bolsominions*

Por ser um print de *tweet*, temos a forma que ele aparece na rede social: o nome do usuário que tweetou (Erika Kokay @erikakokay<sup>41</sup>) na parte superior, o texto (com o limite de 240 caracteres), seguido da data (11/01/2019), horário (11:02) e local (Brasília, Brasil) de publicação. No texto, a mesma crítica feita nos outros *posts*: como os bolsominions não conseguem argumentar sem trazer os elementos “Lula e PT” em suas falas. Contudo, expande o horizonte socio-ideológico do *post* ao trazer situações recentes vividas no âmbito da política brasileira.

No texto, lemos “Bolsominions são cínicos: vc fala de corrupção da família Bolsonaro, do Queiroz e eles só respondem com Lula, PT, etc. Assumam q vcs têm bandidos de estimação, é mais honesto do q se deixarem enganar c/ as narrativas fakes da trupe Bolsonaro.”. O *post* qualifica eleitores de Bolsonaro como cínicos, sujeitos fingidos e “caras de pau”, por não assumirem que existe corrupção (tema que sempre trazem como pauta para se posicionarem contra) na família Bolsonaro (ou “famiglia”, como forma de ironizar a nacionalidade italiana deles, em contraponto ao patriotismo verde e amarelo).

A relação entre corrupção, a família Bolsonaro e (Fabrício) Queiroz vem da participação deste último no escândalo das “rachadinhas”, uma prática corrupta de parlamentares ficarem com parte do salário de servidores de um gabinete. Queiroz era funcionário do gabinete do

<sup>41</sup> Erika Kokay é uma figura política associada ao PT. Defensora dos direitos humanos, possui um forte engajamento com as lutas sociais.

deputado Flávio Bolsonaro, um dos filhos de Jair Bolsonaro, na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj).

A corrupção decorreu do fato de Queiroz ter movimentado cerca de R\$ 1,2 milhão em saques e depósitos fracionados, considerados suspeitos pelo Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf). Dessa forma, o *post* critica quem apoia Bolsonaro e, mesmo diante dessa situação, continua argumentando só com palavras-chave e repetidas como “PT” e “Lula”, sem, de fato, argumentar acerca dos fatos que não possuem relação nenhuma ao Lula ou ao PT.

Ao final, o *post* se dirige diretamente a esses sujeitos e faz um convite: “Assumam que vocês têm bandidos de estimação”, isto é, que defendem a família Bolsonaro em casos de corrupção, como o citado, porque isso é mais honesto e menos humilhante do que tentarem argumentar com base em Lula e PT, deixando-se enganar com narrativas falsas criadas pela família Bolsonaro (chamada também de “trupe”, mais uma forma de ironizar a composição familiar).

O próximo *post* segue na mesma linha de raciocínio dos anteriores, ao trazer um bolsominion no centro da imagem, sendo rodeado pelos diferentes tipos de argumentos que utiliza para defender Bolsonaro. Diferente dos outros *posts*, nesse não temos a representação “clássica” do bolsominion com o macacão azul e a pele amarela, mas um sujeito com os braços erguidos, a boca aberta, em posição de desespero. Seu traje fica por conta de uma camiseta branca com uma estampa do rosto de Bolsonaro, em que se lê “Bolsonaro Presidente”.

Figura 61 - Argumentos dos bolsominions



Fonte: Facebook - Bolsominions

O *post* reforça esse comportamento de que os bolsominions precisam utilizar estratégias discursivas para conseguir defender Bolsonaro e suas declarações. Todo o texto está em caixa alta, de modo que nos remete à vocalidade de gritos e vozes elevadas, como reação desesperada por estar sendo questionado sobre as falas problemáticas de Bolsonaro.

Dentre as desculpas, lemos “Não foi bem isso que ele disse!” “Ele foi editado!” “Aprenda a interpretar direito!” “Nada a ver!” “Não é bem assim!” “Tem que ver o vídeo todo, sem cortes!” “Esse site está espalhando mentiras!” “Interpretação de texto!” “Pesquisa!” “Não é por aí!” “Tem que ver o contexto!” “Isso é mentira!” “Não, mas veja bem...” “Matéria tendenciosa!” “Tiraram do contexto original!” “Mídia comprada!” “Não foi isso que ele quis dizer!” “Isso é fake news!” “Ele só estava brincando!” “Vai estudar!”. Dos 20 enunciados utilizados como argumentos, 19 estão no modo exclamativo, de modo que pela pontuação nós podemos compreender o tom de voz utilizado para destacar a indignação e o desespero que o permeiam.

Reforçamos que o discurso alheio é representado de modo a criticar o modo como o bolsomunion se porta diante de uma situação em que se encontra “encurralado” por defender Bolsonaro. Essa é a percepção que o grupo de oposição tem dos bolsominions e de sua forma de argumentação, ativa e responsiva aos atos de grupos bolsonaristas.

Tudo que há de essencial na percepção avaliativa de um enunciado alheio, tudo que pode ter alguma significação ideológica se expressa no material do discurso interior. O enunciado alheio é percebido não por um ser mudo, que não sabe falar, mas por um ser humano repleto de palavras interiores. Todas as suas vivências – o assim chamado fundo de apercepção – são dadas na linguagem do seu discurso interior e é apenas assim que elas entram em contato com o discurso exterior percebido. Uma palavra entra em contato com outra palavra. É no contexto desse discurso interior que ocorre a percepção do enunciado alheio, a sua compreensão e avaliação, isto é, a orientação ativa do falante (Volóchinov, 2017, p. 254).

Vemos, por meio das palavras de Volóchinov, como os sujeitos, a todo momento, estão lidando com formas alheias e próprias de discursos, sejam seus ou do outro. Mesmo o que é interior é pautado em uma coletividade, de modo que toda (re)elaboração feita se orienta para a palavra de um outro, em um outro tempo e em um outro espaço que não são o do enunciado atual (haja vista a irrepetibilidade do ato).

No caso desse *post*, foram utilizadas as recorrências argumentativas de bolsominions como forma de mostrar um posicionamento que não é percebido em um só sujeito, mas em um grupo que se filia a tal pensamento. A avaliação feita desse discurso outro, ao ser tomado como um discurso próprio autoral, é uma forma de crítica que se faz recorrentemente ao grupo, como

já temos visto nas análises. Os *posts* tomam o discurso alheio pelo contexto real e comentador da ação ao mesmo tempo em que agem como réplicas.

[...] o verdadeiro objeto de estudo deve ser justamente a inter-relação dinâmica entre essas duas grandezas: o discurso transmitido (“alheio”) e o discurso transmissor (“autoral”). Pois, na realidade, eles existem, vivem e se formam somente nessa inter-relação e não isoladamente, cada um por si (Volóchinov, 2017, p. 255).

Nesse sentido, o discurso alheio mantém uma relação dinâmica do discurso, agora, próprio, de modo que este reflete e refrata uma orientação social entre os sujeitos nessa comunicação verboideológica. Por isso, Volóchinov afirma que essa dinâmica pode manter algumas tendências com o discurso alheio, um subjetivo e outro comentador e responsivo, mas igualmente subjetivo. A nós, interessa pensar essas formas de discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre pois eles geram sentidos diferentes a depender da forma como são usados nos *posts*.

Contudo, o que visamos reforçar não são as diferenciações, mas que independente da forma como o discurso alheio é transmitido, ele polemiza com o posicionamento autoral de cada *post* nas páginas de Facebook. Isso porque, segundo Volóchinov, “a língua não existe por si só, mas somente combinada com o organismo do enunciado concreto [...]. A língua entra em contato com a comunicação apenas por meio do enunciado, tornando-se repleta de forças vivas e, portanto, real” (2017, p. 262).

Nesse sentido, as tensões entre diferentes grupos existem porque tratam de aspectos reais que conferem vida à língua. As forças que mantêm vivas e reais a comunicação estão em constante embate de sentidos, travando lutas para que tal forma seja aceita no lugar de outra, e aí vemos a tentativa hegemônica de unificação, que destrói as pluralidades. Por isso, buscamos, com os *posts*, mostrar como diferentes grupos entram em contato com uma “mesma” língua e conferem, cada qual a sua maneira, acabamentos diferentes para tratar de um “mesmo” tema – a bivocalidade.

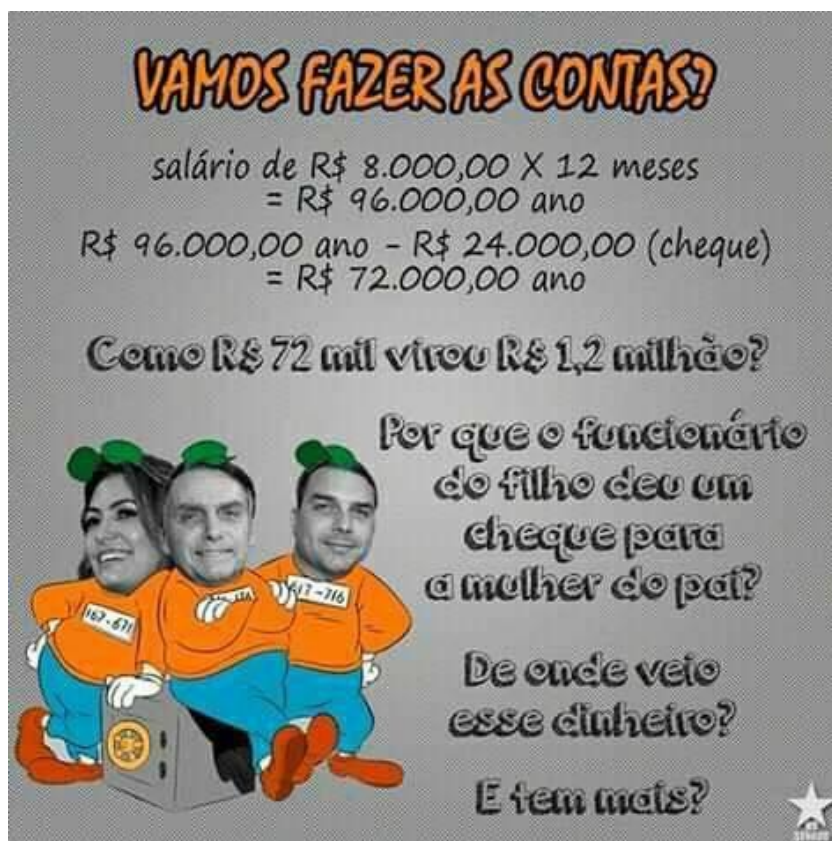
Prosseguindo com os *posts* para refletirmos sobre os aspectos linguageiros que nos constituem, encontramos, durante a coleta de dados, alguns que apontam, ao mesmo tempo em que denunciam, a corrupção da família Bolsonaro. Denúncia que, embora não formalizada e burocratizada, como uma peça acusatória iniciadora da ação penal pública, mas que se propõe à explanação de fatos, indicação de provas, junto à manifestação expressa da vontade de que seja aplicada a lei penal aos autores da conduta.

Já que falamos da bivocalidade, é interessante observar como a “família” é uma valoração sempre apreciativa e uma instituição zelada pela extrema direita. Mas, quando

adentra o espaço das páginas que se posicionam contra bolsominions, a família (de Bolsonaro) é tratada como uma quadrilha de bandidos, dadas as polêmicas de corrupção, como os desvios de dinheiro envolvido nas relações familiares, favorecidas por nepotismo e pessoas “de confiança” que ocupam determinados cargos (como o caso do Queiroz).

Este *post* apresenta um desses casos que traz a explicação de um caso de corrupção envolvendo membros da família Bolsonaro. O que nos chama a atenção, pensando na construção desse enunciado, é o formato didático que ele apresenta, como uma lousa escolar em uma aula de matemática, que apresenta os cálculos e logo traz o resultado. No caso, traz um questionamento acerca da discrepância entre os números.

Figura 62 - Cálculo da família Bolsonaro



Fonte: Facebook – *Bolsominions*

Intitulado “Vamos fazer as contas?”, o *post* convida quem o lê a calcular o salário do até então assessor parlamentar e motorista de Flávio Bolsonaro, Fabrício Queiroz. Podemos ler “salário de R\$ 8.000,00 x 12 meses = R\$ 96.000,00 ano”, em seguida, outro cálculo “R\$ 96.000,00 – R\$ 24.000,00 (cheque) = R\$ 72.000,00”. Após a demonstração didática dos cálculos, surgem os questionamentos: “Como R\$ 72 mil virou R\$ 1,2 milhão?”, “Por que o

funcionário do filho deu um cheque para a mulher do pai”, “De onde veio esse dinheiro” e “E tem mais?”.

Temos o horizonte socio-ideológico desse *post* como parte da história da política brasileira. O assessor e motorista Fabrício Queiroz, do até então deputado estadual Flávio Bolsonaro, movimentou R\$ 1,2 milhão em uma conta entre janeiro de 2016 e janeiro de 2017. O valor de mais de um milhão de reais levantou suspeita do Conselho de Controle de Atividades Financeiras (Coaf), pois o salário de R\$ 8.000,00 de Queiroz não condiz com tal movimentação bancária.

Outros valores que aparecem no cálculo do *post* são relativos às movimentações do Queiroz, dentre elas, um cheque no valor de R\$24.000 destinado a Michelle Bolsonaro, esposa de Jair Bolsonaro. Sendo assim, os questionamentos do *post* levantam as relações entre esse assessor, Queiroz, e membros da família Bolsonaro. Isso sem, necessariamente, trazer o nome de nenhum deles (Michelle, Jair e Flávio aparecem como personagens caricatos, não com seus nomes materializados).

Assim, o *post* critica os movimentos bancários suspeitos, com vias de corrupção da família Bolsonaro e do assessor Queiroz sem trazer nenhum desses nomes à tona. Cabe, então, para o sentido pleno, compreender os elementos visuais junto aos verbais para relacionar a família, representada como uma quadrilha de bandidos, ao caso de corrupção.

Embora a página seja intitulada “Bolsominions”, esse *post* não traz a representação típica dos minions como bolsominions, eleitores de Bolsonaro. Cria uma imagem negativa aos que associam a Bolsonaro por meio dos irmãos Metralha, visto que, na imagem, o rosto de Michelle, Jair e Flávio substituem os rostos dos Metralhas, mantendo suas roupas de presidiários (calça azul e blusa laranja), o boné verde e o clássico número no peito, que os identifica. Para complementar, há um cofre fechado, no qual Michelle se apoia e Bolsonaro está sentado, com Flávio logo atrás.

Todos esses elementos nos ajudam a associar a imagem da família Bolsonaro como bandidos, dado o caso de corrupção explicitado no texto. Outro ponto interessante que diz respeito a família Bolsonaro é que, mesmo sem mencionar nenhum dos membros pelo nome, a associação familiar é feita por meio do parentesco que cada um tem. Todo o parentesco é dado por meio de Jair Bolsonaro, o patriarca da família, recuperando valorações que são caras a esse grupo de sujeitos.

Fabrício Queiroz, assessor e motorista de Flávio Bolsonaro, é “o funcionário do filho” que, no caso, é o “filho” Flávio Bolsonaro, ao passo que “a mulher do pai” é Michelle Bolsonaro, que não é mãe de Flávio, uma vez que é fruto de outro relacionamento, mas que

mantem uma relação de parentesco (in)direta com esta. O “pai”, por fim, é Jair Bolsonaro. Embora não apareça citado nem direta, nem indiretamente no *post*, Queiroz é a figura central que une todas essas figuras para além do parentesco – pela movimentação financeira suspeita.

O próximo *post* também trata da mesma questão temática: o assessor e motorista Fabrício Queiroz e sua relação com a família Bolsonaro. Igualmente, traz a imagem das personagens irmãos Metralha para construir o sentido de roubo e bandidagem.

Figura 63 - Irmãos Bolsonaro



Fonte: Facebook - *Bolsominions*

O *post* é composto por três enunciados diferentes que, juntos, formam um só todo de sentido. Dividido em três partes, a primeira traz a imagem dos irmãos Bolsonaro, Carlos e Flávio, filhos de Jair Bolsonaro, a segunda traz a manchete de uma notícia do El País, e a terceira traz uma imagem dos irmãos Metralha das HQs da Disney. O que une esses três enunciados em um só é a situação, que logo se apresenta na parte superior do *post*. Podemos ler, com um fundo vermelho e letras em amarelo “Quando a ‘justiça’ tem um partido...”, seguido da imagem de dois membros da família.

A manchete, por sua vez, diz que “A investigação sobre ex-assessor de filho de Bolsonaro muda de mãos”, de modo que a escolha lexical revela, ideologicamente, que é mais



importante saber que há a família Bolsonaro (filho de Bolsonaro) envolvida na investigação (foco da ação) do que quem é propriamente o investigado (ex-assessor, no caso, Fabrício Queiroz, que nem sequer foi nomeado). A expressão “troca de mãos”, em vez de “muda de responsável”, por exemplo, confere não só informalidade, mas também uma avaliação da situação: Por ter o nome do filho do presidente (nessa época, já eleito) envolvido, ainda que também não nomeado na manchete da notícia, essa investigação não pode continuar nas mãos de quem anteriormente estava, dada a possibilidade de julgamento desfavorável a um dos membros da família.

A expressão “estar nas mãos de alguém” é utilizada para indicar que a situação atual ou futura de um sujeito depende das escolhas e decisões de um outro, por isso, estar nas mãos de alguém não pode ser positivo, se tais escolhas ou decisões não dependem totalmente de um eu, mas de um outro. Por isso, para evitar um cenário negativo no caso de investigação das movimentações bancárias de Queiroz (sujeito totalmente secundário no *post*, visto que em nenhum momento é nomeado, tampouco tem sua imagem veiculada – o foco é a família Bolsonaro), já ex-assessor de Flávio Bolsonaro, este que estava na transição de deputado estadual do Rio de Janeiro para senador, houve essa “troca de mãos”.

O que confirma que haverá impunidade ou suavização dos crimes cometidos por membros da família é a forma que o *post* apresenta a situação: a “justiça”, entre aspas, não é a justiça imparcial, “cega”, que não toma partido nem lá, nem cá. É justamente uma justiça aspeada porque tem partido – o partido da família Bolsonaro. É a justiça que, quando convém, troca de mãos para que a investigação não caia em “mãos erradas” e condene um deles, dados os fatos.

É nesse sentido que aparece a imagem dos irmãos Metralha, conhecidos por serem ladrões famosos, que saem impunes dos inúmeros roubos contra o tio Patinhas. “[Eles = Flávio Bolsonaro, à esquerda na imagem, Carlos Bolsonaro, à direita] não vão nem ser investigados!”, como finaliza o *post*, porque são como os irmãos Metralha, saem impunes, visto que a “justiça” tem um partido quando se trata de investigar, ou no caso, não investigar, uma situação de corrupção envolvendo pessoas com o mesmo sobrenome.

Logo, unindo todos os enunciados em uma leitura “linear”, do primeiro ao último elemento, temos “Quando a ‘justiça’ tem um partido... os filhos de Jair Bolsonaro... com a investigação de seu [Flávio] ex-assessor [Queiroz] mudou de mãos... não vão nem ser investigados!... ladrões.”. Interessante apontar que, mesmo com a associação de petistas como petralhas (signo ideológico), a página intitulada Bolsominions faz uma negação da afirmação tida como aceita dentro do próprio grupo ao associar a imagem das HQs dos Metralhas com



membros da família Bolsonaro, e não utilizaram, por exemplo, a imagem dos filmes dos minions, como outros *posts* da mesma página fizeram.

Vemos, nesses dois *posts*, como a apropriação e a inversão de sentido foi feita pelo grupo de esquerda ao utilizar o mesmo signo ideológico usado pela direita para acusar o PT: Metralhas. Nessas imagens, os Metralhas passam a ser a família Bolsonaro (algo que, inversamente, não tem ocorrência, de os minions serem apropriados da mesma maneira pela direita para caracterizar a esquerda).

O signo ideológico “família” é caro à extrema direita bolsonarista no sentido de tradição, valores e honra, e respingam na política. A promoção desses temas inclui a ênfase em papéis de gênero tradicionais, moralidade sexual conservadora e a importância da autoridade parental. Contudo, é essa mesma valoração familiar que a esquerda usa para criticar e denunciar a “família” e o “laranja” de Bolsonaro, associando-os aos irmãos Metralha (como parte de uma quadrilha de bandidos, como aparecem nas HQs).

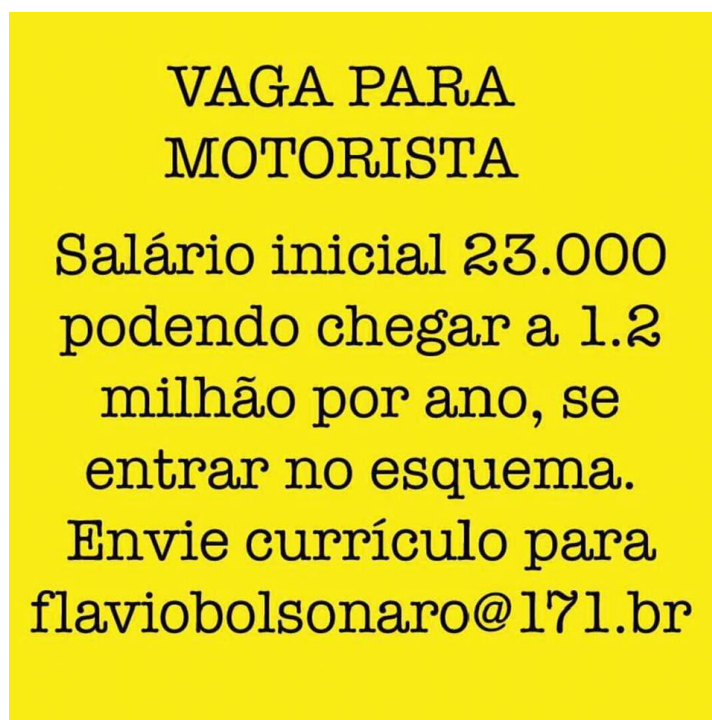
Ainda ligado ao tema corrupção, esse caso do Fabrício Queiroz ganhou bastante repercussão nas páginas contrárias a Bolsonaro, de modo que começaram a associá-lo como “laranja” de Bolsonaro, dadas as várias acusações que ele acumulou ao longo dos anos, em especial, no ano de eleição presidencial (2018).

No quesito práticas ilícitas e crimes financeiros, em que Queiroz se enquadra, o signo ideológico “laranja” é usado para descrever uma pessoa que serve como uma fachada para ocultar atividades financeiras ilícitas. Esses sujeitos, chamados de laranjas, permitem que seu nome seja usado em transações financeiras para ocultar a identidade do verdadeiro beneficiário, servindo como uma “cortina de fumaça” ou “testa de ferro”.

Essa é uma estratégia comum em esquemas de lavagem de dinheiro, fraude fiscal e corrupção, o que permite que os verdadeiros beneficiários das transações permaneçam ocultos, dificultando a detecção pelas autoridades, ao ajudar a disfarçar a origem ilícita do dinheiro e integrá-lo ao sistema financeiro de forma aparentemente legal.

Nesse *post*, sem menção direta a Queiroz, critica-se a função ocupada pelo então motorista e assessor de Flávio. É feito um anúncio para a função de motorista, com um fundo amarelo (da bandeira do país, vaga patriota), lemos: “VAGA PARA MOTORISTA”, “Salário inicial 23.000 podendo chegar a 1.2 milhão por ano, se entrar no esquema. Envie currículo para [flaviobolsonaro@171.br](mailto:flaviobolsonaro@171.br)”

Figura 64 - Anúncio bolsonarista



Fonte: Facebook - *Bolsominions*

A escolha lexical revela como esse *post* critica a relação de Queiroz com a família Bolsonaro. O salário inicial do motorista e assessor é colocado como um atrativo, com possibilidade de ascensão na função “se”, e aqui temos a condição, entrar no esquema de “rachadinhas” e desvios e repasses de valores, com a “bonificação” de movimentar cerca de R\$ 1,2 milhão, no caso, quase um milhão de reais a mais do que o salário inicial previa.

Nesse sentido, o “esquema”, explícito no *post*, tem sentido negativo ao se referir ao contexto de organização e estruturação de atividades relacionadas aos desvios bancários, visto que esse aumento de salário não é lícito, mas proveniente de práticas corruptas. Isso fica claramente marcado pelo contato utilizado para quem se interessar pela vaga: flaviobolsonaro@171.br. Queiroz era funcionário de Flávio, como já dissemos, um dos filhos de Bolsonaro, por isso o contato vem com seu nome que, no lugar de um provedor de e-mail, como o do Google (Gmail) ou da Microsoft (Outlook), é o 171 (da família Bolsonaro).

A escolha dessa sequência numérica não é feita ao acaso. No Código Penal Brasileiro, está presente o crime do artigo 171, que consiste na prática de golpes, nos quais o criminoso engana a vítima para obter algum tipo de vantagem em dinheiro: “Art. 171 - Obter, para si ou

para outrem, vantagem ilícita, em prejuízo alheio, induzindo ou mantendo alguém em erro, mediante artifício, ardil, ou qualquer outro meio fraudulento”<sup>42</sup>.

Também conhecido como o crime de estelionato, o sujeito que é vítima, no caso, não é Queiroz (ou qualquer outra pessoa que se candidate para a vaga – afinal, eles fazem parte do esquema), a vítima é quem acredita que a família Bolsonaro seja inocente perante essas acusações e investigações. É devido ao artigo 171 do Código Penal Brasileiro que, popularmente, convencionou-se utilizar esse código como uma gíria, de modo que quando alguém é chamado de 171, está dizendo que é mentiroso, mau caráter e ardiloso.

Assim, um 171 é o sujeito aproveitador, que utiliza de habilidades para obter sucesso aplicando golpes. Chamar qualquer sujeito de 171 é o mesmo que chamá-lo de bandido, troca-se o signo linguístico, mas não o sentido ideológico, presente em cada uma dessas formas.

Os dois *posts* a seguir continuam ampliando o sentido de ser um laranja de Bolsonaro, a partir da imagem de Fabrício Queiroz. À esquerda, temos um cartaz no estilo velho oeste que procura a laranja-Queiroz. À direita, temos uma laranja-Queiroz sendo carregada por Flávio Bolsonaro.

Figura 65 – Laranja-Queiroz



Fonte: Elaboração autoral (Canva) a partir do Facebook - *Bolsominions*

<sup>42</sup> Artigo 171 do Decreto Lei nº 2.848 de 07 de dezembro de 1940. Jusbrasil, s/d. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10617301/artigo-171-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>. Acesso em: 25 mar. 2024.

No primeiro *post*, o cartaz de estilo velho oeste (também conhecido como “Procurado vivo ou morto, *Wanted dead or alive*, em inglês) dialoga com um tipo de cartaz que era pendurado em locais públicos para que a população daquele local soubesse que um criminoso estava solto pela cidade e as autoridades ou interessados o procuravam, vivo ou morto, para apreendê-lo. O diálogo com esse tipo de cartaz, muito circulado em tempos atrás, pela construção composicional, em que há uma foto da pessoa procurada no centro da página (a laranja com o rosto do Queiroz), com seu nome (Queiroz) ou outros dados pessoais. Em alguns casos, há até uma quantia dada como recompensa pela captura do procurado.

Esse estilo velho oeste de retratar situações advém de um lugar-comum representado por filmes e livros, principalmente estadunidenses. Conhecido também como Faroeste, são histórias ambientadas no Velho Oeste dos Estados Unidos do século XIX, normalmente acerca da vida de *cowboys* ou pistoleiros. Nesse sentido, toda a ambientação do *post* se volta para esse imaginário, como vemos na fonte utilizada para o “Procura-se”, assim como os revólveres de cada lado da imagem do procurado laranja-Queiroz.

O plano de fundo da imagem, em tons de sépia, beges e acastanhados, também colabora no sentido de criar uma imagem de papel envelhecido, remetendo-nos a uma antiguidade em que esse tipo de cartaz circulava. Por fim, ainda há um último aspecto verbal que une toda a situação do enunciado a um momento vivenciado na atualidade do *post*, que é o #LaranjalDoJair, desencadeada pelo envolvimento de Fabrício Queiroz no gabinete de Flávio Bolsonaro.

No segundo *post*, a relação de Fabrício e Flávio é ilustrada pela forma como o filho de Jair Bolsonaro, na montagem, carrega o grande laranja-Queiroz em seu colo. Prestes a escorregar em uma casca de banana no chão, Flávio e Fabrício estão a um passo de cair. Diferente do anterior, esse *post* ironiza e critica quem escolhe defender esses sujeitos, mesmo diante dos casos de investigação por corrupção. Lemos na imagem: “Depois da hashtag ‘Eu sou o caixa 2 do Bolsonaro’ vem aí/Em breve... ‘Sou laranja do mito!’”<sup>43</sup>. O conteúdo verbal coloca em diálogo tanto a situação de caixa 2 de corrupção eleitoral, diretamente relacionada a seu assessor durante a campanha para presidência, quanto o apoio irrefreável que seu coro político, os bolsominions, conferem a ele diante dessas acusações.

No *post*, a ideia de que há um apoio incondicional por parte dos bolsominions aparece a medida que entendemos que após um escândalo (de caixa 2), vem outro (laranja) e a resposta dos eleitores é a de colocar *hashtags* (o símbolo da cerquilha, #) nas redes sociais se dizendo

---

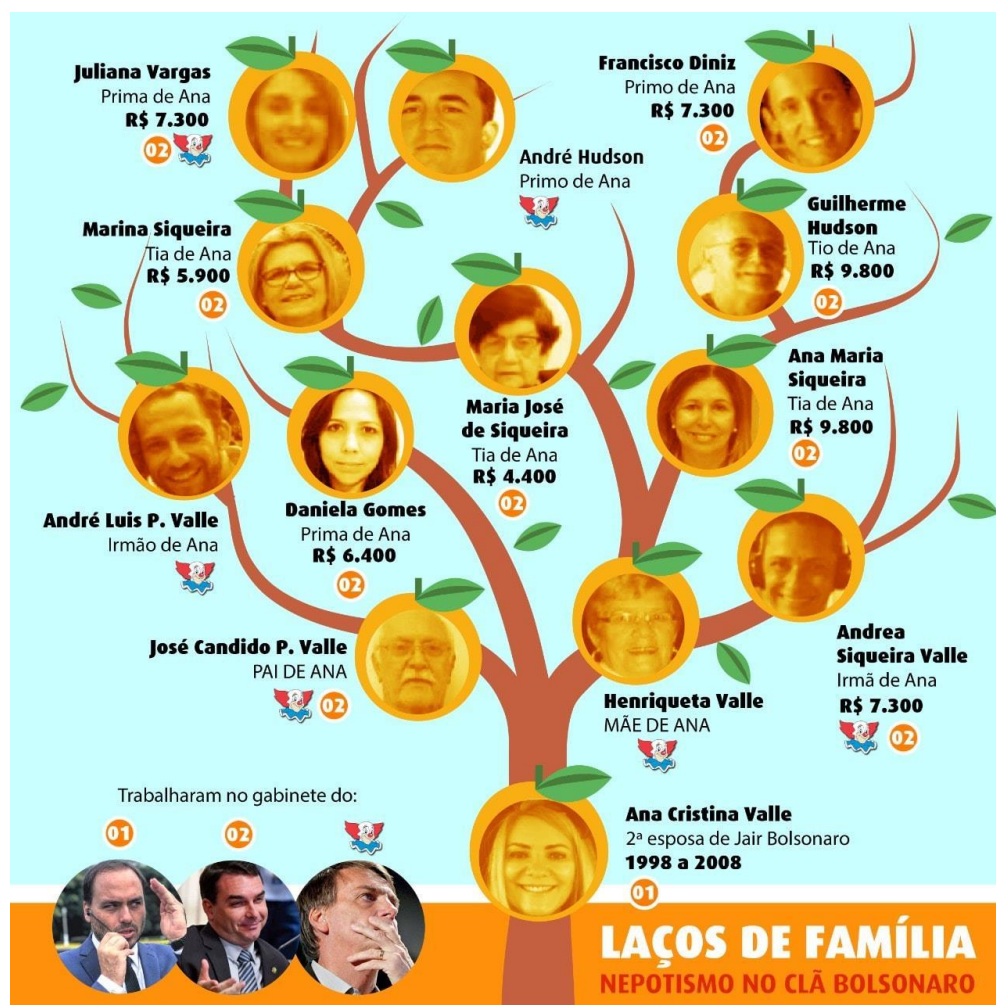
<sup>43</sup> No tópico seguinte, fizemos uma análise pró-Bolsonaro cuja temática recai no posicionamento favorável ao caixa 2.

parte desse movimento – que envolve corrupção e grandes movimentações financeiras. Com esse recurso disponível nas redes sociais, usar uma hashtag (#) demonstra não só o apoio a uma causa, como também contextualiza outros usuários sobre o que aquela hashtag diz respeito. Desse modo, o *post* ironiza parodiando as palavras de quem escolhe prestar apoio à família Bolsonaro não pelo uso das *hashtags*, prática social difundida na internet, mas por associação a casos de corrupção, nepotismo e desvio de dinheiro.

Como colocado, o laranja-Queiroz é uma figura que sintetiza um esquema maior e mais amplo, que não começa nem termina nele, dado os diferentes casos de “laranjas”. Não à toa, o *post* chama esse esquema de #LaranjaldoJair, pois considera que não existe só a laranja-Queiroz, mas muitas outras.

O *post* a seguir, uma imagem disponível na página do Facebook de Ivan Valente, deputado federal do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), ilustra essa imagem de laranjal com a qual dialoga os *posts* de nosso *corpus*. Ainda que não seja parte de nossa coleta de dados, trazemos outros enunciados que corroboram para expandir e/ou exemplificar nossas análises acerca dos sentidos evocados pelos signos ideológicos.

Figura 66 - Laços de família



Fonte: Facebook - Ivan Valente

Essa imagem, em especial, nos é cara pois exemplifica o esquema familiar envolvendo a família Bolsonaro, um valor muito caro à extrema direita que, quando trazido dessa forma, mostra as rachaduras que contradizem um discurso anticorrupção e pró-família. Intitulado “Laços de família: nepotismo no clã Bolsonaro”, o post cria uma árvore genealógica parodiada, que visa mostrar não o histórico dos antepassados familiares de alguém, mas as relações atuais, todas unidas por gabinetes de Carlos, Flávio e Jair Bolsonaro.

Portanto, o que vimos nos *posts* anteriores como um laranjal do Jair diz respeito a essa “plantação de laranjas”, chamada, na imagem, de “laços de família”. Pelo plano linguístico, esse laranjal (laranja + sufixo -al) traz justamente a ideia de uma aglomeração, um amontoado, ao utilizar o sufixo -al para se referir às relações envolvendo a família Bolsonaro (ou clã Bolsonaro, partindo do pressuposto de um familiar comum, no caso, Ana, a segunda mulher de Jair Bolsonaro). Como temos falado, trazer a valoração da família para denunciar e criticar um

aspecto que, para a extrema direita, é de extrema importância, é uma forma de mostrar as contradições e rachaduras que permeiam esses valores nas imagens políticas que eles admiram.

Nesse sentido, o clã Bolsonaro tem como base não o próprio Jair, mas Ana Cristina Valle, sua segunda esposa e mãe de um se seus filhos, Jair Renan. Todas as relações decorrentes dessa árvore genealógica de laranjas se relacionam a ela, embora também a Jair e seus outros filhos, Flávio e Carlos. O que entendemos, com esse tipo de imagem infográfica, é uma ampliação do conceito de “família” tão defendido pela extrema direita, com base e fundamento religioso, transformando em bandeira de campanha política.

Ao passo que nos *posts* pró-Bolsonaro temos uma família tradicional e conservadora, nos posts contra Bolsonaro temos uma explanação das contradições desse conceito, que mostra vários casamentos de Bolsonaro, com filhos de diferentes mulheres. Não que isso seja um problema, mas é justamente uma contradição para quem defende um padrão bíblico utópico e idealizado (e dificilmente praticado). A parte da árvore genealógica que se desdobra em outros laranjas-parentes apresenta não só o parentesco, mas a quantia, em reais, que esses familiares desembolsam sendo parentes de quem são para ocupar determinados cargos em gabinetes e funções junto a esses parlamentares. Por isso, a família tratada como nepotismo, não como projeto bíblico abençoado por Deus.

Seguindo nessa temática de “laranjas”, o *post* a seguir retrata o patriotismo verde e amarelo em relação ao ser laranja para a família Bolsonaro, de modo que chama a atenção não só a recorrência de *posts*, mas também como eles foram construídos, utilizando, sobretudo, a imagem parodiada do verde e amarelo, para criticar e rir de um ideal que não é nem mesmo seguido pelo líder que encabeça esse movimento.



Figura 67 - Laranja, verde e amarelo



Fonte: Facebook - *Bolsominions*

Nesse *post*, embora Queiroz não seja nomeado, a temática diz respeito à situação do ser “laranja” de Bolsonaro, pois temos a bandeira do Brasil parodiada com uma laranja (fruta) no lugar do círculo azul. Em vez de “Ordem e progresso”, lemos “Minha bandeira jamais será vermelha...”, em alusão a uma declaração patriota que repudia o vermelho (símbolo do comunismo, na visão da extrema direita) associado ao PT, e valoriza as cores da bandeira do país, o verde e amarelo, como expressão de amor à pátria.

Utilizou-se o discurso direto para reproduzir, de maneira idêntica, a “voz” do outro (o discurso alheio/citado) no discurso autoral, identificado pelo emprego de aspas ou travessão. Em especial, identificamos uma modificação do discurso direto chamada por Volóchinov de “discurso alheio antecipado, disperso e oculto”, pelo qual aparece, na narrativa (já que ele exemplifica com romances da língua russa seus apontamentos) um ponto de vista ou apreciação da personagem. Podemos dizer, então, que, nesse *post*, ao utilizar as aspas para reproduzir a fala de sujeitos de extrema direita, representada em uma bandeira do Brasil que tem uma laranja em seu centro, o discurso autoral retoma um discurso alheio antecipado, disperso e oculto que coloca, junto a ele, sua apreciação da situação enunciativa.

Esse enunciado “Minha bandeira jamais será vermelha” é um *slogan* político associado a extrema-direita, com teor anticomunista e expressa a determinação de impedir que a bandeira nacional de um país se torne vermelha, fazendo alusão à cor tradicionalmente associada ao comunismo e ao socialismo. Ou seja, a bandeira do Brasil nunca será vermelha significa dizer que o Brasil nunca será do comunismo, na visão dos defensores desse *slogan*. Lugar de



comunismo é em Cuba, como já vimos nos *posts* anteriores, não no Brasil. Por isso, não há só a defesa de uma bandeira de verde e amarela como símbolo nacionalista, mas há um repúdio, em específico, ao que a cor vermelha significa (na visão desses sujeitos).

Ainda, esse enunciado ficou conhecido no Brasil durante a campanha presidencial de 2002, quando o então candidato Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, usou a cor vermelha em sua campanha política e em materiais de propaganda. Seu adversário político, José Serra, do PSDB, usou o enunciado “Nossa bandeira jamais será vermelha” como um lema de campanha para enfatizar sua oposição ao PT e às ideias associadas ao socialismo e ao comunismo.

Desde então, o enunciado tornou-se um *slogan* político frequentemente usado por figuras de direita para rejeitar ideologias de esquerda e para expressar uma posição de defesa dos valores conservadores e capitalistas. Ela também pode ser interpretada como um símbolo de resistência a mudanças políticas ou sociais que os oponentes veem como ameaças à ordem estabelecida.

Inclusive, no segundo mandato de Dilma, em 2015 e 2016, os protestos nas ruas contra a então presidente foram marcados por “Lula nunca mais”, “Fora Dilma” e “Nossa bandeira jamais será vermelha”, não só retomando o enunciado de 2002 de Serra, mas atribuindo ainda mais sentido negativo à cor vermelha e ao PT (Lula e Dilma), que será fortemente rechaçado na próxima campanha política e governo eleito, o de Bolsonaro.

Esse mesmo enunciado tem ganhado sentidos diferentes a cada momento político em que é concretizado, mas sempre considerando que faz parte de um elo na comunicação discursiva, ou seja, volta-se para dizeres passados e projeta-se para dizeres futuros. Na posse de Bolsonaro, em 1º de janeiro de 2019, o enunciado voltou ser proferido: “Nossa bandeira jamais será vermelha! Só será vermelha se for preciso o nosso sangue para mantê-la verde e amarela”<sup>44</sup>.

Com essa declaração, temos uma alusão à violência presente em muitos discursos e pronunciamento de Bolsonaro, desde candidato, presidente e ex-presidente. Em seu primeiro dia de mandato, a menção ao “sangue” (pela cor vermelha), sintetiza uma mensagem que será levada adiante ao longo de todo seu governo, que reforça valorações que são caras não só a Bolsonaro, mas a todo seu coro político – que, diante da declaração feita por ele, reagiu

---

<sup>44</sup> “O presidente Jair Bolsonaro disse em discurso após receber a faixa presidencial nesta terça-feira que, com sua posse, o povo brasileiro começa a se “libertar do socialismo” e do “politicamente correto” e que a bandeira do Brasil só será vermelha se for preciso sangue para mantê-la verde e amarela. “Nossa bandeira jamais será vermelha!”, disse Bolsonaro segurando uma bandeira brasileira, enquanto a multidão gritava “mito”. “Só será vermelha se for preciso o nosso sangue para mantê-la verde e amarela”, acrescentou, sendo ovacionado pelos milhares de pessoas que acompanharam o discurso feito no parlatório do Palácio do Planalto. *Extra*, 1 jan. 2019. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/nossa-bandeira-so-sera-vermelha-se-for-preciso-sangue-para-mante-la-verde-amarela-diz-bolsonaro-23339621.html>. Acesso em: 25 mar. 2024.

ovacionando-o. Desse modo, um discurso não só de intolerância, mas de ódio, instaura-se na extrema direita.

É nesse sentido que vemos o *post* da laranja, no centro da bandeira do Brasil, como uma ironia paródica do grupo de oposição, para reforçar que as valorações de patriotismo são repletas de outras valorações, como a corrupção e nepotismo, no caso do assessor e motorista Fabrício Queiroz. O país verde e amarelo, que se quer livre da ameaça vermelha comunista, é o que exhibe, no centro de sua imagem, a laranja que representa os esquemas bancários fraudulentos de quem vai impedir que a bandeira se torne vermelha – mas que vai lutar para que continue sendo verde e amarela (e laranja).

Seguindo nesse padrão de criticar, por meio de ironia paródica, os posicionamentos dos bolsominions, o *post* a seguir traz um questionamento sobre o patriotismo verde e amarelo: “A nossa bandeira jamais será... vermelha?”, como se observa a seguir. Temos falado dessa ironia paródica, que visa, por meio de um riso ambivalente, escarniar e criticar, pois ela é, segundo Bakhtin (2018), de suma importância na criação de novos sentidos, inclusive na subversão de convenções estabelecidas.

Figura 68 - Bandeira vermelha



Fonte: Facebook - *Bolsominions*

Nessa imagem, vemos Bolsonaro em primeiro plano, rindo. Atrás, em segundo plano, há um fundo azul com a bandeira dos Estados Unidos hasteada e esvoaçante, transmitindo um ar de superioridade e imponência (pela disposição na imagem, ela está no alto). O enunciado

“nossa bandeira jamais será vermelha”, *slogan* político que vimos ser utilizado pelos apoiadores de Bolsonaro, nesse *post*, torna-se um questionamento.

Acima do lexema “vermelha” há uma seta que aponta para a bandeira dos Estados Unidos, para mostrar que o vermelho, que a extrema-direita tanto rechaça e critica, não é o mesmo (pois as ideologias são diferentes), mas também é a mesma (signo linguístico) coloração presente na bandeira do outro país.

Com isso, mostra-se a contradição de que o sujeito devoto e patriota do Brasil (estampado por Bolsonaro) é o mesmo que faz continência para outra bandeira, de outro país. A bandeira deles jamais será vermelha (como a do PT), mas pode ser vermelha, como a dos Estados Unidos, pelas relações estreitadas entre Bolsonaro e o presidente de lá, Donald Trump.

Nota-se que há muitas semelhanças nos comportamentos de Bolsonaro e Trump, por isso, a crítica feita no *post* sob forma de ironizar o vermelho, tão criticado pela direita, como uma “devoção” de Bolsonaro a Trump. Em estudo que investiga semelhanças entre as duas figuras políticas, Zart (2020) aponta que há uma efetiva influência de características populistas e traços narcisistas no comportamento dos dois líderes, sobretudo em situações de contrariedade e pressão, após análise de conteúdo dos discursos e comportamentos polêmicos semelhantes exibidos pelos dois em episódios de grande visibilidade internacional.

Desde a fase de campanha, Bolsonaro alardeia sua identificação com Donald Trump e absoluta admiração aos Estados Unidos, deixando claro seu desejo de aproximação entre os dois países. Até mesmo a primeira parte do slogan de campanha de Bolsonaro, “Brasil acima de tudo”, guarda inegável semelhança com o *America First*, de Trump (Zart, 2020, 16-17).

Analistas políticos apontam que as estratégias de campanha de Bolsonaro (em 2018) são semelhantes às utilizadas por Trump (em 2016). As candidaturas “antissistêmicas” ganharam força nos últimos anos no cenário global, como na França, Espanha e Itália. Houve um aumento do descontentamento com a democracia, que não respondeu às demandas da sociedade, transformado em um mal-estar. É nesse cenário que as ditas candidaturas antissistêmicas surgem, como única solução possível, em uma perspectiva binária.

Inclusive, em agosto de 2018, Eduardo Bolsonaro, um dos filhos de Jair Bolsonaro, viajou aos Estados Unidos para se encontrar com Steve Bannon, marqueteiro que ajudou a eleger Trump e atualmente atua como estrategista para candidatos de extrema direita no mundo. Essas semelhanças, que vão desde a campanha, continuaram acontecendo após a vitória presidencial de Bolsonaro. Em sua primeira viagem aos Estados Unidos, já como presidente, reforçou essa declaração, como vemos em trecho de uma notícia:

O amor pelos Estados Unidos foi outro ponto comum no discurso dos dois [Bolsonaro e Guedes]. Mais enfático, Bolsonaro disse que "os senhores tem um presidente (Trump) que é amigo dos Estados Unidos, que admira esse país maravilhoso". "Temos no mundo todo alguns bons parceiros, mas acredito que de forma especial, estou aqui estendendo as minhas mãos e tenho certeza que Trump fará o mesmo amanhã", continuou<sup>45</sup>.

Não à toa, similaridades em campanhas políticas e declarações como essa geram posts como o que trouxemos, que questionam como Bolsonaro se coloca diante de Trump, um de seus aliados políticos mais fortes. Ampliando um pouco mais nosso escopo temporal, vemos como tamanha semelhança entre Trump e Bolsonaro continuou repercutindo em cenário não só nacional, como internacional. Embora não seja parte de nosso corpus, trazemos a imagem a seguir, capa da revista *The Economist*, de Londres, para mostrar parte desse elo da comunicação discursiva.

Figura 69 - Capa da edição de 10 de setembro da revista "The Economist"



<sup>45</sup> SENRA, Ricardo. Bolsonaro nos EUA: primeiro dia em Washington tem declaração de amor a Paulo Guedes e críticas a Lula. *BBC News Brasil*, 19 mar. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47622729>. Acesso em: 15 abr. 2024.

Fonte: *The Economist* (via G1)

Com essa imagem, capa da edição de setembro de 2022, o que chama nossa atenção são os sentidos do enunciado “nossa bandeira jamais será vermelha” se ampliando e ganhando novos contornos no cenário político. A imagem mostra Bolsonaro de perfil, com expressão facial fechada, e, ao fundo, a sombra de Trump. A bandeira do Brasil está, ainda, atrás de Trump, ofuscada. O título diz *The man who would be Trump*, em português, “O homem que seria Trump”. Logo abaixo, há um outro enunciado, *Bolsonaro prepares his Big Lie in Brazil*, “Bolsonaro prepara sua Grande Mentira no Brasil”, em português.

Ainda que sua imagem esteja em primeiro plano e centralizada, os signos lexicais em destaque (o que nossos olhos leem primeiro) não o chamam de Bolsonaro, mas de “o homem que seria Trump”, o que reforça um aspecto de cópia ou semelhança, que não é apreciativa, porque o enunciado abaixo o associa a uma Grande Mentira arquitetada no país (no caso, a tentativa de reeleição a presidente, em 2022). Logo, a imagem de Bolsonaro é associada a Trump e aos Estados Unidos depreciativamente, embora ele mantenha essas relações como estritamente apreciativas. Assim é que o questionamento “A nossa bandeira jamais será... vermelha?” se torna um discurso bivocal que polemiza, por meio da crítica irônica, o discurso proferido pelo próprio Bolsonaro ao longo da campanha e do governo.

Como essa temática é uma tônica nas páginas de oposição, o próximo post também critica e polemiza com a relação servil entre o Brasil e os Estados Unidos. Na montagem, há a bandeira dos Estados Unidos em segundo plano; em primeiro plano, Trump segura pela coleira um cachorro que tem o rosto de Flávio, um dos filhos de Bolsonaro, que usa um boné escrito “Trump” e uma guia com a suástica, em alusão ao nazismo. Ou seja, todos os elementos presentes no animal humanizado trazem sentidos negativos, pois utilizados como forma de associá-lo a momentos terríveis da história mundial.

Figura 70 - Cachorro adestrado do Trump



Fonte: Facebook - *Bolsominions*

Na imagem do *post*, lemos “Cachorro adestrado do Trump”, cuja coloração também se assemelha à da bandeira do Estados Unidos (branco, vermelho e azul), como reafirmação de que os valores patriotas verde e amarelo, em território estadunidense, ganham outras formas e outras cores. Flávio, que é o cachorro adestrado de Trump, sintetiza a relação de subserviência do Brasil com os Estados Unidos, como Bolsonaro deixa claro em suas declarações, que se torna uma idolatria descabida, para a oposição que o critica.

A escolha de um cachorro adestrado não é fortuita. Ser adestrado é passar por treinamento para aprender comandos específicos e comportamentos desejados, é ser obediente e fiel ao que foi ensinado. No mundo animal, esse adestramento é positivo por diferentes razões. No caso de uma associação política, não. Reforça a submissão e a servidão. Ser o cachorro de alguém já é uma valoração depreciativa, muito próxima ao sentido que encontramos de ser bolsominion. Essa expressão é usada para descrever alguém extremamente leal, subserviente ou submisso a outro sujeito, é alguém que age como um seguidor cego, sem questionar ou pensar por si mesmo, e que está disposto a fazer qualquer coisa para agradar ou obedecer a essa pessoa.

Temos também a expressão “síndrome de vira-lata” que, aplicada no contexto do *post*, mostra Flavio Bolsonaro como protagonista dessa situação, que valoriza o que é de fora (dos Estados Unidos) como superior, em detrimento do que é nacional, desvalorizando seu próprio país, já que se coloca como um “cachorro adestrado do Trump”.

Ainda dentro desse conteúdo temático de Estados Unidos, Trump, Brasil e Bolsonaro, o *post* a seguir critica essa relação utilizando um sentido sexual entre os dois governantes. Lemos “Bolsonaro já bateu continência para a bandeira dos EUA, se cala para o fato de nossas empresas



serem vendidas a preço de banana para os gringos e agora diz ‘a Amazônia não é nossa’. Aí me vem um retardado e diz que ele é patriota... Ah, vá ser burro assim no inferno”.

Ideologicamente, para revelar as contradições da extrema direita que defende a todo custo Bolsonaro, o sujeito que produz o *post* se coloca como mais patriota do que o próprio Bolsonaro, que a todo momento se declara assim, por discordar de todas as movimentações políticas que não dialogam harmonicamente com uma visão nacionalista, mas, ao contrário, destroem o país ao deixar suas maiores riquezas (empresas e vegetação) à disposição de outros países, como os Estados Unidos.

Figura 71 - Bolsonaro e Trump

Bolsonaro já bateu continência para abandeira dos EUA, se cala para o fato de nossas empresas serem vendidas a preço de banana para os gringos e agora diz “a Amazônia não é nossa”. Aí me vem um retardado e diz que ele é patriota... Ah, vá se burro assim no inferno!



Fonte: Facebook - *Bolsominions*

A relação de Bolsonaro e Trump é colocada como íntima-sexual ao colocá-los, nus, em uma cama. A bandeira dos Estados Unidos, ao fundo, dá o tom de subserviência, uma vez que Bolsonaro, além de se deitar na cama de e com Trump, presta continência militar, uma saudação que, nesse meio, é sinal de respeito dado pelo militar individualmente a seus superiores, iguais ou subordinados, às autoridades, à bandeira ou ao hino nacional. O patriotismo verde e amarelo, presente no discurso de Bolsonaro, é concretizado, nesse *post*, como a continência à bandeira – dos Estados Unidos – e à autoridade – de Trump.

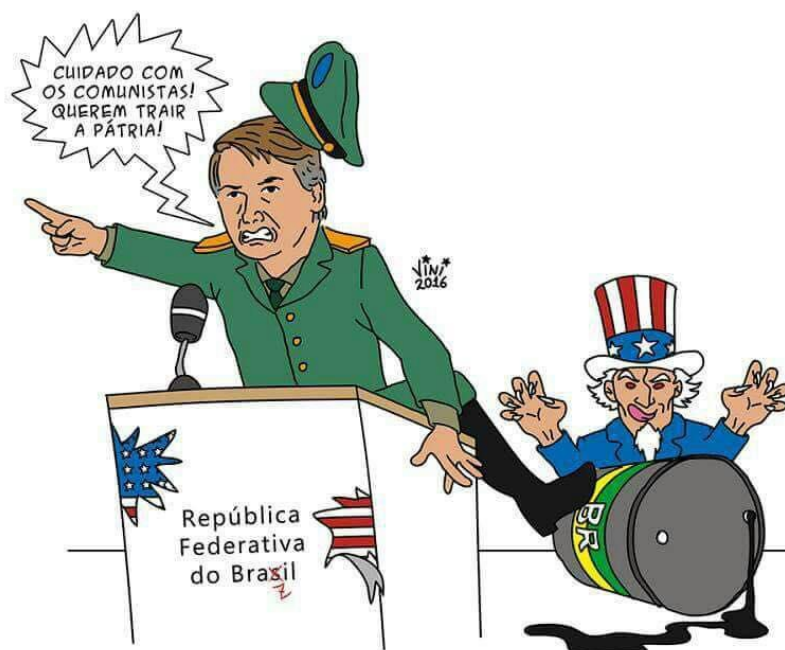
A relação íntima-sexual de Bolsonaro e Trump é, também, de admiração e amor, como colocado no *post*. Acima da cabeça de Bolsonaro, há um pequeno coração, reforçando o

sentimento nutrido por ele em relação ao líder estadunidense. O mesmo não ocorre, não há um coração que se sobressai à cabeça de Trump para Bolsonaro.

Nesse sentido, o *post*, ao fazer uso desses elementos visuais e verbais, unidos, sintetiza uma imagem de “O Patriota”, como podemos ler no centro inferior da imagem, que é o sujeito que se deita (ação que denota intimidade) com outro político, outra nação, outras valorações que contradizem o que, de fato, é ser patriota e valorizar suas riquezas nacionais.

O *post* a seguir também mostra essa contradição patriota. A imagem é uma charge em que Bolsonaro, posicionado em um palanque, com dedo em riste, diz “CUIDADO COM OS COMUNISTAS! QUEREM TRAIR A PÁTRIA!”, ao mesmo tempo em que, com um dos pés, chuta um barril de petróleo em direção ao Tio Sam, a imagem personificada dos Estados Unidos.

Figura 72 - Ameaça patriota



Fonte: Facebook - Bolsominions

O tom agressivo de sua voz, utilizada para se referir aos comunistas que traem a pátria, fica por conta, na charge, na caixa alta utilizada para verbalizar a fala de Bolsonaro, e no balão de grito, todo reproduzido em linhas espalhadas em formato de explosão e ponta também. Esse tom assertivo, agressivo, que vocifera as palavras para se dirigir a uma ameaça que existe tão claramente no imaginário desses sujeitos de extrema direita é colocado em xeque, na imagem, ao



valorar a relação Brasil e Estados Unidos negativamente, de subserviência, com trâmites “por baixo dos panos”.

Primeiro, o palanque no qual Bolsonaro se apoia está revestido de um papel branco, em que se pode ler “República Federativa do Brasil”. Esse papel branco esconde, no canto superior esquerdo e canto inferior esquerdo da imagem, partes da bandeira dos Estados Unidos (o fundo azul com estrelas brancas à direita e as linhas brancas e vermelhas). Ainda, Brasil, no palanque, está rasurado com um X vermelho em cima da letra S, com a inserção de um Z logo abaixo, tendo-se “República Federativa do Brazil” em uma leitura atualizada. Isso revela, em detalhes sutis na imagem, a valoração do Brasil de Bolsonaro como um país que se entrega e entrega seu barril de petróleo aos Estados Unidos de Tio Sam.

Tio Sam que, por sua vez, é representado de maneira agressiva e sedenta por esse barril de petróleo chutado em sua direção por Bolsonaro. Visualmente, sua expressão facial é feroz, com os olhos vermelhos e a língua entortada para fora da boca, junto às mãos erguidas, com unhas compridas e afiadas, o Tio Sam é, na verdade, uma espécie de Lobo Mau dos contos de fadas para o Brasil. Embora sua posição, na charge, seja de inferioridade (ele está atrás abaixo e atrás do palco no qual Bolsonaro vocifera), isso só ocorre em espacialidade. Na verdade, o Brasil de Bolsonaro está em posição de inferioridade ao, mais uma vez, se sujeitar aos Estados Unidos de maneira servil.

Ainda ironizando a valoração de patriotismo, o *post* abaixo faz uma expectativa (imagem de cima) e realidade (imagem de baixo) para, além de criticar a postura de Bolsonaro, rir de quem o apoia e acredita que ele seja um herói nacional (um mito, como comumente é chamado por seu coro político). Verificamos como essa imagem é parodiada, uma vez que, na página que defende Bolsonaro, encontramos imagens que dialogam com essa imagem da expectativa, de um homem imponente que vai salvar e lutar pelo país.

Figura 73 - Expectativa e realidade



Fonte: Facebook - *Bolsominions*

Como herói nacional imaginado pela extrema direita, Bolsonaro está em uma posição ativa e central na parte superior da imagem (expectativa), com um cenário de destruição (bandeira do PT queimada) e reconstrução (bandeira do Brasil) em segundo plano. Bolsonaro salva o país da ameaça petista, comunista e tudo o que a extrema direita acredita ferir suas valorações. Ainda, ele é quem faz “justiça com as próprias mãos”, uma vez que está armado e atira em algo ou alguém não reproduzido pela imagem, mas claramente parte dessa ameaça.

Dessa forma, a extrema direita possui uma imagem mental de Bolsonaro como um justiceiro, herói e mito capaz de salvar o país e recuperá-lo dos destroços deixados pelo antigo governo. Flertando com a valoração do armamento ao cidadão de bem, que vota a favor do porte de arma para defender a si mesmo, sua família, sua honra e seus iguais, Bolsonaro mimetiza esse *status quo*.

Contudo, como o *post* visa criticar e gerar humor por meio da construção de sentidos, com uma imagem visual, a realidade de Bolsonaro é a de um sujeito entregue ao sono, diferente de todas as valorações míticas conferidas a ele por meio de seu eleitorado. O autor do *post*, por

meio de um recorte de um vídeo de julho de 2017, utilizou uma foto de Bolsonaro dormindo durante uma votação no plenário da Câmara<sup>46</sup>.

Ao escolher justamente essa imagem, dentre muitas outras que circulam a respeito dessa figura política, reforça uma postura de não comprometimento no trabalho que realiza enquanto deputado (que visa o maior cargo político do país, diga-se de passagem, à época). Não à toa, ao ser flagrado entregue ao sono durante seu trabalho, a imagem dialoga com notícias de que ele, ao longo dos 26 anos como deputado, foi o que menos aprovou projetos no Congresso – apenas dois<sup>47</sup>.

Um outro tipo de *post* que visa descaracterizar uma imagem de imponência construída pela extrema direita é o que traz a postura de Bolsonaro nos debates presidenciais. O tema foi recorrentemente recuperado em diversos momentos da campanha política por dois motivos: o primeiro foi a “cola na mão”, o segundo, a fuga (não-comparecimento) aos debates.

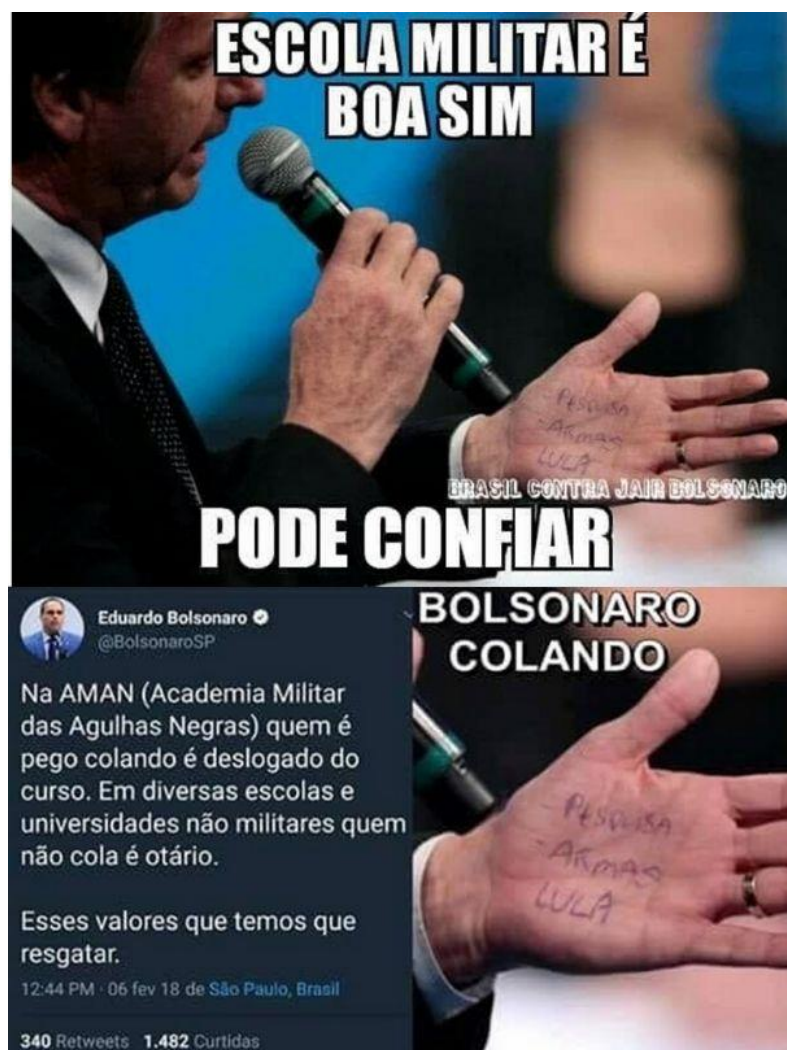
Na primeira situação, a de ser pego “colando” no debate, temos dois *posts* que humorizam a situação a partir de uma valoração cara ao grupo de extrema direita, principalmente porque dialoga com o militarismo. Aqui, a escola e o ensino militar são colocados como pauta para questionar os conhecimentos de Bolsonaro, uma vez que a prática de “colar”, no ambiente de sala de aula, consiste em um ato praticado no momento de avaliação. Sem saber o conteúdo, um aluno copia as respostas de um outro colega, ou prepara algum tipo de material para que possa ser consultado clandestinamente (escrever na palma da mão, em um papel dobrado no bolso, na borracha e apontador no estojo, dentre outras possibilidades).

---

<sup>46</sup> Jair Bolsonaro dorme no plenário durante votação na Câmara. *O Globo Política*, s/d. Disponível em: [https://oglobo.globo.com/politica/jair-bolsonaro-dorme-no-plenario-durante-votacao-na-camara-21580878?fbclid=IwZXh0bgNhZW0CMTEAAAR2g7K61YG0DdmDI7DSP-YkRKMloHo\\_WSKswWuCwNKwdNUgFlue5jrNVsz8\\_aem\\_AYgmTCvODLWqkNREFw4vMbZ5nNph2Gms-3NrPXNTAUzRQ5dhLzEuz1KnrW0AZ1Jo\\_n43tJXlyRBx6NHPhhVM3\\_Rl](https://oglobo.globo.com/politica/jair-bolsonaro-dorme-no-plenario-durante-votacao-na-camara-21580878?fbclid=IwZXh0bgNhZW0CMTEAAAR2g7K61YG0DdmDI7DSP-YkRKMloHo_WSKswWuCwNKwdNUgFlue5jrNVsz8_aem_AYgmTCvODLWqkNREFw4vMbZ5nNph2Gms-3NrPXNTAUzRQ5dhLzEuz1KnrW0AZ1Jo_n43tJXlyRBx6NHPhhVM3_Rl). Acesso em: 13 abr. 2024.

<sup>47</sup> Bolsonaro aprova dois projetos em 26 anos de Congresso. *Estadão*, 23 jul 2017. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/politica/bolsonaro-aprova-dois-projetos-em-26-anos-de-congresso/>. Acesso em: 13 abr. 2024.

Figura 74 - Bolsonaro "cola" no debate



Fonte: Elaboração autoral (Canva) a partir do Facebook - *Bolsominions*

No segundo debate presidencial, promovido pela RedeTV! E pela revista IstoÉ, em agosto de 2018, o que chamou a atenção foram as anotações na palma da mão de Bolsonaro, de modo que começou a circular memes, *posts* e outras formas de rir da “cola” que Bolsonaro trazia para não se esquecer de falar sobre.

O momento em que a câmera da emissora flagra a cola na palma da mão de Bolsonaro é quando ele se dirige a candidata Marina Silva para questioná-la sobre sua posição quanto à liberação do porte de armas. Assim, vemos que ele, de fato, “colou”, já que as três palavras escritas na palma de sua mão são “pesquisa”, “armas” e “Lula”.

No primeiro *post*, temos uma montagem com a foto de Bolsonaro no debate olhando para sua mão, com os textos divididos na parte superior e inferior da imagem: “Escola militar é boa sim/Pode confiar”, com uma marca d’água no canto inferior direito “Brasil contra Jair Bolsonaro”.

No segundo *post*, temos duas situações que o constituem, sendo a primeira um *tweet* (verídico) de Eduardo Bolsonaro, um dos filhos de Jair, que diz “Na AMAN (Academia Militar das Agulhas Negras) quem é pego colando é deslogado do curso. Em diversas escolas e universidades não militares quem não cola é otário. Esses valores que temos que resgatar.”, feito em fevereiro de 2018, com a imagem, ao lado, da mão de Bolsonaro, com o texto na parte superior “Bolsonaro colando”.

Os dois *posts* relacionam a situação vivida no debate com o ambiente escolar, uma valoração cara aos bolsonaristas, principalmente se for um ensino militar (como é visto no *tweet* de Eduardo). O primeiro é uma forma de crítica, visto que traz a dúvida de que esse ensino militar seja realmente de qualidade, visto que Bolsonaro é fruto desse meio e, ainda assim, “cola” diante de uma situação em que é avaliado enquanto candidato para presidência.

Ao colocar a imagem da mão de Bolsonaro junto ao enunciado de que a escola militar é boa, cria-se uma imagem contraditória, visto que por ser ex-aluno desse tipo de instituição, o candidato não precisaria recorrer a esse tipo de atitude. Isso fica evidente com o texto final “pode confiar”, em tom irônico, dito em outra entonação, pois inverte o sentido do enunciado superior. Ao pretender um sentido oposto ao que as palavras literalmente dizem, a ironia está em dizer que pode confiar na qualidade da escola militar, quando, na verdade, está dizendo, sem utilizar essa estrutura linguística, que, na verdade, não se deve confiar na qualidade (haja visto o Bolsonaro precisando recorrer à cola no debate presidencial).

Já no segundo *post*, a situação do debate é concatenada ao *tweet* de Eduardo para mostrar que seu próprio pai, pego colando no debate, sofreria a consequência de ser desligado do curso na Academia Militar, ao infringir uma regra que deve ser resgatada como parte do discurso conservador retratado pelo grupo, em oposição a outras instituições, que não são militares, e não punem esse tipo de infração.

Mais uma vez, a educação é trazida como pauta para criticar o que o grupo de oposição considera ser ou não o ideal, visto que escolas e universidades não militares são as que “destroem” os valores tradicionais de educação de punição. É por isso que a política de extrema direita precisa resgatar esses valores (em seu *tweet*, Eduardo fala a seu coro político, o verbo flexionado em terceira pessoa do plural, “temos”, que é o mesmo de Jair, dada a orientação política deles).

A outra situação que gera efeitos de humor, ao mesmo tempo que também de crítica, em relação ao debate, é o de Bolsonaro “fugir” dos debates do segundo turno, em que enfrentaria seu oponente frente a frente, Fernando Haddad, uma vez que deixou de comparecer desde que sofreu um atentado em Juiz de Fora (MG). Inicialmente, a ausência se deu por estar

hospitalizado e se recuperando após o episódio da “facada”, contudo, não houve mais comparecimento do candidato mesmo após a alta hospitalar. Foi em 18 de outubro que houve o anúncio de que ele não compareceria mais, informação reforçada pelo presidente de seu partido à época, Gustavo Bebianno.

A atitude de que ele estava fugindo foi endossada após os médicos que cuidaram de seu caso declararem que o comparecimento de Bolsonaro a debates dependia dele, ou seja, do ponto de vista clínico, o candidato estava liberado e não o fez. Esse é o contexto sobre o qual os dois posts a seguir se relacionam.

Figura 75 - Bolsonaro foge de debate



Fonte: Elaboração autoral (Canva) a partir do Facebook - *Bolsominions*

No primeiro *post*, há uma montagem de Haddad, na parte superior, e de Bolsonaro, na parte inferior da imagem, tal divisão colocando no plano gráfico quem é considerado acima e quem é considerado abaixo nessa situação. Haddad, sorridente e feliz, faz um sinal de joinha (positivo com o polegar), ao passo que um texto verbal ao seu lado esquerdo diz “Verás que um filho teu não foge à luta”, trecho do hino nacional brasileiro. Bolsonaro é representado com duas imagens que o mostram se esquivando (esquerda) e com ar de preocupação (direita). No meio, o texto “Corre de debate”.

Há um contraste na imagem, ao passo que Haddad é representado com elementos gráficos que retomam uma identidade verde e amarela, constantemente utilizada por Bolsonaro (pois se apropria da identidade visual da bandeira do país e de suas insígnias oficiais), a imagem de Bolsonaro está em um tom de sépia, bege-amarelado, reforçando que o candidato



“amarelou”, que, no sentido figurado e popular, significa que teve medo diante de alguma situação, se acovardou.

Assim, vemos como o ideológico se manifesta em qualquer forma s gnica, ao colocarem Haddad como a representação de herói nacional, para esse grupo, já que ele não se esquivava do debate (“não foge à luta”), automaticamente Bolsonaro é colocado como fragilizado, questionando sua imagem de mito que salva a pátria. Temos, assim, uma situação construída que dialoga diretamente com um contexto imediato vivido pelo *post*, que é compreendido a partir de um discurso citado diretamente (trecho do hino), das imagens escolhidas para representar cada candidato de acordo com a postura frente ao debate, e a coloração associada a cada um.

No *post* ao lado, não temos a imagem de Haddad como o oponente direto de Bolsonaro, mas a situação de não comparecimento ao debate é a mesma. O mesmo tom amarelo é usado em todo o *post*, já que a imagem de plano de fundo é ocupada só por Bolsonaro. Lemos no canto esquerdo superior: “BOLSONARO FOGE DE DEBATE PARA MENTIR NO WHATSAPP, seguido de “#BolsonaroAmarelou”, com uma manchete *Estadão* no canto inferior direito, que diz: “Bolsonaro é liberado para ir a debates, dizem médicos”.

Assim, a manchete do jornal é trazida como um discurso de autoridade para mostrar que a postura de Bolsonaro não tem base em ordem médica, mas em motivação pessoal. Mas isso não significa que, por não estar presente, ele não esteja se movimentando politicamente, pois o *post* traz que ele não estava no debate para “mentir no WhatsApp”, situação evocada após o escândalo de caixa 2, em que empresários financiaram o disparo de mensagens para favorecer o candidato com base em mentiras que desfavoreciam o outro.

Os *posts* a seguir versam sobre a temática de crítica às posturas de Jair Bolsonaro utilizando a identidade visual do verde e amarelo. Assim, h  uma aparente concepção de apoio, mas o conteúdo apresentado revela o contrário, ou seja, que o verde e amarelo patriótico defendido por ele e por seus apoiadores  , naquela situação, uma crítica.

A situação que recupera o contexto imediato deste *post*   o caso de caixa 2, crime eleitoral que não declara ou esclarece a origem do dinheiro recebido e utilizado na campanha. A suspeita levantada foi sobre empresas que financiaram a campanha de Bolsonaro no WhatsApp. Sendo assim, existia elementos para, naquele momento, impugnar a candidatura de Bolsonaro   presidência.

Figura 76 - Impugnação



Fonte: Facebook - *Bolsominions*

Nesse sentido, o *post* se posiciona favorável à essa impugnação da candidatura. O plano de fundo da imagem é verde, e as letras, brancas e amarelas, referenciando a bandeira do país de uma maneira crítica e parodiada, subvertendo a valorização de patriotismo e nacionalismo conferidos pela extrema direita. Essa crítica se faz em razão dos escândalos políticos, uma vez que lemos: “TSE É MELHOR JAIR IMPUGNANDO”. O autor do *post* pede que o Tribunal Superior Eleitoral, o TSE, impugne a candidatura de Jair Bolsonaro.

Para tanto, além de parodiar as cores da bandeira como uma crítica ao patriotismo declarado do até então candidato, também utiliza recursos da sintaxe e da fonética da língua portuguesa para construir o tópico frasal. O nome do candidato, Jair, é utilizado como o equivalente a “já ir”, uma expressão para denotar que algo aconteça imediatamente, como o caso de impugnar Bolsonaro na eleição. O “já” é advérbio de tempo e o “ir” é a forma infinitiva do verbo de movimento. Quando pronunciados em sequência, juntos, produzem foneticamente o mesmo som do nome de Bolsonaro, Jair.

Nesse sentido, por meio da ordem das palavras no enunciado, escolhidas não ao acaso, mas de forma a “brincar” com o nome do candidato ao mesmo tempo em que critica e reafirma uma denúncia de crime eleitoral. Podemos depreender isso a partir dessa análise feita no plano linguístico (sintaxe e fonética) e ideológico (situação englobante e contempladora da impugnação sobre a qual o *post* fala).

Ainda usando as cores patriotas, os dois *posts* a seguir têm a mesma forma de tratar um mesmo conteúdo: a nova proposta para o imposto de renda<sup>48</sup>. Nela, Bolsonaro defendeu a

<sup>48</sup> Bolsonaro defende isenção de IR para até 5 salários mínimos e diz que não fará indicações políticas em ministérios. *G1 Eleições* 2018, 24 set. 2018. Disponível em:



proposta de seu assessor econômico, Paulo Guedes, que após sugerir a faixa única de tributação, alterou para isentar do imposto de renda quem ganha até cinco salários-mínimos. Já quem ganha acima disso, será cobrada uma alíquota única de 20%.

Com essa proposta, Bolsonaro estaria beneficiando os mais ricos, como empresários, produtores rurais e grandes comerciantes. É nesse sentido que os dois *posts* apresentam uma tabela para apresentar e ilustrar, de maneira didática, como isso ocorrerá, na prática, “no bolso” dos brasileiros.

Figura 77 - Tabela de imposto de renda



Fonte: Elaboração autoral (Canva) a partir do Facebook - Bolsominions

O primeiro *post* é intitulado “Nova tabela do imposto de renda proposta por Bolsonaro”, em cujo plano de fundo é azul com um padrão de estampa de cifrão. Ao lado do título do post, há uma imagem recortada de Bolsonaro fazendo a arminha com as mãos, imagem recorrentemente veiculada durante sua campanha. Na parte inferior, há o enunciado “Ganhe menos, pague mais!!”, com a imagem recortada de Eduardo e Flávio Bolsonaro, também fazendo a arminha com as mãos. No centro da imagem, a tabela que mostra os valores de acordo com a renda mensal e o valor pago em imposto de renda, atualmente e após aprovada a proposta de Bolsonaro.

O segundo *post* dialoga diretamente em tema e forma com o primeiro. Intitulado de “Proposta para imposto de renda/Quem ganha menos, vai pagar mais imposto”, não traz as imagens de Bolsonaro nem de seus filhos, mas sim seu nome, na parte superior e central da imagem, assim como o nome de seu partido, PSL, na parte superior esquerda, e seu número de urna na parte superior direita. Por fim, no plano visual, traz como cores de fundo o verde, o amarelo e o azul. A tabela é a mesma do outro *post*, em que constam os valores de renda mensal e a quantia paga em imposto de renda.

O ponto que merece destaque nessa tabela é a do valor final, que consta na última coluna “Então você vai pagar”, que mostra quanto a mais ou a menos vão pagar os sujeitos a partir dessa proposta. Fica claro, pelas cores em vermelho e negrito, que quem ganha menos, os que são os primeiros da tabela, vão pagar mais do que já pagam com o modelo atual. E a crítica reside em mostrar que quem está por último na tabela, porque possui uma renda mensal maior, vai pagar menos (com destaque em negrito e em verde).

A forma utilizada para didatizar a tabela com a proposta do imposto de renda foi a de destacar os valores que, de fato, sairão “do bolso” da população brasileira, principalmente os mais pobres ou com menor renda, em comparação aos que já possuem uma renda maior e, portanto, serão menos afetados do que os que realmente necessitariam de uma redução maior ou isenção.

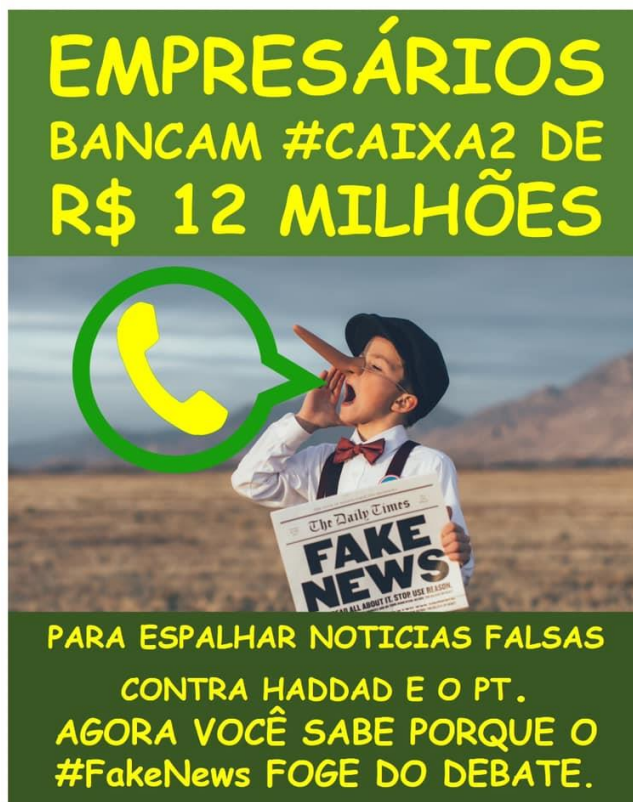
Os dois *posts* escolhem uma estratégia discursiva de ressignificar a identidade visual utilizada em *posts* pró-Bolsonaro. Notavelmente, uma identidade visual é um conjunto de elementos gráficos utilizados com o objetivo de comunicar uma ideia, uma valoração, um propósito, seja de uma empresa, um produto ou um serviço. Isso é trazido para as redes sociais também pelos políticos, que visam, por meio da identidade visual, ser facilmente reconhecido dentre os demais. Assim, nome, *slogan*, cores e tipografia são alguns elementos que ajudam a identificar um ou outro candidato político.

A escolha de Bolsonaro foi reafirmar suas valorações a partir do uso de verde e amarelo na sua campanha política *online* e *offline*, diretamente relacionado à cor da bandeira do país. Logo, ao identificar as cores verde e amarelo, logo associa-se a Bolsonaro ou a extrema direita, que compactua das mesmas valorações.

Mais uma vez, a estética verde e amarela da campanha de Bolsonaro é utilizada de maneira subvertida para criticar uma imagem patriota veiculada pela extrema direita. Aqui, o objetivo é criticar e denunciar o escândalo de caixa 2 na campanha eleitoral. No plano verbal, temos: “EMPRESÁRIOS BANCAM #CAIXA2 DE R\$ 12 MILHÕES/PARA ESPALHAR NOTÍCIAS FALSAS CONTRA HADDAD E O PT. AGORA VOCÊ SABE PORQUE O #FakeNews FOGE DO DEBATE.”.

No centro da imagem, há uma criança com a mão na boca, em uma expressão de grito. O que sai de sua boca (um balão de fala normalmente utilizado nas HQs) é o símbolo do WhatsApp. Seu nariz é alongado como o de Pinóquio, personagem ficcional da Disney conhecido por ter seu nariz aumentado a cada vez que mente. O jornal que o menino segura traz a manchete “FAKE NEWS”.

Figura 78 - Menino Pinóquio divulga fake news



Fonte: Facebook - *Bolsominions*

O uso das cores verde e amarela ficam por conta do plano de fundo da imagem e da cor da fonte utilizada, respectivamente. Ainda, o símbolo de WhatsApp também foi adaptado para as cores da bandeira do Brasil, relacionando o aplicativo de mensagens ao caixa 2 da campanha eleitoral de Bolsonaro, alavancada por empresários que destinaram R\$ 12 milhões para espalhar notícias falsas, as famosas *fake news*. O grupo que se opõe a Bolsonaro o associa constantemente a *fake news*, que já foi comprovado que ele repassou e reproduziu largamente, de modo que no *post* ele é nomeado como o #FakeNews que foge do debate.

Aqui temos um dos poucos *posts* que traz um apoio explícito a Haddad, principal oponente de Bolsonaro nas eleições, e ao PT, partido de sua filiação. A denúncia aqui se faz não só pelo caixa 2, mas também por disseminar *fake news*, tema recorrentemente recuperado no *post*, uma vez que as *fakes news* não são apenas uma estratégia de repassar informação incompleta, mas de circular uma informação ou notícia falsa intencionalmente, a fim de atingir interesses de determinados sujeitos ou grupos.

Assim, essa circulação com intenção clara de desinformar a partir de mentiras e enganações acerca do outro oponente político é alvo de denúncia no *post*, tanto pela gravidade do ato quanto pelo apoio recebido por empresários, que financiaram esse tipo de estratégia política, com o claro objetivo de interferir nos rumos da eleição.

Ainda nessa linha de pensamento de criticar valores que são caros ao grupo de extrema direita, os *posts* a seguir se mostram contra a posse de arma da população, tema amplamente defendido pelos bolsonaristas. Inclusive, foi promessa eleitoral de Bolsonaro a facilitação para a posse de armas por meio de projeto de lei, umas das primeiras medidas quando já empossado como presidente<sup>49</sup>.

---

<sup>49</sup> Bolsonaro assina decreto que facilita posse de armas. *G1 Política*, 15 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/15/bolsonaro-assina-decreto-que-facilita-posse-de-armas.ghtml>. Acesso em: 13 abr. 2024.

Figura 79 - Anúncio de armas

Dai uns pobres defendem a legalização das armas de fogo. Filho, a gente não vai ter arma, nós somos pobres, precisamos comer, pagar boletos. Quem vai andar armado é o cara rico de Land Rover, com um bom advogado pra defendê-lo qdo ele confundir tu com bandido. Ou vc acha q Bolsonaro vai inventar o "Minha arma, minha vida"?



Fonte: Facebook - *Bolsominions*

No *post*, na parte superior, podemos ler: “Dai uns pobres defendem a legalização das armas de fogo. Filho, a gente não vai ter arma, nós somos pobres, precisamos comer, pagar boletos. Quem vai andar armado é o cara rico de Land Rover, com um bom advogado para defendê-lo qdo ele confundir tu com bandido. Ou vc acha q Bolsonaro vai inventar o ‘Minha arma, minha vida’?”. Seguem-se imagens de diferentes armas, com preços variados entre R\$ 7.848,00 a R\$ 10.999,00. Aqui, temos uma aproximação feita pelos contrários a Bolsonaro aos que são favoráveis a Bolsonaro, visto que no plano verbal, as expressões “a gente” e “nós” faz esse recorte de público a quem se destina o *post*.

No início, há o vocativo “filho”, chamando para conversar e explicar para quem defende a posse de arma que aquela medida não o contemplará, pois, assim como quem escreve é pobre,

o sujeito que defende essa posse, chamado, durante esse período eleitoral, como “pobre de direita” (diálogo com as *hashtags* de apoio e inclusão de caixa 2 e de laranjas), também é pobre e se enquadra na população de baixa-renda, com necessidades básicas de comer e pagar boletos (contas de energia elétrica, água, internet, aluguel, dentre outras), logo, sem que haja a sobra de dinheiro para pagar à vista ou parcelado uma arma.

O paralelo de afirmar que um pobre não será contemplado se dá na medida que coloca um segundo sujeito na conversa, o rico de Land Rover (modelo de carro), que terá dinheiro não só para pagar esse tipo de arma (que passa, e muito, do valor de um salário-mínimo, que mal cobre as contas básicas da população pobre), como também para um “bom” advogado no caso de mau uso dessa arma (atirar em “legítima defesa”). Ainda, ao dizer que esse rico pode “confundir tu [pobre] com bandido”, o autor do post, mais uma vez, reforça que esse tipo de decreto de facilitação de arma não o contempla, pois ele mais se aproxima do que pessoas ricas consideram como um “bandido” do que com uma pessoa de igual *status*, “rica”.

A crítica nesse *post* é a de que uma pessoa, considerada pobre, pois não tem posses ou empreendimentos, não se enquadra como detentora de grande capital, defenda interesses de um grupo político que seja notavelmente diferente da sua realidade socioeconômica. Ainda que haja problemáticas envolvendo a expressão “pobre de direita”, utilizamos como forma de mostrar o modo pelo qual esse grupo político era referenciado por quem o criticava, cujo intuito era reforçar algumas valorações que são caras a eles, mas que não são parte de sua realidade econômica, logo, defendem uma ideia, não uma concretização do ato.

Ainda criticando o posicionamento de Bolsonaro de defender o porte de arma como uma medida legal de seu mandato, os *posts* a seguir se posicionam contra esse tipo de medida, e utilizam, como situação próxima para alertar (por meio de uma crítica acusatória), o episódio da facada contra Bolsonaro, quando uma pessoa, em meio à multidão de um comício, o feriu na barriga<sup>50</sup>.

---

<sup>50</sup> Jair Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora. *G1*, 6 set. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2018/09/06/ato-de-campanha-de-bolsonaro-em-juiz-de-fora-e-interrompido-apos-tumulto.ghtml>. Acesso em: 14 abr. 2024.



Figura 80 - Violência



Fonte: Elaboração autoral (Canva) a partir do Facebook - *Bolsominions*

Tanto o primeiro quanto o segundo *posts* trazem uma relação de causa e consequência. Assim, lemos no primeiro “Quem planta ódio... colhe violência” e, no segundo, “Não pregue a violência/A vítima poderá ser você”. O que amplia os sentidos desses posts para a situação da facada sofrida por Jair Bolsonaro são tanto o período que circularam, em setembro de 2018, logo, uma relação espaço-temporal, quanto os elementos que constituem os dois. Em nenhum dos enunciados há menção direta a Bolsonaro, mas a arminha com as mãos e a faca, no primeiro post, colocam em diálogo a figura política com a situação, assim como a estética verde e amarela, no segundo *post*.

Ambos, portanto, falam sobre como a violência é uma tônica pregada, (in)diretamente, pelo candidato em seus discursos, de modo que essa foi a causa (semear ódio, falar de violência, armar a população) que o levou a ser esfaqueado, como consequência de seus próprios atos.

No primeiro enunciado, a estrutura frasal é uma construção condicional implícita. Não há uma conjunção condicional explícita (“se”), mas a relação de causa e efeito é claramente sugerida. O uso do pronome relativo “quem” liga a ação de plantar ódio diretamente à consequência de colher violência, assim, colocando Bolsonaro (as arminhas com a mão) sendo vítima de seu próprio discurso de ódio (a mão que empunha a faca).

Já no segundo enunciado, além de causa e consequência, identificamos um tom de advertência. É um aviso que, ao promover a violência, o próprio sujeito corre o risco de se tornar vítima dela. O primeiro enunciado verbal dá uma ordem negativa, visto que utiliza a forma imperativa do verbo precedida de uma negação (“Não pregue a violência”), enquanto a segunda fornece uma possibilidade de justificativa para esse imperativo, como o sujeito que sofrerá a consequência (“A vítima poderá ser você”). O enunciado, ao mesmo tempo que visa alertar e prevenir sobre ações de violência, reforça que o impacto delas já é vivenciado pelo sujeito (ao ter sido circulado logo após o episódio da facada).

Por fim, os *posts* a seguir são os que retratam e reafirmam as valorações apreciativas a quem se opõe contra Bolsonaro. O movimento mais expressivo de defesa de posicionamento político foi o #EleNão, que surgiu como uma reação popular contra a candidatura de Jair Bolsonaro à presidência, e iniciado principalmente por mulheres (mas, não se limitou a esse grupo, visto que acabou ganhando apoio de outros segmentos da sociedade).

O #EleNão foi criado diante da preocupação com as declarações e posições políticas de Bolsonaro, com posicionamentos que muitas consideravam misóginos, homofóbicos, racistas e autoritários. As manifestações começaram a ser organizadas nas redes sociais, principalmente no grupo *Mulheres Unidas Contra Bolsonaro*, no Facebook<sup>51</sup>, desse modo, saiu das telas das redes sociais e ganhou as ruas com atos de manifestação. As principais motivações incluíam a defesa dos direitos das mulheres, da comunidade LGBTQIAPN+, das minorias raciais e a preservação da democracia e dos direitos humanos.

Figura 81 - Movimento Ele Não



Fonte: *O Globo*

<sup>51</sup> ROSSI, Amanda Rossi; CARNEIRO; Julia Dias; GRAGNANI, Juliana. #EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos. *BBC News Brasil*, 30 set. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>. Acesso em: 17 abr. 2024.



O movimento ganhou força nas redes sociais e a *hashtag* #EleNão viralizou, ao passo que milhares de pessoas compartilharam suas razões para se opor a Bolsonaro, utilizando-a para unificar a mensagem contrária a Bolsonaro e se mostrar parte desse movimento. Dessa forma, os *posts* a seguir contemplam, ainda que de maneira sintetizada, o posicionamento de diferentes grupos sociais que se declararam contrários a Bolsonaro.

O que podemos observar, por meio de uma visão panorâmica dos *posts* agrupados a partir desse mesmo conteúdo temático, é que o movimento #EleNão foi uma resposta significativa e multifacetada à candidatura de Jair Bolsonaro, refletindo as preocupações sociais e políticas daqueles que se opunham à sua figura política. Dentre as declarações consideradas polêmicas de Bolsonaro, destacamos algumas que falam diretamente aos grupos sociais representados pelos *posts*:

- “Eu falei que não ia estuprar você (a então deputada Maria do Rosário) porque você não merece (em discurso na Câmara, em 2003). Ao explicar a frase ao jornal Zero Hora em dezembro 2014: “Ela não merece (ser estuprada) porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar porque não merece”.
- “Seria incapaz de amar um filho homossexual. Não vou dar uma de hipócrita aqui: prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo” (em uma entrevista com a revista Playboy em junho de 2011).
- “Eu fui num quilombo em Eldorado Paulista. Olha, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada! Eu acho que nem para procriador ele serve mais. Mais de R\$ 1 bilhão por ano é gasto com eles” (Em palestra no Clube Hebraica, abril de 2017).
- “Deus acima de tudo. Não tem essa historinha de Estado laico não. O Estado é cristão e a minoria que for contra, que se mude. As minorias têm que se curvar para as majorias” (encontro na Paraíba, fevereiro de 2017) (IstoÉ, 2018)<sup>52</sup>.

Embora as declarações sejam um pequeno recorte e existam outras que tocam nessas questões de minorias e grupos sub-representados nas falas de Bolsonaro, trouxemos como forma de mostrar a qual tipo de enunciado os *posts* a seguir respondem enquanto oposição. Embora não haja a recuperação das declarações de Bolsonaro nos *posts* no formato de discurso citado, eles existem enquanto uma resposta que lança cada enunciado em um elo comunicativo.

A maioria dos *posts* são de teor feminista, visto que foi o pontapé inicial do movimento. Começamos com imagens feministas que circularam na página como forma de demonstrar apoio à não eleição de Bolsonaro. Imagens como a de Rosie, a rebitadora (símbolo feminista e mulher trabalhadora dos Estados Unidos), e Mafalda, personagem das tirinhas criada pelo

<sup>52</sup> AFP. Frases de Bolsonaro, o candidato que despreza as minorias. *IstoÉ*, 24 set. 2018. <https://istoe.com.br/frases-de-bolsonaro-o-candidato-que-despreza-as-minorias/>. Acesso em: 14 abr. 2024.

cartunista Quino. Ambas são figuras femininas consideradas a partir de uma perspectiva histórica, icônicas, por isso são utilizadas como mote de um movimento político que se opõe a um candidato que prega valorações contrárias ao que elas representam enquanto personagens históricas.

Figura 82 - Rosie e Mafalda



Fonte: Elaboração autoral (Canva) a partir do Facebook - *Bolsominions*

Na montagem, temos à esquerda as imagens “originais” e, à direita, as imagens produzidas e circuladas na página de nosso *corpus*. Vemos como as duas imagens foram ressignificadas e ganharam novos sentidos para somar na luta contra a candidatura de Bolsonaro, em 2018. Em vez do famoso enunciado *We can do it!* (“Somos capazes”, em português), presente no cartaz em que Rosie aparece como representação das mulheres estadunidenses que, durante a Segunda Guerra Mundial, trabalharam em fábricas na produção de armas, munições e suprimentos, substituindo os homens que haviam ido para a guerra, temos “ELE NÃO” e “ELE NUNCA”.

O mesmo ocorre com a tira de Mafalda, personagem conhecida por suas reflexões filosóficas, críticas sociais e desejo de justiça social. Em vez de “Basta!”, um grito de protesto

vivido pela ditadura militar na Argentina, entre 1966 e 1973, a Mafalda é ressignificada para gritar, no Brasil de 2018, “#Elenão” e “#Elenunca”. Utiliza-se, assim, uma imagem parodiada de duas personagens femininas para endossar uma causa a partir de valorações que são apreciativas. Para afirmar o posicionamento de #EleNão, utilizou-se não imagens que desqualifiquem Bolsonaro como um candidato que não merece ser votado, mas imagens que potencializam o discurso de oposição a ele.

Como pautas e causas sociais que dialogam com o feminismo, temos também, nesse rol de *posts* que circularam na página, os que retratam o posicionamento da comunidade LGBTQIAPN+, com o enunciado “Se fere minha existência, serei resistência”, finalizado com “Ele Não”, a marca registrada do movimento contra Bolsonaro. No *post* à esquerda, há a representação de diferentes gêneros que demonstram a pluralidade não contemplada pelo candidato de oposição, que se diz defensor do conservadorismo<sup>53</sup>, com a família tradicional, heterossexual e cisgênero, sendo uma imagem propagandística de representação de valores que excluem, por decisão, uma forma de existência diferente da sua.

Figura 83 - Existência e resistência



Fonte: Elaboração autoral (Canva) a partir do Facebook - *Bolsominions*

Ainda, no centro superior da imagem, há um arco-íris, símbolo amplamente reconhecido da comunidade LGBTQIAPN+ como bandeira de orgulho e luta. É, assim, um ícone de

<sup>53</sup> Sugerimos a leitura de “Os homossexuais na visão de Bolsonaro”, de autoria de Caio Mattos, presente no site *Congresso em Foco*, para recuperar algumas falas com teor de ódio contra a comunidade LGBTQIAPN+. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/os-homossexuais-na-visao-de-bolsonaro/>. Acesso em: 15 abr. 2024.

diversidade, inclusão e direitos humanos, criada pelo artista e ativista gay Gilbert Baker, em 1978. Ela foi apresentada como um símbolo que pudesse representar a luta pelos direitos e diversidade, em que cada cor representa diferentes aspectos da experiência humana e da vida em geral, refletindo a variedade de identidades, orientações sexuais e expressões de gênero.

Sendo assim, escolher representar a bandeira é símbolo não só de visibilidade e orgulho, mas também de resistência contra a opressão e a discriminação, promovendo, acima de tudo, o respeito. Algo que, para esse grupo social, não esteve presente em nenhum momento quando Bolsonaro se referia a eles. O posicionamento, aqui, é de combater ativamente, por meio do movimento #EleNão e por meio da reafirmação do orgulho de ser quem é, por isso o arco-íris e as diferentes expressões de gênero marcam essa postura.

Com o mesmo tópico frasal, mas com um estilo diferente de representação, o *post* à direita traz a mesma tônica de respeito à expressão de individualidade de cada sujeito, contudo, não relaciona de maneira direta, como o outro *post*, a algum grupo social, mas subentende-se fazer parte e contemplar as valorações presentes em grupos feministas, LGBTQIAPN+, negros, dentre outras formas de existência que não dialogam com a conservadora tradicional assumida por Bolsonaro. Sendo assim, encapsula a ideia de luta e não submissão à intolerância.

Temos, nesse mote, também uma relação de causa e consequência. Iniciada por uma situação hipotética, por meio da conjunção subordinativa condicional “se”, ela introduz a ideia de que há uma possibilidade de ameaça a vida do próprio sujeito que a utiliza “se fere minha existência”, e logo traz a consequência de ser ferido, ter seus direitos violados ou não respeitados: “serei resistência”, indicando um posicionamento de promessa, ameaça de luta ou determinação futura, condicionada pelo evento hipotético presente na oração subordinada.

O “se” estabelece uma relação de condição, algo precisa ocorrer para que outra ação ocorra – e é Bolsonaro que gera esse estado de ferir uma determinada existência, portanto, é a ele que a resistência, oposição e combate será direcionado, porque é essa figura que sugere uma ação danosa, uma ameaça à identidade, dignidade ou aos direitos do sujeito. A “resistência” é uma declaração aberta de oposição, luta e defesa contra uma força, uma condição ou um sujeito que coloca essa “existência” em perigo.

Já nesse outro *post*, também inserido no grande tema do movimento #EleNão, temos o aspecto racial, motivado pela comunidade negra<sup>54</sup>, principalmente, de oposição à candidatura de Bolsonaro. Em “Negros contra Bolsonaro”, seguido de #EleNão e #EleNunca, temos mais

---

<sup>54</sup> Sugerimos a leitura do artigo “Necropolítica, racismo e governo Bolsonaro”, de Guilherme Costa Garcia Tommaselli, que pensa o Brasil e o aprofundamento das tensões raciais diante da necropolítica do governo Bolsonaro. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/download/7868/5867/30170>. Acesso em: 13 abr. 2024.

uma vez o posicionamento de oposição e resistência de negros, enquanto um grupo social complexo e heterogêneo, contra Jair Bolsonaro (aqui, nomeado, o que não ocorreu nos outros *posts*).

Figura 84 - Negros contra Bolsonaro



Fonte: Facebook - *Bolsominions*

Ao se oporem a Jair Bolsonaro e integrarem o movimento de #EleNão e #EleNunca, reforçam que são contrários ao político não só no momento presente (o hoje do *post* são as eleições de 2018), mas também em nenhum outro momento da história, pelo uso do advérbio de negação e de tempo, “nunca”. Quem se opõe a Bolsonaro, não o faz somente uma vez, em uma só eleição, mas em todas suas candidaturas. Isso porque, assim como para outros grupos sociais marginalizados em declarações do então candidato, suas falas são tidas como prejudiciais ou discriminatórias para a comunidade negra.

Um outro tipo de post que se enquadra na categoria do movimento #EleNão, embora não parta de uma minoria sub-representada em discursos e declarações de Bolsonaro é o de torcedores de times de futebol. Nos dois *posts* a seguir, temos o posicionamento de duas torcidas brasileiras, do Fluminense (“tricolor”) e do Vasco.



Figura 85 - #EleNãO no futebol



Fonte: Elaboração autoral (Canva) a partir do Facebook - *Bolsominions*

Ainda que os posicionamentos sejam das torcidas e não dos clubes de futebol, é uma resposta ao cenário político de 2018 que surge de um grupo social não considerado como minoria, mas que se alia à luta e resistência feita por outros segmentos da sociedade, principalmente ao que tange à postura de Bolsonaro, visto que os dois *posts* se mostram contrários a ele. No primeiro, lemos “TRICOLOR NÃO VOTA EM FASCISTA! #ELENÃO” e, no segundo, “VASCAÍNOS CONTRA BOLSONARO #ELENÃO”.

Dessa forma, ambos assumem uma oposição a Bolsonaro ao mesmo tempo que instruem e direcionam os torcedores desses clubes, Fluminense e Vasco, respectivamente, a não votarem em Bolsonaro (que é nomeado no *post* do Vasco, e referenciado como “fascista” no *post* do Fluminense). O posicionamento de torcidas organizadas<sup>55</sup> (que não se restringiram a essas, mas que aqui são representadas devido à coleta do *corpus*) demonstraram não só uma potencialidade, mas uma força social significativa, capaz de transcender o esporte e influenciar o debate público.

Quanto à construção dos *posts*, os dois trazem como plano de fundo imagens da bandeira de seus times estendidas no estádio, com os torcedores, em grande volume, reforçando a ideia de grupo e coletivo. No *post* do Fluminense, o brasão do timão, que traz as iniciais, foi alterado

<sup>55</sup> GUIMARÃES, Juca. Torcidas de futebol se unem por democracia no esporte e no país. *Brasil de fato*, 19 set. 2018. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2018/09/19/torcidas-de-futebol-se-unem-por-democracia-no-esporte-e-no-pais/>. Acesso em: 14 abr. 2024.

para um punho cerrado erguido no ar, símbolo visual e corporal de enfrentamento e resistência, usado principalmente por movimentos de esquerda. Esse tipo de mobilização contra Bolsonaro evidenciou a capacidade de grupos populares se engajarem ativamente em questões políticas e sociais, exercendo certa influência sobre os rumos da história.

O movimento #EleNão adotado por esses torcedores também exemplificou como a resistência e a luta podem surgir de lugares inesperados e não tão óbvios, como os campos e estádios de futebol (predominantemente masculino, por razões históricas). Ao somarem nessa luta por direitos, democracia e justiça, ajudam a visibilizar e mobilizar diferentes segmentos da sociedade em causas e pautas não-hegemônicas.

Já historicamente, essas torcidas têm liderado iniciativas de resistência, principalmente quanto ao processo de elitização do futebol. Há posicionamentos e oposições feitas contra os casos de corrupção envolvendo dirigentes dos clubes e das entidades que representam os times. É nesse sentido que outras pautas, como o coro ao #EleNão, se juntam às manifestações de torcedores nos estádios, engatilhado pelas redes sociais. É nesse sentido que os coletivos de futebol se posicionam contra posturas fascistas (como nomeado no *post* do Fluminense), por acreditarem nos perigos de defendê-las não só dentro, mas fora dos campos:

Desde o surgimento das primeiras organizações políticas antifascistas, que datam do período em que Benito Mussolini foi eleito primeiro-ministro da Itália em 1922, o fascismo e o posicionamento político de combate aos ideais de extrema direita caminham juntos. No futebol, a democracia corinthiana floresceu quando pedia mais direitos em tempos de ditadura, na mesma década em que os sindicatos trabalhistas ingleses compuseram parte do hooliganismo como forma de contestar as medidas autoritárias adotadas pela governante Margaret Thatcher. Era de se esperar que a ascensão e eleição de Jair Bolsonaro, político de discurso ultradireitista e de relação próxima com o futebol, motivasse também o crescimento de grupos de torcedores antifascistas nas arquibancadas brasileiras durante os últimos anos.

Há cerca de 60 torcidas de futebol antifascistas representando clubes brasileiros de todas as regiões, de acordo com pesquisa virtual feita pela reportagem. Elas não se consideram torcidas organizadas —algumas sequer conseguem estar presentes dentro do estádio—, mas são coletivos que usam seu clube de futebol com pano de fundo para trazer discussões políticas com um viés contra homofobia, racismo, machismo e capitalismo<sup>56</sup>.

Embora haja a diferenciação entre torcida organizada (frequentadora de estádio) e coletivo (não necessariamente frequentador de estádio, mas engajado com pautas sociais pelo time), ambas estão diretamente relacionadas ao futebol, o que nos mostra como as discussões políticas se desdobram por diferentes áreas da vida. Quando a página veicula esse tipo de

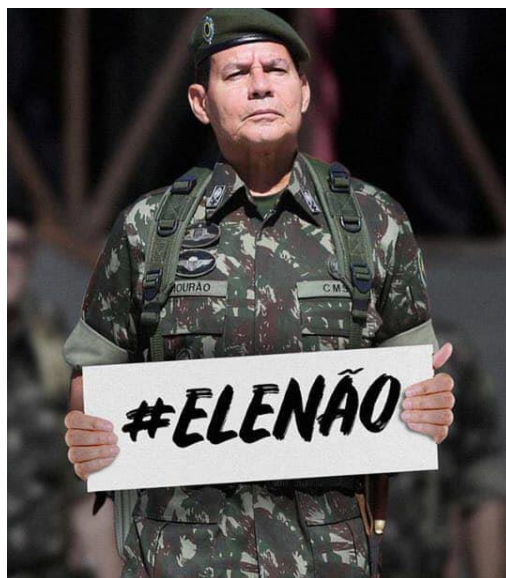
---

<sup>56</sup> MAGRI, Diogo. Torcidas antifascistas se multiplicam no futebol brasileiro. *Vermelho*, 28 dez. 2019. Disponível em: <https://vermelho.org.br/2019/12/28/torcidas-antifascistas-se-multiplicam-no-futebol-brasileiro/>. Acesso em: 16 abr. 2024.

conteúdo, mais uma vez afirma que não é bolsominion e se posiciona contra bolsominions, uma vez que está alinhado a valorações que se aliam ao movimento #EleNão, por exemplo.

Por fim, como uma ressignificação de uma figura de apoio e coro político a Jair Bolsonaro, trazemos um *post* que parodia a imagem de Hamilton Mourão, também conhecido como general Mourão, o vice-presidente na candidatura de Jair Bolsonaro como presidente.

Figura 86 - Mourão favorável ao #ELENÃO



Fonte: Facebook - *Bolsominions*

Os elementos que constituem o *post*, uma foto com montagem, aproveitam valorações que são caras à extrema direita para criar um posicionamento desfavorável a Bolsonaro a partir de sua aliança política no pleito do governo. A foto se torna uma fotomontagem pois coloca Mourão segurando um cartaz branco com a #ELENÃO, movimento que se posiciona contra Bolsonaro. Desse modo, cria uma tensão entre os dois políticos que, à época, não existia, para gerar o sentido de que até o próprio candidato à vice-presidência é contrário ao candidato à presidência.

Ainda, a imagem dialoga com um tom provocativo aos eleitores de Bolsonaro não só pela montagem que faz Mourão erguer a *hashtag* de oposição, mas por Mourão estar trajado como representativo de uma valoração cara aos bolsonaristas: o militarismo. A roupa clássica de oficiais do Exército, como soldados, é usada não aleatoriamente, mas para ecoar um movimento de origem feminista que se opõe a uma figura que defende justamente os que utilizam esse tipo de roupa (não só literalmente, mas em seus ideais e atos). O uniforme militar de Mourão entra em contradição com o #EleNão presente no cartaz que ele segura, com postura sisuda e séria, dada a rigidez aparente de seu corpo enquanto se mantém em posição imóvel.



Outro ponto interessante é o apagamento do nome de Bolsonaro por meio do uso da *hashtag*. Nomear alguém é dar vida, significa reconhecer, distinguir e dar importância a um sujeito, até mesmo individualizá-lo, colocar nele a existência que não é de mais ninguém. Embora alguns *posts* tenham trazido o nome, todos foram identificados por meio da #EleNão.

Na internet, com o rastreamento de dados, o que digitamos e falamos em áudio (em pesquisas, *posts*, mensagens pessoais) se torna um tipo de quantificador, visto que são dados coletados por *softwares* para direcionar e sugerir anúncios, publicidades e todo tipo de conteúdo, além de ser um indicador de popularidade, visto que são categorizados e agrupados. No Google Trends, pesquisamos quais foram os assuntos mais buscados em 2018, e o nome de Bolsonaro aparece dentre os primeiros resultados nas categorias “buscas” (4º resultado), “por quê?” (2º resultado) e “virou meme” (4º resultado)<sup>57</sup>.

Ou seja, a escolha de não digitar o nome de Bolsonaro, de nenhuma forma, e nomeá-lo como EleNão (e derivados) é uma forma de não quantificar e popularizar, ainda mais, seu nome nos resultados de buscas, para que o algoritmo não compreenda o comportamento desses usuários e aprimore os recursos e as estratégias digitais entregando ainda mais conteúdo acerca do então candidato Jair Bolsonaro.

Ainda que não tenhamos, nessa página, *posts* que se mostrem favoráveis a Bolsonaro, pontuamos que o movimento #EleNão gerou, como resposta de confronto, o movimento #EleSim, manifestações organizadas a favor de Jair Bolsonaro, inclusive, com a participação de frentes de mulheres (que se posicionam como femininas, não feministas), comunidades LGBTQIAPN+ e negras.

### 5.5.2 Página *Bolsominions* (apoio a Bolsonaro)

A página Bolsominions, selecionada como parte do *corpus* deste estudo, condensa diferentes grupos temáticos recorrentes, dentre eles, destacamos o de (1) apoio a Bolsonaro, (2) reacentuação apreciativa do signo ideológico “bolsominions”; (3) defesa de valorações da extrema-direita: pátria, religião, família e armamento; (4) crítica aos grandes conglomerados de mídia; e (5) crítica à oposição e às suas valorações. Evidentemente que outros conteúdos temáticos perpassam esses citados, mas para fins de organização, escolhemos assim tratá-los

---

<sup>57</sup> Veja o que esteve em alta em 2018 – Brasil. *Google Trends*, s/d. Disponível em: <https://trends.google.com.br/trends/yis/2018/BR/>. Acesso em: 15 abr. 2024.

para que possamos nos deter de maneira específica em cada um desses temas recorrentes, a fim de analisá-los à luz da política brasileira, como fragmentos da história.

Figura 87 - Temas para apoio dos bolsominions



Fonte: Elaboração autoral (Canva)

Cada *post*, embora trate de um mesmo conteúdo temático, utiliza diferentes estratégias discursivas para engajamento. Nas páginas que se posicionam a favor de Bolsonaro, as cores verde e amarela são recorrentemente utilizadas como forma de identidade visual, de modo que já ao passar os olhos, mesmo sem uma leitura horizontalizada, é possível depreender o apoio feito. Junto a essa identidade visual, também é recorrente a identificação com o político, como podemos observar a seguir.

Figura 88 - Posts com a temática pátria



Fonte: Elaboração autoral (Canva) a partir do Facebook - *Bolsominions*

Observamos como o verde amarelo reforçam, nesses *posts*, o discurso de Bolsonaro presidente em 2018 já como o candidato vencedor das eleições. Todas as imagens dos *posts* trazem, de algum modo, a bandeira do país, seja de maneira mais sutil e estilizada, seja de maneira direta. Nos dois *posts* superiores, Bolsonaro já usa a faixa presidencial, como forma de prenúncio de sua vitória, confirmado pelo texto que segue no primeiro *post*, “Bolsonaro Presidente 2018”, assim como pelo segundo, “Juntos seremos fortes 2018”.

Nas imagens inferiores, o apoio a Bolsonaro vem de duas formas: na esquerda, com a oração “Eu creio num Brasil melhor”, o que significa dizer que o Brasil atual não está bom, e que o melhor está por vir sob a governança presidencial de Bolsonaro, em 2018. Na direita, com o texto “Jair Bolsonaro Presidente 2018”.

A bandeira do país é constantemente utilizada como forma de apelo e identificação com os eleitores e apoiadores, de modo que se toma, na campanha de Bolsonaro, o todo (Brasil) pela

parte (Bolsonaro). Assim, o candidato à época se tornou sinônimo de Brasil, pela constante repetição das cores, da bandeira e do nome próprio do país. Escolher um Brasil melhor é escolher Bolsonaro, pois as duas imagens estão estritamente vinculadas. Não dá para escolher o Brasil se não for por meio do Bolsonaro, é o que as imagens dos *posts* reforçam.

O verde e amarelo como representativos do governo Bolsonaro foi utilizado de maneira ideológica a todo momento. Desde os detalhes mais “simples” e “ingênuos” até propostas “sérias” e “protocoladas”, como é o caso da carteira de trabalho “verde e amarela”, como uma alternativa a que já existe, com a proposta de flexibilizar a contratação de jovens, em contraposição ao regime de Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Dessa forma, a carteira de trabalho “verde e amarela”, nas cores do governo, altera não só a legislação trabalhista e previdenciária sob o pretexto da flexibilização, mas abre brechas para diversas ocorrências de subempregos e ainda mais precarizações.

Outra mudança que visou romper com governos anteriores ai de Bolsonaro e marcar, mais uma vez, a ideologia verde e amarela foi o programa Casa Verde e Amarela, em substituição ao programa Minha Casa, Minha Vida (instituído pelo governo Lula em 2009). O Casa Verde e Amarela é uma continuidade do programa Minha Casa, Minha Vida, mas a troca de nome visando, sobretudo, romper com qualquer indício do governo anterior. Ao reiterar as cores verde e amarela tem-se a ideia de que as propostas e os programas, ainda que sejam continuidades de governos anteriores, agora têm a cara e a identidade do governo atual.

Ao trazer a bandeira do país, os *posts* marcam um posicionamento caro não só a Bolsonaro, mas a todos os apoiadores: o ufanismo. O amor exacerbado à pátria, aparece na forma do famoso *slogan* “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” que, em diferentes momentos, ganha alguns desdobramentos, mas sem perder a essência. Na ditadura militar brasileira, o mesmo tom patriota era utilizado, com escolhas lexicais diferentes: “Brasil, ame-o ou deixe-o”<sup>58</sup>, assim como na Alemanha nazista, “Deutschland über alles”<sup>59</sup>, que remete mais diretamente ao *slogan* da campanha presidencial de 2018, ainda que tenha o acréscimo do aspecto religioso, “Deus acima de todos”.

---

<sup>58</sup> O *slogan* referido, inclusive, foi retomado pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), em novembro de 2018, com a transmissão de vinhetas que reforçam a mensagem patriota e nacionalista. Além daquele, também circularam as orações “Eu te amo, meu Brasil”, “Brasil de encantos mil”, “Pra frente, Brasil” e “Brasil, Pátria Amada”. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/brasil-ame-o-ou-deixe-o-sbt-revive-slogan-e-musicas-da-ditadura/>. Acesso em: 18 mar. 2024.

<sup>59</sup> “Alemanha acima de tudo”, em língua portuguesa.



Figura 89 - *Slogan* bolsonarista

Fonte: Facebook - *Jair Messias Bolsonaro*

Ainda que a imagem acima não faça parte do nosso rol de *posts*, achamos importante trazê-la, pois sintetiza essa discussão. Postada na página oficial de Jair Messias Bolsonaro, em 30 de outubro de 2018 (dois dias após sua vitória na eleição), a fotomontagem evidencia a mensagem ufanista e religiosa que fez parte de toda sua campanha, assim como reforça os valores que ele continuará seguindo e defendendo, ao longo de seu mandato. Com 161 mil curtidas, 19 mil comentários e 14 mil comentários, o *post* (aqui analisado não só como imagem, mas como estrutura), mostra-nos a força do seu coro político, que coaduna com a mensagem supracitada. No plano imagético, a bandeira do Brasil serve como pano de fundo para a mensagem transmitida, que é completada pelo Bolsonaro, sorridente, ao lado.

Destacamos, ainda, que o *slogan* se utiliza de orações coordenadas assindéticas, justapostas e independentes entre si para criar uma imagem de união. Os dois elementos, ainda que constitucionalmente não sejam compatíveis (o Estado é laico, logo, não há que se associar o país a uma figura religiosa, dentre tantas existentes), tornam-se uno, pois ambos são colocados nesse local de superioridade, “acima de”.

Assim, vemos como, por meio de recursos linguísticos, criam-se mecanismos para demonstrar que não é qualquer Brasil, nem é qualquer Deus a ser defendido, mas é o Brasil verde-e-amarelo, é o Deus cristão, em especial, evangélico. Aqui, vemos um diálogo com um lema da Alemanha nazista que, embora não fosse oficial e literalmente esse, ao trazer “Deus, Pátria e Família”, adotado pelo nazismo nos anos 30, encapsula muitas valorações que o nazismo e outros movimentos fascistas promoveram.

Nesse sentido, muitos movimentos políticos contemporâneos se inspiram em valorações conservadoras e nacionalistas, adaptando-se aos contextos culturais e políticos específicos, para promover uma espécie de integralismo brasileiro, um movimento político de extrema direita

que surgiu no país na década de 1930. Inspirado pelo fascismo europeu, promovia uma ideologia nacionalista, autoritária, anticomunista, tradicionalista e corporativista. Não à toa, já eleito, Bolsonaro usou esse lema integralista em discurso na ONU, e para finalizar a assinatura de um documento oficial, a Declaração à Nação<sup>60</sup>, flertando com a Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento fundado em 1932 por Plínio Salgado.

Paula e Souza (2023, p. 276) apontam que, “ao considerarmos o tripé ‘Deus, família e propriedade’ como a base integralista eugenista, bem como o lema ‘Deus, pátria, família e liberdade’ criado pelo fascismo e apropriado pelos integralistas, usado por Bolsonaro na ONU, em 2022 e seu slogan de governo ‘Brasil acima de tudo, Deus acima de todos’”, podemos relacionar essas valorações não só à disseminação de pensamentos fascistas, mas a uma submissão mental do eleitorado, por ver a personificação de valorações que lhe são caras.

Ainda tratando desse *slogan*, um outro *post* que o reacentua é o que se vê a seguir, e o faz a partir do regionalismo nordestino. Na imagem, os elementos que nos mostram se tratar de um apoio a Bolsonaro são, sobretudo, os minions caracterizados de cangaceiros, além do próprio *slogan* com escolhas lexicais típicas de uma região, “em riba”. No dialeto nordestino, “em riba de” é acima de, em cima de, e é o que confere, linguisticamente, o aspecto regional, ao ser trocada pela expressão “acima de”.

Além do plano verbal, o visual também nos mostra como esse apoio é regional ao vermos os minions caracterizados como cangaceiros, com roupas e apetrechos típicos, como o chapéu e a arma. Reforçamos, ainda, que embora não tenha o signo “bolsominion” utilizado no *post*, é deste grupo que se trata, dada a inserção no contexto da página do Facebook.

---

<sup>60</sup> Bolsonaro divulga 'Declaração à Nação' e diz que não teve 'intenção de agredir' poderes. G1 Política, 9 set. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/09/09/bolsonaro-divulga-texto-sobre-crise-institucional.ghtml>. Acesso em: 28 maio 2024.

Figura 90 - (Bolso)minions nordestinos



Fonte: Facebook - *Bolsominions*

O apoio explicitado no *post* se opõe diretamente ao fato de o Nordeste ser a região do país que menos apoiou e votou em Bolsonaro<sup>61</sup>. É possível encontrar, pelos sites e pelas redes sociais, diversas falas de Bolsonaro, ainda quando deputado, acerca do povo nordestino, reforçando estigmas e preconceitos com essa população, sobretudo, por ser a região em que o PT, adversário direto, recebe grande parte de seus votos – o que é visto, pela oposição, como efeito do Bolsa Família.

Já no *post* a seguir, seguindo ainda com o tom patriota e nacionalista, o verde e o amarelo foram utilizados como fundo de contraste para o nome de Jair Bolsonaro. Nele, a imagem de Bolsonaro está deslocada à direita (e não à esquerda), e o centro da cena é preenchido pelo texto “Aconteça o que acontecer, meu partido é Jair Bolsonaro”:

<sup>61</sup> “Já no primeiro turno 50,6% dos votos válidos do Nordeste foram para Fernando Haddad (PT), contra apenas 34,8% de Jair Bolsonaro. No segundo turno a diferença se ampliou e a votação de Bolsonaro até recuou percentualmente, ficando em 30,3%, contra 69,7% de Haddad”. SOBREIRA, Vinícius. Por que a "onda Bolsonaro" não chegou forte no Nordeste?. *Brasil de Fato (PE)*, 4 dez. 2018. Disponível em: <https://www.brasildefatope.com.br/2018/12/03/por-que-a-onda-bolsonaro-nao-chegou-forte-no-nordeste>. Acesso em: 18 mar. 2024.

Figura 91 - Post patriota



Fonte: Facebook - *Bolsominions*

Podemos observar, nesse *post*, que Bolsonaro tem a seu fundo o Palácio do Planalto e, em uma expressão de riso, regozija-se com a situação criada no *post*. A oração “Meu partido é Jair Bolsonaro” em muito se assemelha a uma oração constantemente utilizada por seus eleitores e apoiadores, “Meu partido é o Brasil”, em uma clara alusão à ascensão do movimento pela intervenção militar no país, que se mostrou muito mais forte e intensa desde a eleição de 2018.

Ainda que o *post* não contenha a oração como é comumente falada, as cores verde e amarela, representantes de insígnias oficiais do país, mas também comumente associadas a Bolsonaro, faz o papel, ainda que implícito, de flertar com esse discurso intervencionista, pois coloca o nome “Jair Bolsonaro” com as cores não só do país, mas de sua propaganda política, ao fundo.

Nos *posts* a seguir, temos um tipo de apoio marcado pela interrogação. A pergunta é feita diretamente ao eleitor, convidando-o/convocando-o a apoiar Bolsonaro em sua candidatura. Utilizar perguntas, com respostas abertas ou fechadas, é uma forma de engajamento com o público, uma vez que incentiva sua resposta ao que é perguntado. Geralmente, as pessoas gostam de emitir suas opiniões e seus posicionamento, então, uma pergunta feita diretamente (isto é, com uma interrogação ao final) é uma forma de aumentar o coro político.



Nos dois *posts*, temos duas perguntas curtas e diretas que visam o engajamento por meio do apoio, isto é, ao respondê-las, o eleitor ao mesmo tempo engaja (gera mais curtidas, comentários e compartilhamentos) e se posiciona favorável ao que está sendo veiculado nos *posts*. No primeiro, há uma imagem de Bolsonaro, com a postura séria e ereta, em tons frios (azulado), o que sugere maior rigidez (comparado ao uso de tons quentes). A pergunta “De qual cidade do Brasil você apoia Jair Bolsonaro?”, com ênfase em “você apoia” (em negrito), nos mostra um tipo de levantamento geográfico, que mapeia o país em busca de eleitores.

Figura 92 - *Posts* com questionamentos



Fonte: Elaboração autoral (Canva) a partir do Facebook - *Bolsominions*

Já o segundo *post*, uma imagem dos filhos parlamentares de Jair Bolsonaro, respectivamente, Carlos, Eduardo e Flávio, é uma fotografia que, embora posada, sugere descontração e leveza, aproximando-os de seus eleitores, pois elementos característicos como a roupa social (terno e gravata) e o ambiente governamental não estão presentes. Por se tratar de uma fotomontagem que visa buscar apoio de um coro político, há o texto “Essa família te representa?”, seguido de “Curta e dê um UP!”.

Como mencionado, todos são parlamentares e atuam na política brasileira. São conhecidos por 01, 02, 03 e 04 (o quarto filho, Jair Renan, não inserido formalmente, ainda, na política brasileira, embora seja alvo de investigações da polícia, como seus irmãos)<sup>62</sup>. Ao questionar se quem lê o *post* apoia “essa família”, faz-se uma síntese de que quem apoia Jair Bolsonaro, apoia também seus filhos em seus respectivos cargos.

<sup>62</sup> Turollo Jr, Reynaldo. Justiça do DF torna Jair Renan Bolsonaro réu por lavagem de dinheiro, falsidade ideológica e uso de documento falso. *G1 Política*, 27/03/2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2024/03/27/justica-do-df-torna-jair-renan-bolsonaro-reu-por-lavagem-de-dinheiro-falsidade-ideologica-e-uso-de-documento-falso.ghtml>. Acesso em: 11 abr. 2024.

Na eleição de 2018, mesmo ano que Jair Bolsonaro foi eleito presidente, seu filho Flávio (o 01) foi eleito senador. Carlos (o 02) é vereador do Rio de Janeiro desde 2001, posição que ainda ocupa. Já Eduardo (o 03) é deputado federal, cargo ao qual foi reeleito em 2018. Mais do que saber se quem está lendo, de fato, apoia o Bolsonaro, os *posts* mostram a importância de apoiar não somente ele, mas também sua família na política, em suas respectivas posições.

Ao final da imagem, surge o imperativo de curtir e dar um *up* no *post*, o que, em outras palavras, significa pedir engajamento para que o conteúdo chegue até outras pessoas. Quanto mais interações em um *post*, mais chances de não só ele, mas outros conteúdos da página serem vistos. Portanto, curtir e dar um *up* (comentar *up*, em português, topo/para cima, é uma forma de fazer o *post* subir na *timeline* ou no *feed*, sendo um dos primeiros a aparecer quando um usuário está utilizando a rede social).

No *post* a seguir, também uma pergunta ao eleitorado político como forma de demonstração de apoio, nós temos uma diferença: a crítica aos que deveriam apoiar Bolsonaro, mas não apoiam. Sendo assim, ele “só” tem o povo para apoiá-lo, por isso, urge a necessidade de se formar uma verdadeira força-tarefa para elegê-lo. O uso do adversativo “mas”, em “Mas ele tem o povo” reforça a ideia de adversidade enfrentada, naquele momento, pelo candidato a presidência.

Figura 93 - *Post* com questionamento

Ele não tem a mídia, não tem a imprensa, não tem governadores o apoiando, não tem dinheiro, poucos parlamentares irão apoiá-lo. Mas ele tem o povo. Ele pode contar com você?



Fonte: Facebook - *Bolsominions*

Até a construção do enunciado é simplória (podemos até chamar de amadora), comparada às demais, com recurso estilístico de diferentes *designs*. Podemos ler em um fundo

branco com letras em preto “Ele não tem a mídia, não tem a imprensa, não tem governadores o apoiando, não tem dinheiro, poucos parlamentares irão apoiá-lo. Mas ele tem o povo. Ele pode contar com você?”. Aqui, há uma modéstia como retórica de vitimização (“ele não tem mídia, imprensa, governadores”), e contrariando todo esse cenário adversário, ele ainda é o mito, porque supera todas essas aparentes dificuldades para sair vitorioso na eleição.

A foto escolhida para ilustrar essa situação marginalizada, diferente das demais, não é posada, não possui um acabamento estético, tampouco é compatível com a postura ereta e confiante que as anteriores sugeriam. Bolsonaro, que em nenhum momento tem seu nome citado no *post*, está de mãos cruzadas, de maneira afrouxada, quase como em uma posição de oração ou súplica. Sentado em uma postura mais relaxada, com os cotovelos apoiados no braço, a pose “descontraída” sugere, ainda, um cansaço enfrentado pelo presidenciável, ao ter que lutar – sozinho – contra todas as evidências para se tornar o presidente.

Desse modo, pelo aspecto visual unido ao verbal, temos um discurso que versa sobre a humildade, a simplicidade, sugerindo uma postura de candidato que “nada contra a maré”, que, mesmo com todas as adversidades, sem apoio nem recursos, persiste em seu objetivo perante o Brasil. Por isso, o povo, a quem ele só tem, não irá desistir de apoiá-lo e irá contra todas as grandes instituições (mídia, imprensa, governadores, dinheiro e parlamentares) para conseguir se eleger.

Neste outro *post*, temos os um rol de características que fazem com que o eleitor escolha Bolsonaro como seu representante nas eleições presidenciais de 2018. Melhor dizendo, que fazem “Bolsonaro herói nacional”, como é possível ler no enunciado escrito em branco, todo em caixa alta, em diagonal, contrastando com o fundo escuro. Uma espécie de luz (branco) no meio da escuridão (preto).

Também se trata de uma montagem em que há uma imagem de Bolsonaro, com uma expressão sisuda e olhando para a frente (para o futuro), com a mensagem de apoio logo abaixo. Podemos ler em caixa alta “Apoiá-lo pra mim é:”, com uma sequência de características que qualificam apreciativamente tanto o político quanto seu eleitorado: “ter vergonha na cara; acreditar que crianças podem ter uma infância inocente; que todo cidadão tem direito ao porte de arma; que o Brasil deve ser unido, independente de raça, cor, credo ou sexo; que a polícia é um orgulho nacional; que o comunismo não me representa; que ele não está sozinho nessa guerra”.

Figura 94 - Características do apoio



Fonte: Facebook - *Bolsominions*

Interessante notar como todas essas qualificações são colocadas como uma espécie de síntese do pensamento do sujeito marcado, no Brasil atual, como o cidadão de bem. Em um estudo que investiga a gênese do “cidadão de bem” e como ele está presente no debate público brasileiro, marcado pela sua necessidade de adjetivar moralmente o *status* de cidadania, Costa (2021) nos mostra alguns caminhos para compreendê-lo.

A figura do “cidadão de bem” se erige essencialmente sobre a dicotomia “cidadão de bem” *versus* “bandido” ou “cidadão de bem” *versus* “vagabundo”. Essas dicotomias refletem o poder da ideologia em relações concretas da sociedade brasileira [...]. A força da ideologia se revela também quando constatamos que se, por um lado, não conseguiremos encontrar um único sujeito concreto que possa ser adequadamente definido como um “cidadão de bem”, por outro, enquanto fenômeno de massa, milhares de indivíduos podem se identificar com essa figura. Isso ocorre porque ela mobiliza diretamente a efetiva tensão existente entre a condição formal da cidadania legal e a hierarquia moral das relações sociais ordinárias [...] (Costa, 2021, p. 3).

Para o pesquisador, o “cidadão de bem” é uma expressão de patologia social da cidadania que ameaça a efetivação da democracia enquanto forma de vida ética no Brasil. Ela aparece relacionada à redução da idade penal, à posse de armas de fogo, à ação da Polícia Militar e à função social da mídia (Costa, 2021). Acrescentamos, ainda, a associação à religiosidade (principalmente evangélicos) e ao patriotismo.

Esses elementos, unidos, dão forma a uma imagem que perpassa a política brasileira como os apoiadores de Bolsonaro e demais candidatos posicionados à extrema-direita. Contudo, não pensemos de maneira pontual e totalmente atual. O cidadão de bem, hoje, é uma ressignificação do que, antes, era o trabalhador honesto, pois reelabora algumas de suas principais características e se filia a outras, como nos mostra Costa:

o cidadão de bem é aquele que merece a cidadania, a política pública, o tratamento educado do policial, o que tem o direito de participar. Aquele que não faz parte dessa categoria representa um elemento perigoso, que vem de espaços marginais, polui e contamina... O cidadão de bem seria a tradução, pós-crise econômica da década de 1980, da categoria “trabalhador”... Se, nos anos 1980, vigorava o binômio “trabalhador” x “vagabundo”, agora temos o “cidadão de bem” x “vagabundo”, numa atualização dessas categorias frente às transformações socioeconômicas e demográficas vivenciadas pela população brasileira nas últimas décadas. (Bueno et al., 2016, p. 348 *apud* Costa, 2021, p. 3-4).

Para o pesquisador, a partir da redemocratização, nos anos 2000, ocorre um processo de substituição da categoria “trabalhador honesto” para o “cidadão de bem”, e é justamente nesse processo que a nova categoria dilui a distância existente entre trabalhadores explorados, classe média privilegiada e patronato (Costa, 2021). Como todos agora podem se identificar com essa categoria homogeneizante e enigmática que é o “cidadão de bem”, todos se veem como classe média e acreditam fazer parte de uma elite, sem se dar conta de suas limitações financeiras diante de verdadeiros detentores de riqueza (bilionários e afins).

Dessa forma, o *post* nos mostra que o sujeito que não possui essas qualificações ou linha de pensamento, não pode ser um cidadão de bem. Portanto, é um bandido/vagabundo. O que é dito (marcado concretamente pelo enunciado) revela o não-dito pela exaltação de um grupo em detrimento de outro, que não se enquadra no *post*, logo, é a oposição.

Após todas as adjetivações elencadas, o *post* se encerra com a #BolsonaroPresidente2018, como forma de marcar que, ao concordar com todas as características e todos os pensamentos, é porque há uma filiação com as mesmas qualidades se mesmos pensamentos de Jair Bolsonaro, por isso, na eleição presidencial de 2018, a resposta é #BolsonaroPresidente, por ser o candidato que aglutina e dá forma à imagem desse cidadão de bem.



Por fim, outra forma de apoio identificada nos *posts* da página *Bolsominions* é justamente a que traz a imagem caricatural de bolsominions, utilizando-se dos personagens da franquia de filmes *Meu Malvado Favorito* valorada apreciativamente. Nos três *posts* a seguir, temos a imagem de bolsominions tal qual veiculada negativamente pela oposição, isto é, parodiando os personagens minions, presentes nos filmes, ao associá-los a Bolsonaro e seus eleitores.

Lembremos, brevemente, que os minions são as criaturas amarelas que servem fielmente a Gru, o malvado favorito. Como os minions existem desde que há vida na Terra, eles já serviram aos mais diferentes chefes e vilões ao longo da história. Mas é com Gru que os minions são reconhecidos e formam uma aliança duradoura, que dura anos (pelo menos, desde 1968 – quando Gru ainda era uma criança que já sonhava em ser o maior e mais reconhecido vilão do mundo todo).

Além de sua fidelidade e servidão “cegas”, o jeito atrapalhado de lidar com as situações, a limitação de vocabulário e o extenso número de minions também chamam a atenção e são elementos utilizados para aproximar os eleitores de Bolsonaro aos personagens do filme, decorrendo daí os bolsominions.

Neste *post*, podemos ver uma montagem que, além de utilizar a imagem dos minions como bolsominions, também utiliza uma caricatura de Bolsonaro para inseri-lo nesse ambiente cômico e descontraído da animação. Ao ressignificar o signo, o que antes era tido como crítica, passa a ser uma qualidade. Portanto, o volume de minions, antes visto como uma massa homogênea, que age e pensa igual, de maneira robotizada e acrítica, dá lugar a um exército grandioso.

Figura 95 - Bolsominions unidos por um Brasil melhor



Fonte: Facebook - *Bolsominions*

Isso pode ser percebido pela imagem que, em segundo plano, traz vários minions agrupados, reforçando a ideia de que há um grande volume de apoiadores, que preenche toda a parte de trás da montagem. Em primeiro plano, nós temos outros elementos que reforçam essa imagem de um exército grandioso.

Na parte superior, temos o plano verbal “Presidente Bolsonaro 17”, em caixa alta, nas cores branco (majoritariamente), com contorno em verde e o número em amarelo. Como já mencionamos, o verde e amarelo foram as cores mais utilizadas pela campanha eleitoral de Bolsonaro, reforçando o patriotismo (e o ufanismo) presente em seu discurso. Inclusive, o primeiro O, de Bolsonaro, é estilizado com a bandeira do país, marcando, mais uma vez, a mensagem de que a união e o apoio a Bolsonaro estão intimamente ligados à pátria.

Ainda no aspecto verbal, na parte inferior da imagem, temos “Bolsominions”, todo colorido de amarelo (a cor dos minions), seguido de “Unidos por um Brasil melhor”, também em caixa alta. Esse texto final reforça a união dos bolsominions (apoiadores) e o motivo pelo qual eles se unem: pela pátria (Brasil).

E quem faz essa união entre o povo (os bolsominions apoiadores de Bolsonaro) e a pátria é Bolsonaro. Ele é o escolhido, para esse povo, para ser o intermediador. É ele que une essas pessoas pela pátria, mas não qualquer pátria, mas uma pátria melhor (um Brasil melhor), o que implicitamente denota que o Brasil atual (pré-eleição de 2018 não estava bom, pois se pode melhorar, é porque, do modo como está, não está bom o bastante).

Interessante notar como, nesse *post*, além de usar a imagem caricata de apoiadores do Bolsonaro como minions do filme (os bolsominions), o signo linguístico, além do signo ideológico, também foi usado concretamente na construção do enunciado, o que nos comprova, mais uma vez, a bivocalidade existente nas palavras, sejam elas quais forem.

A resignificação/bivocalidade/reacentuação que temos tratado ao longo de todo nosso estudo pode ser ilustrada de várias formas, de maneira direta ou indireta, velada ou aberta. Mas, essa, em especial, em que temos a união entre o signo linguístico e a personagem no campo visual é a que congrega as demais reflexões.

Ainda, a imagem de que Bolsonaro é um candidato, e acima disso, um homem do povo, está marcada pela sua imagem caricatural junto a de três outros (bolso)minions apoiadores. Com as mãos em riste, Bolsonaro e bolsominions comemoram e se alegram com a mensagem relacionada à presidência e a união por um Brasil melhor. A caracterização desses sujeitos nos chama a atenção por dois motivos. Primeiro, Bolsonaro, como de costume está em trajes sociais.

Mas em sua mão direita, ele segura óculos de sol, conhecido na internet como óculos do mito ou óculos *thug life*.

Inicialmente, o movimento social *Thug Life* (“vida bandida”, em português) foi criado por Tupac, um rapper estadunidense, para conscientizar sobre as mortes banais e a violência nas áreas periféricas dos Estados Unidos. Desse modo, o movimento se refere a um estilo de vida das pessoas que enfrentam muitas adversidades e dificuldades, mas que perseveram.

Contudo, como acontece normalmente na internet, há uma descontextualização e novos sentidos são criados e dados a partir de um dado enunciado. Dessa forma, esses óculos associados ao *thug life*, a uma vida bandida cheia de adversidades, mas que, ainda assim, é possível superar e viver uma outra realidade, ganhou outros contornos quando associada a imagem de Bolsonaro.

Em muitos memes, podemos ver como os apoiadores e eleitores colocam suas declarações e pronunciamentos, assim como o chamam, de “Mito”. Por isso, o uso dos óculos mito, porque Bolsonaro, a todo momento, mita (age como um mito). Assim, ele é tratado como um mito, uma espécie de herói, alguém fora do comum e do ordinário, por dizer frases de efeito que engajam e se popularizam, positivamente entre seus aliados, negativamente entre sua oposição.

Interessa-nos mostrar, então, como a imagem de um Bolsonaro mito é circulada pelos seus apoiadores, mesmo que não esteja dito verbalmente em nenhum enunciado textual do *post*, mas está dito por meio do visual, da imagem do óculos segurado por ele.

Por fim, nesse *post*, os (bolso)minions estão usando um macacão de operário, que é usual e é como aparecem nos filmes, mas com a diferença de que no bolso central, na altura do peito, há uma estampa em verde e amarelo (não presente nos minions dos filmes). Por se tratar de uma montagem, é comum que alguns aspectos sejam modificados para reforçar determinados aspectos.

Nesse caso, mais uma vez, o apelo à pátria está presente ideologicamente por ser uma estampa verde e amarela, não em qualquer lugar da roupa, mas no bolso central, no peito dos (bolso)minions, que marca esse posicionamento. Apoiar Bolsonaro é apoiar o Brasil, é unir o povo interessado em um país melhor, que não se envergonha de estampar no peito (de “vestir a camisa”) as cores que simbolizam a nação, pois acreditam que mudanças melhores podem vir dessa presidência e dessa aliança pelo país.



Figura 96 - Apoio como caixa 2



Fonte: Elaboração autoral (Canva) a partir do Facebook - *Bolsominions*

Já nesses dois *posts*, temos também a mensagem de apoio, a presença dos minions como bolsominions apoiadores, as cores expressivas verde e amarelo, mas com uma diferença: tudo isso elaborado para defender polêmicas que envolveram Bolsonaro e seus eleitores na campanha presidencial. No *post* à esquerda, lemos “#SomosTodosCaixa2”. No *post* à direita, podemos ler “Já fui fake, já fui robô, agora sou caixa 2”. Ambos, portanto, fazem menção ao caixa 2 utilizado na campanha eleitoral de Jair Bolsonaro em 2018.

De maneira resumida, caixa 2 são recursos de partidos, candidatos ou campanhas que não foram contabilizados no fluxo de caixa nem informados ao Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Portanto, são valores de empresas ou outras entidades que são doados a candidatos ou partidos políticos e não são declarados. Como consequência, podem vir a ser uma forma de receber em troca favores políticos.

No contexto dos *posts*, Bolsonaro estava sendo acusado de utilizar caixa 2 em sua campanha, o que significava que empresários estavam financiando o disparo em massa no WhatsApp de mensagens contra o PT e favoráveis a ele, com contratos que chegavam a R\$ 12 milhões<sup>63</sup>. Logo, quando ambos os *posts* reiteram e se posicionam favoráveis a Bolsonaro no caso de caixa 2 na campanha eleitoral, o que fazem é descredibilizar uma denúncia formal e um crime, dada o caráter corrupto e antiético da origem do dinheiro.

<sup>63</sup> Reuters. Caso revelado pela Folha é “caixa 2 duplamente qualificado”, diz advogado. *Exame*, 18 out. 2018. Disponível em: <https://exame.com/brasil/pt-quer-investigacao-da-campanha-de-bolsonaro-por-praticas-ilicitas/>. Acesso em: 22 mar. 2024.

Outra questão que nos chama a atenção é a falta de consciência de classe, muito comumente associada à uma (extrema-)direita que se considera de classe média, pauta recorrente das críticas aos bolsonaristas. Isto é, ao se considerarem como sendo caixa 2, por fazer campanha a Bolsonaro (gratuitamente), esses apoiadores se colocam em igualdade com empresários e grandes impulsionadores que possuem capital para injetar altos valores na campanha de Bolsonaro, sendo que, o apoio (gratuito) deles não se compara, em volume, aos conteúdos impulsionados e disparados em massa, visto que feito por robôs e *bots*, que custam um valor considerável.

Por isso a falta de consciência de si e do outro, uma espécie de alienação acerca de sua própria classe e de sua condição socioeconômica é o que nos mostra, ainda que secundariamente, esses dois *posts* acerca do caixa 2. Vejamos também como ambos constroem as significações para apoiar Bolsonaro e defender esse esquema de corrupção em campanha eleitoral.

Nos dois *posts*, há um (bolso)minion, isto é, um minion tal qual nos filmes, mas caracterizado como um eleitor de Bolsonaro, em primeiro plano e centralizado, que diferente do *post* anterior, não está vestido com o macacão de operário, mas com um terno, uma camisa social, uma gravata e luvas.

Ainda diferente do *post* anterior, a postura alegre e sorridente dá lugar a uma expressão séria e a um olhar semicerrado. As duas mãos estão para o alto e seguram, cada uma delas, armas com silenciadores. Essa caracterização do (bolso)minion remete ao personagem Agente 47, protagonista da franquia de jogos eletrônicos de furtividade *Hitman*. Nesse jogo, o personagem Agente 47 é um assassino de elite geneticamente modificado com o DNA dos melhores matadores para se tornar o melhor.

Figura 97 - Agente 47



Fonte: *Salão de jogos*<sup>64</sup>

<sup>64</sup> Disponível em: <https://salaodejogos.net/toda-a-historia-da-saga-de-hitman/>. Acesso em 12 abr. 2024.

A personagem Agente 47 é utilizada como referência para o bolsominion que defende o caixa 2 e apoia Bolsonaro nos dois *posts*. Nota-se que os elementos característicos são mantidos, mas a cor da gravata (que, no Agente 47, é vermelha) passa a ser verde no (bolso)minion, mais uma vez reforçando o aspecto patriota ao utilizar as cores do país. Embora o personagem de videogame não possua similaridade quanto ao enredo dos minions ou mesmo dos bolsominions, o uso dele, conhecido por ser um atirador de elite (*hitman*, em português, é matador, assassino) possui como horizonte socioideológico o discurso armamentista.

Bolsonaro, em seu plano de governo<sup>65</sup>, aponta que uma das soluções para “Para reduzir os homicídios, roubos, estupros e outros crimes” é “4º Reformular o Estatuto do Desarmamento para garantir o direito do cidadão à LEGÍTIMA DEFESA sua, de seus familiares, de sua propriedade e a de terceiros!”. Vejamos como o discurso de posse de arma em legítima defesa esbarra no discurso da cidadania e reforça o status de cidadão de bem, que é para quem esse estatuto irá beneficiar ao ser reformulado. Após ser eleito, Bolsonaro prometeu tornar definitivo o registro da arma de fogo.

Figura 98 - Apoio à posse de arma



Fonte: Facebook - *Bolsominions*

<sup>65</sup> O caminho da prosperidade. Disponível em: [https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000614517//proposta\\_1534284632231.pdf](https://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000614517//proposta_1534284632231.pdf). Acesso em: 13 abr. 2024.

Nesse *post*, podemos ver como o armamento congrega outros valores também caros aos apoiadores de Bolsonaro e a ele. Vemos, além da posse de arma (visual e verbalmente expressa), o apelo ao cidadão de bem (garantia do *status*) e o discurso bíblico como autoridade (versículo de Êxodo). O *post*, embora reforce o apoio a Bolsonaro, não se destina, como ouvinte primeiro, aos bolsominions, mas aos seus opositores, uma vez que traz um respaldo para a defesa de um valor que, para eles, é caro. “Antes de citar a bíblia pra discordar sobre posse de arma pra o cidadão de bem / Vc deveria ler isto: Êxodo 22:2 ‘Se o ladrão for achado roubando e for ferido, e morrer, o que o feriu não será culpado do sangue’”.

Como elemento central, há a imagem de uma mão empunhando uma arma, em referência ao cidadão de bem que, em legítima defesa, defende sua casa e sua família (como os discursos de posse de arma normalmente se constituem). Para validar esse posicionamento, a Bíblia é trazida como um elemento chave, pois o versículo de Êxodo divide a posição central, ainda que deslocada à direita, com a imagem de alguém segurando a arma.

Mais uma vez, o cidadão de bem é colocado como um sujeito que combate, com suas próprias mãos, os males do mundo, visto que a “bandidagem” e a “vagabundagem” estão soltas no mundo, isto porque o versículo utilizado para respaldar tal visão se refere ao “ladrão” que é “pego roubando”. Logo, merece ser morto, porque a Bíblia não condena quem age em legítima defesa (“o que o feriu não será culpado de sangue”).

Assim, embora a mesma Bíblia diga que um dos Dez Mandamentos é o de não matar (“Não matarás”, em Êxodo 20:13), quem cria o *post* utiliza um versículo de maneira a criar uma estratégia discursiva de que é permitido matar com arma de fogo (pois é a que está na imagem), visto que é um ato de legítima defesa contra um ladrão. Dessa forma, cria-se uma condenação do outro e uma absolvição de si.

Tal tema é tão caro ao coro político que não é raro encontrar *posts* nas páginas e nos perfis que defendem Bolsonaro fazendo montagens em que ele aparece portando armas. Nos dois *posts* abaixo, vemos Bolsonaro como uma figura imponente, dadas as vestimentas e o cenário em segundo plano.

Figura 99 - Mito



Fonte: Elaboração autoral (Canva) a partir do Facebook - *Bolsominions*

Em ambos os *posts*, o cenário construído é de guerra e destruição, no estilo de mundo apocalíptico. Vemos nesse cenário certa semelhança com o discurso utilizado pelos bolsonaristas de que o PT, ao longo de seus governos, acabou com o país, afundou o Brasil, destruiu a pátria. Temos, então, esse horizonte socioideológico como base para uma compreensão mais imediata desses *posts*, que trazem, como elemento central e salvador da nação, Bolsonaro.

Inclusive, no segundo *post*, há uma paródia com o título e os elementos cênicos do filme *Eu sou a lenda* (2007), em que a personagem principal vaga por uma cidade em busca da cura para a doença que dizimou a população, e da qual ele é imune. Colocamos, na montagem a seguir, o *post* à esquerda e o pôster do filme à direita para observarmos como alguns elementos foram ressignificados, a fim de construir o sentido de que Bolsonaro é o salvador da pátria (mito/lenda) em um cenário de caos, doença e destruição (Brasília/PT).

O *post*, cuja construção se dá por uma paródia do filme, ao mesmo tempo que defende e apoia Bolsonaro, defende alguns elementos que são recorrentes nos demais *posts*. O que nos chama a atenção, nesse momento, é a arma de fogo (circulada em roxo), que existe no pôster do filme, mas que no *post* da página do Facebook ganha destaque e posição central ao ser colocada na mão de Bolsonaro e aparecer por completo na imagem, e não secundária (já que,



no pôster, também circulada em roxo, ela está atrás da personagem, pendurada em seu ombro, aparece quase discretamente).

Associar a imagem de Bolsonaro a um mito, como já dissemos, também é uma recorrência encontrada nesses *posts*, que, nesse caso, aproveitou-se do título do filme para fazer o trocadilho e aproximar a imagem do então candidato à personagem do filme (circulado em verde). Quanto aos elementos que constituem o plano de fundo, os que chama a atenção são o cachorro (circulado em vermelho) e a edificação desmoronando (circulado em azul), pois ambos fazem referência ao PT.

Figura 100 - Elementos reacentuados



Fonte: Elaboração autoral (Canva) a partir do Facebook - *Bolsominions*

Ainda acerca desses elementos que os eleitores utilizam para defender seu posicionamento, encontramos alguns *posts* que trazem, de maneira sintetizada, quais são as valorações negativas que não os representam e que, portanto, visam combater ao eleger Bolsonaro presidente. Temos, nesses casos, uma afirmação pela negação, isto é, ao mostrar o que eles não querem, eles esclarecem o que é que eles querem.

No *post* a seguir, podemos ler: “Eu sou contra: ideologia de gênero, aborto, legalização das drogas, desarmamento, desvalorização das polícias, destruição dos valores da família, ofensas religiosas, doutrinação nas escolas”. A cor vermelha é utilizada como plano de fundo para tanto chamar a atenção, quanto para associar esses valores (depreciativos) como depreciativos para a esquerda, em específico, ao PT. Ainda, “contra” também está com o

destaque em vermelho, reforçando que esses valores listados são contrários ao pensamento bolsonarista.

Figura 101 - Valores depreciativos



Fonte: Facebook - Bolsominions

Nesse *post*, também podemos observar uma marca d'água à direita da imagem, com a bandeira do Brasil ao fundo e Bolsonaro, de óculos escuro, faixa presidencial e quepe de general, à frente, com a sigla C.O.E (Comando de Operações Especiais), uma unidade especial da polícia. Tais elementos reforçam não só se tratar de um *post* que apoia positivamente o que o *post* critica, mas que eles estão calcados no que a figura política de Bolsonaro representa, aliados à pátria (bandeira), à polícia (C.O.E.) e às Forças Armadas (quepe). Negar os valores do *post* e ser contrário a eles é ser favorável ao que a marca d'água, à direita da imagem, representa.

O *post* seguinte dialoga com o anterior, no sentido de reforçar valorações por meio de uma negação. Podemos ver, ao centro da imagem, uma mulher, branca, de cabelos médios e lisos, com roupa branca, além de uma mordaza (que a impede de falar) e uma venda/tapa-olhos (que a impede de ver). Como em sua testa vemos a palavra IGREJA, temos esse fio-condutor religioso como mote para a leitura do *post*, ou seja, as valorações defendidas serão com base em argumentos cristãos.

Figura 102 - Valores negativos e opressores



Fonte: Facebook - Bolsominions

Mais uma vez, a cor vermelha é utilizada na tipografia do texto, para gerar o sentido de negação e também de associar, pela cor, esses valores que ora são vistos como negativos, a um outro grupo político (PT). Em negrito, no topo da imagem, lemos “Até quando seremos omissos e não teremos posição?”, e na parte inferior, também em posição central, lemos “Somos uma igreja com posição nesse país”/“Toda nossa família votando em candidatos que defendem os princípios”/“Nunca na história dessa nação, precisou-se tanto de candidatos cristãos para defender a família e a igreja”.

O que podemos interpretar é que, mais uma vez, a extrema-direita associa política à religião, algo que ganhou muito mais força nos últimos anos, com a Frente Parlamentar Evangélica (também chamada de Bancada Evangélica) no Congresso, cujos posicionamentos oficiais são todos baseados na “família” e na “igreja/Deus”.

A mulher branca, no centro da imagem, é rodeada de valorações negativas a ele e a seu grupo social, e é nesse mundo que eles precisam se posicionar contrariamente, com a eleição de um candidato cristão (Bolsonaro) que defenda a família e a igreja (novamente, o cidadão de



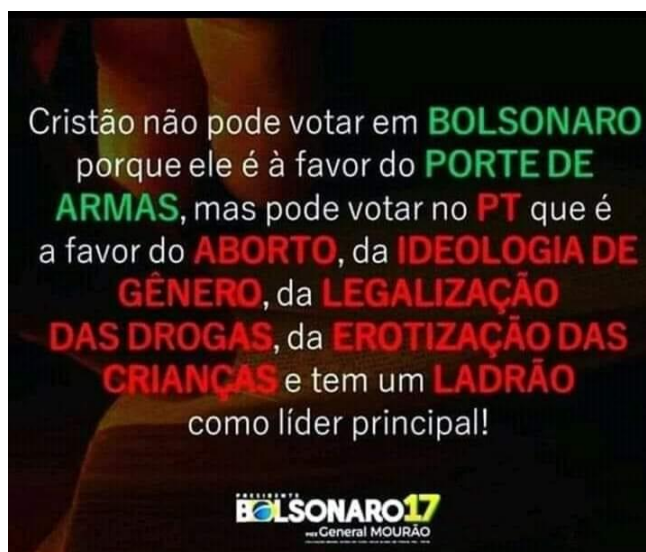
bem aparece implicitamente quando essas valorações são evocadas) contra os males que assolam o país.

As valorações negativas que sufocam e oprimem a mulher branca, sua família e sua fé são, conforme podemos ler na imagem, do lado superior direito para o lado superior esquerdo: “destruição da heteronormalidade; legalização da prostituição; tratar igreja como empresa; mais de 750 projetos que afrontam a família; legalização das drogas; legalização do aborto; fim da liberdade religiosa; destruição do dia dos pais e dia das mães; legitimação da pedofilia; mordança na boca dos que defendem os princípios; cirurgia de mudança de sexo a partir dos 14 anos pelo SUS”.

Acompanhando o aspecto verbal, há uma imagem para cada um desses itens que ilustra contra o que a extrema-direita luta no país. Nesse sentido, todos esses itens elencados visam reforçar uma imagem de opressão que não pode se perpetuar, porque coloca em risco de extinção a família e a religião. O discurso tradicional e conservador se faz presente por meio dessa defesa de “princípios”, colocados como melhores e superiores em relação aos demais que cercam e oprimem a mulher branca (de classe-média).

Mais uma vez reforçando esses valores que são caros a um grupo e desfavoráveis a outro, temos o uso das cores verde e vermelho para destacar o que é apreciativo e depreciativo. Vejamos como, pela tipologia e pela cor o sentido é construído para mostrar que tudo que é vermelho (é do PT, portanto, é depreciativo), e tudo o que é verde (é do Bolsonaro, portanto, é apreciativo).

Figura 103 - Verde apreciativo e vermelho depreciativo



Fonte: Facebook - Bolsominions

No *post*, lemos “Cristão não pode votar em BOLSONARO, porque ele é à favor do PORTE DE ARMAS, mas pode votar no PT que é a favor do ABORTO, da IDEOLOGIA DE GÊNERO, da LEGALIZAÇÃO DAS DROGAS, da EROTIZAÇÃO DAS CRIANÇAS e tem um LADRÃO como líder principal!”. Na cor verde e em caixa alta, temos “Bolsonaro” e “porte de armas” como um aspecto apreciativo, logo, algo a ser valorado como o correto. Na cor vermelha, também em caixa alta, temos “PT”, “ideologia de gênero”, “legalização das drogas”, “erotização das crianças” e “ladrão” como aspectos negativos, logo, que precisa ser combatido.

O horizonte socioideológico do *post* visa trazer uma contradição da esquerda, que dentre tantas, aponta o porte de arma como um posicionamento que fere princípios bíblicos e cristãos, logo, defender os dois posicionamentos não é possível. Contudo, o recurso utilizado é de apontar que o mesmo grupo que critica também possui sua contradição, baseada em valorações que associam à esquerda e ao PT, como se o cristão que não vota em Bolsonaro (por ser contra o porte de arma), mas vota no PT (mais uma vez, o binarismo esquerda vs direita) e automaticamente compactua com todas as valorações trazidas em vermelho.

Nos *posts* anteriores de mesma temática, não houve explicitamente a menção ao PT, como nesse, mas implicitamente, pelo uso da cor vermelha, houve. Porque toda valoração defendida assim é feita baseada na crítica ao outro. Independente do recurso utilizado, se a negação pela afirmação, se o discurso direto, o objetivo principal é reforçar valores apreciativos que dizem respeito à família, à pátria e à igreja, e associar para desqualificar os valores negativos ao outro grupo político.

Nesse sentido de vermelho associado ao que é negativo e verde e amarelo ao que é apreciativo, este *post* ilustra o modo de pensamento dos bolsominions a respeito da estética verde e amarela, amplamente utilizada na campanha de Jair Bolsonaro. No *post*, podemos ver a criação de uma situação de humor, que mostra a mudança de comportamento de Fernando Haddad, adversário direto de Bolsonaro no segundo turno eleitoral quanto ao uso das cores verde e amarelo em paralelo ao uso da cor vermelho.

Vejamos como, por meio da coloração, um signo visual, o ideológico se manifesta. A estrutura do *post* segue um modelo de meme de mostrar uma mudança percebida de um dia para o outro, ou seja, 23:59 (de um dia) e 00:00 (de um novo dia).

Figura 104 - Vermelho, verde e amarelo



Fonte: Facebook - *Bolsominions*

No *post*, o autor traz dois comportamentos de Haddad para mostrar como houve uma mudança de pensamento percebida na forma como repaginou sua identidade visual de campanha. O *post* utiliza um plano de fundo vermelho, cor associada à campanha política de Haddad, filiado ao PT, ao passo que é dividido em dois blocos: o primeiro, é a postura de Haddad às 23:59, que abraça o vermelho como cor do partido, logo, da campanha, e se opõe ao verde amarelo, representado pela bandeira do Brasil, presente na manchete da *Folha*: “Haddad proíbe Fiesp de exibir bandeira do Brasil em telão”. Logo abaixo, há o logo da chapa Fernando Haddad, presidente, e Manuela D’Ávila, vice, com o número de urna (13) também presente.

O segundo bloco é a postura de Haddad às 00:00, que descarta o vermelho para abraçar o verde e amarelo e, assim, conquistar novos eleitores no segundo turno, no qual enfrenta Bolsonaro. A manchete do *Globo* diz: “Para enfrentar Bolsonaro, PT adota o verde e amarelo no segundo turno”, finalizado com o novo logo que, em nenhum elemento, traz o vermelho, mas tons de verde, amarelo e azul, em referência à estética verde e amarela. Ainda, há dois emojis gargalhando ao lado da notícia e do novo logo de Haddad e Manuela, uma espécie de reação ao que foi visto/lido. Por fim, na parte inferior e central do *post*, há um alerta: “NÃO SE DEIXE ENGANAR!”.

Colocada a situação, vemos como o vermelho, para o PT, e o verde e amarelo, para Bolsonaro, funcionam ideologicamente, de modo que a adoção de uma estética pelo grupo de oposição é motivo de piada, mas não só, também é de alerta, pois só existe uma estética verde e amarela, que é a de Bolsonaro, que é a que defende a pátria, que é a que não impediria a exibição da bandeira do Brasil em algum local público. Logo, o alerta é para que não acreditem na mudança de cor da campanha de Haddad, porque ela é uma mudança com fim estratégico, para esse grupo, não representa uma verdadeira mudança de um pensamento verde e amarelo (que defende o que o plano de governo de Bolsonaro defende).

Aqui, há uma defesa da valoração verde e amarela, dos ideais de Bolsonaro, sem que haja uma única menção, direta ou indireta, e ele. Todo o *post* é construído para criticar e rir da postura do PT e da campanha de Haddad, associando-o a um mentiroso. E, por ser mentiroso, é importante que os sujeitos estejam atentos para não se deixarem enganar. O político que, desde sempre e para sempre, será o único verde e amarelo, que defende as ideologias verde e amarela, é Bolsonaro.

Dentre essas ideologias verde e amarela, está também a de defender a família, associada à ideia do conservadorismo, visto que muitos apoiadores possuem uma visão conservadora da sociedade, em que a família é vista como a pedra angular da estabilidade social e moral. Sendo assim, muitos acreditam que ter uma família tradicional, um casal heterossexual (um homem e uma mulher) e seus filhos, é fundamental para manter a ordem social. Disso decorre, ainda, o preconceito com outras identidades sexuais.

A família também possui um papel fundamental na educação e na formação de valores, pois o lar onde uma família vive é o principal ambiente para a transmissão de valores, crenças e tradições. Assim é que alguns bolsonaristas veem a família, por isso acreditam que essa é uma instituição que está sob ataque de mudanças sociais, como o movimento pelos direitos LGBTQIAPN+ e a desconstrução de papéis de gênero tradicionais. Para eles, defender a família é uma forma de resistir a essas mudanças que tentam, a todo custo, desmoralizar essa instituição.

Nesses dois *posts*, que trazem o conteúdo temático da família como principal elemento, também vemos como o amor à pátria e o uso das cores verde e amarelo constroem não só a identidade visual, mas o discurso de nacionalismo exacerbado. Na primeira figura, a coloração que remete à pátria é mais explícita, pois também traz em sua base a bandeira do país, já na segunda, a bandeira não aparece, nem a cor verde, mas o amarelo e o azul dão o tom de patriotismo que permeia todas as áreas da vida de um sujeito, incluindo o discurso de amor à família.

Figura 105 - Defesa da família



Fonte: Elaboração autoral (Canva) a partir do Facebook - *Bolsominions*

Vemos, no primeiro *post*, o enunciado “Pela Família Eu Voto 17/Bolsonaro Presidente” e, no segundo, “A Família Brasileira será RESPEITADA, para que nossa NAÇÃO se FORTALEÇA novamente./Bolsonaro”. Nos dois casos, há relação entre a instituição família e a nação, como sendo Bolsonaro o candidato capaz de harmonizar essas duas relações que, no momento, não estavam harmonizadas (o uso do advérbio “novamente, no segundo *post*, reforça essa perda da fortaleza entre nação e família). O uso de caixa alta e coloração diferente, em amarelo, também nessa imagem, nos mostra que os valores de respeito, nação e força se congregam entre si e fazem de Bolsonaro a imagem política que representa isso.

Já no primeiro *post*, “Pela família, eu voto 17”, tal tópico frasal nos remete às justificativas utilizadas por grande parte dos parlamentares de direita e extrema direita na votação de impeachment de Dilma Rousseff. Fizemos um recorte do levantamento de dados feito por Prandi e Carneiro (2018)<sup>66</sup>, que mostram a recorrência das justificativas. Em terceiro lugar, a justificativa “Pela família e parentes do deputado” foi utilizada por 26,6% dos votantes.

Dos 511 votantes, 136 utilizaram a família como recurso discursivo de justificativa para destituir Dilma Rousseff da presidência do país. É nesse sentido que, sendo uma tônica no discurso desses parlamentares, nos deparamos com um outro *post* que toca na questão da

<sup>66</sup> PRANDI, Reginaldo; CARNEIRO, João Luiz. Em nome do Pai: justificativas do voto dos deputados federais evangélicos e não evangélicos na abertura do impeachment de Dilma Rousseff. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 33, n. 96, 2018.



família, mas de uma forma que busca fazer um apoio, mas acaba se tornando uma crítica, por reafirmar aspectos de sucessão que tendem a figurar como nepotismo.

No *post*, lemos “Vai ter Bolsonaro presidente sim!/E se reclamar ele vira imperador/E vai passando o trono de filho para filho”. Três imagens o compõem: a primeira é Bolsonaro com a faixa presidencial, a segunda é uma montagem com o rosto de Bolsonaro e os traços e cabelo de Dom Pedro I, e a terceira é uma foto de Bolsonaro com os três filhos parlamentares.

Figura 106 - Sucessão de trono



Fonte: Facebook - *Bolsominions*

Nesse *post*, o que nos chama a atenção é a associação do atual estado de regime democrático para a monarquia constitucional parlamentarista, como a que ocorreu no Brasil com Dom Pedro I como imperador<sup>67</sup>. Esse tipo de *post* reforça o aspecto familiar como uma instituição a ser zelada, cuidada e protegida, como os *posts* anteriores mostraram, mas também coaduna com a prática de nepotismo que favoreceu, ao longo dos 28 anos de vida política de Bolsonaro, mais de 13 nomeações de seus parentes<sup>68</sup>.

<sup>67</sup> O segundo fragmento do *post* é um quadro de Dom Pedro I, de autoria de Simplicio de Sá, feito com óleo sobre tela nas dimensões 76 cm x 60 cm. Intitulado *Retrato de D. Pedro I* (1826), está disponível no Acervo do Museu Imperial/IPHAN/MinC (Petrópolis, RJ). RETRATO de D. Pedro I. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra3005/retrato-de-d-pedro-i>. Acesso em: 28 de maio de 2024. Verbete da Enciclopédia. Acesso em: 28 maio 2024.

<sup>68</sup> PIVA, Juliana Dal; ABBUD; Bruno; COSTA, Ana Clara. Os 13 parentes de Jair Bolsonaro nomeados nos gabinetes da família. *O Globo*, 15 maio 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/epoca/os-13-parentes-de-jair-bolsonaro-nomeados-nos-gabinetes-da-familia-23665952>. Acesso em: 24 mar. 2024.

Embora nesse caso do *post* esteja falando da sucessão do trono de pai para filhos, o aspecto familiar presente no caso das nomeações de parentes se mostra problemática quando os doze parentes nomeados na Câmara e na Alerj estão envolvidos em suposto esquema de “rachadinha”, com o repasse de parte de seus salários para os parentes políticos. Nesse sentido, um *post* que se propõe a apoiar a família na política e na sucessão de trono, relacionando-o à monarquia, acaba por revelar como os apoiadores também coadunam, ainda que indiretamente, com a nomeação de parentes em gabinetes e cargos políticos, que podem contribuir para esquemas de corrupção e lavagem de dinheiro, por exemplo.

Contudo, como a tônica familiar é um aspecto de extrema relevância e possui uma aura quase sagrada, não se torna um problema esse tipo de discurso, visto que até piadas e memes são feitas acerca desse caráter que pode vir a ser uma situação de nepotismo. Assim, “em nome da família”, pode-se tudo.

Voltamos, agora, ao aspecto familiar no que tange à infância. Podemos ver como se constrói, nos *posts* a seguir, o discurso da intervenção na educação e no âmbito escolar. Seleccionamos os *posts* a seguir pois todos tratam de um mesmo conteúdo temático: o hino nacional nas escolas.

Figura 107 - Infância, pátria e educação



Fonte: Elaboração autoral (Canva) a partir do Facebook - Bolsominions

A defesa de cantar o hino nacional nas escolas surge de um movimento de reavivar o patriotismo na sociedade, considerado um momento cívico no âmbito escolar, desde os anos iniciais de formação. Esses *posts* são uma resposta à polêmica gerada quando, em fevereiro de 2019, o ministro Ricardo Vélez Rodríguez, no Ministério da Educação, enviou uma carta às escolas tornando obrigatória a execução da música, pedindo até que filmassem os alunos cantando. A ação foi amplamente apoiada pelos bolsominions, visto que repercutiu nas páginas de maneira extensiva, principalmente porque recupera um dos valores tão caros à extrema-direita: o patriotismo.

A configuração dos *posts* que defendem o Hino Nacional nas escolas se dá, sobretudo, de duas formas: (1) uso expressivo das cores verde e amarela, em referência às cores do país, que reforça o nacionalismo, no terceiro e quarto *posts*; (2) crítica e ataque à esquerda, com o uso do lexema “esquerda” ou com a cor vermelha, no primeiro e quarto *posts*. O terceiro *post* não traz a defesa do Hino Nacional, mas se relaciona ao projeto político de uma escola sem doutrinação, como o caso do primeiro *post*. Dessa forma, trata-se de uma educação que, indiretamente, defende o Hino Nacional como uma de suas concepções, sobre isso falaremos adiante.

No primeiro *post*, vemos duas situações nas imagens: na primeira, crianças uniformizadas em branco e amarelo, com a mão direita no peito direito em posição de cantar o Hino Nacional, reforçando o momento cívico na escola (visto que estão uniformizadas de acordo com a instituição escolar que estudam); na segunda, crianças uniformizadas em vermelho, com a mão direita levantada e o punho fechado, em posição normalmente associada a movimentos e manifestações de resistência.

Só pelas cores, amarelo e vermelho, já temos um posicionamento de oposição entre as duas situações expressas no *post*. O texto, na parte superior da imagem, confirma e reforça a narrativa de duas ideias opostas no que diz respeito às crianças: “Cantar o Hino Nacional nas escolas é crime para a esquerda mas doutrinar crianças para invadir terras é normal no submundo da escória”. A voz da extrema-direita, para apoiar o Hino Nacional nas escolas, vale-se da estratégia argumentativa de colocar como situações sinônimas o cantar o Hino Nacional (apreciativo para a direita e depreciativo para a esquerda) e o invadir terras (apreciativo para a esquerda e depreciativo para a direita), como se as duas situações tivessem o mesmo peso e o mesmo impacto social, visto que, no *post*, aparecem como situações correlatas.



Destacamos, ainda, a escolha lexical para se referir à esquerda, tanto aos adultos quanto às crianças, como o “submundo da escória”, expressão utilizada de modo pejorativo para classificar grupos ou camadas sociais consideradas baixas, sem valor, sem educação, como desprezíveis. Em sua visão, crianças devem ser cuidadas e protegidas, mas não as crianças “de esquerda”, pois essas fazem parte de um submundo da escória, como afirmam no *post*.

Já no quarto *post*, que também traz duas situações colocadas como correlatas, temos a divisão em parte superior e parte inferior. Em cima, há uma situação que muito repercutiu nas mídias digitais<sup>69</sup>, de uma criança, junto à sua mãe, em um museu, tocando os pés de um homem nu, parte de uma instalação de arte, com outros adultos olhando a interação em volta. Na parte de baixo, temos crianças com a mesma posição de mão direita no peito enquanto cantam o Hino Nacional. Ressaltamos, uniformizadas de verde e amarelo, inclusive com pinturas faciais nas mesmas cores.

Para cada uma das situações apresentadas no *post*, seguem-se os seguintes enunciados, em vermelho: “Para a esquerda, isso pode!” (mãe e criança em museu tocando homem nu), “Cantar o hino nacional, Não!” (crianças uniformizadas e com a mão sob o peito). Mais uma vez, colocam situações distintas, com propósitos diferentes, como se fossem as mesmas e tivessem a mesma valoração. Em suma, é: Criança tocar homem nu em museu acompanhada de sua mãe = Cantar o Hino Nacional na escola. Nesse caso e no anterior, há uma aversão direta à esquerda, colocando tal grupo, com suas crianças e suas práticas sociais, como um submundo da escória. Isso porque as crianças, desde pequenas, já são doutrinadas para invadir terras e tocar homens nu em museus, tudo com o consentimento da família e dos responsáveis.

Já no terceiro *post* não temos a referência direta à esquerda como uma oposição ou crítica, mas uma reafirmação de valorações caras ao grupo de extrema-direita. Temos uma ilustração de uma mulher vestida de branco, com os olhos fechados e semblante sereno, com uma coroa de louros na cabeça e empunhando a bandeira do Brasil com a mão direita, ao passo que segura, com a mão esquerda, a mão de uma criança que olha para a frente, em direção ao futuro, traja de vestes simples e segurando livros e cadernos na mão direita.

Ambos estão em uma posição de altivez, pois há nuvens em volta, o que sugere um cenário idílico ou de mundo ideal (na cidade do Rio de Janeiro, pois ao fundo, no canto inferior esquerdo e em segundo plano, é possível identificar a estátua do Cristo Redentor – que, mais uma vez, reforça o discurso religioso desse grupo).

<sup>69</sup> G1. Interação de criança com artista nu em museu de São Paulo gera polêmica. *G1*, 29 set. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/interacao-de-crianca-com-artista-nu-em-museu-de-sp-gera-polemica.ghtml>. Acesso em: 24 mar. 2024.

Ainda, a mulher quase flutua, suas vestes se movimentam, ao passo que a criança, o futuro do país, tem os dois pés firmes no solo, fomentando a ideia de seriedade e racionalidade (em contraposição à figura angelical da mulher, que o guia nesse cenário lúdico). Por fim, no *post*, há o enunciado “Campanha/Eu autorizo meu filho a cantar o Hino Nacional e ser filmado”, todo em amarelo, com outro enunciado logo abaixo “Se achar ruim eu vou junto e canto também”. À esquerda, há a marca d’água “Movimento do povo brasileiro”.

Desses tópicos frasais, podemos depreender que embora a imagem seja de uma criança, a voz que se ouve falar é a de pais e mães, que fazem uma campanha de autorização aos seus filhos cantarem o Hino Nacional e serem filmados. Não há uma campanha da criança que pede para cantar o Hino Nacional e ser filmado, mas sim de seus responsáveis que, inclusive, trazem a situação para si e reforçam que a oposição, que acha ruim, vai vê-los cantar junto também. Nesse sentido, há um discurso que reforça o patriotismo nas crianças por meio da influência de pais e mães, mostrando-se favoráveis à carta enviada pelo ministro da Educação.

Por fim, o segundo *post*, embora não traga a tônica do hino nacional, relaciona crianças, família, educação e ambiente escolar. Vemos uma criança, branca, com a mão direita levantada fazendo um sinal de “pare”, com os dedos abertos, com uma expressão facial fechada. Toda a coloração desse *post* é branco: tanto a criança, quanto a roupa da criança, quanto o fundo da imagem são brancos. Diferente dos demais *posts* desse rol, o discurso é colocado na voz da criança, embora as valorações que surgirão sejam da família. No lado direito, podemos ler “Não mereço ser doutrinado!”, ao passo que na base, lemos “#EscolaSemPartidoJa” e “Sala de aula não pode ser comitê.”, seguido de dois emojis, um da bandeira do Brasil e outro de um anjinho (emoji com auréola).

O contexto mais imediato do *post* é o da Escola Sem Partido, um movimento político da extrema-direita que defende a “neutralidade ideológica” nas escolas, que argumenta contra uma suposta doutrinação política e ideológica por parte de professores e materiais educativos. Desse movimento decorre o objetivo de impedir que professores expressem suas opiniões políticas e ideológicas em sala de aula, bem como restringir o conteúdo de ensino que possa ser considerado uma forma de doutrinação.

Os mesmos pais e mães que apoiam e fazem campanha para os filhos cantarem o hino, como se este fosse isento de uma carga ideológica, utilizam o argumento de que a escola deve se limitar apenas à transmissão de um conhecimento objetivo, sem “influenciar” a visão de mundo dos alunos para que estes, por sua vez, não sejam doutrinados e não cheguem em suas casas com visões que destoem da tríade pátria-religião-família.

Desse mesmo pensamento, decorrem projetos e mudanças no âmbito educacional que refletem em forma de reformas, como o Novo Ensino Médio. Muitos responsáveis, que se filiam ao pensamento de extrema-direita, defendem um currículo escolar que prioriza o ensino de disciplinas tradicionais, como matemática, ciências e língua portuguesa, abominando filosofia e sociologia e demais conteúdos que instiguem o pensamento crítico.

Isso se dá sob todos os níveis escolares. Vimos o *homeschooling* (ensino/educação domiciliar), nos últimos anos, ganhar força como uma forma da família interferir na formação da criança para enfatizar e reforçar valores tradicionais e morais. Embora, para esse grupo, a sala de aula não possa ser um comitê, como expresso no *post*, por meio de medidas que dialogam com a Escola Sem Partido, como o *homeschooling*, mães, pais e demais responsáveis podem assumir a responsabilidade pela instrução formal de seus filhos em casa, em vez de matriculá-los em uma escola tradicional. Nesse modelo, eles são os professores e até podem desenvolver um currículo personalizado que atenda às necessidades e interesses individuais de suas crianças-alunos. Ou aos deles mesmos (o que pode ocorrer mais facilmente, visto a forma como colocam, na voz das crianças, as valorações que são caras a eles e ao grupo, conforme vimos nos *posts*).

Por fim, trazemos os *posts* que ilustram os desafetos políticos, pois representam algum tipo de ameaça ao que é considerado certo, justo e direito por esses bolsominions, a partir de valorações alinhadas a Bolsonaro e à extrema direita. Começamos com a descredibilização da mídia, inimiga da campanha de Bolsonaro. Seleccionamos esses quatro *posts*, dois de mídia impressa (Folha de SP) e dois de mídia televisiva (Rede Globo), para mostrar como se dá essa oposição à mídia, em geral, já que ela não está do lado de Bolsonaro (na visão de seus eleitores).

Figura 108 - Crítica à *Folha de S.Paulo*

## FOICE DE S.PAULO

Desde 2018 ★★★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DA ESQUERDA foi.com/foicedecampa  
 DIRETOR DE REDAÇÃO: CHE CASTRO DA SILVA EDIÇÃO BRASIL - CONCLUÍDA HOJE - GRÁTIS



### EXCLUSIVO: Bolsonaro usa laranja pra vender Açaí, em sua rede de lojas “Wal Açaí”

Após um longo procedimento investigativo, nossos jornalistas descobriram que o Deputado Jair Bolsonaro estaria usando laranja pra vender açaí em uma mega rede de lojas chamada “Wal Açaí”.  
 O Deputado é acusado ainda de usar goiaba pra vender suco de limão e, pasmem, caju pra vender castanha. A dupla Caju e Castanha se manifestou no Facebook condenando o Deputado por mais esse ataque homofóbico.  
 A Foice continuará investigando o Deputado doutrinação, pois nosso compromisso é com o leitor, com o país, e com os 225 milhões que recebemos do PT.

Fonte: Elaboração autoral (Canva) a partir do Facebook - *Bolsominions*

Os dois *posts* são montagens feitas a partir da valoração de que os veículos de informação não têm credibilidade. No primeiro, um cachorro defeca em uma folha de jornal, que, no post, foi colocado como a capa da *Folha de S.Paulo*. Na parte central e superior, temos

“NOVA UTILIDADE PARA FOLHA DE SP”, visto que a função inicial, a de ser um informativo, não está sendo cumprido, na visão de quem se opõe a esse veículo.

Portanto, cabe usar as folhas do jornal com uma nova função, destinar uma nova utilidade. Existem inúmeras opções para o reaproveitamento, como embalar objetos de vidro, confecção de artesanato, mas o posicionamento do *post* é a de que a utilidade real do jornal da *Folha* é para recolher fezes de animais, equiparando, portanto, o excremento do cachorro à essa mídia impressa.

Esse tipo de *post*, desqualificando o jornal, é fruto da relação entre Jair Bolsonaro e a *Folha de S.Paulo* durante sua campanha presidencial, considerado um dos principais jornais do país a publicar várias reportagens investigativas sobre ele, que, por sua vez, reagia atacando o jornal, acusando-o de parcialidade e *fake news*. Dessa forma, seus apoiadores coadunam com seu posicionamento e, por isso, produzem *posts* de crítica à *Folha de S.Paulo*.

Um dos maiores escândalos da campanha de Bolsonaro foi a *Folha de S.Paulo* que investigou: o caixa 2, esquema para financiar disparos em massa de mensagens no *WhatsApp* favoráveis a Bolsonaro. Segundo a *Folha*, empresários teriam financiado ilegalmente a campanha de Bolsonaro por meio da contratação de empresas especializadas em disparos de mensagens, configurando uma violação das leis eleitorais. Outras reportagens investigativas, como o histórico político de Bolsonaro, suas declarações controversas e a atuação de seus filhos na política também foram publicadas, de modo que, constantemente, Bolsonaro criticava o jornal em suas aparições públicas e nas redes sociais, sob a sugestão de que a *Folha* tinha uma agenda contra sua candidatura.

Em várias ocasiões, Bolsonaro afirmou que, se eleito, cortaria publicidade oficial do governo na *Folha de S.Paulo*, pois não financiaria um jornal que, segundo ele, disseminava mentiras. Desse modo, tendo desqualificado o jornal como um desserviço, os bolsominions coadunam com seu posicionamento e passam a também se opor e criticar esse veículo de imprensa.

O segundo *post* sobre a *Folha de S.Paulo* faz uma paródia com a capa do jornal, trocando o lexema do título de “Folha” para “Foice”, associando-o aos valores de esquerda, por evocar a foice (e o martelo), símbolo que representa a classe trabalhadora e, para os bolsominions, é sinônimo de “Cuba”, “esquerdopatas” e “Lula ladrão”.

Não à toa, o *slogan* dessa montagem, a *Foice de S.Paulo*, é “UM JORNAL A SERVIÇO DA ESQUERDA”, cujo diretor de redação se chama Che Castro da Silva (em associação a Che Guevara, outro símbolo da esquerda, na visão dos bolsominions). Outros elementos, também modificam e criam o efeito humorístico de criticar o jornal, sendo que ele é veiculado “desde

2018” (recente), o *link* para a página de Facebook desse jornal é “fb.com/foicedesampa” e é uma “EDIÇÃO BRASIL – CONCLUÍDA HOJE – GRÁTIS”, sem valor monetário.

Para entender a reportagem da *Foice de S. Paulo*, trazemos, em síntese, a situação que se desenrolou durante a campanha política. Wal do Açaí é o nome pelo qual ficou conhecida Walderice Santos da Conceição, uma figura associada a Bolsonaro durante a campanha presidencial, pois foi contratada como funcionária de seu gabinete na Câmara dos Deputados e recebia um salário público. Contudo, em janeiro de 2018, uma reportagem da *Folha de S. Paulo* revelou que Walderice, conhecida como “Wal Açaí”, era uma funcionária fantasma<sup>70</sup> no gabinete de Bolsonaro. A investigação indicou que ela não trabalhava efetivamente para Bolsonaro em Brasília, mas sim vendia açaí em Angra dos Reis (RJ).

Bolsonaro negou as acusações de que Walderice fosse uma funcionária fantasma, alegando que ela prestava serviços administrativos em sua base eleitoral nessa cidade do Rio de Janeiro. Entretanto, após a repercussão da reportagem, Walderice pediu demissão do cargo no gabinete de Bolsonaro e o caso todo foi tido, pelos seus opositores, como uma forma de corrupção, visto que se tratava de uma funcionária fantasma e “laranja”.

Assim, a manchete traz “EXCLUSIVO: Bolsonaro usa laranja pra vender Açaí, em rede de lojas ‘Wal Açaí’”. E, aqui, “Bolsonaro”, “laranja” e “Wal do Açaí” são os elos discursivos que remontam ao acontecimento durante a campanha eleitoral. Na imagem, à esquerda, há uma foto do local (verídico) onde Wal, de fato, vendia açaí. Por se tratar de um *post* que visa desacreditar a *Folha de S. Paulo*, associando-o um veículo de imprensa de esquerda, a escolha lexical e a texto carecem de coerência propositalmente.

Vejamos a redação: “Após um longo procedimento investigativo, nossos jornalistas descobriram que o Deputado Jair Bolsonaro estaria usando laranja pra vender açaí em uma mega rede de lojas chamada ‘Wal Açaí’”. O Deputado é acusado ainda de usar goiaba pra vender suco de limão e, pasmem, caju pra vender castanha. A dupla Caju e Castanha se manifestou no Facebook condenando o Deputado por mais esse ataque homofóbico. A *Foice* continuará investigando o Deputado doutrinação, pois nosso compromisso é com o leitor, com o país, e com os 225 milhões que recebemos do PT.”

Como dito, a falta de coerência fica a cargo de expressões como “usando laranja pra vender açaí”, “usar goiaba pra vender suco de limão” e “caju pra vender castanha”, associando, portanto, essa falta de sentido lógico ao modo como a *Folha* investiga suas reportagens. Isso também fica claro pela escolha lexical de “um longo procedimento investigativo”, que

---

<sup>70</sup> A expressão “funcionário fantasma” é usada no senso comum e no jornalismo para se referir ao servidor público que foi nomeado para um cargo comissionado, também chamado de “cargo de confiança”, e apenas recebe o salário, mas nunca compareceu ao trabalho.



constatou uma incoerência lógica, logo, carece de crédito, pois demorou para realizar a investigação e, o que foi investigado, não tem sentido factual.

O *post* segue parodiando o estilo do jornal de produzir reportagem, principalmente as que se opõem a Bolsonaro, visto que, além da acusação de laranja e açaí, Caju e Castanha, uma dupla de cantores, veio a público de manifestar contrários ao ataque homofóbico de Bolsonaro (um tipo de acontecimento recorrentemente, mas não com essa dupla, que foi utilizada no texto para fins de riso). Também chama Bolsonaro de “Deputado doutrinação”, utilizando, pelo lexema, visões que recorrentemente são associadas a ele pelos seus opositores.

A *Foice de S.Paulo* finaliza o texto dizendo que é comprometida “com o leitor, com o país, e com 225 milhões [de reais] que recebemos do PT”, o que mostra o posicionamento de crítica e denúncia desses eleitores bolsominions, ao acusarem a *Folha*, por meio de uma paródia da *Foice*, de ser um jornal de esquerda e veicular notícias pró-PT e contrárias a Bolsonaro por receber financiamento para tal.

O mesmo tipo de crítica ocorre com a Rede Globo, com quem Bolsonaro teve “trocas de farpas”, logo, *posts* reagindo a essas situações circularam, como vemos a seguir. A primeira é uma crítica a Rede Globo por meio de uma paródia com o programa Criança Esperança, e a segunda é também uma crítica pela Rede Globo não mostrar as benfeitorias de Bolsonaro.

Figura 109 - Crítica à Rede Globo



Fonte: Elaboração autoral (Canva) a partir do Facebook - *Bolsominions*

Na primeira imagem, temos uma foto cuja visão panorâmica mostra um gramado com várias pessoas em pé, no sentido de amplitude (dimensão) e de coletivo (união), pois estão todas reunidas em um mesmo local. No plano verbal, podemos ler: “Contribua e seja mais um imbecil esperança/Contamos com você!”. Acima do lexema “imbecil”, há o logo da Rede Globo. A

crítica à emissora é feita por meio de um programa anual, o Criança Esperança, realizado em parceria com a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), em que são feitos pedidos de doação, em dinheiro, para criar oportunidades de desenvolvimento para crianças, adolescentes e jovens.

Desse modo, a crítica não é ao programa, em si, mas à emissora que, na visão desse grupo, se beneficia dessas doações e faz o público de “imbecil” por acreditar que o dinheiro seja destinado corretamente. Isso porque, na visão dos críticos à Rede Globo, qualquer programa promovido é de caráter suspeito.

O autor do *post* assume a voz da Rede Globo, mas não para se pretender ser, mas para criticar, por meio de um discurso do outro, a postura: “Contamos com você!” não é um convite a, de fato, contribuir com o programa, mas é uma acusação de que o “imbecil esperança”, a real intenção da Rede Globo em ganhar dinheiro em cima de um programa social, aguarda as doações de quem não se dá conta dessa manipulação e falcatura.

Nesse sentido, o *post* vem responder, com um programa televisionado em agosto de 2018, época em que a candidatura à presidência de Jair Bolsonaro já estava oficializada, ao modo como a Rede Globo, a maior emissora de televisão do país, atuou na cobertura das eleições, em especial, pelo seu comportamento em relação a Bolsonaro, já que as reportagens e os programas de análise política atingiam muitos eleitores.

Durante a campanha, a Rede Globo realizou debates entre os candidatos e veiculou diversas matérias investigativas sobre todos os principais candidatos, incluindo Bolsonaro. Assim como fez a *Folha de S.Paulo*, a Rede Globo também veiculou várias reportagens que examinaram criticamente o histórico político de Bolsonaro, suas declarações polêmicas e aspectos controversos de sua campanha. Além disso, destacou a disseminação de *fake news* e a suposta participação de empresários no financiamento de disparos em massa de mensagens no *WhatsApp*, favorecendo a campanha de Bolsonaro.

Bolsonaro frequentemente criticava a Rede Globo em seus discursos e nas redes sociais, sob a mesma acusação de ser parcial e de promover *fake news* contra ele, além de afirmar que suas reportagens eram tendenciosas. Em decorrência disso, criou-se uma tensão entre a emissora e o então candidato, visto que Bolsonaro até ameaçou rever a concessão pública da Rede Globo, insinuando que a emissora poderia perder seu direito de operar. Ainda, declarou que, se eleito, cortaria a publicidade governamental na Globo, argumentando que não financiaria um veículo que, segundo ele, o atacava injustamente.

Ainda, esse posicionamento contrário por parte de seus eleitores também é uma resposta aos confrontos diretos com jornalistas da Rede Globo, durante entrevistas e debates, como a



entrevista ao *Jornal Nacional*, que ele criticou as perguntas feitas e acusou os apresentadores, William Bonner e Renata Vasconcellos, de serem parciais. Sendo assim, a postura de Bolsonaro em relação à Rede Globo ganhou apoio entre seus eleitores, que viram as críticas à emissora como uma atitude corajosa contra um monopólio midiático.

Diferente dos outros *posts*, na segunda imagem, temos uma situação dupla: ao mesmo tempo que há uma crítica a Globo, há uma defesa à postura de Bolsonaro. Uma montagem foi feita com uma foto de Bolsonaro ao lado de alguns indígenas, em que podemos ler, na parte superior, “BOLSONARODO Nordeste” com um *emoji* de cacto ao lado, seguido de “Isso a GLOBO não mostra!”. Na parte inferior, lemos “Índios no aeroporto para recepcionar homem branco, seu futuro Presidente”, “Marabá/PA 12JUL2018”<sup>71</sup>.

A imagem da visita de Bolsonaro à cidade de Marabá (PA) foi recuperada para dialogar, em sentido (in)tenso, com a imagem que a Rede Globo estava veiculando sobre o então candidato, que, para ele e seus eleitores, o desqualificavam, ao trazer seu histórico de declarações controversas. Sendo assim, o *post* denuncia a postura da emissora que, ao retratar o histórico do candidato, deveria mostrar sua presença ao lado de indígenas (diga-se de passagem, um grupo social minoritário, constante alvo de ataques em suas declarações).

O enunciado “Isso a Globo não mostra!” revela, na materialização do discurso desse grupo, atitude tendenciosa de só mostrar o que lhe convém, que, no caso, são imagens vistas como depreciativas a Bolsonaro. Assim, a emissora é colocada como manipuladora, ressaltando que há controvérsias acerca da sua capacidade de formação da opinião pública.

Ao final do *post*, há uma legenda que descreve a situação enunciativa da foto. Nela, é expresso que “índios” foram ao “aeroporto para recepcionar homem branco”, Bolsonaro, que virá a ser “seu futuro Presidente”. Notadamente, essa legenda é feita com um olhar de fora desse grupo social, uma vez que ao se pretender mostrar apoio por parte de indígenas, a escolha e construção lexical ressaltaram um dos maiores conflitos pela terra brasileira, do “homem branco” e dos “índios”.

Ainda que essa contradição não seja trazida no *post*, o intuito de mostrar uma imagem de Bolsonaro próximo ao povo, principalmente a grupos sub-representados, presente em estados do Nordeste (embora ele estivesse, nessa ocasião, no Norte), é uma forma encontrada para não só apoiá-lo, mas também denunciar uma prática tida como tendenciosa por alguns veículos de comunicação, como é o caso da Rede Globo.

---

<sup>71</sup> Embora o *post* queira trazer uma imagem de Bolsonaro vinculada positivamente ao Nordeste e a grupos minoritários, equivocou-se ao colocar a *tag* “Bolsonaro do Nordeste” em uma situação vivenciada em uma cidade do Pará, região Norte do país.

## 5.6 Internautas e eleitores: bolsominions e petralhas

Nossas análises nos levaram a uma compreensão ampla da constituição de posts que somatizam forças, tensões e embates entre dois grupos políticos distintos, representados cada qual pelos signos ideológicos de bolsominions e petralhas. Vimos como as contradições são parte de sua essência, não como uma síntese, mas como pontos de vistas e visões de mundos coexistentes, cada qual com sua autonomia. Todos os componentes de um post, como esmiuçamos, participam do diálogo da vida, e penetra toda manifestação e interação interpessoal. Assim é que temos a bivocalidade – duas vozes com duas intenções discursivas diferentes.

Confirmamos nossa hipótese inicial de que os posts funcionam com duas ou mais funções diferentes, ao se pretender uma fonte de informação, ao mesmo tempo que também cumpre papel de criticar, apoiar, ofender ou defender determinados posicionamentos políticos. Nesse sentido, encontramos na ironia paródica um elemento rico utilizado pelos dois grupos em ambos os signos ideológicos.

Temos, na visão do Círculo, que o recurso da paródia não apenas reconfigura enunciados já existentes, mas mantém uma relação íntima e dialógica com esse tipo de fazer linguagem, permitindo que sua própria realidade seja (re)afirmada e que, a partir dela, novos sentidos sejam criados. Os enunciados artísticos dos quais os signos ideológicos foram (re)aproveitados comportam-se como um organismo vivo, abrem-se para o novo, para a palavra outra, e é a partir dessa abertura que o embate entre vozes sociais é instaurado. As personagens de filmes e HQs, minions e Metralhas, respectivamente, são encarnadas por sujeitos ambivalentes e contraditórios em seus posicionamentos.

Nossas reflexões nos fizeram compreender que a materialização dessas valorações se dá em diferentes formas, uma delas, em *posts* de Facebook que guardam um elo comunicacional entre as visões de mundo materializadas pelos sentidos evocados na construção do enunciado, em especial. O Facebook, com suas páginas, torna-se essa arena discursiva em que diferentes forças e vozes sociais aparecem como reflexo e refração de um cenário pluridiscursivo maior – a vida.

Por pensarmos a linguagem como um fenômeno cultural, social e histórico, as trocas linguísticas nos interessam como forma de “mapeamento” da comunicação de um tempo-espaço específico. A multiplicidade de vozes sociais presentes nos *posts* analisados nos fez identificar que essa prática discursiva é, de certa maneira, uma forma de informação para quem consome – trazida pelos avanços tecnológicos e uso expressivo das redes sociais, especialmente

em contexto de eleições. Não à toa, essa prática de linguagem nas redes sociais tem impactado significativamente a maneira como a informação é disseminada, as opiniões são formadas e as decisões políticas são influenciadas.

Como meio e forma de comunicação, a informação exerce certo domínio sobre a sociedade e as relações sociais, isso porque, segundo Han (2022), somos “controlados” pelo consumo de diferentes tipos de informações que mudam e interferem, inclusive, a cognição humana e o modo com o qual nos relacionamos com nossos outros (cabe, aqui, ressaltar nossa perspectiva dialógica de sujeito, via Círculo Bakhtin, Medviédev, Volóchinov).

Dito isso, Han pontua que o estado democrático da sociedade é afetado, visto que o consumo exacerbado de informações muda a capacidade de dialogar e ser aberto às posições contrárias de um outro, o que o autor julga extremamente necessário e indispensável para a manutenção de regimes democráticos. Coadunamos com a ideia de que há uma intensa proliferação de conteúdos *online* por meio de diferentes tipos de informação, como Han aponta:

Uma informação ou um conteúdo [...] se espalha rapidamente na internet como uma epidemia ou pandemia. Nenhuma outra mídia é capaz desse contágio viral. [...] O excesso de informação faz com que o pensamento defina. A faculdade analítica consiste em deixar de lado todo material perceptivo que não é essencial ao que está em questão. Ela é, em última instância, a capacidade de distinguir o essencial do não essencial. A enxurrada de informações à qual estamos hoje entregues prejudica, evidentemente, a capacidade de reduzir as coisas ao essencial. [...]. Mais informação não leva necessariamente a melhores decisões. Justamente devido à crescente massa de informação a faculdade do juízo define hoje (2018, p. 32).

Para Jenkins (2014, p. 24), que trata da cultura da convergência e da conexão, há uma forma específica de compartilhamento e propagação de ideias: “[...] estão fazendo isso não como indivíduos isolados, mas como integrantes de comunidades mais amplas e de redes que lhes permitem propagar conteúdos muito além de sua vizinhança geográfica.” Aproxima-se, assim, o que temos considerado sobre a infocracia em Han (2022) com o pensamento de Jenkins:

Nessa cultura conectada em rede, não podemos identificar uma causa isolada que leva as pessoas a propagar informações. As pessoas tomam uma série de decisões de base social quando escolhe difundir algum texto na mídia: vale a pena se engajar nesse conteúdo? Vale a pena compartilhar? É de interesse para algumas pessoas específicas? Comunica algo sobre mim ou sobre meu relacionamento com essas pessoas? Qual é a melhor plataforma para espalhar essa informação? Será que deve circular com uma mensagem especial anexada? (Jenkins, 2014, p. 37)

Tais questionamentos trazidos pelo autor nos auxiliariam ao que tange ao pensamento crítico e posicionamento diante do dilúvio informacional do qual fala Lévy (2000). Escolher

compartilhar e propagar ou não a informação adiante é uma postura de avaliação social do que é consumido freneticamente. Contudo, questionamos se o modo como as redes sociais se configuram, hoje, permitem a pausa e a reflexão, até mesmo a vontade de pausar e de refletir sobre o que é consumido.

Não há nenhum tipo de condenação dos usos e das finalidades das redes sociais, mas um compromisso com a forma que, enquanto profissionais, podemos colaborar para que nossa cultura conectada em rede esteja mais próxima de uma educação de qualidade no que diz respeito às formas de ler e interpretar o mundo pela linguagem.

Por isso, não só temos comprovado nossa hipótese do estudo de doutoramento<sup>72</sup>, de que os *posts* de Facebook com temática política de acirramento ajudam a inflar os posicionamentos, como temos associado essa tendência justamente ao modo como lidamos, enquanto sociedade, com a informação, principalmente por seu caráter de ensimesmamento de ideias, crenças e valorações.

Muito se deve ao próprio funcionamento das redes sociais que, pelo volume de informação, alteram a capacidade de filtrar o que nossos olhos leem e nossos ouvidos escutam, principalmente quando a inteligência artificial sugere mais do mesmo conteúdo para consumo, visto que nossos gostos e nossas preferências encontram, virtualmente, outros ecos e outras reverberações discursivas.

Fratini (2020, p. 10) reforça que a comunicação política tem utilizado cada vez mais tecnologia para eleger candidatos, tendo seu ápice em 2018, de forma que o modo de se comunicar na internet tem impactado a própria política: “[...] a tecnologia trouxe um novo universo de possibilidades, a exemplo de facilitar a ascensão de cidadãos comuns a altos postos de poder e a queda de governantes tradicionais”. Ao longo deste estudo, mostramos como a informação (que, nessa era digital, é sinônimo de força) pode ser transformada aos fins de cada sujeito, de modo que se torna uma “arma” para auxiliar ou enfraquecer um ou outro lado. Cada vez mais, trava-se uma luta por meio de palavras.

Nesse ambiente virtual (e fora dele), criou-se o acirramento político no cenário eleitoral, cujo destaque em nosso estudo se restringe ao período do golpe de 2016 e à eleição presidencial de 2018. Grandes conglomerados de mídia, como a Rede Globo, a Folha de S. Paulo e o Grupo

---

<sup>72</sup> Segue o texto integral que consta em nossa introdução da tese, ainda em andamento: “Nossa hipótese é a de que os *posts* sobre bolsominions e petralhas funcionaram (e continuam a funcionar) não só como crítica opositiva por meio de paródia e escárnio ou como autoidentificação e autodefesa, mas também como veículo de informação e de militância ao associar, pelo menos, as esferas da arte, da mídia e da política sem perder o horizonte socioideológico da vida (de onde essas valorações nascem e para onde voltam, refletidas e refratadas). Desse modo, seu uso pode ser considerado uma arma política – além de uma estratégia, é uma ferramenta (simbólica) para criar ou derrubar ideias, ajudar ou atrapalhar grupos, a depender de quem, como e quando a utiliza.”

Abril, fizeram a cobertura de todo o processo de golpe de Dilma Rousseff, apoiando abertamente a destituição da presidente. Utilizaram-se de sua influência para construir uma narrativa que associava a presidente Dilma ao fracasso econômico do país e à corrupção, alimentando uma visão binária do processo político.

Por outro lado, durante a campanha eleitoral para presidente, em 2018, Bolsonaro adotou uma postura crítica em relação à grande mídia e utilizava as redes sociais, como o Twitter e o Facebook, para se comunicar com seus seguidores e apoiadores, sendo até mesmo conhecido por evitar entrevistas e debates. Desse modo, cientistas políticos e estudiosos da área acreditam que as redes sociais e o intenso uso feito pelo até então candidato à presidência tenha gerado uma onda de disseminação de desinformação (informação falsa, *fake news* ou mentira), além de fomentar ainda mais a visão binária do debate político no Brasil.

Próximo aos turnos de votação ou momentos (in)tenso do andamento político do país, conforme há o destaque de alguma ação (a liderança de um ou de outro partido, a votação de um projeto ou um processo etc.), as estratégias discursivas ficam mais agressivas e tentam não só mostrar, mas escancarar as falhas do outro. Coloca-se o holofote sobre o outro, e uma enxurrada de informações a seu respeito são replicadas sem o tempo adequado do processamento da informação (Han, 2018; 2022).

Assim, o problema que ameaça o regime democrático está no fato de que o eleitor comum não tem o discernimento do que é uma verdade ou mentira (sem adentrarmos no âmbito do certo ou do errado para a conduta ética do grupo social). As redes sociais, nesse sentido, são formas possíveis e encontradas para observar as questões atuais desse acirramento e das diferenças e singularidades dos sujeitos enquanto eleitores (seja para apoiar ou para criticar uma figura ou um partido político) a partir dos discursos produzidos por e sobre bolsominions e petralhas.

Partimos de uma concepção ideológica do signo, abarcando o processo de *blends* lexicais, para ver como se dá o funcionamento e o uso na rede social Facebook, em contexto político. Nossa hipótese tem sido confirmada: os *posts* sobre bolsominions e petralhas funcionaram (e continuam a funcionar) não só como crítica por meio do riso ambivalente, manifestado como paródia e ironia, mas como autoidentificação e defesa, e também como veículo de informação e de militância ao associar as esferas da arte, da mídia e da política sem perder o horizonte socioideológico da vida (de onde essas valorações nascem e para onde voltam, refletidas e refratadas).

Desse modo, seu uso pode ser considerado uma arma política – além de uma estratégia, é uma ferramenta (simbólica) para criar ou derrubar ideias, ajudar ou atrapalhar grupos, a

depende de quem, como e quando a utiliza. Por isso, é de suma importância conseguir depreender quais são as vozes sociais que compõem determinados discursos via *posts*, pois ali conseguimos olhar aspectos da ordem do pequeno tempo que, somados, indicam o grande tempo que constitui a história política de nosso país. Justamente por não haver cristalização no pequeno tempo é que conseguimos observar novos e diferentes sentidos acerca das interações.

Como o caminho para chegar às vozes sociais é o heterodiscurso, o discurso do outro no próprio discurso do eu, olhamos para essa teia de sentidos que se renovam a cada uso, mostrando os reflexos e as refrações desses dois grupos políticos selecionados como norteadores – bolsominions e petralhas. Acreditamos que esses signos ideológicos surgem em momentos de tensão/escândalo político, constantemente em diálogo com a esfera jornalístico-midiática, para criticar o que é noticiado, como uso negativo do signo e, por outro lado, para “abafar” e “suavizar” a própria tensão, ao mostrar o apoio por meio do uso apreciativo. Esse movimento não se finda, visto que lança o enunciado para o movimento, em constante renovação e embate com diferentes outras valorações.

A difusão e a propagação de informações em larga escala eram limitadas à grande mídia, como o rádio e a televisão. Porém, isso tem mudado e já em nossa sociedade baseada em procedimentos infocráticos, as redes sociais ganham destaque e se tornam uma espécie de “mídia alternativa”, visto que atuam como uma ferramenta eficaz para fins políticos, dada a característica viral e exponencial da informação no ambiente virtual. As valorações de cada sujeito e/ou grupo político se propagam para outros sujeitos e grupos sociais como um vírus. Logo, um *post* como qualquer um dos anteriores, que defende ou ofende, apoia ou se opõe a governo/governante verde e amarelo ou vermelho, ganha notável destaque.

Partimos do pressuposto de sujeitos ativos, responsivos e responsáveis (Bakhtin, 2010) por trás da alimentação e produção de conteúdos dessas páginas de cunho político, que materializam valorações acerca do que veem, escutam, acessam em constante interação com o mundo e com os outros sujeitos, via linguagem. Podemos observar esse aspecto, muitas vezes devido ao caráter de mídia alternativa atribuído às redes sociais, principalmente Facebook, WhatsApp, YouTube e Instagram, pela forma com que os sujeitos, dentre outras atividades, fazem uso como fonte de notícias, entretenimento e militância.

Entretanto, um comportamento que tem chamado nossa atenção é o de como determinados conteúdos são mais viralizados do que outros, e não necessariamente de forma orgânica e natural, porque se popularizou ou despertou interesse, mas porque foi impulsionado por robôs programados para essa atividade repetitiva, os chamados *bots*. Em campanhas eleitorais, é comum o uso de *bots* para inflar um determinado posicionamento e, assim, gerar

mais visibilidade para um determinado candidato, seja por meio de informações que o favoreçam ou que desfavoreçam seu rival. Com origem na língua inglesa, *bot* é diminutivo de *robot*, um *software* concebido para simular ações humanas repetidas vezes de maneira padrão, da mesma forma como faria um robô, em ambientes virtuais.

Arnaudo (2017) registra o uso de *bots* para tentar influenciar o resultado das eleições em mais de 17 países, inclusive no Brasil, nas eleições presidenciais de 2014, sendo que o PT e o PSDB, com mais destaque no acirramento político, usaram *bots* em algum momento de sua campanha eleitoral:

Events surrounding the 2014 presidential elections provide some of the earliest and well-documented cases of how botnets play a role in the political system. President Rousseff was up for re-election after her first five-year term, and after failing to win 50 percent of the vote in the first round, faced off in a second-round run-off against centre-right candidate Aécio Neves. [...] Various articles at the time, backed by research done by the Federal University of Espirito Santo, showed that bots were operating to promote both candidates. This activity spiked particularly during debates between the two run-off candidates, Rousseff and Neves. Reporting done by Folha de São Paulo and backed by a research group from the university showed that within 15 minutes of the start of the television debate, tweets with hashtags related to Neves and the debate tripled in number (Aragão, 2014).

[...]

This kind of abnormally rapid rise in support is a strong indication that bots were being used, especially when rival hashtags supporting President Rousseff did not increase at anywhere near an equivalent rate. Shortly after, in October 2014, her online supporters group Muda Mais reported a list of over 60 accounts it said were automated to retweet Neves' account over 180 times each (Liberato, 2014). Her party documented various acts of accounts that appeared to be automated on Twitter, Facebook and other social networks attacking Dilma and supporting Neves, including the cases documented by the Folha de São Paulo and Muda Mais.

[...]

Rousseff's campaign also used bots, but not on the scale used by Neves, as was later confirmed by leaked internal party memoranda published in the Estadão de São Paulo after the election (Filho & Galhardo, 2015). The memoranda covered the use of bots during the campaign, stating that Neves' operation used them not only on Twitter and Facebook, but on WhatsApp, and that it spent an estimated \$R10 million in purchasing and deploying these within the social networks and private messaging application (Arnaudo, 2017, p. 12-13).<sup>73</sup>

<sup>73</sup> Tradução nossa: “Os eventos em torno das eleições presidenciais de 2014 fornecem alguns dos casos mais antigos e bem documentados de como os *bots* desempenham um papel no sistema político. A presidente Dilma Rousseff estava concorrendo à reeleição após seu primeiro mandato de cinco anos e, depois de não obter 50% dos votos no primeiro turno, enfrentou o candidato de centro-direita Aécio Neves no segundo turno. [...] Diversos artigos da época, respaldados por pesquisas da Universidade Federal do Espírito Santo, mostravam que bots operavam para promover os dois candidatos. Essa atividade aumentou particularmente durante os debates entre os dois candidatos do segundo turno, Dilma Rousseff e Neves. Uma matéria feita pela *Folha de São Paulo* e apoiada por um grupo de pesquisa da Universidade mostrou que 15 minutos após o início do debate na televisão, os tweets com *hashtags* relacionadas a Neves e ao debate triplicaram em número (Aragão, 2014). [...] Esse tipo de aumento anormal rápido no apoio é uma forte indicação de que bots estavam sendo usados, especialmente quando *hashtags* rivais apoiando a presidente Dilma Rousseff não aumentaram nem perto de uma taxa equivalente. Pouco depois, em outubro de 2014, seu grupo de apoiadores *online* Muda Mais relatou uma lista de mais de 60 contas que diziam serem automatizadas para retuitar a conta de Neves mais de 180 vezes cada (Liberato, 2014). Seu partido documentou vários atos de contas que pareciam ser automatizadas no Twitter, Facebook e outras redes sociais atacando Dilma e apoiando Neves, incluindo os casos documentados pela Folha de São Paulo e Muda Mais. [...]”

Esse tipo de aumento anormal rápido no apoio é uma forte indicação de que bots estavam sendo usados, especialmente quando *hashtags* rivais apoiando a presidente Dilma Rousseff não aumentaram nem perto de uma taxa equivalente. Pouco depois, em outubro de 2014, seu grupo de apoiadores *online* Muda Mais relatou uma lista de mais de 60 contas que diziam serem automatizadas para retuitar a conta de Neves mais de 180 vezes cada (Liberato, 2014). Seu partido documentou vários atos de contas que pareciam ser automatizadas no Twitter, Facebook e outras redes sociais atacando Dilma e apoiando Neves, incluindo os casos documentados pela Folha de São Paulo e Muda Mais. [...]

Ainda, o autor afirma que após a campanha eleitoral, os *bots* comprados pelo PT foram inutilizados, e os que continuaram ativos só promoviam programas do próprio governo. Por outro lado, os *bots* comprados pelo PSDB continuaram sendo ativamente utilizados para divulgar e viralizar conteúdo de páginas de Facebook, como o “Vem Pra Rua” e o “Revoltados ON LINE”. Para fins de comparação, a página do PT somava 3 milhões de *bots* engajados, enquanto os do PSDB tinham, respectivamente, 16 e 4 milhões de *bots* atuantes (Arnaudo, 2017).

Esses dados nos interessam porque ao pensarmos na sociedade infocrática, vemos como as redes sociais organizam, no sentido de produção e veiculação, gestos e movimentos políticos baseados na informação. Em consonância com a defesa de nossa hipótese, de que os signos “bolsominions” e “petralhas” são produzidos e circulados dentro de uma sociedade digital, informatizada e conectada, trazemos diferentes discussões do filósofo contemporâneo Byung-Chul Han acerca da nossa sociedade. A principal ideia difundida pelo autor é a da autoexploração, que revela um sujeito típico do capitalismo, tema que permeia a maioria de suas reflexões. Ao refletirmos sobre a nossa sociedade atual, interpretamos determinados acontecimentos e fatos históricos de maneira discursivizada, a partir de uma lente que vê, na linguagem, uma forma de ser e existir dos sujeitos. Colocamos em diálogo as ideias do Círculo, bastante exploradas ao longo do estudo, e as ideias de Han. Dessa forma, construímos uma base analítica robusta para nossa tese.

Partimos da ideia de Han (2022) de que a principal razão para uma crise democrática, da qual o autor trata ao longo de seus textos, é a informação: o uso que se faz dela para fins de dominação. Ao falar sobre o capitalismo da informação, assentado na conexão e na comunicação, e no qual existe um regime da informação, Han diz que é uma:

[...] forma de dominação na qual informações e seu processamento por algoritmos e inteligência artificial determinam decisivamente processos sociais, econômicos e políticos [...]. O regime de informação, que se desenvolve em capitalismo da vigilância e que degrada os seres humanos em gado, em animais de consumo e dados” (Han, 2022, p. 7).

O sujeito em rede, julgando-se “livre” para suas interações, não se dá conta do modo como o ambiente digital é uma forma de “aprisionamento” que, segundo o autor, opera por

---

A campanha de Dilma Rousseff também usou bots, mas não na escala usada por Neves, como foi confirmado posteriormente por memorandos internos vazados do partido publicados no *Estadão* de São Paulo após a eleição (Filho & Galhardo, 2015). O memorando abordou o uso de *bots* durante a campanha, afirmando que a operação de Neves os utilizou não só no Twitter e no Facebook, mas no WhatsApp, e que gastou cerca de R\$ 10 milhões na compra e implantação deles nas redes sociais e em aplicativos de mensagens privadas”.



meio de algoritmos e *big datas*. Memes, fotomontagens e vídeos viram, nesse sentido, uma forma de vigilância e algum tipo de controle entre quem produz o conteúdo e quem consome o conteúdo produzido é criado. Como mostramos o uso de *bots* em campanhas eleitorais, promovidos e patrocinados por grandes empresas, o tipo de ameaça à democracia e ao debate saudável é a forma automatizada com que tentam interferir no rumo das eleições e influenciar votos, principalmente de indecisos.

Nesse sentido, páginas de Facebook temáticas de bolsominions e petralhas podem (assim como não podem) utilizar esse tipo de artifício em seus *posts*, sendo os *bots* programados para agirem como perfis humanos, isto é, passando-se como um usuário comum, de carne e osso, esse tipo de debate, nesse tipo de página e em outras, pode ser inflado e levar usuários “reais” a links com *fake news* ou informação tendenciosa, por exemplo. Torna-se, em nossa visão, um tipo de aprisionamento controlado, principalmente, pelo capital, porque virou uma tendência as atividades eleitorais em redes sociais, sejam elas feitas pelos próprios candidatos ou pelos apoiadores/críticos.

Por isso, ao pensarmos em sujeitos em rede, criando, curtindo e compartilhando memes, notícias e preferências políticas, pensamos, tal qual Han (2022), nesse sujeito do regime da informação, que se supõe livre, autêntico e criativo, que se produz e se performa, mas que faz, sem necessariamente se dar conta, desse mecanismo que funciona a partir e além dele. Ao partir dos estudos de Foucault sobre a questão disciplinar, Han coloca os dados como explorados, e não os corpos, como Foucault fazia. Desse modo, o acesso à informação é o que permite chegar ao comportamento do sujeito, em uma operação algorítmica. Ao mesmo tempo, Han (2022) afirma que o processo de geração de dados é o que torna a vigilância mais eficaz: por meio de nossa comunicação. Logo, ele advoga que a técnica digital da informação faz com que a comunicação (a interação *online*, desde o simples clique até o textão militando) vire vigilância.

Quanto mais é produzido, comunicado, compartilhado, mais é vigiado. Disso, resulta o que entendemos como o algoritmo que nos “persegue” e nos sugere conteúdos para que fiquemos cada vez mais expostos a uma vigilância à medida que consumimos e temos a ideia de que somos “livres” para consumir, opinar e compartilhar nosso próprios pensamentos e opiniões, sem nos darmos conta de que fazemos parte de um elo maior e mais amplo dentro desse ambiente virtual.

A respeito disso, o autor afirma que o poder da caixa-preta algorítmica se torna cada vez maior, justamente porque a transparência das informações oculta uma parte de si, já que a transparência nunca é transparente, uma vez que “a dominação do regime de informação é

ocultada, na medida em que se funde completamente com o cotidiano. É encoberta atrás da complacência das mídias sociais [...]” (Han, 2022, p. 16).

Nesse regime da informação, Segundo Han (2022), o ser livre não é voltado para o agir, mas para o clicar, o curtir e o postar, dado o controle psicopolítico do comportamento existente em nossa sociedade contemporânea. Assim, coadunamos com as ideias do autor de que os *posts* de bolsominions e petralhas não são só *posts* de apoio e crítica aos bolsominions e petralha, porque eles já atuam, mesmo que não tenham noção disso, nesse regime de informação presente em nossa sociedade atual. Dentre muitos e diversos aspectos, podemos considerar como esses *posts* sob as perspectivas de informações fragmentárias e imediatismo de baixa criticidade, isto é, o curtir e o compartilhar se tornam tão automatizados, que o pesquisar e verificar já não estão em primeiro plano.

Na obra *24/7* (2016), o autor Jonathan Crary reflete sobre como o tempo regula e significa nossas relações sociais, assim como torna automática muitas de nossas operações cotidianas, principalmente as articuladas à tecnologia. Para ele, o consumo tecnológico transformou nossa sociedade, de modo que os sujeitos se encontram muito mais controlados diante da sociedade informacional. Para ele, modernidade trouxe consigo um tempo muito mais acelerado e hiperconectado: o 24 (horas por dia)/7 (dias por semana).

O 24/7 anuncia um tempo sem tempo, um tempo sem demarcação material ou identificável, sem sequência nem recorrência. Implacavelmente redutor, celebra a alucinação da presença, de uma permanência inalterável, composta de operações incessantes e automáticas. Inscreve-se num momento em que a vida comum se transformou em objeto da técnica (Crary, 2016, p. 39).

Prosseguindo, Crary toma como base as ideias de Bernard Stiegler (2009) para discutir sobre a homogeneização industrial da consciência e seus fluxos. Interessa-nos tal pensamento pois, nas palavras do autor, “todo ato de ver é formado por camadas de opções ativas, escolhas e respostas simultâneas e interrompedoras. A ideia de passarmos longos períodos exclusivamente no papel de espectadores é antiquada” (2016, p. 61). Nesse sentido, embora estejamos falando de um mundo hiperconectado, com bombardeio de informações, não podemos compactuar com uma passividade do sujeito.

Somos, todos, sujeitos em constante interação: nós nos comunicamos de diversas formas, dentre elas, por meio de reações que demonstram o que curtimos ou não curtimos. A sociedade hiperconectada representa essa modernidade em que o sujeito (eu) se coloca diante de outros sujeitos (outros), por meio de dispositivos e aparelhos eletrônicos. Não podemos, portanto, ignorar ou menosprezar essas formas de interatividade humana, ainda que as

problemáticas acerca do tema sejam importantes de serem debatidas – embora não seja o foco deste estudo.

Para Crary, a tecnologia possui um tipo de força capaz de desassociar atividades cotidianas que não possuem correlacionamento com atividades *online*: [...] graças à infinidade de conteúdo acessível 24/7, sempre haverá *online* algo mais informativo, surpreendente, engraçado, divertido, impressionante do que qualquer outra coisa nas circunstâncias reais imediatas (2016, p. 68).

Pensemos no aspecto político que permeia toda e qualquer sociedade, que independente de aspectos *online*, existia, sempre existiu e continuará existindo. Dessa forma, é uma atividade que continua, para os sujeitos em rede, interessante, dado o seu relacionamento com atividades do dia a dia, visto que muitas e inúmeras trocas sociais foram transformadas (ou descontinuadas) nessa sociedade hiperconectada.

Contudo, o fato de que as discussões políticas são também parte da comunicação *online*, não significa dizer que sejam as mesmas e/ou possuem o mesmo equivalente quanto à sua profundidade e/ou reflexão. Isso porque a imersão em uma sociedade infocratizada, que privilegia o acesso à informação enquanto formas de controlar forças, nem sempre é sinônimo de qualidade. O binômio quantidade-qualidade.

A hiperconexão mediada por dispositivos móveis traz, como consequência, formas de alienação e desinformação perante diversos fatos sociais. O comportamento *offline* nem sempre é tão prático quanto o comportamento *online*.

Por isso que pensamos na importância do heterodiscurso quando olhamos para esses enunciados, considerando-os como possíveis arma simbólica e estratégia política, visto que podem servir para fins específicos, assim como podem, com a palavra do outro, parodiar e gerar novos sentidos, seja com suas palavras próprias ou não. Bakhtin (2015) afirma que o heterodiscurso foi uma contraposição consciente a uma linguagem oficial de tendência centralizante, por isso mesmo era dialogizado, visto que materializava as forças centrífugas da vida, que materializava a dialogicidade da linguagem, e não a luta intralinguística de aspectos individuais:

Cada enunciação concreta do sujeito do discurso é um ponto de aplicação tanto das forças centrípetas quanto das forças centrífugas. Nela se cruzam os processos de centralização e descentralização, unificação e separação, um basta não só a sua língua como materialização discursiva individual como também basta ao heterodiscurso, é seu participante ativo (Bakhtin, 2015, p. 42).

Nas palavras de Bakhtin, não falamos de poder, como falamos em Foucault, por exemplo. Falamos de forças atuantes no discurso, que podem ou não ser explícitas e atuarem

com fins específicos. Contudo, nosso questionamento se volta ao limite entre esses discursos, isto é, os promovidos por grandes empresas, com todo o aparato de *bots* e outras funcionalidades tecnológicas disponíveis, e os elaborados “despretensiosamente” por um usuário comum. Independente de qual seja o formato, acreditamos que ambos, em maior ou menor grau, lançam-se como elo na comunicação discursiva, por atuarem como parte dos elementos infocráticos em uma democracia.

Visto que temos tratado do aspecto multiacentuado do signo ideológico, achamos interessante também pensar nessa produção de informação ao que tange às ressignificações, isto é, como um determinado tema é trabalhado de maneiras diferentes por grupos de oposição, de modo que nos deparamos com o que Bakhtin chama de construção híbrida: “[...] um enunciado que, por seus traços gramaticais (sintáticos) e composicionais, pertence a um falante, mas no qual estão de fato mesclados dois enunciados, duas maneiras discursivas, dois estilos, duas “linguagens”, dois universos semânticos e axiológicos” (2015, p. 84).

Relembremos, aqui, a forma como as cores verde e amarela e vermelha foram utilizadas nos *posts*, cada uma a seu modo, para servir a fins políticos diferentes no golpe de Dilma e na eleição presidencial de Bolsonaro.

Desse modo, coadunamos com a ideia de Han de que não há mais passividade, como outrora já houve e foi mais comum, dado o próprio formato das informações e como elas chegavam ao público, com as grandes mídias controlando e unificando o processo comunicacional. Hoje, “teletelas e monitores são substituídos [...] pelo touchscreen. O novo meio de submissão é o smartphone.

No regime de informação, as pessoas não são mais telespectadoras passivas, que se rendem ao entretenimento. São emissores ativos. Produzem e consomem, de modo permanente, informações (Han, 2022, p. 33). São esses sujeitos responsivos e responsáveis (Bakhtin, 2010), os chamados emissores ativos, que produzem e consomem as informações nos mais variados formatos *online*. E o fazem não de qualquer maneira, mas inseridos em um contexto social, histórico, cultural e político. Há um horizonte ideológico que permeia seus discursos e se materializa em seus enunciados, sejam eles *posts*, *tweets*, *stories* etc.

[...] todo discurso concreto (enunciado) encontra o objeto para o qual se volta sempre, por assim dizer, já difamado, contestado, avaliado, envolvido ou por uma fumaça que o obscurece ou, ao contrário, pela luz de discursos alheios já externados a seu respeito. Ele está envolvido e penetrado por opiniões comuns, pontos de vista, avaliações alheias, acentos. O discurso voltado para o seu objeto entra nesse meio dialogicamente agitado e tenso de discursos, avaliações e acentos alheios, entrelaça-se em suas complexas relações mútuas, funde-se com uns, afasta-se de outros, cruza-se com terceiros; [...].

O enunciado vivo, que surgiu de modo consciente num determinado momento histórico em um meio social determinado, não pode deixar de tocar milhares de linhas dialógicas vivas envoltas pela consciência socioideológica no entorno de um dado objeto da enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social (Bakhtin, 2015, p. 48-49).

Com base no autor, ressaltamos que ideologia e enunciado sempre estão juntos, pois é na materialidade (ou na potencialidade) de um texto que podemos observar as valorações correspondentes à sua criação. Todo e qualquer enunciado, ainda eu tenha um acabamento, é apenas uma parte da comunicação discursiva e é percebido como parte de algo maior – um elo, que abarca novos e diferentes sentidos, dado o movimento dialético-dialógico da linguagem. A multiplicidade de sentidos é, segundo aponta Volóchinov, o que faz com que o signo ideológico exista, dada as diferentes valorações trazidas e encontradas em uma mesma realidade, como pensamos ao trazer “bolsominions” e “petralhas”, e toda a rede interacional proveniente da inteligência computacional que permeia esse tipo de conteúdo.

Enfatizamos justamente esse caráter dinâmico, plural e amplo, porque não acreditamos haver, nessas interações *online*, um aspecto certo ou errado, original ou secundário, porque acreditamos que tudo se produz e é produzido ao mesmo tempo, coexiste em um embate dialógico. Lévy (2000) fala sobre a forma como os sujeitos não são passivos frente ao virtual, ao passo que o Círculo fala sobre a responsabilidade do sujeito no evento único do existir. Assim sendo, não há como pensar em passividade ou neutralidade nas interações digitais, justamente pela forma como se dá o comportamento dos sujeitos em rede. Desse modo, trazemos Jenkins (2014) para a discussão, a fim de corroborar com a nossa ideia que os signos ideológicos surgem e se espalham de maneira viral pelo modo como os sujeitos se colocam diante das informações:

Nessa cultura conectada em rede, não podemos identificar uma causa isolada que leva as pessoas a propagar informações. As pessoas tomam uma série de decisões de base social quando escolhe difundir algum texto na mídia: vale a pena se engajar nesse conteúdo? Vale a pena compartilhar? É de interesse para algumas pessoas específicas? Comunica algo sobre mim ou sobre meu relacionamento com essas pessoas? Qual é a melhor plataforma para espalhar essa informação? Será que deve circular com uma mensagem especial anexada? (Jenkins, 2014, p. 37).

Como afirmamos, nem sempre há tempo e espaço, nessa sociedade infocratizada, para que grandes reflexões acerca do conteúdo consumido nas mídias seja ponderado. A palavra alheia está sujeita a diversas interpretações e reacentuações, e em nossa cultura conectada em rede, essa estrutura encontrou uma forma de tornar exponencial o que, antes, demorava mais tempo para se propagar: a informação. Seja verde e amarelo, seja vermelho, seja bolsominion ou seja petralha, todos propagam informações e colocam, mesmo que conscientemente saibam

disso ou não, a democracia do país, principalmente no aspecto de campanha eleitoral, à mercê dos procedimentos infocráticos presentes nas redes.

É por isso que conseguimos analisar, como afirma Han (2022), uma crise na democracia que não é atual, haja vista sua construção e consolidação ao longo da mudança de uma sociedade livresca para uma sociedade de mídias digitais. O autor pauta suas reflexões com base nos aspectos políticos e sociais, a fim de mostrar como os sujeitos agem nessa estrutura. Para nós, Han dialoga com o Círculo dialoga na medida que pensam em uma arena discursiva de embate de forças e valorações, como é utilizado Facebook. Para Volóchinov (2017), os signos são a arena da luta de classes, porque diferentes classes utilizam uma mesma língua, mas com valorações diferentes em cada palavra, visto que os signos ideológicos não são os mesmos para todos.

Teletelas e monitores são substituídos hoje pelo *touchscreen*. O novo meio de submissão é o *smartphone*. No regime de informação, as pessoas não são mais telespectadoras passivas, que se rendem ao entretenimento. São emissores ativos. Produzem e consomem, de modo permanente, informações (Han, 2022, p. 33).

Para Han, a arena contemporânea é o local em que se dá as encenações midiáticas de massa. Estas, repletas de valorações e disputas. Dispostos em tempos e espaços físicos, a dinamicidade dos eventos se movimentam incessantemente, de modo que tudo se torna (ainda mais) fluido. De maneira metafórica, pensamos o Facebook como uma arena em que podemos ver os signos “atuando” a serviço de diferentes ideologias, valorações e pontos de vista diferentes, engatilhados pela sociedade baseada na informação, em que curtir, comentar e compartilhar são parte do efeito desejável para ser-e-estar presente na internet:

Hoje não somos mais destinatários e consumidores passivos de informação, mas sim remetentes e produtores ativos. Não nos contentamos mais em consumir informações passivamente, mas sim queremos produzi-las e comunicá-las ativamente nós mesmos. Somos simultaneamente consumidores e produtores. Esse duplo papel aumenta enormemente a quantidade de informação. A mídia digital não oferece apenas uma janela para o assistir passivo, mas sim também portas através das quais passamos informações produzidas por nós mesmos. *Windows* são *janelas com portas*, que se comunicam com outras *Windows* sem espaços ou instâncias intermediárias. Por meio de *Windows* não lançamos o olhar apenas a um espaço público, mas sim a outras *Windows*. Nisso as mídias digitais se distinguem das mídias de massa como o rádio ou a televisão. Mídias como blogs, Twitter ou Facebook desmediatizam [*entmediatisieren*] a comunicação. A sociedade de opinião e de informação de hoje se apoia nessa comunicação desmediatizada. Todos produzem e enviam informação. A desmediatização da comunicação faz com que jornalistas, esses antigos representantes elitistas, esses “fazedores de opinião” e mesmo *sacerdotes da opinião*, pareçam completamente superficiais e anacrônicos. A mídia digital dissolve toda classe sacerdotal. A desmediatização generalizada encerra a época da *representação*. Hoje, todos querem estar eles mesmos diretamente *presentes* e *apresentar* a sua opinião sem intermediários. A *representação* recua frente à *presença* ou à *copresentação* [*Kopräsentation*] (Han, 2018, p. 36-37, grifo do autor).

Acreditamos em uma relação de causalidade, isto é, de causa e consequência presente na utilização de signos ideológicos como movimentadores do acirramento político brasileiro. Conforme demonstramos, há uma sociedade informacional que nos engloba e pauta boa parte de nossas relações sociais, o que significa um certo grau de participação, mesmo que indireto. A infocracia, conforme apontada por Han (2022), é a causa, a consequência é a disputa acirrada na arena digital: a internet, ou melhor, o Facebook. Aqui, não cabe o álibi no evento único do existir, nossos atos são parte de um todo.

Mostramos como é possível reconstituir diferentes contextos para um texto, por meio da sua própria palavra em meio às palavras outras, tão significativas quanto a sua própria. Por isso, concordamos com Faraco, quando diz: “[...] a significação dos enunciados tem sempre uma dimensão avaliativa, expressa sempre um posicionamento social valorativo. [...] qualquer enunciado é, na concepção do Círculo, *sempre ideológico*” (Faraco, 2009, p. 47, grifo do autor). Ideologia e enunciado sempre estão juntos, pois é na materialidade (ou na potencialidade) do enunciado que podemos observar as ideologias correspondentes à criação.

A multiplicidade de sentidos é, segundo aponta Volóchinov, o que faz com que o signo ideológico exista, dada as diferentes valorações trazidas e encontradas em uma mesma realidade. Como ele aponta: “Essa *multiacentuação* do signo ideológico é um aspecto muito importante. Na verdade, apenas esse cruzamento de acentos proporciona ao signo a capacidade de viver, de movimentar-se e de desenvolver-se” (Volóchinov, 2017, p. 113, grifo do autor).

Vemos isso nos *posts* quando, ao demonizarem a imagem do PT, por meio de Dilma e Lula, construíram heróis nacionais, como Moro e Bolsonaro. Contudo, dado o movimento da vida que se mostra também na linguagem, não há nada eterno, mas ressignificações dessas figuras, de modo que essas demonizações e sacralizações são convenientes e dependem do contexto sobre o qual estamos falando. É o cruzamento de valores (a coexistência) que nos permite observar esses fragmentos históricos a partir de uma perspectiva dialógica.

Disso, extraímos das reflexões sobre a dialética-dialógica como método não só a percepção da palavra própria e da palavra alheia como profícua para a criação e constituição de novos contextos para um texto, mas também a coexistência desses diferentes contextos e textos, sem que um anule a presença do outro, como é próprio da dialética-dialógica, que busca mostrar o espaço que o diálogo dá para que diferentes sentidos emergjam em um mesmo cenário cultural, assim como tempo e espaço:

A dinâmica da história, em sua diversidade e complexidade, faz cada grupo humano, em cada época, recobrir o mundo com diferentes axiologias, porque são diferentes e

múltiplas as existências que nela se dão. E essas axiologias participam, como elementos constitutivos, dos processos de significação, daí resultando as *inúmeras semânticas*, as *várias verdades*, os *inúmeros discursos*, as *inúmeras línguas* ou *vozes sociais* com que atribuímos sentido ao mundo. Essa pluralidade dos signos é o que os torna vivos e móveis. É ela que dá a dinamicidade ao universo das significações, na medida em que as muitas verdades sociais se encontram e se confrontam no mesmo material semiótico e no mesmo signo. O material semiótico pode ser o mesmo, mas sua significação no ato social concreto de enunciação, dependendo da voz social em que está ancorado, será diferente. Isso faz da semiose humana uma realidade aberta e infinita (Faraco, 2013, p. 174-175, grifo nosso).

Ao mesmo tempo, Han (2022) afirma que o processo de geração de dados é o que torna a vigilância mais eficaz: por meio de nossa comunicação. Logo, ele advoga que a técnica digital da informação faz com que a comunicação vire vigilância. Quanto mais é produzido, comunicado, compartilhado, mais é vigiado. Disso, resulta o que entendemos como o algoritmo que nos “persegue” e nos sugere conteúdos para que fiquemos cada vez mais expostos a uma vigilância, à medida que consumimos e temos a ideia de que somos “livres” para consumir, opinar e compartilhar. O algoritmo das redes sociais nos impulsiona.

A respeito disso, o autor afirma que o poder da caixa-preta algorítmica se torna cada vez maior, justamente porque a transparência das informações oculta uma parte de si, já que a transparência nunca é transparente, pois “a dominação do regime de informação é ocultada, na medida em que se funde completamente com o cotidiano. É encoberta atrás da complacência das mídias sociais [...]” (Han, 2022, p. 16).

Nesse regime da informação, o ser livre não é voltado para o agir, mas para o clicar, o curtir e o postar, dado o controle psicopolítico do comportamento existente nessa sociedade contemporânea. Nesse ambiente, as informações são fragmentárias e o imediatismo de baixa criticidade nas redes sociais possibilita a circulação de notícias falsas ou tendenciosas, por exemplo, como vimos expressivamente em períodos eleitorais (e, isso, não é uma particularidade da política brasileira).

Por isso, o sujeito que produz, edita e circula um conteúdo em sua página de Facebook, por exemplo, não necessariamente realiza um trabalho de checagem de informação, de veracidade dos fatos ou até mesmo de curadoria do conteúdo – afinal, ele atua conforme o *modus operandi* das redes sociais, não há tempo para ser perdido quando o *feed* está repleto de conteúdos e um deles não é seu.

É de extrema importância trazermos o pensamento do Círculo, nesse momento, para nos lembrarmos de que todas as interpretações de mundo variam entre si, de modo até conflituoso e não-harmônico, nem sempre são homogêneos e delimitados, por vezes, contraditórios. Portanto, há muitos e diversos discursos sobre uma questão que circulam, socialmente, juntos, sem que um anule a presença do outro. É o movimento dialético-dialógico em ato. As vozes



sociais, enquanto um conjunto de enunciados que demarcam determinados posicionamentos avaliativos, mostram os eventos do mundo a partir de determinadas perspectivas.

Não necessariamente há uma plena consciência desse processo de geração de curtidas e de compartilhamentos, contudo, Bakhtin (2010) advoga que não há álibi existenciais. Mesmo sem se darem conta, os sujeitos participam desse ciclo de geração de conteúdo, muitas vezes, esvaziado de criticidade factual e repleto de criticidade pessoal. Assim, fazem a roda girar.

Como temos falado de arte e vida, de ético e estético, trazemos o exemplo de que, não à toa, as duas últimas novelas das 19h, na Rede Globo, *Vai na fé* (2023) e *Fuzuê* (2023), trataram sobre o tema de robôs e *fakes* digitais em sua trama. Em *Vai na fé*, a personagem Érika, vilã encubada que se subordina aos caprichos do vilão-mor da trama, Theo, tenta incriminar injustamente a personagem Sol, mocinha-cristã, e compra perfis *fakes* para espalhar mentiras a fim de atrapalhar não só o sucesso artístico de Sol, e ajudar na absolvição de Theo no processo judicial de estupro movido pela mocinha contra esse vilão: “Com um bom *slogan*, meia dúzia de contas *fakes* e grana para comprar uma tonelada de robôs, eu [Érika] acabo com ela [Sol] em dois tempos”<sup>74</sup>.

Em *Fuzuê*, o personagem Heitor, deputado mal-intencionado que realiza todos os desejos de sua esposa-vilã-favorita, contrata um *hacker* para atacar a família Braga e Silva, conhecida como família Fuzuê, a fim de sujar a imagem do patriarca-imperador, ligando-o ao crime organizado: “Meu *hacker*, *hater*, lacrador digital! Convoque suas tropas para uma invasão nunca antes vista. [Eu = Heitor] Quero um tsunami de *hashtags* e mensagens em massa contra a família Fuzuê [Braga e Silva]. Foi dada a largada, senhores. Vamos queimar o filme do imperador! É hora de lacrar!!!”<sup>75</sup>.

As duas situações, embora encenadas e ressignificadas dentro de um gênero discursivo televisivo, refletem e refratam certas movimentações que temos visto na política, assim como pontuamos anteriormente nas eleições presidenciais de 2014, entre Dilma e Aécio. Esse tipo de prática, mesmo não realizada por todos os internautas, tem se tornado cada vez mais comum e demonstram um novo modo de operar no ambiente digital, principalmente quando há acirramentos e tensões políticas que visam à difamação e destruição do outro. Parece haver uma preocupação em transformar algo que não é verdade em uma verdade, mesmo que para um grupo seletivo.

<sup>74</sup> Disponível em: [https://www.terra.com.br/diversao/vai-na-fe-apos-derrota-no-tribunal-sol-sera-atacada-por-multidao-manipulada-por-theo,bbcbfd13abfdd9c69744e3cfe2790a03lroy7doy.html?utm\\_source=clipboard](https://www.terra.com.br/diversao/vai-na-fe-apos-derrota-no-tribunal-sol-sera-atacada-por-multidao-manipulada-por-theo,bbcbfd13abfdd9c69744e3cfe2790a03lroy7doy.html?utm_source=clipboard). Acesso em: 1º set. 2023.

<sup>75</sup> Disponível em: <https://extra.globo.com/blogs/telinha/noticia/2023/08/em-fuzue-sob-o-comando-de-preciosa-heitor-acusa-nero-de-ligacao-com-o-crime-organizado.ghtml>. Acesso em: 1º set. 2023.

Acreditamos, então, em uma relação de causalidade, isto é, de causa e consequência presente na utilização de signos ideológicos como movimentadores do acirramento político brasileiro. Conforme demonstramos, há uma sociedade informacional que nos engloba e pauta boa parte de nossas relações sociais, o que significa um certo grau de participação, mesmo que indireto. A infocracia, conforme apontada por Han (2022) é a causa, a consequência é a disputa acirrada na arena digital: a internet.

Por sua vez, Lévy (2000) fala sobre a forma como os sujeitos não são passivos frente ao virtual, ao passo que o Círculo fala sobre a responsabilidade do sujeito no evento único do existir. Assim sendo, não há como pensar em passividade ou neutralidade nas interações digitais, ou mesmo em uma completa submissão, justamente pela forma como se dá o comportamento dos sujeitos em rede. Desse modo, os estudos de Jenkins (2014) corroboram nossa ideia de que os signos ideológicos surgem e se espalham de maneira viral pelo modo como os sujeitos se colocam diante das informações.

É nesse sentido que acreditamos que todos os *posts* são um ato responsável do sujeito e do grupo social que criam, circulam e interagem com esses enunciados. Como um não-álibi no existir, há a transformação de uma possibilidade vazia em um ato responsável real, como afirma Bakhtin (2010, p. 99), “ser realmente na vida significa agir, é ser não indiferente ao todo na sua singularidade”. É o modo como esses sujeitos responsivos e responsáveis, “emissores ativos”, se relacionam com o mundo, criando e ressignificando situações e vivências a partir da linguagem, em especial, detivemo-nos na forma de signos ideológicos que une arte, mídia e política.

Dado o acabamento genérico da tese, essas são algumas ideias acerca do caráter infocratizado, informacional e interacional dos *posts* de Facebook, em especial, ao que tange às análises percorridas nos tópicos anteriores a partir da constituição sógnica ideológica de “bolsominions” e “petralhas”. Estes, reflexos e refrações de um movimento político e histórico do Brasil.

## 7. Bloqueie seu aparelho: considerações finais

A pesquisa desenvolvida e aqui apresentada reflete o movimento de produção de um tipo de conhecimento, e que por isso mesmo não contempla tudo, mas apenas alguns aspectos da realidade do *corpus* e da teoria. Se observados o projeto de pesquisa inicial, o relatório de qualificação e o texto em sua versão final (cujo acabamento é genérico, não de esgotamento das reflexões), nota-se que a proposta da tese e a tese, de fato, sofreram alterações significativas, uma vez que é próprio do gênero.

O trabalho aqui desenvolvido dialoga com os ODS que visam à construção de uma sociedade plural, cujos objetivos ressoam nos valores de diversidade, inclusão e respeito às diferenças. Enquanto uma grande área, a linguística desempenha um importante papel na promoção e consolidação dessa sociedade inclusiva. Acreditamos que o ODS 4, educação de qualidade, é parte intrínseca desse estudo, uma vez que acreditamos colaborar para o enriquecimento do tecido cultural da sociedade, a partir da linguagem.

Essa contribuição se dá à medida que a análise dos *posts* de Facebook são um tipo de documentação da política brasileira. Mostramos como esses enunciados funcionam ideologicamente, de modo que tomar consciência desses processos discursivos colabora com e para uma formação social, ética e cultural de sujeitos pensantes, questionadores e inquietos, não só com a possibilidade de, mas com efetivo direito e acesso à educação de qualidade, em todos os níveis.

Por ser um trabalho que analisa a organização e o funcionamento da linguagem, principalmente no que tange à comunicação *online*, conseguimos compreender como os sujeitos se comportam frente à produção, edição e circulação de conteúdos cujas temáticas dialogam com uma atualidade imediata, vivida e experienciada enquanto se está *online*.

Sendo assim, consideramos que os objetivos gerais e específicos foram contemplados e alcançados ao longo das discussões contextuais, teóricas, reflexivas e analíticas, uma vez que nos detivemos, especificamente, sobre a constituição dos signos ideológicos “bolsominions” e “petralhas”, no Facebook, considerando o momento socio-histórico político brasileiro, além de termos abordado esses enunciados na relação entre as esferas artística, midiática e política por meio dos estudos do Círculo Bakhtin, Medviédev, Volóchinov.

Embora não tenhamos previsto nem estruturado, em nosso projeto de pesquisa, uma discussão detalhada acerca do gênero discursivo (ainda que ela apareça como *conditio sine qua non* para a compreensão do enunciado), acreditamos que a tese alcançou um resultado positivo em considerar que os *posts* de Facebook (assim como outras manifestações *online*) carregam

marcas de uma mídia tradicional, o jornalismo televisivo e impresso, cujos traços genéricos, ainda que “canônicos” e facilmente identificáveis, não delimitaram o gênero e, assim, acessamos informações em outro formato, por meio dessa “brecha” que é a relativa estabilidade do gênero.

Ressaltamos, ainda, que, embora os enunciados digitais sejam, em sua maioria, voltados ao humor e ao riso, à descontração e à suavização da vida cotidiana, por vezes considerados “bobos” e “artificiais”, eles não se restringem à tal formato e adquirem características de seriedade e informação, ainda que esbarre na não-imparcialidade e em estratégias discursivas de desqualificação do outro (por meio de notícias falsas), o que o torna, majoritariamente, tendencioso, como vimos de maneira expressiva nos *posts* acerca de bolsominions e petralhas.

É inegável que a internet transformou a maneira com a qual lidamos com notícias e informações, de modo que podemos aproximar, por falta de expressão mais adequada, a prática dos autores das páginas de Facebook como um tipo de jornalismo *online*, considerando-se oposição às mídias tradicionais e os grandes conglomerados informacionais, julgando-se revolucionar o processo de curadoria, produção e edição dessas informações.

Dessa forma, concluímos que a pesquisa desenvolvida foi sendo exitosa ao relacionar a arte, a mídia e a política como forma de construir um novo tipo de comunicação, tão cara aos tempos atuais e à sociedade infocratizada. Por meio da discussão de traços comuns e inovadores, contemplamos enunciados, sujeitos, gêneros, signos ideológicos e demais aspectos que fazem da linguagem um local privilegiado para compreender o mundo e seus fragmentos de realidade.

A pesquisa acerca dos *posts* de Facebook cuja temática é embalada pelo uso dos signos “bolsominions” e “petralhas” nos trouxe a percepção de que há muito dos cartuns e das charges nessa nova forma de comunicação na internet. Nossa hipótese da informação utilizada como força centrípeta e/ou centrífuga demonstra que a característica primordial de um veículo de informação, como um jornal impresso ou televisivo, possui diversas formas de apresentação das notícias. Acreditamos ser justamente isso que faz uma página de Facebook ao postar em seu *feed*: a informação (seja ela verdadeira ou falsa) é veiculada.

Em uma sociedade infocratizada (Han, 2022), esse detalhe não passa despercebido, mas constitui uma forma de posicionamento diante das diferentes formas de participação da vida pública. Em específico, na política – assunto polêmico, controverso, delicado e sempre atual, no Brasil ou em qualquer lugar do mundo. Não à toa, no senso comum, já ouvimos: “Política, futebol e religião não se discutem”.

Contudo, não é o que demonstram as expressões *online* que vimos na política brasileira no período delimitado (desde o golpe de 2016 até as eleições de 2018). Há quem defenda o posicionamento político explícito e engajado, há quem o condene e o considere desnecessário – independente de qual seja esse posicionamento, já se fala sobre o tema que alguns consideram não ser possível discutir: a política.

Destacamos que é a plurivalência dos signos que dá a capacidade de mantê-los vivos e móveis, contemplando, então, a realidade que é plural, dinâmica, aberta e infinita, como diz. O que mostramos com o signo “bolsominions” é justamente essa plurivalência em ação, da qual “petralhas” também faz parte, à sua maneira, assim como tantos outros signos ideológicos em uso. O ser expressivo e falante, objeto das Ciências Humanas, do qual fala Bakhtin (2011a), constitui-se de diversas formas e se atualiza de acordo com as novas realidades sociais, bem como amplia as discussões para novos modos de ser e de estar na contemporaneidade.

O método dialético-dialógico possibilitou percorrer o caminho em busca de novos e diferentes sentidos ao colocar a questão da alteridade como central e própria das Ciências Humanas, ao pensar o homem enquanto sujeito, não só na busca de palavras outras no contexto da pesquisa, estabelecendo a palavra própria entre o pesquisador e o *corpus* pesquisado, mas também entre o próprio *corpus*, ao reconstituir diferentes cenas de um mesmo momento histórico, por meio da relação entre as diferentes esferas em contato com a vida, de onde nascem e ganham sentidos próprios e únicos, ligados à historicidade.

Com a delimitação de “bolsominions” e “petralhas”, mostramos o modo pelo qual o método, embasado na etnografia digital, contribui com a reflexão de uma ciência que tem como base o homem e sua produção cultural. Como explicitado, a nossa proposta de pesquisa (objetivo) é analisar os signos ideológicos “bolsominions” e “petralhas” na relação entre as esferas da mídia, política e arte, o que não é possível fazer sem colocar o signo em sua historicidade, estudar a língua em movimento.

A base para as nossas reflexões, fundamentadas na filosofia da linguagem do Círculo Bakhtin, Medviédev, Volóchinov levou-nos a pensar o sujeito, a história e a cultura de maneira integrada, tendo o olhar sociológico, do qual fala Volóchinov (2017), de saber que um *corpus* não está sozinho, mas se encontra em uma cadeia de comunicação discursiva (Bakhtin, 2016), sendo, portanto, a tarefa do pesquisador reconstruir esses cenários possíveis mediante a dialogia como método. Assim, os textos (aqui, no sentido amplo da categoria) encontram novos contextos e dão voz(es) às palavras outras ao mesmo tempo em que constroem sua palavra própria.

Concebendo os sentidos nas trocas sociais, os quais não são possíveis fora das relações alteritárias, seja em nível de pesquisadoras e *corpus*, seja em nível dos próprios dados, é por meio de um método que busca pensar os enunciados como produtos da criação ideológica que podemos mostrar o processo, dialético-dialógico, que se mantém entre esse produto e o meio – ambos ideológicos, em que a entrada para a compreensão é feita, principalmente, pela linguagem, para vermos os atos sociais enquanto prática, como enunciado vivo e concreto, tendo consciência das relações sociais em disputa, sem a ideia de neutralidade, mas concebendo a palavra (alheia e própria) como um lugar inesgotável em seu(s) sentido(s).

A busca por uma metodologia do Círculo se prova válida ao conceber o diálogo como seu método, ainda que não tenham elaborado textos unicamente direcionados a isso, mas a leitura de suas obras nos leva à dialogia como proposta metodológica, que muito tem a auxiliar o trabalho de pesquisadores que se propõem a compreender o mundo via linguagem – seja em qual materialidade e formato for. As publicações políticas são um fenômeno de linguagem que permeiam as práticas sociais em ambiente digital, em específico, o Facebook.

Não é de hoje que as redes sociais ganharam destaque em nossos dias, um exemplo disso é a eleição presidencial de 2014, caracterizada como a “eleição dos memes” (Frigo, 2017) por alguns veículos de comunicação que, como aponta o autor, criou um modo de debate político mediado pelas redes sociais, em que os partidos e seus respectivos apoiadores buscaram desenvolver estratégias de influência nessas redes sociais, favorecendo o crescimento da cibercultura política brasileira.

Destacamos que coletamos, analisamos e interpretamos os *posts* como uma associação política aos momentos históricos vividos na última década (2013-2023). Ressaltamos que não há, no presente trabalho, a busca somente das avaliações de maior repercussão para um *post*, dada a dificuldade encontrada em recuperar todos os *posts* originários e seus autores que, na internet, muitas vezes, perdem-se por conta do caráter efêmero das relações.

Analisamos, então, o tipo de conteúdo temático circulado nesses *posts*, uma vez que este foi o elo encontrado para dialogar com a história e a vida social, com o objetivo de compreendermos esses acontecimentos políticos a partir do material produzido e veiculado na rede social, cuja temática contemplava os signos ideológicos “bolsominions” e “petralhas” e as valorações presentes em sua construção. Isso foi possível graças ao contato extensivo com o *corpus*.

Contato esse que, por sua vez, nos mostrou que esses enunciados, que parecem simples, fortuitos, banais, cotidianos, que ora viralizam, ora somem (as páginas são excluídas ou os *posts* são bloqueados se violam alguma regra da comunidade do Facebook), são fabricados por

determinados grupos, estão em redes de contato com determinadas regras e mobilizam uma mentalidade que levam a crer em uma transição social dentro do sujeito.

Por meio das análises feitas, identificamos a bivocalidade constituinte dos signos. Há uma construção mental, uma reprogramação vivida em um momento histórico de transição entre dois outros momentos históricos específicos. Esses enunciados atuam como o elo de transição entre essas mentalidades. As valorações de cada grupo são construídas cotidianamente, mexem, pouco a pouco, na estrutura social. Assim, essa construção cotidiana é histórica, visto que tudo se constrói de baixo para cima.

Uma determinada valoração é histórica, não é nova nem inovadora, mas a forma como se apresenta, na atualidade, mostra novos formatos enunciativos adquiridos por essas valorações. É justamente nessa mescla, que não nega o passado nem supervaloriza o presente que a gente consegue pensar no novo-velho, na atualização e reacentuação das construções composicionais nos *posts*.

Há uma estrutura retórico-discursiva usada tanto pelos grupos de direita quanto de esquerda para construir sentidos a partir de elementos linguísticos, a fim de persuadir, informar ou engajar o sujeito em rede, o internauta leitor. Vimos e analisamos não só a constituição ideológica de “bolsominions” e “metralhas”, mas como diferentes lexemas utilizados por esses grupos abrem o universo de construção de sociedade, planejada e concretizada valorativamente pela linguagem verbivocovisual.

Por fim, acreditamos na importância de pensar esses movimentos sociais, uma vez que mostramos, por meio deles, um mecanismo estrutural que não é próprio só dos *posts*, mas é da sociedade, da vida, que se desenrola por muitos e diferentes gêneros. Lendo diversos autores e diferentes teorias, acompanhando os *posts* e as redes sociais, vivendo e experienciando a vida do nosso lugar único na existência é que podemos confirmar esses resultados do estudo.

Resultados de caráter cognoscível e humano, haja vista nossa capacidade neurológica da cognição cognoscível, de semiotizar o mundo. Por meio de “bolsominions” e “petralhas”, esses signos nos mostram que congregam bem mais do que lexemas e elementos linguísticos, porque são próprios do discurso, assim, são parte de um processo mental, simbólico e cognoscível. Decorre, desse processo, a atualidade do tema de desenvolvimento deste estudo, bem como sua relevância social, histórica e cultural.

## Referências bibliográficas

ALMEIDA, Alex Fernandes Silva de. *Do golpe de 2016 ao bolsonarismo: o neofascismo no Brasil*. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Goiânia, 2021.

ALVES, Marcelo. Abordagens da coleta de dados nas mídias sociais. In: SILVA, Tarcízio; STABILE, Max (org.). *Monitoramento e pesquisa em mídias sociais: metodologias, aplicações e inovações*. São Paulo: Uva Limão, 2016.

AMORIM, Marília. *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas* – São Paulo: Musa Editora, 2004.

ANDREIS, Adriana Maria. Cotejo e confroencontro. *Palavras e contrapalavras: entendendo o cotejo como proposta metodológica*. GEGe - UFSCAr (org), p.11-16, São Carlos: Pedro e João Editores, 2017.

ARNAUDO, Dan. Computational propaganda in Brazil: social bots during elections. *Computational Propaganda Research Project*, Oxford, n. 2017.8, p. 2-38, 2017.

AZEVEDO, Reinaldo. *O país dos Petralhas*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2018 [1963].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2017.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016 [1952-1953].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Teoria do romance I: a estilística*. Tradução, prefácio, notas e glossário de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015 [1975].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2014 [1975].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Metodologia das ciências humanas. *Estética da criação verbal*, p. 393-410, São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011a [1974].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. *Estética da criação verbal*, p. 307-336, São Paulo: Editora Martins Fontes, 2011b [1959-1961].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 [1920-24].



BOITO Jr, Armando. Os atores e o enredo da crise política. *Por que gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. In: JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (org.). Ilustração Laerte Coutinho. 1. ed., p. 23-30, São Paulo: Boitempo, 2016.

BOYD, Danah. Social network sites as networked publics: affordances, dynamics, and implications. In: *Networked Self: identity, community, and culture on social network sites* (ed. Zizi Papacharissi), p. 39-58, 2010.

BRAIT, Beth. Mikhail Bakhtin: autor e personagem. *Revista USP*, n. 39, p. 158-173, set./nov. 1998.

BRAGA, Adriana. Técnica etnográfica aplicada à comunicação online: uma discussão metodológica. *UNIrevista*, v. 1, n. 3, jul. 2006.

BRUGNAGO, Fabrício; CHAIA, Vera. A nova polarização política nas eleições de 2014: radicalização ideológica da direita no mundo contemporâneo do Facebook. *Aurora: revista de arte, mídia e política*, São Paulo, v.7, n. 21, p. 99-129, out. 2014-jan. 2015.

CARVALHO FILHO, Luís Francisco. Impunidade no Brasil Colônia e Império. *Estudos avançados*, v. 18, n. 51, ago. 2004.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CHAUI, Marilena. A nova classe trabalhadora brasileira e a ascensão do conservadorismo. *Por que gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (org.). Ilustração Laerte Coutinho. 1. ed., p. 15-22, São Paulo: Boitempo, 2016.

COSTA, José Fernando Andrade. Quem é o “cidadão de bem”? *Psicologia USP*, v. 32, 2021.

CRARY, Jonathan. *24/7: capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Ubu Editora, 2016.

FARACO, Carlos Alberto. A ideologia no/do Círculo de Bakhtin. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (org.). *Círculo de Bakhtin: pensamento interacional*, p. 167-182, Campinas: Mercado de Letras, 2013.

FARACO, Carlos Alberto. Aspectos do pensamento estético de Bakhtin e seus pares. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 21-26, jan./mar. 2011.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana (org.). *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FRIGO, Renato Georgette. *Política, memes e o facebook no Brasil: em busca da ciberdemocracia*. Dissertação de Mestrado em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Universidade Estadual de Campinas, 2017.

FUJISAWA, Kátia Sayuri. *Facebook: Arquitetônica que organiza interações*. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada. Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada, Universidade Estadual de Campinas, Campinas-SP, 2015.

GONÇALVES, Carlos Eduardo Victorio. *Blends* lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. *Veredas, Rev. Est. Ling.*, v. 7, n. 1 e n. 2, p. 149-167, jan./dez. 2003.

GRANCHI, Giulia. Eleições 2022: a origem do uso do vermelho pela esquerda que incomoda aliados de Lula. *BBC News Brasil*. 18 out. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-63260840>. Acesso em: 23 mar. 2023.

GRILLO, Sheila Camargo. Esfera e campo. In: BRAIT, Beth. (org.) *Bakhtin: outros conceitos-chave*, p. 133-160, São Paulo: Contexto, 2006.

GUAZINA, Liziane. O conceito de mídia na Comunicação e na Ciência Política: desafios interdisciplinares. *Revista Debates*, Porto Alegre, n. 1, v.1, p. 49-64, jul.-dez. 2007.

HAN, Byung-Chul. *Infocracia: digitalização e a crise da democracia*. Tradução de Gabriel S. Philipson. Petrópolis: Vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. *No enxame: perspectivas do digital*. Petrópolis: Vozes, 2018.

HELLER, Eva. *A psicologia das cores: como as cores afetam a emoção e a razão*. Tradução Maria Lúcia Lopes da Silva. 1. ed. São Paulo: Gustavo Gili, 2013. Disponível em: <https://loja.ecolebrasil.com/wp-content/uploads/2019/09/Psicologia-das-Cores2.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2023.

HINE, Christine. Estratégias para etnografia da internet em estudos de mídia. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla. *Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos*. 1. ed., p. 11-28, Rio de Janeiro: E-papers, 2016.

HINE, Christine. *Virtual ethnography*. London: SAGE Publications, 2000.

JENKINS, Henry. *Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável*. São Paulo: Aleph, 2014.

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.

JINKINGS, Ivana. Apresentação. *Por que gritamos golpe?: para entender o impeachment e a crise política no Brasil*. JINKINGS, Ivana; DORIA, Kim; CLETO, Murilo (org.). Ilustração Laerte Coutinho. 1. ed., p. 11-14, São Paulo: Boitempo, 2016.

JOBIM e SOUZA, Solange; PORTO e ALBUQUERQUE, Elaine Deccache. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. *Bakhtiniana*, v. 7, n. 2, p. 109-122, jul./dez. 2012.

KIRKPATRICK, David. *O efeito Facebook: os bastidores da história da empresa que está conectando o mundo*. Tradução Maria Lúcia de Oliveira. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

LÉVY, Pierre. *Inteligência coletiva*. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

MARCHEZAN, Renata Coelho. A noção de autor na obra de M. Bakhtin e a partir dela. *Bakhtiniana*. São Paulo, v. 10, n. 3, p. 186-204, set./dez. 2015.

MIELNICZUK, Luciana. *Características e implicações do jornalismo na Web*. Trabalho apresentado no II Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. Lisboa, 2001. Disponível em: [https://facom.ufba.br/jol/pdf/2001\\_mielniczuk\\_caracteristicasimplicacoes.pdf](https://facom.ufba.br/jol/pdf/2001_mielniczuk_caracteristicasimplicacoes.pdf). Acesso em: 30 ago. 2023.

MINUSSI, Rafael Dias; NÓBREGA, Vitor Augusto. A interface sintaxe-pragmática na formação de palavras: avaliando os pontos de acesso da Enciclopédia na arquitetura da gramática. *Veredas*, v. 18, n. 1, 2014.

MOREIRA, Thami Amarílis Straiotto. O ato de nomear – da construção de categorias de gênero até a abjeção. *Cadernos do Congresso Nacional de Linguística e Filologia*, p. 2914-2926, v. XIV, n. 4, t. 4. 2010. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xiv\\_cnlf/tomo\\_4/completo\\_tomo\\_4.pdf](http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_4/completo_tomo_4.pdf). Acesso em: 30 ago. 2023.

NOBRE, Marcos. *Limites da democracia*: de junho de 2013 ao governo Bolsonaro. São Paulo: Todavia, 2022.

NUNES, Rodrigo. *Do transe à vertigem*: ensaios sobre bolsonarismo e um mundo em transição. São Paulo: Ubu Editora, 2022.

OLIVEIRA, Natasha Ribeiro de. *A febre amarela “minions”*: uma análise bakhtiniana. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara), 2020.

PAULA, Luciane de. O enunciado verbivocovisual de animação: a valoração do “amor verdadeiro” Disney – uma análise de Frozen. In: FERNANDES Jr, Antônio; STAFUZZA, Grenissa Bonvino. (org.). *Discursividades contemporâneas*: política, corpo, diálogo. Campinas (SP): Mercado de Letras, p. 287-314, 2017.

PAULA, Luciane de; BATISTA, Rafaela dos Santos. A verbivocovisualidade criptografada de Augusto de Campos. *Revista da Anpoll*, p. 55-75, v. 52, n. 3, set./dez. 2021.

PAULA, Luciane de; FIGUEIREDO, Marina Haber de; PAULA, Sandra Leila de. O marxismo no/do Círculo de Bakhtin. In: STAFUZZA, Grenissa Bonvino. *Slovo – O Círculo de Bakhtin no contexto dos estudos discursivos*. Curitiba: Appris, p. 79-98. 2011.

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José Antonio Rodrigues. Língua(gem) e enunciado: uma proposta verbivocovisual da/na filosofia bakhtiniana. In: REZENDE, Patrick; BRABILA, Guilherme (org.) *Percursos em linguística*: teorias, abordagens e propostas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021.

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José Antonio Rodrigues. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. *Estudos Linguísticos*, v. 49, n. 2, p. 706-722. 2020a.

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José Antonio Rodrigues. A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem bakhtiniana. *Linha D'Água*, v. 33, n. 3, p. 105-134. 2020b.

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José Antonio Rodrigues. Filosofia da linguagem bakhtiniana: concepção verbivocovisual. *Revista Diálogos – RevDia*, v. 8, n. 3, p. 132-151. 2020c.

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José Antonio Rodrigues. Recepções do pensamento bakhtiniano no Ocidente: a verbivocovisualidade no Brasil. In: BUTTURI Jr, Atílio; BARBOSA, Thiago Soares. *No campo discursivo: teoria e análise*. Campinas: Pontes, 2020d.

PAULA, Luciane de; LUCIANO, José Antonio Rorigues. Dialogismo verbivocovisual: uma proposta bakhtiniana. *Polifonia*, p. 15-46, v. 27, n. 49. 2020e.

PAULA, Luciane de; SERNI, Nicole Mioni. A vida na arte a verbivocovisualidade do gênero filme musical. *Raído*, p. 178-201, v. 11, n. 25, jan./jun. 2017.

POLIVANOV, Beatriz. Etnografia virtual, netnografia ou apenas etnografia? Implicações dos termos em pesquisas qualitativas na internet. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *XIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação*, 2013.

PRANDI, Reginaldo; CARNEIRO, João Luiz. Em nome do Pai: justificativas do voto dos deputados federais evangélicos e não evangélicos na abertura do impeachment de Dilma Rousseff. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 33, n. 96, 2018.

RECUERO, Raquel. Métodos mistos: combinando etnografia e análise de redes sociais em estudos de mídia social. In: CAMPANELLA, Bruno; BARROS, Carla. *Etnografia e consumo midiático: novas tendências e desafios metodológicos*. 1. ed. Rio de Janeiro: E-papers, p. 117-132, 2016.

RECUERO, Raquel. Contribuições da Análise de Redes Sociais para o estudo das redes sociais na Internet: o caso da hashtag #Tamojuntodilma e #CalaabocaDilma. *Revista Fronteiras – estudos midiáticos*. v. 16, n. 2, p. 60-77, maio/ago. 2014.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SANTOS, Roberto Elísio; CARDOSO, João Batista Freitas Cardoso. Experimentação e autoridade nos quadrinhos comerciais: uma análise semiótica da obra artística de Carl Barks. *Comunicação & Inovação*, São Caetano do Sul. v. 15, n. 28, p. 41-49, jan-jun 2014.

SHIFMAN, Limor. *Memes in digital culture*. Cambridge: MIT Press, 2014.

SOUZA, André Barcellos Carlos de. *Inter-Ação*. Goiânia, n. 39, n. 1, jan./abr. 2014.

STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. *Ilha do Desterro*. Florianópolis, n. 51, p. 19-53, jul./dez. 2006.

STAM, Robert. Bakhtin: da teoria literária à cultura de massa. São Paulo: Editora Ática, 1992.

SUMPTER, David. *Dominados pelos números: do Facebook e Google às fake news, os algoritmos que controlam nossa vida; tradução Anna Maria Stoero, Marcello Neto*. - 1. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2019.

TAVARES, Joelmir. Movimentos pró-democracia resgatam amarelo como símbolo. *Folha de S. Paulo*. 22 jun. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/06/movimentos-pro-democracia-resgatam-amarelo-como-simbolo.shtml>. Acesso em: 23 mar. 2023.

VAUTHIER, Bénédicte. “Auctoridade” e tornar-se-autor: origens da obra do “Círculo B.M.V.”. In: PAULA, Luciane de; STAFUZZA, Grenissa Bonvino (org.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Série Bakhtin Inclassificável. Campinas: Mercado de Letras, v. 1, p. 69-114, 2010.

VOLÓCHINOV, Valentin. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo; ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário I: O que é a linguagem/língua? (1930). *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019a [1930].

VOLÓCHINOV, Valentin. Do outro lado do social: sobre o freudismo (1925). *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019b [1925].

VOLÓCHINOV, Valentin. A palavra na vida e a palavra na poesia: para uma poética sociológica (1926). *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019c [1930].

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado (1930). *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019a [1930].

## Filmografia

BALDA, Kyle; RENAUD, Chris; HEALY, Janet; MELEDANDRI, Christopher. *Minions 2: A origem de Gru*. Universal Pictures: EUA, 2022. 94 min.

COFFIN, Pierre; BALDA, Kyle. *Meu Malvado Favorito 3*. Universal Pictures: EUA, 2017, 89 min.

COFFIN, Pierre; BALDA, Kyle. *Minions*. Universal Pictures: EUA, 2015, 91 min.

COFFIN, Pierre; RENAUD, Chris. *Meu Malvado Favorito 2*. Universal Pictures: EUA, 2013, 98 min.

COFFIN, Pierre; RENAUD, Chris. *Meu Malvado Favorito*. Universal Pictures: EUA, 2010, 95 min.

**Histórias em quadrinhos**

DISNEY. *O país dos Metralhas*. Pesquisa e seleção de histórias: Paulo Maffia. São Paulo: Editora Abril, 2013.

DISNEY. *Os Metralhas*. Edição extra nº 265. São Paulo: Editora Abril, novembro de 1974.

DISNEY. *Os Metralhas*. Edição extra nº 143. São Paulo: Editora Abril, junho de 1983.

DISNEY. *Os Metralhas*. Edição extra nº 149. São Paulo: Editora Abril, dezembro de 1983.